

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
ÁREA DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL EM HISTÓRIA

ÁLISSON OLIVEIRA DA COSTA

DO BAR DO PATINHAS AO PORÃO DO CAOS: OS ESPAÇOS E A IDENTIDADE
DOS PUNKS CAXIENSES ENTRE 1986 E 2014

CAXIAS DO SUL

2025

ÁLISSON OLIVEIRA DA COSTA

**DO BAR DO PATINHAS AO PORÃO DO CAOS: OS ESPAÇOS E A IDENTIDADE
DOS PUNKS CAXIENSES ENTRE 1986 E 2014**

Trabalho de Conclusão de Mestrado submetido à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em História, Área de Concentração: Ensino de História: Fontes e Linguagens. Linha de Pesquisa: Linguagens e Cultura no Ensino de História.

CAXIAS DO SUL

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade de Caxias do Sul
Sistema de Bibliotecas UCS - Processamento Técnico

C837d Costa, Álisson Oliveira da

Do Bar do Patinhas ao Porão do Caos [recurso eletrônico] : os espaços e a identidade dos punks caxienses entre 1986 e 2014 / Álisson Oliveira da Costa. – 2025.

Dados eletrônicos.

Dissertação (Mestrado) - Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-Graduação em História, 2025.

Orientação: João Ignacio Pires Lucas.

Modo de acesso: World Wide Web

Disponível em: <https://repositorio.ucs.br>

1. Caxias do Sul (RS) - História. 2. Punks - Caxias do Sul (RS). 3. Contracultura. 4. História - Estudo e ensino. I. Lucas, João Ignacio Pires, orient. II. Título.

CDU 2. ed.: 94(816.5CAXIAS DO SUL)

Catalogação na fonte elaborada pela(o) bibliotecária(o)
Márcia Servi Gonçalves - CRB 10/1500

**DO BAR DO PATINHAS AO PORÃO DO CAOS: OS ESPAÇOS E A IDENTIDADE
DOS PUNKS CAXIENSES ENTRE 1986 E 2014**

Álison Oliveira da Costa

Trabalho de Conclusão de Mestrado submetido à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em História, Área de Concentração: Ensino de História: Fontes e Linguagens. Linha de Pesquisa: Linguagens e Cultura no Ensino de História.

Caxias do Sul, 15 de agosto de 2025.

Banca Examinadora:

Dr. João Ignacio Pires Lucas Orientador
Universidade de Caxias do Sul

Dra. Aline Passuelo de Oliveira
Universidade de Caxias do Sul

Dr. João Batista de Menezes Bittencourt
Universidade Federal de Alagoas

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus familiares por todo o apoio e incentivo durante o período da pós-graduação, em especial à minha mãe, Gládis Rosa Oliveira da Costa e minha irmã Tádji Oliveira da Costa por proporcionarem suporte, apoio e acolhimento necessários para a conclusão de mais esta etapa acadêmica.

Ao meu orientador professor João Ignacio Pires Lucas pelo apoio, aprendizado, livros indicados, textos, amizade e conversas que foram fundamentais para o desenvolvimento do meu conhecimento, conclusão do trabalho e melhoria contínua de minhas habilidades profissionais. Também não posso deixar de citar mais dois professores que muito me ajudaram nesta etapa, a professora Katani Maria Monteiro Ruffato, orientadora de minha monografia na graduação em história, pesquisa que agora se transformou em dissertação, e que sempre me incentivou a ingressar no Programa de Pós-Graduação em História. Assim como ela, também agradeço muito ao professor Pablo Javier Graná, do programa UCS Línguas Estrangeiras, que durante as aulas de espanhol fez eu acreditar mais em minhas capacidades. Deu-me dicas valiosas sobre a profissão docente e também motivou-me muito a ingressar no mestrado.

Por fim, agradeço também a todos os punks que cederam seus depoimentos, fotos e fanzines. Essas fontes foram cruciais para o enriquecimento e viabilidade deste trabalho. É uma satisfação enorme poder registrar a trajetória do movimento que vocês ajudaram a criar em Caxias do Sul. Como eles, também cito todos meus amigos da cena musical da Serra Gaúcha que me apoiaram de alguma forma. Em especial aos meus companheiros de banda Igor Gabriel Rech, Jeferson Antônio Mascarello e Leonardo Slongo da Silva que insistentemente me buscaram em casa para refundar a Desiguais, após dois anos de hiato, a volta da nossa banda auxiliou muito no desenvolvimento deste trabalho. A todos meus amigos, familiares e colegas minha gratidão.

*Quero ver em cada garagem da
periferia, pulsar o ritmo da
revolta.
Queremos subverter a ordem
burguesa.
Que existe na música e na arte.
Rock de Subúrbio, Garotos Podres.*

RESUMO

Esta pesquisa analisa como se deu a formação dos espaços e da identidade punk na cidade de Caxias do Sul, entre os anos de 1986 e 2014. A partir da história oral e da análise de fontes documentais como fotos, panfletos, jornais e fanzines, buscou-se entender o que motivava os punks do município a se reunirem e ocupar um espaço. Além de compreender se os mesmos possuíam características comportamentais e estéticas próprias, ou se apenas reproduziam os elementos contraculturais vindos de outras partes do país e do mundo. As entrevistas foram realizadas através do método qualitativo, ou seja, optou-se por depoimentos de indivíduos diretamente ligados às atividades da cena local, como formação de bandas ou envolvimento na produção de fanzines e organização de festivais. Além disso, as informações oriundas dos relatos foram comparadas com os conteúdos das fontes documentais, sobretudo matérias do jornal Pioneiro, com a finalidade de conhecer o comportamento, as ideias e as demandas defendidas pelos punks locais e entender como se dava a formação e o funcionamento dos espaços ocupados por esses sujeitos. Como também, quais atividades eram realizadas nesses espaços. Através do recorte histórico analisado, percebemos que o movimento punk caxiense tem sua trajetória distribuída por quatro décadas o que, obviamente, nos leva a entender que vários lugares foram ocupados pelos indivíduos na cidade. Assim, após levantamentos prévios foram selecionados quatro espaços. Esses, referentes a cada década, para tornar a pesquisa exequível, são eles: Bar do Patinhas, referente à década de 1980, Parque Getúlio Vargas, referente aos anos 1990, quanto a década de 2000, procuramos entender através dos depoimentos quais foram os espaços mais importantes ocupados pelos punks no período, já que não foi possível obter informações preliminares sobre esta época. E, por fim, referente aos anos 2010, selecionamos o Porão do Caos. Ao chegar em Caxias do Sul, em meados da década de 1980, os elementos do punk rock foram adaptados pelos jovens ao contexto social e político local. O que gerou características próprias que acabaram incentivando a ocupação e formação de espaços onde esses indivíduos pudessem gerar laços de sociabilidade; formar sua identidade; organizar eventos; formar bandas; editar fanzines; encontrar proteção e apoio. Fenômeno juvenil com origem ainda na explosão do rock da década de 1960. O punk tornou-se na década seguinte uma contracultura que, além da marcante musicalidade agressiva e cheia de energia, também criou aspectos estéticos e ideológicos próprios que culminaram no surgimento de um dos movimentos mais conhecidos da história do rock mundial.

Palavras-chave: Punk; Espaço; Ensino de História; Caxias do Sul.

RESUMEN

Esta investigación analiza cómo se formó el espacio y la identidad punk en la ciudad de Caxias do Sul, entre los años 1986 y 2014. A partir de la historia oral y del análisis de fuentes documentales como fotos, panfletos, periódicos y fanzines, se buscó comprender lo que motivaba a los punks del municipio a reunirse y ocupar un espacio. Además de comprender si los mismos poseían características conductuales y estéticas propias, o si solo reproducían los elementos contraculturales provenientes de otras partes del país y del mundo. Las entrevistas se realizaron a través del método cualitativo, es decir, se optó por testimonios de individuos directamente vinculados a las actividades de la escena local, como formación de bandas o participación en la producción de fanzines y organización de festivales. Además, la información de los informes se comparó con el contenido de las fuentes documentales, especialmente artículos del periódico Pioneiro, con el fin de conocer el comportamiento, las ideas y demandas defendidas por los punks locales y comprender cómo se daba la formación y el funcionamiento de los espacios ocupados por estos sujetos. Como también, qué actividades se realizaban en esos espacios. A través del recorte histórico analizado, nos damos cuenta de que el movimiento punk caxiense tiene su trayectoria distribuida por cuatro décadas lo que, obviamente, nos lleva a entender que varios lugares fueron ocupados por los individuos en la ciudad. Así, después de levantamientos previos se seleccionaron cuatro espacios. Estos, referentes a cada década, para hacer la investigación factible, son: Bar do Patinhas, referente a la década de 1980, Parque Getúlio Vargas, referente a los años 1990, en cuanto a la década de 2000, buscamos entender a través de testimonios cuáles fueron los espacios más importantes ocupados por los punks en el período, ya que no fue posible obtener informaciones previas sobre esta época. Y, por fin, referente a los años 2010, seleccionamos el Sótano del Caos. Al llegar en Caxias do Sul, a mediados de la década de 1980, los elementos del punk rock fueron adaptados por los jóvenes al contexto social y político local. Lo que generó características propias que acabaron fomentando la ocupación y formación de espacios donde estos individuos pudieran generar lazos de sociabilidad; formar su identidad; organizar eventos; formar grupos musicales; editar fanzines; encontrar protección y apoyo. Fenómeno juvenil con origen aún en la explosión del rock de los años 60. El punk se convirtió en la década siguiente una contracultura que, además de la marcada musicalidad agresiva y llena de energía, también creó aspectos estéticos e ideológicos propios que culminaron en la aparición de uno de los movimientos más conocidos de la historia del rock mundial.

Palabras clave: Punk; Espacio; Enseñanza de la Historia; Caxias do Sul.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Nota do evento Pelourinho Punk. Jornal Pioneiro, Caxias do Sul, 14 de maio de 1983	57
Figura 2 – Seção Encontro de Paulo Gargioni. Jornal Pioneiro, Caxias do Sul, 14 de maio de 1983	58
Figura 3 – Anúncio do evento Noite Dark, na seção Sociedade nos Clubes. Jornal Pioneiro, Caxias do Sul, 22 de outubro de 1986	59
Figura 4 – Seção Sociedade nos Clubes. Jornal Pioneiro, Caxias do Sul, 22 de outubro de 1986	60
Figura 5 – Seção Discografando de Julius Israelis. Jornal Pioneiro, Caxias do Sul, 20 de dezembro de 1978.....	66
Figura 6 – Foto do Porão do Caos no ano de 2020.....	75
Figura 7 – Escola Estadual de Ensino Médio Melvin Jones. Bairro Planalto, Caxias do Sul, 2019	82
Figura 8 – Anúncio do II Ópera Rock Imigrante.Caderno Movimento. Jornal Pioneiro, Caxias do Sul, 08 de junho de 1988.	82
Figura 9 – Seção Fora da linha. Jornal Pioneiro, 03 de março de 1993	85
Figura 10 – Reportagem sobre os Teenagers. Capa do Jornal Pioneiro, 03 de março de 1993	86
Figura 11 – Fragmento do fanzine Ovo Podre número 02, publicado em 1988 e reeditado em 1991	89
Figura 12 – Descrédito, seção Mirante. Jornal Pioneiro, 27 de junho de 1996.....	93
Figura 13 – Parte externa do fanzine Resistência e Luta, editado na cidade de Santos-SP em 1997. O periódico é parte de uma coleção de fanzines originária de Caxias do Sul.....	97
Figura 14 – Parte interna do fanzine Resistência e Luta, editado na cidade de Santos-SP em 1997. O periódico é parte de uma coleção de fanzines originária de Caxias do Sul.....	98
Figura 15 – Nota na página 02 anunciando a reportagem sobre os 25 anos do movimento punk Jornal Pioneiro, 19 e 20 de maio de 2001.....	100
Figura 16 – Primeira página da reportagem sobre os 25 anos do movimento punk. Jornal Pioneiro, 19 e 20 de maio de 2001	102
Figura 17 – Segunda página da reportagem sobre os 25 anos do movimento punk. Jornal Pioneiro, 19 e 20 de maio de 2001	105
Figura 18 – Terceira página da reportagem sobre os 25 anos do movimento punk. Jornal Pioneiro, 19 e 20 de maio de 2001	106

Figura 19 – Reportagem sobre a sessão de autógrafos da banda Tequila Baby. Jornal Pioneiro, 18 de abril de 2002	108
Figura 20 – Reportagem sobre o show da banda Tequila Baby nos Pavilhões da Festa da Uva Jornal Pioneiro, 22 de abril de 2002	108
Figura 21 – Punks na Escola Estadual de Ensino Médio Melvin Jones na segunda metade da década de 1990	111
Figura 22 – Punk na Escola Estadual de Ensino Médio Melvin Jones na segunda metade da década de 1990	112
Figura 23 – Contracapa do fanzine Reaja ou Rasteje 1ª edição, com foto de integrantes do movimento punk caxiense. Segunda metade da década de 1990 e início dos anos 2000	112
Figura 24 – Parte interna do fanzine Reaja ou Rasteje 1ª edição, explicando o que era o movimento punk. Segunda metade da década de 1990 e início dos anos 2000	114
Figura 25 – Fanzine Reaja ou Rasteje. Publicado em 2006	115
Figura 26 – Rude Boys	116
Figura 27 – Mods.....	117
Figura 28 – Cartaz de divulgação do festival Polenta Frita.....	126
Figura 29 – Cartaz de divulgação do festival Polenta Frita 3.....	128
Figura 30 – Banda Aphasia no festival Polenta Frita 3, 1996	129
Figura 31 – Cartaz de divulgação do festival Polenta Frita 4, ocorrido em 12 de julho de 1997	132
Figura 32 – Punks durante festival na casa de Eduardo Gaspari, início dos anos 2000.....	136
Figura 33 – Festival Punk na casa de Eduardo Gaspari, início dos anos 2000.....	136
Figura 34 – Grupo de Rap durante festival na casa de Eduardo Gaspari, início dos anos 2000	137
Figura 35 – Esquina Democrática, em julho de 2024.....	138
Figura 36 – Reportagem “Homenagem verde-amarela”, 8 e 9 de setembro de 2001	140
Figura 37 – Nota sobre a invasão do movimento punk ao desfile de 07 de setembro de 2001 em Caxias do Sul. Jornal Pioneiro, 8 e 09 de setembro de 2001.....	141
Figura 38 – Reportagem sobre o Festival Polenta Frita VIII. Jornal Pioneiro, 26 de novembro de 2001	146
Figura 39 - Reportagem sobre os festivais Underground Solidário e 9º Canta Park. Jornal Pioneiro, 26 de julho de 2002.....	148
Figura 40 – Reportagem sobre festivais Underground Solidário e 9º Canta Park publicada na edição seguinte aos eventos. Jornal Pioneiro, 29 de julho de 2002.....	150

Figura 41 – Cartaz de divulgação do Primeiro Ensaio Aberto no Porão do Caos, realizado no dia 25 de janeiro de 2014.....	154
Figura 42 – Apresentação da banda Resistor na primeira edição do ensaio aberto no Porão do Caos, realizada no dia 25 de janeiro de 2014	155
Figura 43 – Entrada do Porão do Caos, com a grafia Kaos, em setembro de 2024. O 281 faz referência ao número da residência que abriga o espaço.....	158
Figura 44 – Capa da edição número 01 do fanzine Proletariado Antifascista.....	160
Figura 45 – Texto explicativo sobre o domínio do sistema. Fanzine Proletariado Antifascista número 01.....	161
Figura 46 – Trecho das músicas das bandas caxienses Skunkirado e Anomalia Social – Fanzine Proletariado Antifascista número 01	161
Figura 47 – Tirinha na contracapa do fanzine Proletariado Antifascista número 01	162
Figura 48 – Capa do fanzine Proletariado Antifascista número 02.....	164
Figura 49 – Fragmento do texto sobre as origens da contracultura skinhead. Fanzine Proletariado Antifascista número 02.....	165
Figura 50 – Nota sobre os conceitos de fascismo e antifascismo. Fanzine Proletariado Antifascista número 02.....	166
Figura 51 – Notas contra a Copa do Mundo de 2014 e em homenagem a Carlos Marighella. Fanzine Proletariado Antifascista número 02.....	167
Figura 52 – Texto sobre a utilização da mídia como instrumento de criação da realidade. Fanzine Proletariado Antifascista número 02	168
Figura 53 – Fragmento da seção com informações sobre as bandas divulgadas na coletânea – Fanzine Proletariado Antifascista número 02.....	169
Figura 54 – Capa do fanzine Proletariado Antifascista número 03.....	171
Figura 55 – Fragmento do texto contra as desapropriações de imóveis nos subúrbios para execução de obras da Copa do Mundo de 2014. Fanzine Proletariado Antifascista número 03	172
Figura 56 – Fragmento do texto contra o racismo em Caxias do Sul. Fanzine Proletariado Antifascista número 03.....	173
Figura 57 – Fragmento do texto contra o racismo e a favor da desmilitarização da polícia no Brasil. Fanzine Proletariado Antifascista número 03	174
Figura 58 – Entrevista com o músico Mao, da banda Satânico Dr. Mao e os Espiões Secretos. Fanzine Proletariado Antifascista número 03.....	175
Figura 59 – Cartaz de anúncio do primeiro festival Polenta Podre, 28 de março de 2014.....	177

Figura 60 – Integrantes da banda Olho Seco e parte do público após os shows. Caxias do Sul, 28 de março de 2014.....	177
Figura 61 – Cartaz de divulgação do show da banda paulistana Calibre 12, realizado no Porão do Caos no dia 09 de agosto de 2014	178

LISTA DE SIGLAS

AIB	Ação Integralista Brasileira
CODECA	Companhia de Desenvolvimento de Caxias do Sul
COMAI	Comissão Municipal de Amparo à Infância
CST	Corrente Socialista dos Trabalhadores
MAESA	Metalúrgica Abramo Eberle Sociedade Anônima
PCB	Partido Comunista Brasileiro
PRP	Partido da Representação Popular
PSOL	Partido Socialismo e Liberdade
PTB	Partido Trabalhista Brasileiro
PT	Partido dos Trabalhadores
RASH	Red and Anarchist Skinhead
SAMAE	Serviço Autônomo Municipal de Água e Esgoto
SHARP	Skinhead Against Racial Prejudice

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
1.1 PUNK ROCK E ENSINO DE HISTÓRIA	32
2 PUNK ROCK: INÍCIO, CONTEXTO E CHEGADA A CAXIAS DO SUL.....	35
2.1 O QUE SIGNIFICA PUNK?.....	35
2.2 O SURGIMENTO DO PUNK ROCK.....	36
2.3 O PUNK ROCK CHEGA AO BRASIL.....	46
2.4 A CHEGADA DO PUNK ROCK A CAXIAS DO SUL	51
3 PUNK: IDEOLOGIA E ESPAÇOS	63
4 PUNK CAXIENSE OU CAXIENSE PUNK?	76
4.1 OS INTELLECTUAIS ORGÂNICOS E A CONTRACULTURA PUNK.....	76
4.2 CARACTERÍSTICAS E COMPORTAMENTO DOS PUNKS EM CAXIAS DO SUL..	79
5 ESPAÇOS DO PUNK ROCK EM CAXIAS DO SUL	121
5.1 DA VILA IPIRANGA AO PARQUE.	121
5.2 OS ESPAÇOS PUNKS EM CAXIAS DO SUL NO INÍCIO DO SÉCULO XXI.....	133
5.3 O PORÃO DO CAOS	153
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	180
REFERÊNCIAS	182
FONTES DOCUMENTAIS	185

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa é uma continuação do trabalho realizado ao final de minha graduação em História no ano de 2021, intitulado “A expressão punk em Caxias do Sul entre 1986 e 1997” (Costa, 2021). Nele procurei investigar como o indivíduo punk entendia a sociedade em que vivia, assim dizendo, a sua compreensão sobre o comportamento social, a política, as relações sociais, os problemas urbanos, as disputas entre classes e uma autodefinição de punk. A partir disso, busquei apontar as formas de expressão e ativismo do indivíduo punk caxiense no decorrer do referido período. Investigação realizada entre agosto de 2020 e julho de 2021. O estudo acabou sendo limitado pela pandemia da Covid-19, que forçou o isolamento social e prejudicou a coleta de fontes orais através de entrevistas com participantes da cena punk caxiense da época.

Neste contexto o trabalho anterior contou com apenas três depoimentos, ainda assim muito valiosos, pois até então não existia nenhum trabalho histórico de nível acadêmico sobre o tema na cidade. Logo, sem literatura prévia, houve a necessidade de buscar, coletar e construir fontes orais para completar o conhecimento de algumas fontes documentais, já coletadas como fanzines (pequenos periódicos artesanais confeccionados pelos próprios punks), fotos, cartazes de eventos e alguns vídeos disponíveis na internet. As fontes orais foram construídas através de entrevistas feitas pela plataforma *Google Meet* e por redes sociais como *WhatsApp*, *Facebook* e *Instagram* por conta do contexto pandêmico já citado.

Mesmo com o isolamento social o trabalho pode ser enriquecido graças a ajuda dos integrantes do projeto *Oqimportacx*. Este grupo era formado por participantes da cena punk caxiense dos anos 1990, que buscaram reunir depoimentos, fotos e outros materiais sobre a cena local e disponibilizar em uma página do Instagram. Os integrantes já me conheciam por conta de encontros em festivais punks de Caxias do Sul, onde toquei com minha banda, a qual iremos fazer referência a seguir. Assim, ao tomarem conhecimento de minha pesquisa imediatamente me enviaram mensagens em redes sociais, compartilharam materiais e intermediaram entrevistas, o que foi fundamental para que a investigação não ficasse tão limitada.

Após o final da graduação, percebi que por conta do ineditismo do trabalho, das informações levantadas e do final das restrições sociais, a pesquisa sobre o movimento punk caxiense poderia ser ampliada através da investigação de vários temas dentro dele, logo o que mais me chamou atenção foram os espaços ocupados pelo punk, sua formação e atividades realizadas neles. Assim, foi selecionado o objeto de pesquisa para o programa de pós-graduação em história, pois os locais frequentados pelos integrantes da cena também contam

muito sobre ela. Entender os motivos da escolha de determinado local e as memórias e simbologias construídas pelos seus integrantes são fundamentais para a compreensão da participação de uma parte da população que, geralmente, não é lembrada quando se discute a história do município.

Estamos tratando de uma parcela da sociedade caxiense que tem na contracultura sua maneira de expressão, é oriunda dos bairros periféricos. É caracterizado como um grupo autodestrutivo movido pela violência (O'Hara, 2005) e, assim, acaba sendo marginalizada pelo restante da sociedade que segue uma espécie de cultura oficial, baseada no trabalho, obediência ao *status quo* e ao poder político e econômico. Apesar de excluídos, os punks se unem para buscar espaço dentro da estrutura social e de poder para que suas demandas e visões de mundo sejam conhecidas e ouvidas pelos demais, pois como defende O'Hara (2005, p. 29) “os membros das subculturas, a despeito de quão oprimidos sejam, quase sempre conseguem encontrar entre si uma solidariedade e uma compreensão que faltam na sociedade em voga”. Assim, tornam-se um grupo ativo dentro do meio urbano, baseando seu ativismo não só na disputa política, mas também no campo cultural. Portanto, o punk utiliza a arte como ferramenta para se expressar e conquistar espaço de fala na sociedade em que ele vive. Por conta do movimento punk ser originário do contexto de desemprego, violência e abismos sociais das grandes cidades (Milani, 2008) e seus membros não seguirem as normas da cultura hegemônica, esses indivíduos acabam sendo marginalizados e até mesmo criminalizados pela mídia e pelo senso comum, como apontado anteriormente. Logo, não podemos analisar o punk sem levar em consideração a interação desse grupo formado por pessoas “de baixo” com a cultura compreendida como “oficial” pelo resto da sociedade, conforme argumenta Sharpe (2011, p. 55):

Como nossos sentimentos nos recordam, a expressão “história vista de baixo” implica que há algo acima para ser relacionado. Esta suposição, por sua vez, presume que a história das “pessoas comuns”, mesmo quando estão envolvidos aspectos explicitamente políticos de sua experiência passada, não pode ser dissociada das considerações mais amplas da estrutura social e do poder social.

Caxias do Sul está se tornando uma cidade multicultural. Como veremos na próxima seção o município é um dos polos metalmeccânicos mais importantes do país. Assim, fluxos populacionais das mais variadas origens se dirigem até o local em busca de trabalho. O que resulta em uma população diversa formada por descendentes de imigrantes italianos, que chegaram ainda no século XIX, por migrantes de outras regiões do estado do Rio Grande do Sul como Campos de Cima da Serra, que se instalaram entre as décadas de 1950 e 1970, e por fim nas primeiras décadas do século XXI. Houveram migrações oriundas da região da

fronteira do estado com Argentina e Uruguai, do nordeste brasileiro, além de haitianos, senegaleses e ganeses, (Mocellin; Herédia, 2018). A cidade também recebeu imigrantes venezuelanos no mesmo período (Camelo, 2022). Portanto, a historiografia caxiense terá que olhar ainda mais para os grupos étnicos e sociais que compõem a cidade. Seu modo de vida e cultura, ampliando o número de pesquisas já existentes. Deste modo, será possível compreender melhor a complexidade social do município, pois afinal, quantas Caxias existem dentro de Caxias? Devemos perceber que o bairro São Pelegrino é totalmente diferente do bairro Santa Fé¹, que Vila Cristina é diferente de Criúva² e que uma gama de etnias, culturas e agentes históricos participam diariamente da construção da história da cidade. Assim, apesar de estarem no mesmo espaço geográfico, toda essa multiplicidade cultural se faz ativa no cotidiano municipal ao seu próprio modo e merece ter sua trajetória e seu papel na história local valorizada e documentada.

Este trabalho não se propõe a tornar-se instrumento de redenção dos integrantes do meio *underground* caxiense, mas sim, contribuir para uma Caxias do Sul mais diversa. Ajudar na construção de uma historiografia ainda mais múltipla e demonstrar que todos os habitantes da cidade têm seu espaço na história. Que esta ciência não está reservada somente aos grandes homens e grandes feitos, mas sim que ela pertence e é construída por diversas mãos e através da participação de cada ser humano existente na Terra. Como escreveu Sharpe (2011, p.62-63) “a história vista de baixo ajuda a convencer aqueles de nós nascidos sem colheres de prata em nossas bocas, de que temos um passado, de que viemos de algum lugar”, assim este conceito é fundamental para a execução desta pesquisa.

Como já mencionado anteriormente, esta investigação é a continuação do trabalho realizado ao final da graduação. A aproximação com o tema se dá pelo fato de que estou estreitamente ligado à cena punk de Caxias do Sul, pois até o momento integrou uma banda de punk rock chamada Desiguais desde o ano de 2009. Mesmo sendo da cidade de São Marcos (município vizinho a Caxias do Sul), minha banda participou de diversos festivais na cidade

¹ Conforme o site auxiliadora Predial (2022), o bairro São Pelegrino está localizado na área central da cidade e caracteriza-se por sua boemia, comércios tradicionais e por abrigar um dos principais shoppings do município. De acordo com Veronese (2019), o bairro Santa Fé está localizado na zona norte da cidade tendo a predominância de população de baixa renda ou em vulnerabilidade social. Silva (2018), também aponta que este bairro tem sua origem através da lei municipal nº 499 de 28 de novembro de 1952, que estabelecia o Fundo Especial da Casa Popular (FUNCAP). Entre outros objetivos este fundo visava a criação de loteamentos populares.

² As duas localidades são distritos do município, de acordo com o site da prefeitura de Caxias do Sul (2024), Vila Cristina localiza-se na região do Vale do Caí, sendo caracterizada pela presença de traços culturais de imigrantes alemães, italianos e portugueses. Enquanto Criúva, localiza-se na área da encosta superior do nordeste do Rio Grande do Sul, sendo caracterizada pela forte presença do tradicionalismo gaúcho. Silva (2018), também aponta que por conta da economia ligada à pecuária, o relevo, vegetação e cultura, Criúva está mais aproximada à região dos Campos de Cima da Serra do que da região da uva e do vinho.

vizinha, que por ser maior acaba aglutinando bandas e as micro cenas dos municípios da região. Em meados de 2012, o grupo que faço parte começou a participar de festivais de rock em Caxias do Sul, onde conhecemos integrantes do movimento da cidade. A partir de 2013, começamos a nos envolver diretamente na cena caxiense que acabou se tornando regional. Ajudamos a organizar vários festivais, coletâneas e outros materiais de maneira coletiva com bandas de Farroupilha, Caxias do Sul, Carlos Barbosa, Bento Gonçalves. Até da região metropolitana de Porto Alegre, pois com o avanço da internet os contatos ficaram cada vez mais facilitados. Estivemos presentes no Primeiro Ensaio Aberto do Porão do Caos em 2014, esses ensaios acabaram tornando-se frequentes. Logo os mesmos tornaram-se eventos e o local acabou se transformando em reduto punk na cidade.

Em um dos festivais, no ano de 2016, percebi a presença entre o público de membros mais antigos do Punk. Aproximando-me deles, notei que o assunto era memórias que eles tinham da cena local na década de 1990. Entendi que as memórias deles, somadas a meu acervo pessoal de fanzines seriam ótimas fontes para viabilizar o pré-projeto de pesquisa que eu deveria escrever na disciplina de Teoria e Metodologia da História II. Consequentemente, deveria se tornar o projeto de pesquisa para a monografia. Precisando urgentemente de um tema viável para ser pesquisado, acabei escolhendo o punk rock caxiense, pois além de me atrair as fontes eram de fácil acesso. As primeiras pessoas que conversei tinham lembranças vagas da cena noventista, mas me indicaram outros punks que eram membros ativos da cena no período. Esses indivíduos foram fundamentais para a conclusão da monografia, pois acabaram intermediando entrevistas com amigos seus e disponibilizando, para meu trabalho, muitos materiais que estavam conseguindo reunir através do já mencionado projeto *Oqimportacx*, que, reafirmando, tinha o objetivo de reunir depoimentos, fotos, fanzines e outros documentos em uma espécie de grande acervo virtual na rede social Instagram.

O período entre a desagregação da cena punk caxiense em 1998 e a fundação do Porão do Caos em 2014 ainda é uma incógnita histórica que buscaremos investigar e analisar através da presente pesquisa, assim a partir de agora o estudo sobre a contracultura punk em Caxias do Sul dentro do campo da História será aprofundado.

O ponto de ruptura com o trabalho anterior se dá a partir do objetivo da presente pesquisa que é analisar como se deu a formação dos espaços e da identidade dos punks em Caxias do Sul entre 1986 e 2014. Assim, o trabalho está organizado através dos seguintes objetivos específicos: Identificar os motivos da escolha dos locais ocupados, perceber quais atividades foram realizadas neles, entender o que é um espaço punk para o punk caxiense e, por fim, apontar se existe um caxiense punk ou um punk caxiense, ou seja, quais são as

características particulares dessa contracultura na cidade de Caxias do Sul. Questões relacionadas à expressão punk ou aos modos e ferramentas utilizadas pelos membros da cena para divulgar suas ideias e demandas que não serão abordadas novamente.

Assim, devemos destacar que o conceito de história local também é fundamental para o desenvolvimento deste trabalho, pois partimos do princípio de que lugar é um termo indissociável de espaço (Cavalcanti, 2018) e é nele que as pessoas se encontram motivadas por um gosto, cultura ou ideias em comum, resultando na identificação e afeto com o local que lhe proporciona oportunidade de falar, acolhimento e proteção, ou seja, é nele que o ser humano constrói seus laços de sociabilidade. Desta forma, o trabalho igualmente se propõe a refletir sobre as experiências dos sujeitos nesses espaços sociais (Cavalcanti, 2018). Naturalmente essas experiências sociais não estão isentas de conflitos, pois dentro do movimento punk, como em qualquer outro agrupamento, os membros partilham das mesmas ideias, mas possuem interpretações da realidade, vivências e bagagem cultural diferentes o que acaba gerando debates e disputas internas sobre o que defender primeiro. O que fazer e como o membro deve ser punk. Desta maneira, não podemos cometer o erro de acreditar que dentro da história local as relações são marcadas pela harmonia (Cavalcanti, 2018).

Outra advertência que devemos fazer ao leitor é que de acordo com Cavalcanti (2018) o estudo do local não possibilita a análise do tema em sua totalidade, deste modo não será possível conhecer absolutamente tudo sobre o punk. Mesmo que o trabalho esteja focado a poucos locais de Caxias do Sul como será apresentado adiante. Ainda há um enorme caminho a ser percorrido na criação e formação de uma historiografia do movimento punk caxiense, na qual esta pesquisa e a anterior são apenas os dois primeiros e pequenos passos dados. Ser um ponto de partida no estudo do tema na história do município também justifica a importância desse trabalho que, além do que foi dito anteriormente, também não se propõe a ser a obra única e verdadeira sobre o tema, mas sim inspirar futuros pesquisadores a analisar, concordar, criticar e discordar dela, além do mais importante, ir além dos resultados dessa investigação.

O reconhecimento do espaço se dá através das vivências, atividades e relações que geram significado para as pessoas que o frequentam, com isso são elas que irão decidir quais são os locais legítimos e mais importantes para o movimento e o motivo de serem entendidos assim. Se em um determinado lugar ocorreram agendas culturais, sociais e políticas de destaque para aquela comunidade que o ocupa. Se a ocorrência de um grande festival punk ou a organização de um protesto ocorreu ou foi gestado nele e esses fatos geraram visibilidade ou ganhos sócio-políticos para o coletivo. Precisamente este terá mais destaque na memória dos sujeitos, pois de acordo com Cavalcanti (2018) são as práticas políticas e relações de poder que

produzem sentido, visibilidade e reconhecimento de um espaço físico. Devemos lembrar ao leitor que esse processo também não está isento de antagonismo, como discutido anteriormente.

A cidade possui muitos espaços que foram utilizados para as atividades punks ao longo da história do movimento, entretanto, para tornar a pesquisa exequível foi necessário fazer a seleção dos locais a serem investigados. A escolha está baseada em dados levantados em entrevistas referentes à pesquisa da graduação, onde alguns espaços foram muito citados pelos entrevistados. O que demonstra uma certa importância dos mesmos para a contracultura caxiense.

Partindo do pressuposto levantado na pesquisa anterior, onde o movimento punk caxiense teve início na metade da década de 1980, chegamos à conclusão que o mesmo tem quase quatro décadas de existência no município. Então, nesta investigação decidiu-se trabalhar os seguintes locais por década, são eles: Bar do Patinhas, na Vila Ipiranga (referente a década de 1980), Parque Getúlio Vargas (referente a década de 1990). Como mencionado anteriormente, a trajetória do movimento punk caxiense na década de 2000 ainda é uma incógnita. Portanto, através dos relatos orais dos próprios punks buscaremos apontar primeiramente, quais foram os principais espaços ocupados por eles no período, antes de entender sua formação e funcionamento. Por fim, o último espaço a ser investigado será o Porão do Caos (referente aos anos 2010). Apesar de ser um espaço relativamente recente, o Porão do Caos carrega a continuidade e a manutenção da cena punk caxiense na atualidade. Sendo frequentado inclusive por integrantes da cena noventista que ainda aparecem no local. Sem dúvidas, podemos perceber que existem permanências contraculturais na cena atual que foram formadas ainda na década de 1990.

Para responder os problemas de pesquisa apontados, inicialmente foi realizada a revisão da literatura através do banco de teses e dissertações da Capes, para conhecer os trabalhos já realizados sobre o tema e compreender os resultados apontados. Esta etapa prosseguiu com a leitura de livros que são presença constante nas referências das pesquisas analisadas, assim cabe fazer uma análise da bibliografia consultada.

Antes de discutir a revisão bibliográfica devemos apontar que a produção historiográfica do punk era rara no ambiente acadêmico até a virada para o século XXI, fruto do período de censura e perseguição aos pesquisadores que tinham como objetivo estudar os fenômenos juvenis através do viés crítico (Bittencourt; Vieira, 2022). Com o AI-5 de 1968, as pesquisas sobre grupos considerados transgressores pela ditadura militar foram proibidas e a luta contra a repressão e a censura colocou o estudante como protagonista político. Desta maneira, o regime tentou desmobilizar a juventude afastando-a da política, da participação

social e das investigações realizadas pelas ciências humanas e sociais (Bittencourt; Vieira, 2022). De acordo com Bittencourt e Vieira (2022) na década de 1980, com o início da abertura política, e a expansão dos fluxos de comunicação através dos aparelhos de televisão, novas tendências sobre a juventude global chegam até a população e novos estudos sobre a juventude vão ganhando espaço nas universidades.

Nos anos 1980 e 1990 o punk era um tema mais próximo dos trabalhos realizados pelas Ciências Sociais como antropologia e sociologia. Já a história ainda mantinha um distanciamento temporal do objeto, por conta das discussões teóricas sobre a história do tempo presente e metodológicas em torno da história oral, que ainda não contavam com grande entusiasmo dos historiadores (Bittencourt; Vieira, 2022). Os trabalhos realizados dentro da área das Ciências Sociais priorizavam tratar o aspecto suburbano do punk e sua insubordinação periférica, que refletia a conjuntura política do momento pós-ditadura (Bittencourt; Vieira, 2022). Devida a concentração dos programas de pós-graduação na região sudeste, durante este período, a maior parte das dissertações e teses sobre o tema investigam o punk na cidade de São Paulo (Bittencourt; Vieira, 2022).

Como aponta o trabalho de Bittencourt e Vieira (2022), na virada do século XXI ocorre um aumento significativo dos programas de pós-graduação e linhas de pesquisa que ampliaram os temas a serem investigados, assim há uma expansão nos estudos sobre culturas jovens e, por consequência, sobre o punk. As pesquisas passaram a dar maior destaque aos conflitos internos, a constituição da identidade, territorialização e construção do espaço social dos punks. Nesse momento novas áreas do conhecimento como a geografia também demonstram interesse pelo tema (Bittencourt; Vieira, 2022). A maior parte dos trabalhos continuaram estudando o objeto na região sudeste, mais especificamente o movimento dentro do estado de São Paulo. Entretanto, começam a ser realizadas investigações sobre os temas nas mais diversas regiões do Brasil como no Nordeste, Sul e Centro-Oeste, acompanhando a interiorização dos cursos de pós-graduação no país (Bittencourt; Vieira, 2022). Conforme Bittencourt e Vieira (2022), a maior parte das pesquisas sobre o punk no Brasil na primeira década do século XXI, estão concentradas em instituições públicas de ensino superior.

Na última década os estudos sobre o punk no Brasil continuam em expansão por conta da implementação dos diversos programas de pós-graduação nas décadas anteriores (Bittencourt; Vieira, 2022), áreas do conhecimento como Artes Visuais, Filosofia e Arquitetura também passam a trabalhar com o tema, focando na estética poética do punk, no caso da primeira, territorialidade, identidade e expressão, no caso da segunda e inserção do punk no espaço urbano, no caso da última área citada (Bittencourt; Vieira, 2022).

Tratando-se especificamente de Caxias do Sul devemos alertar que até o presente momento, não há uma vasta produção bibliográfica sobre o tema na cidade. Os trabalhos sobre o punk rock caxiense ainda estão em seus primeiros passos, contando somente com a já citada monografia escrita por este autor (Costa, 2021), assim a presente pesquisa é ainda uma das pioneiras sobre o objeto de estudo no município.

Iniciamos a revisão da literatura dos estudos sobre a temática punk com o trabalho de Paulo José Khoury de Andrade, intitulado *Vila Carolina: um reduto de bambas e de punks*. A dissertação foi apresentada ao Programa de Pós-Graduação Culturas e Identidades Brasileiras do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo no ano de 2021, para a obtenção do título de Mestre em Filosofia. O trabalho tem como objetivo analisar o desenvolvimento do samba e do punk rock na Vila Carolina, bairro da zona norte da cidade de São Paulo. O autor questiona como duas expressões culturais tão díspares surgiram e cresceram no mesmo espaço geográfico e em períodos históricos tão próximos. No caso, a escola de samba Primeira de Vila Carolina (Portelinha), fundada em 1970 e a chegada dos primeiros vinis e revistas sobre punk rock ao bairro em meados de 1977.

O samba chega ao bairro durante a década de 1950 de duas maneiras: com a migração de populações pobres, sobretudo negras, do centro de São Paulo capital para a periferia por conta de obras e reformas geradas pela especulação imobiliária na área central da cidade. Também com a chegada de contingentes populacionais vindos do interior do estado, principalmente das áreas cafeeiras, que traziam consigo alguns costumes populares como o samba, umbigada, congada e o carnaval. O estabelecimento dessa população na zona norte da capital estimula o desenvolvimento do samba a fundação de blocos carnavalescos e escolas de samba como a Camisa Verde e Branco, Pérola Negra e a Primeira da Vila Carolina, que se origina de um bloco e ao tornar-se escola, em 1970, acaba sendo apadrinhada pela escola de samba carioca Portela, por isso recebe o apelido carinhoso de Portelinha.

O punk rock é adotado pela juventude do bairro a partir do ano de 1977, estimulados pela realidade periférica de marginalização, pobreza, violência, falta de infraestrutura básica, falta de opções de lazer e cultura e repressão das forças estatais da ditadura civil-militar (1964-1985) contra a juventude do período. Os adolescentes percebem no punk o instrumento ideal para resistir, denunciar sua realidade e expressar seu descontentamento com a mesma. O gênero musical chegou ao bairro através de discos, revistas e fitas K7 compradas pelos jovens em lojas da área central da cidade. Esses indivíduos se deslocavam para a região para trabalhar ou buscar opções de lazer e assim entram em contato com a contracultura, acabando por divulgá-la na periferia através da troca de materiais. Logo, surgem as primeiras bandas e os primeiros festivais

são organizados entre o final da década de 1970 e o início da década de 1980. Cabe salientar que em seu início os grupos punks se dividiram em gangues que entravam em constantes confrontos entre si. Desta maneira a violência era uma das principais características da cena em seus primeiros passos.

O trabalho de Matheus Silva da Silva, intitulado *Rio Grande Kaos: História e Memórias do Movimento Punk em Rio Grande/RS (1980-1999)* é uma dissertação entregue em 2022, ao Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas. Requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História. A pesquisa tem como objetivo principal compreender, expor e reconstruir a história do movimento punk na cidade de Rio Grande, no Rio Grande do Sul, através das narrativas das pessoas envolvidas direta ou indiretamente com o movimento.

Para alcançar o objetivo proposto o autor trabalha principalmente com a formação da identidade punk, no município, através da relação dos indivíduos com a realidade vivida na cidade. Assim a contextualização da formação do movimento se dá ainda na década de 1950 com a cidade recebendo grandes levadas de migrantes para trabalhar principalmente nos frigoríficos, indústrias têxteis e indústria pesqueira. Na década de 1960 as duas primeiras atividades citadas começam a encerrar seu ciclo na cidade, deixando uma leva de desempregados que estão instalados em bairros periféricos. Sendo que somente uma parte dessa população acaba sendo integrada à economia pesqueira, ao mesmo tempo, com o golpe civil-militar de 1964 a cidade de Rio Grande é transformada em área de segurança nacional por conta do seu porto que recebe melhorias estruturais. Além disso, guarnições da Marinha e do exército são instaladas na cidade, assim a repressão a toda e qualquer atividade tida como subversiva se intensifica.

Os primeiros contatos dos jovens rio-grandinos com o punk rock se dão no início dos anos 1980, quando reportagens sobre o movimento punk paulistano são exibidas no programa dominical *Fantástico* e através da música *Punk da Periferia*, de Gilberto Gil, que tocava frequentemente nas rádios. Os indivíduos passam a se identificar mais com o movimento quando músicas de bandas como Ramones e Os Replicantes começam a tocar nas rádios e edições da revista *Heavy Metal* com matérias sobre punk rock chegam às bancas da cidade. Posteriormente, indivíduos punks são vistos pelos jovens rio-grandinos em eventos na cidade ou quando os mesmos vão a Porto Alegre. Por fim, com a chegada de discos e fitas K7 de bandas punks nas lojas de Rio Grande o movimento começa a se articular e bandas começam a se formar, além de serem organizados festivais e espaços punks na cidade. O movimento na cidade

defendia principalmente causas ambientais e se envolvia nas lutas contra a repressão da ditadura e pela redemocratização.

A pesquisa de Silva utiliza como fonte, principalmente, a história oral. As fontes orais são o principal instrumento do pesquisador que trabalha com o punk fora dos grandes centros urbanos, pois geralmente não existe nenhuma literatura sobre o tema e todos os dados devem ser exaustivamente levantados por ele por meio da coleta de entrevistas e de outras fontes documentais como fanzines, recortes de jornais, cartazes e possíveis filmagens. No caso do trabalho sobre o movimento punk em Rio Grande, o autor também reuniu e analisou fotos, cartazes e fanzines. De acordo com Silva (2022) o levantamento das fontes foi feito de modo qualitativo e não quantitativo, pois foi levado em consideração a participação e envolvimento de cada entrevistado com a formação da cena punk no município. Assim, com o cruzamento das fontes e uma revisão bibliográfica apurada e completa para o estudo do tema na referida cidade. O trabalho traz resultados completos, coerentes e bem embasados sobre o tema em Rio Grande, mesmo sendo impactado também pela pandemia de Covid 19, que dificultou as pesquisas de campo.

O trabalho de Nécio Turra Neto é do ano de 2001, porém apresenta uma metodologia singular: o autor utilizou-se da antropologia, assim conviveu com um grupo punk da cidade de Londrina onde acompanhou suas atividades, encontros e debates durante todo o período em que estava coletando dados em campo. Logo o pesquisador utilizou muito mais do que as entrevistas e a análise de fontes documentais como os fanzines e fotos, também acabou adotando a observação como método para entender o grupo que estava pesquisando. Neto entrou em contato com o grupo, explicou seu projeto de pesquisa e propôs apresentar os resultados da mesma aos punks antes da defesa do trabalho, proposta que foi prontamente aceita pelos pesquisados que acharam de extrema importância o estudo para, segundo eles, desmistificar algumas interpretações errôneas sobre o movimento punk.

Apresentada ao curso de pós-graduação em Geografia da Universidade Estadual Paulista, Campus de Presidente Prudente, para a obtenção do título de Mestre em Geografia, a pesquisa tem como objetivo geral investigar a formação da identidade e a construção da territorialidade punk na cidade de Londrina no ano 2000. A redação tem um padrão diferente do tradicional texto científico, pois é escrita no formato de cartas e com uma linguagem mais simples e objetiva. O que torna mais fácil a leitura do texto que também é enriquecido com fotos, imagens dos fanzines e trechos de diálogos entre o autor e o grupo que foram transcritos em seu diário de campo e anexados ao trabalho final.

Como resultado, o trabalho aponta, após algumas discussões teóricas sobre o tema, que durante a adolescência o indivíduo expande suas relações sociais além do círculo familiar. A partir daí começa a construir sua própria identidade de maneira autônoma, como resultado ao observar a sociedade o jovem percebe uma gama de opções de personalidades e subjetividades adultas que ele pode se inspirar, adotar ou copiar na busca da formação de sua própria identidade. Neste sentido o indivíduo acaba sendo influenciado por questões que lhe atraem no momento para fazer a escolha de qual identidade irá adotar. Desta maneira os que têm interesse por questões políticas, culturais, musicais ou ambientais na cidade acabaram adotando a identidade punk como símbolo de protesto, luta e oposição a cultura pré-estabelecida e seguida pela maioria. Neto ainda destaca que não existe uma definição para o que é ser punk, pois existem várias maneiras de ser punk por conta de lugares e contextos diferentes, o que faz da identidade dessa contracultura uma construção constante.

Já a territorialidade punk em Londrina se fez, segundo o autor, através do sentimento de pertencimento e afetividade aos lugares que permitiu a vivência de sua identidade de forma coletiva. O que exige encontro, sociabilidade, festas e reuniões. O pesquisador completa afirmando que a afetividade se dá justamente por conta dos encontros e sociabilidade que fazem com que os indivíduos se sintam bem e à vontade no espaço em que estão frequentando. Criando assim um estímulo para a ocupação do local que também acaba se transformando em símbolo de sua identidade.

A pesquisa de Valdir da Silva Oliveira intitulada *O anarquismo no movimento punk: (Cidade de São Paulo, 1980-1990)*, é uma dissertação apresentada no ano de 2007 à banca examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de mestre em história. O objetivo do trabalho é refletir, discutir e estudar o anarquismo no movimento punk paulistano no já mencionado recorte temporal, apesar de não ser recente a obra apresenta como os punks paulistanos se aproximaram do anarquismo e qual era a compreensão que tinham sobre essa ideologia, além disso, também é analisado como os grupos punks se formam e qual é o motivo dos indivíduos ocuparem um território. O pesquisador aponta que seu contato com o objeto de pesquisa se deu na década de 1980, enquanto morava no bairro Parque São Rafael, Zona Leste de São Paulo, onde percebeu que alguns de seus vizinhos e amigos aderiram ao movimento punk e se engajaram com o anarquismo.

Para responder ao problema que norteia a pesquisa o autor utilizou-se da revisão bibliográfica, onde podemos perceber a presença das obras de O' Hara (*Filosofia do punk, 2005*) e de Bivar (*O que é punk?, 2001*), ademais também usou diversas fontes como os fanzines, onde

foi feita a análise do discurso contido nos textos dos periódicos, cartas trocadas entre os integrantes do movimento e também entrevistas com punks do período estudado. Em suma de acordo com o pesquisador a investigação trabalhou com dez depoimentos do CEDIC-PUC/SP (Centro de comunicação científica professor Casemiro dos Reis Filho), quinze depoimentos de jornais e revistas, seis depoimentos de vídeo, três entrevistas gravadas pelo autor, doze relatos não gravados pelo autor, quatro cartas enviadas ao Núcleo de Consciência Punk (NCP), cinco manifestos punks e cinco fanzines punks. O autor menciona que o objetivo da análise dessas fontes é perceber as tensões e disputas dos punks enquanto memória de vida e lutas.

O trabalho aponta todos os efeitos da ditadura civil militar (1964-1985), no início do movimento punk no Brasil, onde a repressão à juventude, reuniões e ideias contestadoras era frequente. Outro resultado apresentado é que o motivo dos punks paulistanos aderirem ao anarquismo é que a ideologia foi de certa forma “importada” da Inglaterra, onde o punk se politizou na segunda metade da década de 1970, junto com o gênero musical que chegou ao Brasil através de discos importados e reportagens em revistas e telejornais. Em São Paulo o anarquismo era uma forma de lutar contra as injustiças, repressão e exclusão social, porém, de acordo com o autor, logo após o punk rock chegar ao nosso país em meados de 1977-1978, o anarquismo era entendido pelos jovens que se identificaram com o gênero musical como destruição e confrontos com gangues rivais, somente em meados de 1981, com a união dos punks de São Paulo e do ABC Paulista (que viviam em constantes e violentos embates) é que a ideologia passa a ser estudada pelos membros. Logo surge uma nova disputa entre os punks chamados de “embalistas” que ingressaram no movimento para seguir uma nova moda e os punks autênticos que procuravam estudar o anarquismo, compreender o movimento e se afastar do estigma da violência.

Para concluir a análise deste trabalho devemos mencionar também que o autor descreve que os grupos punks se formam através da afinidade musical e ideológica, além da amizade ou namoro entre indivíduos, assim os punks buscavam se articular para criar novas experiências e referências identitárias. Além disso, esses jovens começaram a ocupar espaços na cidade de São Paulo onde poderiam se mobilizar, realizar eventos, socializar, criar laços de solidariedade, se manter em segurança contra os ataques de grupos rivais ou da repressão policial, criarem suas memórias e propiciar visibilidade pública. Nem sempre ocupar um espaço era uma ação aceita pelo restante da sociedade, que através do senso comum, via os punks como marginais, vândalos e violentos baderneiros. Desde abaixo assinados para fechar lojas que eram redutos punks até a já mencionada repressão policial eram fatos corriqueiros.

O livro de Craig O'Hara, publicado em 2005, intitulado *Filosofia do Punk*, faz um apanhado geral sobre como o punk interpreta o mundo e as relações sociais. Discute o significado do termo punk, do motivo do punk rock se aproximar do anarquismo, as subdivisões e tensões dentro do movimento entre outros temas. Contando com uma linguagem simples e direta e muito ilustrado com fotos de festivais, shows e manifestações a obra se assemelha muito a um fanzine e sua leitura é fácil. O autor é ativo na cena punk norte-americana onde foi membro da banda *Songs For Ema*. Organizador de festivais, editor de fanzines e ajudou a promover bandas punks consagradas como *Green Day*, *Fugazi* e *Seven Seconds*. Seu trabalho é citado na maioria das produções acadêmicos sobre punk rock que foram publicados após o lançamento do livro.

Outra obra que tem presença cativa em várias pesquisas sobre o tema é: *O que é punk?* do escritor e dramaturgo brasileiro Antonio Bivar, conforme Bittencourt e Vieira (2022) este livro é a primeira investigação sobre o tema no Brasil. O autor foi um dos organizadores do festival *O começo do fim do mundo*, 1982. Um dos maiores festivais de punk rock do país e marco da união do movimento punk paulistano com o movimento da região do ABC Paulista. Além disso, Bivar dedicava-se à criação de peças teatrais inspiradas em movimentos contraculturais, influência adquirida durante seu exílio na Europa na década de 1970 (Bittencourt; Vieira, 2022). O livro conta a história do punk rock, desde a pioneira rebeldia do rock'n roll do final dos anos 1950, passando pelo surgimento da cena em Nova York no início da década de 1970 e a explosão do movimento em Londres em 1977, apresentando a chegada do gênero musical ao Brasil. A formação das primeiras bandas e organização dos primeiros shows, a violência e também discute uma definição para o termo punk e o que significa pertencer a esse movimento. Tendo sua primeira edição no ano de 1982 a obra é fundamental para que o pesquisador tenha uma base teórica sobre a formação histórica do movimento, a difusão da contracultura e sua chegada ao Brasil.

Mais um trabalho que deve ser citado é a obra escrita por Legs McNeil e Gillian McCain, intitulada *Mate-me por favor: a história sem censura do punk*, os autores participaram da cena nova iorquina do início dos anos 1970, McNeil foi, no mesmo período, um dos criadores e editores da *Revista Punk*, considerada um dos primeiros fanzines da cena. O livro é uma compilação de uma série de entrevistas feitas com membros do cenário *underground* de Nova York. Registrando memórias da formação do movimento punk, desde depoimentos de músicos que iniciaram sua trajetória nos anos 1960, onde tentavam cantar sobre a realidade dos jovens do subúrbio como *Velvet Underground*, ou que tinham como objetivo resgatar o velho rock rebelde e cheio de energia como *The Stooges* e *MC5*. Passando por entrevistas que contam sobre

a rebeldia do *New York Dolls*. No início dos anos 1970, até o surgimento do *Ramones* e a radicalização do punk na Inglaterra com os *Sex Pistols* na metade da mesma década. Lançado em 1997, o título da obra é inspirado na frase *Please kill me*, escrita na camiseta de *Richard Hell*, integrante da banda *Television*. O grupo fazia apresentações constantes no bar *CBGB*, reduto punk em Nova York no início da já mencionada década. Sem dúvidas, o livro é uma preciosa coleção de fontes orais que ajudam a compreender o surgimento da cena punk, de sua melodia, indumentária, símbolos e significados a partir da visão dos próprios pioneiros do movimento.

O livro *Meninos em Fúria*, de autoria de Marcelo Rubens Paiva e Clemente Tadeu Nascimento publicado em 2016, conta a história da banda punk paulistana *Inocentes*, junto a isso contextualiza o momento da chegada do punk rock ao Brasil na segunda metade da década de 1970. Aponta a influência do processo de abertura política “lenta, gradual e segura” iniciado pelo governo Geisel no cenário cultural do país. Além de narrar os problemas urbanos enfrentados pela população da periferia da cidade de São Paulo durante os anos 1970 e 1980 como pobreza, desigualdade social, falta de acesso à cultura, violência, repressão policial e a repressão política contra a juventude. Os autores possuem estreita relação com a cena punk paulistana. Marcelo era frequentador assíduo de festivais punks e militante do movimento estudantil. Já Clemente é vocalista e fundador da *Inocentes*, além de ter integrado a banda *Restos de Nada*, fundada em meados de 1978, e tida como uma das pioneiras do punk rock brasileiro. A obra tem cunho jornalístico, transcreve depoimentos, tem uma linguagem direta e descreve as várias contradições da Ditadura Civil-Militar de 1964-1985. Por isso é de grande importância para compreender o motivo que levou o punk brasileiro a ser um ativista social e utilizar a contracultura como forma de militância e resistência a uma realidade marcada pela repressão e exclusão social.

A *Era dos Extremos: o breve século XX, 1914-1991*, escrito pelo historiador britânico Eric Hobsbawm e publicado pela primeira vez em 1994, nos ajuda a compreender como o *rock'n'roll* acabou se tornando uma cultura de massa a partir do final da década de 1950. Nos capítulos intitulados *Anos Dourados e Revolução Cultural*, o autor descreve como o estado de bem-estar social keynesiano do pós-Segunda Guerra Mundial resultou em um elevado nível de qualidade de vida e capacidade de consumo no mundo capitalista, sobretudo na Europa Ocidental e Estados Unidos, com o aumento da renda, pleno emprego, seguridade social, bons serviços públicos e consumo da massa. As famílias dos países citados anteriormente passam a ter acesso a bens duráveis e à cultura, o que resulta na explosão do rádio, no surgimento da televisão e no aumento da propaganda. Mas esse impacto econômico se dá de modo igualmente

importante para os mais jovens que não precisavam mais entregar a maior parte de seus salários para auxiliar no orçamento doméstico. O que resulta no surgimento de uma cultura juvenil pop que podia consumir discos de vinil, calças jeans, jaquetas de couro, vestidos, sapatos, cinema e assistir shows do gênero musical da moda no final dos anos 1950 e início dos anos 1960: o *rock'n'roll*, assim esse contexto econômico influencia no crescimento do rock, no desenvolvimento da contracultura e também no surgimento de novos grupos musicais, e novos ideais que serão defendidos pela nova geração na segunda metade do século XX.

Já discutimos anteriormente sobre a história vista de baixo, quanto ao conceito de ideologia, este não é analisado somente em seu significado político, mas é também entendido como estilo de vida do indivíduo. O objetivo é apontar as características específicas do punk caxiense e o que mesmo julga ser diferente em relação a cena punk de outros locais. O punk rock (contracultura) é entendido como uma ferramenta de resistência, coesão e militância social.

O principal instrumento desta pesquisa é a história oral, pois movimentos populares ou contraculturais raramente possuem sua trajetória registrada em um vasto acervo de documentos escritos, pois como argumenta Portelli (1997, p. 27) “as fontes orais dão-nos informações sobre o povo iletrado ou grupos sociais cuja história escrita é ou falha ou distorcida”. Assim foram realizadas entrevistas com integrantes da cena punk caxiense que participaram ativamente da formação dos espaços e ajudaram a organizar as atividades realizadas neles. Através do cruzamento das fontes conseguimos entender como esses locais se transformaram em espaços punks, quais eram os eventos e atividades realizados neles e como eram organizados, quais eram as características de um espaço punk para o punk caxiense, entre outras mudanças e permanências. Cabe apontar a importância da história oral para entender melhor a complexidade do punk, uma contracultura periférica de cunho progressista, mas que não está isenta de contradições e disputas internas dentro de seu campo, pois como argumenta Thompson (2001, p. 211) “o povo faz e refaz sua própria cultura”. Logo, podemos entender que nesse processo de contínua construção da cultura os choques entre seus agentes são naturais.

Nas palavras de Alberti (2013), a história oral não se resume a sair com um gravador, algumas perguntas em mente e entrevistar indivíduos que cruzam nosso caminho com disposição de falar sobre suas vidas. Esse conceito simplificado resulta em uma certa quantidade de materiais gravados com pouco ou nenhuma utilidade, que permanecerão guardados sem que saiba o que fazer com eles. Além disso, essa concepção equivocada sobre a história oral faz com que se acredite que a mesma é o próprio passado materializado em registros gravados, como se o simples fato de deixar depoimentos registrados de testemunhas do passado dispensasse o historiador de realizar a atividade de pesquisa (Alberti, 2013). Assim é necessário

que o pesquisador tenha atenção ao empregar esse método, pois ele só se justifica no contexto de uma investigação científica articulada a um projeto de pesquisa, afinal a técnica é um meio de ampliar o conhecimento sobre o passado e não o passado em si (Alberti, 2013).

Durante este processo de contínua construção a contracultura vai se alterando conforme a conjuntura social e política que acaba influenciando os anseios e demandas das classes populares. Assim as fontes orais são importantíssimas para entender também a mentalidade, valores e ideias que circulavam entre os integrantes da cena punk e o que os estimulava na formação dos seus espaços de convivência. Na organização das atividades ocorridas neles, e qual entendimento os entrevistados têm sobre isso atualmente, como defende Portelli (1997, p. 31) “fontes orais contam-nos não apenas o que o povo fez, mas o que queria fazer, o que acreditava estar fazendo e o que agora pensa que fez”, ou seja, nos ajudam a entender a já citada complexidade do punk como contracultura oriunda das classes populares. O autor ainda aponta que essas mesmas fontes são condições necessárias, mas não suficientes para a história das classes não hegemônicas e menos necessárias para a história das classes dominantes, pois elas já possuem o controle da escrita, o que resulta em abundantes registros deixados sobre si (Portelli, 1997). Obviamente, por conta de seu poder econômico, as classes dominantes também detêm grande influência cultural e social principalmente nos grandes veículos de mídia. Em contrapartida, a tendência para as classes populares é estar naturalmente afastada da pauta dessas organizações. Até mesmo por conta da manutenção do poder de um discurso hegemônico. Assim, não é comum encontrar um vasto acervo de fontes documentais sobre a história de movimentos contraculturais. Para completar as informações obtidas através das fontes orais foram utilizadas algumas fontes documentais existentes como os próprios fanzines, jornais, cartazes de eventos, fotos e vídeos. A partir disso foi realizada a análise dessas fontes procurando perceber quais eventos eram realizados nos locais, quem eram os participantes, o significado do evento, o motivo da escolha deste espaço e a estética do local.

A escolha dos entrevistados foi feita de modo qualitativo, ou seja, foram selecionados indivíduos que participaram, viveram, presenciaram ou se inteiraram de ocorrências ou situações ligadas ao tema da pesquisa, fornecendo assim, depoimentos significativos (Alberti, 2013). Desse modo, os depoentes que transmitiram informações valiosas sobre a cena punk caxiense do período estudado envolveram-se ativamente na formação e manutenção dos espaços, organização de eventos, manifestações, participação de bandas e produção de materiais como fanzines. Mesmo com um grande número de punks conhecidos na cena local atualmente e que atuaram durante o recorte estudado, o modo qualitativo foi escolhido para viabilizar a execução da pesquisa devido ao curto prazo para a produção da dissertação, não sendo possível

colher um grande número de depoimentos neste momento. Ademais, cabe destacar que de acordo com a obra de Alberti (2013), o modelo de entrevista empregado neste trabalho é o temático, onde aborda-se prioritariamente sobre a participação do entrevistado no tema escolhido, uma função desempenhada, envolvimento, e a experiência em acontecimentos ou conjunturas específicas dentro de sua trajetória de vida.

Desse modo os sujeitos que cederam seu depoimento para esta pesquisa viabilizando-a e enriquecendo-a são: Roberto Marcon, ex-vocalista e fundador da banda Detrito Urbano entre 1986 e 1990, que até o presente momento reside na cidade de Cascavel, no Paraná, o que demandou que sua entrevista fosse realizada à distância, o outro depoente envolveu-se com a cena punk caxiense entre o final da década de 1980 e meados dos anos 1990, contudo o mesmo preferiu não se identificar, assim iremos nos referir a ele como Segundo Entrevistado, devido a inviabilidade de horários seu relato também foi colhido à distância. Mais um indivíduo que contribuiu com o trabalho foi membro ativo da cena punk a partir da segunda metade da década de 1990, onde editou fanzines, fundou bandas e coletivos, além de organizar manifestações, seu depoimento também foi colhido à distância, pois o mesmo não reside mais em Caxias do Sul e por preferir não se identificar iremos nos referir a ele como Terceiro Entrevistado. Eduardo Gaspari que também editou fanzines e compõe a banda caxiense Exclusão Social desde 1999, Dinarte Albuquerque Filho, coeditor do fanzine Ovo Podre no final da década de 1980, que, por estar envolvido em projetos profissionais, também necessitou ceder seu depoimento à distância e Fabiano Carlos Medeiros da Silva, natural de Ajuricaba, Rio Grande do Sul, que envolveu-se com o movimento punk de sua cidade natal no final da década de 1980 e com a cena caxiense a partir do ano 2000, quando mudou-se para a cidade, além disso, o depoente é um dos fundadores e proprietário do Porão do Caos, conhecido reduto punk caxiense dos anos 2010.

Um apontamento importante a ser destacado é que as entrevistas feitas à distância ocorreram através de trocas de mensagens de texto e áudio através do aplicativo WhatsApp, pois como mencionado anteriormente, alguns contatados não tinham tempo disponível para um encontro presencial ou não residiam mais na cidade. Além disso, esta é a ferramenta de comunicação online, onde é possível gravar e salvar os relatos, que os depoentes estão mais familiarizados. Evitando assim, possíveis falhas de conexão e dificuldades de utilização. Esse método foi utilizado com sucesso, durante a pesquisa anterior com todos os entrevistados por conta da pandemia da Covid-19. Outrossim, com o contexto pandêmico houve a migração de várias atividades para o mundo virtual como tarefas laborais. Algumas disciplinas em escolas e

universidades e até mesmo reuniões corporativas e organizacionais, ou seja, o modo virtual síncrono acabou chegando para ficar por conta de sua praticidade.

O método de entrevistas à distância ainda é um tabu entre os historiadores, porém possui muitas vantagens, afinal como argumentam Santhiago e Magalhães (2020) entrevistas à distância, permitem a redução de custos e a transposição de barreiras geográficas que impediriam a coleta de dados viabilização da pesquisa. E, como citado anteriormente, neste contexto pós pandêmico a tendência é que as tecnologias virtuais sejam cada vez mais utilizadas no decorrer do século XXI. Por isso, caberá à ciência histórica adaptar-se a apropriar-se delas como ferramentas úteis para a pesquisa. Obviamente a escolha desse método não deve ser justificada pela comodidade para o trabalho do pesquisador, e sim para tornar o trabalho exequível, como defendem Santhiago e Magalhães (2020): a mera conveniência do pesquisador, por exemplo, não deve ser tomada como justificativa para sua adoção, porém não podemos ignorar as novas tecnologias, sobretudo em situações nas quais consistem na única forma de viabilização da pesquisa.

Além das fontes mencionadas anteriormente, também se utilizaram as fontes bibliográficas discutidas inicialmente na revisão da literatura produzida sobre o tema, foi efetuada a investigação de notícias sobre festivais ou manifestações punks contidas no jornal Pioneiro. A verificação da existência de relatos sobre os espaços punks no conteúdo dos fanzines que compõem o acervo pessoal do autor e a análise de fotos e cartazes. O objetivo da utilização dessas fontes é completar e comparar as informações obtidas através das entrevistas.

O Pioneiro é o maior periódico em circulação na região nordeste do Estado do Rio Grande do Sul, conforme informações do site do grupo RBS (2022). Proprietário da marca desde 1993, o jornal alcança 64 municípios da região. Fundado em Caxias do Sul no ano de 1948, por Luiz Alexandre Compagnoni, eleito deputado da Assembleia Constituinte do Rio Grande do Sul em 1947, e deputado federal em 1958 pelo Partido da Representação Popular (PRP)³ (Porto, 2024). O diário tinha estreitos laços com o partido, sendo a voz do movimento integralista em Caxias do Sul, do ano de sua fundação até 1951 era organizado em edições semanais (Porto, 2024). Conforme Porto (2024), o impresso contava com um grupo de

³ De acordo com o trabalho de Porto (2024), o Partido da Representação Popular foi fundado no processo de reorganização partidária do final do Estado Novo em 1945. O grupo era composto por ex-integrantes da Ação Integralista Brasileira (AIB), organização de inspiração fascista fundada por Plínio Salgado em 1932, na cidade de São Paulo, sendo que os núcleos da AIB em Porto Alegre e Caxias do Sul foram fundados em 1934. A crise do liberalismo em 1929, fez com que o sistema liberal passasse a ser questionado, além de ser visto como fraco e incapaz de resolver os problemas surgidos no contexto social, político e econômico. Aliado a isso havia também a ascensão dos partidos comunistas em todo o mundo por conta da Revolução Russa em 1917, os dois fatores foram cruciais para o surgimento e crescimento do nazi-fascismo como alternativa à direita em relação à nova conjuntura.

acionistas ligados à elite caxiense e tinha como função principal traduzir o pensamento desse grupo. Para isso apelava para a defesa das tradições e da religião católica, sendo profundamente anticomunista e antiliberal por considerar que as duas ideologias degeneravam os valores sociais. Colocando-se como o principal representante dos interesses regionais, o *Pioneiro* dizia-se neutro, mas fazia aberta campanha para candidatos do PRP durante as disputas eleitorais, além de divulgar a doutrina integralista e as atividades do grupo em suas edições. Somente em 1981, com a morte de seu fundador, é que o diário se distancia de suas ligações políticas e partidárias (Porto, 2024). Como citado anteriormente em 1993, o veículo é adquirido pelo grupo RBS, maior conglomerado de comunicação do sul do Brasil e associado à Rede Globo desde 1967, tornando-se uma de suas marcas (Grupo RBS, 2022).

Assim, a segunda seção intitulada *Punk Rock: início, contexto e chegada a Caxias do Sul*, está dividida em quatro subseções, a primeira discute o significado da palavra punk, a segunda apresenta o surgimento da cena punk e sua chegada a Londres, onde a contracultura se politizou, a terceira discute como o punk chegou ao Brasil, em meio ao contexto da ditadura civil-militar de 1964-1985, e por fim a última subseção apresenta como se deu a formação do movimento em Caxias do Sul. Esta primeira parte do trabalho trata-se de uma versão revisada e reestruturada do primeiro capítulo de minha monografia da graduação em história, pois no trabalho anterior faltou analisar o surgimento do punk rock dentro do contexto macroeconômico e social da segunda metade do século XX definida por Eric Hobsbawm como a “Era de Ouro”. Além disso, nesta versão incluímos uma análise dos primeiros espaços punks surgidos em Nova York (um dos locais onde a contracultura surgiu), Londres (local onde a contracultura se politizou) e São Paulo (considerado o berço do punk no Brasil). Para a produção da mesma foram utilizadas fontes bibliográficas e orais. A terceira seção chamada *Punk: ideologia e espaços*, discute sobre a ideologia da cena punk e seu significado para a ocupação e formação de seus espaços, a mesma está embasada principalmente por fontes bibliográficas e pela análise de uma matéria sobre a contracultura publicada no *Jornal Pioneiro* em 1978.

A quarta seção nominada: *Punk caxiense ou caxiense punk?* Está dividida em duas subseções: a primeira designada como *Os intelectuais e a contracultura punk*. Está baseada no conceito de Antonio Gramsci sobre os intelectuais e discute a existência dos mesmos dentro do movimento e sua importância na organização da cena punk local, além disso, analisa o conceito de contracultura e o modo de utilizá-la como ferramenta de contestação. Esta foi baseada principalmente em fontes bibliográficas. A segunda subseção denominada *Características e comportamento dos punks em Caxias do Sul* ocupa-se de analisar se existem características peculiares do punk caxiense e quais são elas através da compreensão dos próprios punks.

Durante a produção da primeira pesquisa foi relatado em entrevista que a banda Detrito Urbano, fundada na Vila Ipiranga, bairro Cristo Redentor, uma das precursoras do movimento em Caxias do Sul, participou de festivais musicais promovidos nas escolas Melvin Jones e Imigrante, instituições onde os integrantes estudaram⁴. Assim, outra informação investigada nesta parte foi como era ser punk na escola e qual era a reação dos estudantes com a contracultura. Esta subseção foi produzida através de fontes orais, fotos e análise de reportagens do jornal Pioneiro.

A quinta seção intitulada *Espaços do punk rock em Caxias do Sul*, está dividida em outras três subseções. A primeira, nomeada como *Da Vila Ipiranga ao Parque*, discute a ocupação e atividades punks no Bar do Patinhas, na Vila Ipiranga, bairro Cristo Redentor e no Parque Getúlio Vargas, o popular Parque dos Macaquinhos. Já a segunda subseção intitulada *Os espaços punks em Caxias do Sul no início do século XXI*, aborda quais foram os espaços frequentados pelos punks caxienses nos anos 2000. Como seu deu sua ocupação e quais atividades foram realizadas neles. A terceira e última subseção titulada *O Porão do Caos* faz a mesma abordagem utilizada no segmento anterior para realizar os estudos sobre o referido local. De mesmo modo as seções quatro e cinco foram produzidas através de entrevistas com membros do cenário punk caxiense do período pesquisado. Além da análise dos jornais, fotos, cartazes e fanzines. Por fim, o espaço das considerações finais está destinado para fazer uma breve análise dos resultados da pesquisa.

A construção de um blog onde serão disponibilizadas de maneira virtual, e com as devidas autorizações, todas as fontes coletadas para executar a presente obra com o objetivo de auxiliar na produção de futuras pesquisas sobre o tema é a proposta de produto final a ser produzido após a pesquisa.

1.1 PUNK ROCK E ENSINO DE HISTÓRIA

Quanto ao ensino de história o punk pode ser utilizado de algumas maneiras, por exemplo usá-lo como estratégia para o ensino dos movimentos de contracultura surgidos no contexto da Guerra Fria, como veremos na seção seguinte o punk dá seus primeiros passos ainda na década de 1960, graças ao boom do rock'n roll e a partir disso torna-se um dos modos de expressão dos jovens da periferia nos Estados Unidos e Reino Unido que começam a contestar

⁴ Ver: COSTA, Alisson Oliveira da. **A expressão punk em Caxias do Sul entre 1986 e 1997**. 2021. 111 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura Plena em História) – Universidade de Caxias do Sul. Caxias do Sul, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/xmlui/handle/11338/8834?locale-attribute=en>. Acesso em: 13 set. 2025.

o sistema político e social em que viviam lutando por liberdade de expressão e de comportamento, se opondo a políticas bélicas, a repressão e durante a década de 1970, a ascensão das políticas neoliberais⁵. Com isso o estudo da contracultura do período pode ser expandido para outros movimentos sociais e artísticos demonstrando aos estudantes o quanto a população e principalmente as juventudes participaram dos fatos históricos estudados, até mesmo é possível fazê-los refletir sobre como se dá participação da população e de sua geração nos fatos sociais e políticos atuais.

Outro objeto de conhecimento em que este mote se encaixa é a ditadura civil-militar de 1964-1985, Paiva e Nascimento (2016), apontam em seu livro que o punk rock chegou ao Brasil no final dos anos 1970, quando o país passava pelo processo de abertura lenta, gradual e segura de Ernesto Geisel. Além disso, o movimento se consolidou na capital paulista na primeira metade da década de 1980, onde diversos movimentos estudantis e sindicais foram para as ruas em defesa de direitos sociais, pelo fim do regime e da censura (Paiva Nascimento, 2016). O punk rock, por ser um estilo musical ligado à periferia, tornou-se uma ferramenta de expressão dos jovens que viviam em um contexto de pobreza, repressão e exclusão. Dessa maneira, por conta do contexto da abertura política e da anistia, a mentalidade democrática ganhava cada vez mais espaço na sociedade brasileira do período. O que estimulou esses jovens a criarem músicas que serviam para denunciar a sua realidade. Ademais, a formação de bandas e grupos também foram importantes para fortalecer os laços de sociabilidade desses indivíduos e moldar sua identidade. Assim, este assunto pode servir como tema integrador entre os conteúdos de ditadura civil-militar e redemocratização.

Outro aspecto em que o punk pode ser utilizado em sala de aula, não só no ensino de história, mas também no de sociologia e de geografia é quanto à exclusão social no meio urbano. Conforme Lefebvre (2016), além de ser uma linguagem a cidade também é uma prática, ou seja, além de ser expressão, comunicação e estética arquitetônica a cidade também é uma construção social cotidiana e política, pois nela ocorre a disputa entre forças antagônicas e as culturas que as representam, a cultura hegemônica sempre irá criar mecanismos e ferramentas para afastar do centro do poder grupos contra hegemônicos. Ao mesmo tempo, a cidade parece não ser um direito para todos, isto é, nem todas as classes ou indivíduos conseguem ter acesso à saúde, educação, trabalho, moradia e bem-estar, mesmo que esses aspectos sejam direitos garantidos pela constituição federal. Assim podemos perceber que historicamente e sobretudo em nações

⁵ Conforme Hobsbawm (2020), o neoliberalismo é o modelo econômico que defende o livre mercado, restringe as regulações do estado sobre a economia e considera o lucro como verdadeiro motor de uma economia capitalista

pobres do sul global, não há a menor preocupação das forças hegemônicas com a inclusão social que de direito está se transformando em mais uma mercadoria a ser comercializada pelo capital.

Nas palavras de Lefebvre (2016), o caso-limite da separação entre classes é o gueto, elemento que simboliza tanto a separação étnica quanto social, para o autor existem guetos de riqueza, de pobreza, de lazer, guetos políticos e intelectuais. Esse fenômeno pode ocorrer por várias razões como degradação do urbano, deterioração dos níveis de vida, separação étnico-social, formação de subculturas entre outros (Lefebvre, 2016). Com isso não só o punk como também a contracultura pode ser utilizada em sala de aula, para que o educando possa compreender que a cidade é uma construção histórica e habitada por várias classes e etnias, porém nem todos conseguem usufruí-la do mesmo modo. Sair do senso comum e refletir os motivos que levam à pobreza, miséria, exclusão social, repressão e falta de oportunidades é uma pauta essencial dentro da educação quanto ao desenvolvimento das competências para a cidadania. Se faz necessário que a criança e o adolescente consigam compreender a estrutura do mundo em que vivem para saber lidar com os temas sensíveis da sociedade e assim serem capazes de mudá-los, pois as mazelas sociais são construções humanas e não naturais, portanto passíveis de serem alteradas, corrigidas ou melhoradas.

Cabe alertar ao leitor que, por ser em elemento contracultural do século XX, o punk rock pode ser trabalhado nas aulas de história no nono ano do ensino fundamental e no terceiro ano do ensino médio, etapas da educação básica onde a disciplina estuda, sobretudo, objetos do conhecimento relacionados ao mencionado século.

2 PUNK ROCK: INÍCIO, CONTEXTO E CHEGADA A CAXIAS DO SUL

Os Estados Unidos e Europa Ocidental, após a Segunda Guerra Mundial, implementam políticas baseadas no modelo de estado de bem-estar social, que resulta na formação das condições para que os jovens dessas regiões tivessem renda suficiente para consumir discos, roupas e espetáculos musicais, culminando no surgimento dos movimentos contraculturais da década de 1960, e posteriormente do punk rock na década seguinte. Com origens controversas, o gênero musical espalhou-se pelo mundo e acabou politizando-se na periferia londrina no alvorecer do modelo neoliberal a partir do final dos anos 1970, onde tornou-se sinônimo de rebeldia juvenil e anarquismo.

O presente capítulo tem como objetivos apresentar o significado da palavra punk, discutir o surgimento do punk rock, sua chegada à Europa, ao Brasil e a Caxias do Sul em meio ao contexto sócio-político do Pós-Segunda Guerra Mundial. Fenômeno juvenil surgido durante o contexto da explosão do rock, nos anos 1960. O punk rock acabou formando características, ideias e espaços próprios que serviram também como modos de expressão dos indivíduos que se identificavam com este gênero musical.

2.1 O QUE SIGNIFICA PUNK?

O punk rock vai muito além de um estilo musical consumido pelos jovens. Ao longo dos anos tornou-se um movimento contracultural, pois mesmo não tendo uma estrutura organizada de forma hierárquica, estatutos e pautas definidas, os diversos grupos punks mantêm laços de solidariedade e meios de alcançar um objetivo em comum⁶. O objetivo do indivíduo punk é lutar contra o que ele define como sistema que, segundo ele, é o formado pelos órgãos do Estado e pela burguesia, logo, para o punk, esses dois estamentos se unem para controlar e explorar as massas⁷.

Quanto à definição do conceito de punk, cabe apontar que a palavra possui vários significados⁸. De acordo com Bivar existem várias definições para o termo na língua inglesa cujos significados vão desde “madeira podre utilizada para acender facilmente um fogo até

⁶ Ver: COSTA, Alisson Oliveira da. **A expressão punk em Caxias do Sul entre 1986 e 1997**. 2021. 111 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura Plena em História) – Universidade de Caxias do Sul. Caxias do Sul, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/xmlui/handle/11338/8834?locale-attribute=en>. Acesso em: 13 set, 2025.

⁷ *Ibid.*

⁸ *Ibid.*

vagabundo de pouca idade” (Bivar, 2001 p.40). O mesmo autor também aponta a definição apresentada por Lou Reed, membro fundador da banda *Velvet Underground* (um dos grupos pioneiros do punk rock), onde o músico diz que *punk* é a definição de tudo que não presta ou o que era mal visto pela sociedade norte-americana na década de 1960 como: drogados, assaltantes, prostitutas adolescentes entre outros.

No trabalho de Craig O’Hara, produtor de fanzines, ativista social, músico e produtor artístico, o conceito é definido da seguinte forma: “o punk é uma tendência da juventude, é rebeldia com força e fibra e uma formidável voz da oposição” (O’Hara, 2005, p. 44), além disso, o autor descreve mais três definições consideradas por ele como as mais relevantes e verdadeiras⁹: a primeira definição baseia-se na compreensão de que punk é um bando de adolescentes falando besteiras pseudopolíticas e berrando filosofias que mal sabem. A segunda conclusão é descrita como alguém decidido, independente, pobre e suscetível a criar problemas (O’Hara, 2005).

Por fim, a terceira definição apresenta o termo como um movimento que luta pela paz e liberdade, baseado no amor e esperança e cria seu próprio estilo de vida, sua própria cultura, sua própria comunidade e sua própria música (O’Hara, 2005). Para o escritor, a primeira conclusão é a mais apresentada pela mídia e a imagem mais popular do punk, embora seja a menos precisa.

2.2 O SURGIMENTO DO PUNK ROCK.

O punk rock tem origens controversas, em geral acredita-se que ocorreu em meados da década de 1960, nos Estados Unidos, mais precisamente no subúrbio de Nova York, onde se desenvolve como um movimento artístico, posteriormente em Londres, Reino Unido, na metade da década de 1970, o gênero musical acabou se politizando e se radicalizando em meio aos subúrbios ingleses¹⁰. A música punk é resultado da efervescência cultural da década de 1960, onde grandes nomes do rock’n roll como Beatles, Rolling Stones e Jimi Hendrix eram uma febre para os jovens do período. Festivais como o famoso Woodstock e movimentos como o de maio de 1968 demonstraram a ebulição de uma cultura juvenil.

⁹ Ver: COSTA, Alisson Oliveira da. **A expressão punk em Caxias do Sul entre 1986 e 1997**. 2021. 111 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura Plena em História) – Universidade de Caxias do Sul. Caxias do Sul, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/xmlui/handle/11338/8834?locale-attribute=en>. Acesso em: 13 set. 2025.

¹⁰ *Ibid.*

Também se acredita que a banda peruana Los Saicos foi uma das precursoras da contracultura, igualmente em meados dos anos 1960, conforme a reportagem de Julio García, do site BBC News Brasil (2011). O grupo teve seu auge entre os anos de 1965 e 1966, onde chegaram a ter um programa de televisão. Formado por César “Papi” Castrillón (baixo), Rolando Carpio (guitarra), Erwin Flores (Vocal) e Francisco “Pancho” Guevara. O conjunto chamava originalmente de *Los Sadicos*, porém, por conta de uma autocensura, decidiram suprimir a letra “D”, para que o nome soasse como *psycho* (psicótico) em inglês (García, 2011), sem conhecimento musical e com dificuldade de conseguir instrumentos os jovens decidiram evitar os covers e compor suas próprias músicas desde o início, com sonoridade cheia energia e letras que expressavam rebeldia juvenil e seu cotidiano (García, 2011), *Los Saicos* chegaram a gravar seis compactos antes de encerrarem suas atividades em 1968. Porém, o interesse pela banda sul-americana com sonoridade punk reapareceu forte entre o final dos anos 1990, e início dos anos 2000, quando um dos compactos foi descoberto na Espanha, o que fez os novos fãs localizarem os antigos membros em 2006, até mesmo um documentário sobre a banda foi produzido (García, 2011).

O contexto cultural protagonizado pelos jovens não foi por acaso, afinal a partir do Pós-Segunda Guerra Mundial até metade da década de 1970, os Estados Unidos e Europa Ocidental viveram o que o historiador britânico Eric Hobsbawm definiu como *Era de Ouro* do capitalismo. O objetivo do modelo keynesiano do estado de bem-estar social, adotado no mundo capitalista do pós-guerra era proporcionar a população dos países desenvolvidos acesso ao consumo e qualidade de vida, para evitar uma nova crise econômica como a de 1929, que acarretou em desemprego, miséria e carestia. Abrindo espaço para a ascensão do nazifascismo, ideologia recém derrotada, cujo retorno deveria ser fortemente combatido. Ademais, novas dificuldades econômicas também poderiam resultar em um aumento da simpatia das massas populares pela alternativa socialista representada pela União Soviética, o novo inimigo do mundo capitalista a partir do início da Guerra Fria. Logo, fazia-se necessário reformar o modelo capitalista para recuperar as economias ocidentais e evitar tanto uma nova ascensão da extrema direita quanto o avanço do socialismo, como explicou Hobsbawm (2020, p. 266):

E se a memória econômica da década de 1930 não fosse o bastante para aguçar seu apetite por reformar o capitalismo, os riscos políticos fatais de não fazê-lo eram patentes para todos os que acabavam de combater a Alemanha de Hitler, filha da Grande Depressão, e enfrentavam a perspectiva do comunismo e do poder soviético avançando para o oeste sobre as ruínas de economias capitalistas que não funcionavam.

De acordo com Hobsbawm (2020), o novo modelo econômico era baseado no consumo de massa de uma força de trabalho plenamente empregada e cada vez mais protegida. Assim, a população das economias desenvolvidas alcança um inédito poder de compra e uma boa qualidade de vida, além disso, as indústrias apresentaram crescimento de seus lucros em um modelo onde a economia era incentivada através do consumo. O mundo capitalista viveu um período de considerável crescimento e melhora nos padrões de vida da população, como discorre o já citado autor:

Tratava-se de um pacto aceitável para todos os lados. Os patrões, que pouco se incomodavam com altos salários num longo *boom* de altos lucros, apreciavam a previsibilidade que tornava mais fácil o planejamento. A mão de obra recebia salários que subiam regularmente e benefícios extras, e um Estado previdenciário sempre mais abrangente e generoso. O governo conseguia estabilidade política, partidos comunistas fracos (exceto na Itália) e condições previsíveis para a administração macroeconômica que todos os Estados então praticavam. E as economias dos países capitalistas industrializados se deram esplendidamente bem, no mínimo porque pela primeira vez (fora dos EUA e talvez da Australásia) passava a existir uma economia de consumo de massa com base no pleno emprego e rendas reais em crescimento constante, escorada pela seguridade social, por sua vez paga pelas crescentes rendas públicas. Na verdade, nos eufóricos anos 60 alguns governos incautos chegaram a garantir aos desempregados - poucos então - 80% de seus antigos salários (Hobsbawm, 2020, p. 277).

Esse contexto econômico de consumo de massa e melhora no padrão de qualidade de vida proporcionou, aos jovens de classe média das décadas de 1950 e 1960, a oportunidade de consumirem produtos culturais como a música, além de roupas, cinema, alimentos e entre outros, o que resultou na criação de uma cultura jovem. A partir desse momento as famílias não necessitavam mais que seus filhos auxiliassem com praticamente a totalidade de seus salários no orçamento doméstico, assim que entrassem no mercado de trabalho, como argumenta Hobsbawm (2020, p. 321):

Além disso, mesmo os adolescentes que entravam no mercado de trabalho em tempo integral na idade de deixar a escola (entre catorze e dezesseis anos no país “desenvolvido” típico) tinham muito mais poder aquisitivo que seus antecessores, graças à prosperidade e pleno emprego da Era de Ouro e à maior prosperidade dos pais, que tinham menos necessidade do dinheiro dos filhos para o orçamento familiar. Foi a descoberta desse mercado jovem em meados da década de 1950 que revolucionou o comércio da música popular e, na Europa, o mercado de massa das indústrias da moda.

Dessa maneira, a parcela juvenil de classe média da sociedade passou a comprar discos, roupas, frequentar festas, shows, festivais e, a partir disso, se inspirar para também participar da criação artística e das mobilizações sociais, pois esse indivíduo tornou-se um

protagonista por conta de seu poder aquisitivo que lhe proporcionou acesso ao consumo de produtos de seu interesse. Podemos concluir que o contexto econômico mundial da segunda metade do século XX, foi fundamental para o desenvolvimento da música, da cultura jovem e consequentemente da contracultura, principalmente nos anos 1950 e 1960. Como escreveu Hobsbawm (2020, p. 321) “pode-se medir o dinheiro jovem pelas vendas de discos nos EUA, que subiram de 277 milhões de dólares em 1955, quando o rock apareceu, para 600 milhões em 1959, e 2 bilhões em 1973”. Além disso, de acordo com a obra de Pereira (1984) o rock dos anos 1960 era um tipo de música feita por jovens e para os jovens, assim a juventude acabou tornando-se também uma poderosa força social. O fim do estado de bem-estar social e ascensão do neoliberalismo, ainda na metade da década de 1970, foram fundamentais para a politização do movimento punk em Londres, como veremos adiante.

Como mencionado anteriormente, acredita-se que o movimento punk começou nos Estados Unidos e passou pelo processo de politização em Londres, existe muito debate entre os punks sobre a origem da cena¹¹, porém como afirma O’Hara (2005, p. 31) “Em geral pensa-se que foram os nova-iorquinos os inventores do estilo musical, enquanto os ingleses popularizaram a atitude política e o visual colorido”. Através da análise de outros trabalhos bibliográficos como “O que é Punk?”, de Antonio Bivar (2001) e *Mate-me por favor, a história sem censura do punk*, de Legs Mcneil e Gillian McCain (2017), podemos perceber que realmente o punk rock deu seus primeiros passos nos Estados Unidos. Ainda na metade da década de 1960 e teve sua explosão e politização no Reino Unido no ano de 1977¹².

Por volta de 1965, acompanhando o auge do *rock’n roll* da década de 1960, seus grandes artistas e festivais, surge em Nova York a banda *Velvet Underground*. Liderada pelo músico Lou Reed, posteriormente o grupo ganhou uma vocalista chamada Crista Paffgen, que utilizava o pseudônimo de Nico. Cabe salientar que mesmo com o estado de bem-estar social a realidade de pobreza e miséria ainda atingia uma parcela considerável da população norte americana¹³, como afirma Neiverth (2013, p.2) “a preocupação dos governos em manter a estrutura social baseada na ordem e no progresso, a pobreza, o desemprego, a fome cresciam nos subúrbios das grandes cidades”. A obra de Mcneil e McCain (2017), onde é compilada uma série de entrevistas com integrantes históricos do movimento punk norte-americano e inglês

¹¹ Ver: COSTA, Alisson Oliveira da. **A expressão punk em Caxias do Sul entre 1986 e 1997**. 2021. 111 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura Plena em História) – Universidade de Caxias do Sul. Caxias do Sul, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/xmlui/handle/11338/8834?locale-attribute=en>. Acesso em: 13 set. 2025.

¹² *Ibid.*

¹³ *Ibid.*

entre as décadas de 1960 e 1980, aponta em um depoimento do próprio Lou Reed que, após o final dos grandes festivais os jovens hippies de classe média telefonavam para casa para que os pais viessem buscá-los, assim eles tinham de volta um teto e comida, porém para os jovens do subúrbio a realidade de pobreza retornava ao final dos eventos. A banda *Velvet Underground* foi o primeiro conjunto a cantar a realidade de pobreza, drogas, violência e prostituição do subúrbio. Apesar de musicalmente o grupo ainda ser muito parecido com as bandas de rock psicodélico e progressivo muito comuns no período¹⁴.

No decorrer da já mencionada década o rock progressivo estava em alta no cenário musical e bandas como *Rolling Stones* e *Pink Floyd* pregavam o que mencionou Neiverth (2013, p.2) “ideologia de paz e amor”, além disso, as marchas de maio de 1968, os protestos contra a Guerra do Vietnã e as tensões causadas por um possível novo conflito mundial de escala atômica originado pelo contexto da Guerra Fria, causaram um clima de tensão e medo. E, nem todos os jovens ficavam alheios a essa conjuntura macrossocial¹⁵. Muitos adolescentes procuravam recuperar o velho rock cheio de energia do início da década, pois naquele momento as bandas executavam músicas longas, de difícil compreensão, cheias de solos e com variedade de instrumentos. Ademais, os grupos musicais tornaram-se imensamente famosos, milionários e seus shows lotados não proporcionavam mais o contato direto entre artista e público¹⁶.

Com a intenção de trazer de volta um rock contestador, que apresentasse a realidade social dos jovens periféricos e fosse de fácil execução e compreensão, jovens do subúrbio da cidade de Detroit formam duas bandas, na segunda metade da década de 1960, *MC5* e *Iggy Pop and The Stooges*¹⁷, o livro de Mcneil e Mccain (2017) apresenta que Iggy Pop, vocalista dos *Stooges*, ficou impressionado com o disco da *Velvet Underground*. Então, decidiu formar sua própria banda e compor suas próprias músicas. Os integrantes das duas bandas eram muito próximos, assim começaram juntos, indo além da ideia de sua banda inspiradora de compor músicas que falavam de sua realidade suburbana¹⁸. A temática das músicas era baseada em festas adolescentes, drogas e sentimentos como amor, solidão, angústia e contestação às ideias conservadoras. A cena de Detroit ficou conhecida como *proto-punk*¹⁹.

¹⁴ COSTA, Alisson Oliveira da. **A expressão punk em Caxias do Sul entre 1986 e 1997**. 2021. 111 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura Plena em História) – Universidade de Caxias do Sul. Caxias do Sul, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/xmlui/handle/11338/8834?locale-attribute=en>. Acesso em: 13 set. 2025.

¹⁵ *Ibid.*

¹⁶ *Ibid.*

¹⁷ *Ibid.*

¹⁸ *Ibid.*

¹⁹ *Ibid.*

Com a chegada da década de 1970, o punk rock vai tomando a forma que conhecemos hoje, quanto a música, comportamento e vestimenta. No alvorecer desta década surgem os primeiros espaços mais clássicos e conhecidos do cenário punk: o Teatro Ridículo e os bares *Max's Kansas City* e *CBGB*²⁰. O trabalho de Neiverth (2013) salienta que o surgimento do Teatro Ridículo, companhia teatral formada por *drag queens* e deficientes físicos, que utilizavam em suas apresentações roupas femininas e muita purpurina para simbolizar a ostentação norte-americana, foi a primeira tentativa de denunciar tudo que o poder escondia. Este grupo cênico tinha como objetivo confrontar os valores norte-americanos e chocar seu público nos espetáculos (MCneil; MCCain, 2017). Logo, compreendemos que este conjunto teatral executava uma arte de protesto e de certa forma acabou inspirando jovens insatisfeitos da época a usarem o mesmo figurino e contestarem o sistema da mesma maneira²¹.

Na contramão das ideias ligadas ao rock progressivo e inspirados pelo Teatro Ridículo, um grupo de jovens fundou a banda *New York Dolls*²². Com suas letras de protesto, sonoridade agressiva, e figurino feminino, essa banda foi responsável pela criação do *faça você mesmo*. A ideia central responsável por mover e inspirar o movimento punk²³, para Milani (2008), essa ideia incentivou as bandas a se formarem para cantar sobre sua própria realidade. Durante os anos 1970, surgem diversas bandas que ajudam a formatar o movimento contracultural.

De acordo com Mcneil e Mccain (2017), as primeiras apresentações do *New York Dolls*, ocorreram no *Max's Kansas City*. Uma espécie de bar e discoteca que funcionava no andar de baixo do Teatro Ridículo e era frequentado pelos membros e simpatizantes da companhia. Logo depois, foi instalado um palco para apresentações de bandas de rock²⁴. Os Dolls utilizaram durante a apresentação o mesmo visual dos artistas e compartilharam as mesmas ideias. O lugar estava lotado com público diverso e não só restrito aos artistas²⁵. Conforme Milani (2008, p. 3) “o estilo extravagante dos Dolls foi definido pela imprensa e público como *Glitter Rock*”. Por conta de seu desempenho no palco que muitas vezes era visto como homossexual, chocando a sociedade da época²⁶.

²⁰ Ver: MCNEIL, Legs; MCCAIN, Gillian. **Mate-me, por favor: a história sem censura do punk**. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2017.

²¹ Ver: COSTA, Alisson Oliveira da. **A expressão punk em Caxias do Sul entre 1986 e 1997**. 2021. 111 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura Plena em História) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/xmlui/handle/11338/8834?locale-attribute=en>. Acesso em: 13 set. 2025.

²² *Ibid.*

²³ *Ibid.*

²⁴ *Ibid.*

²⁵ *Ibid.*

²⁶ *Ibid.*

Após o sucesso dos Dolls, outros jovens se inspiraram e passaram a formar suas próprias bandas. Assim surge, também em Nova York, um dos grupos mais clássicos e famosos do gênero punk rock: Os Ramones²⁷. Conforme Milani (2008, p. 4) “os Ramones foram um marco para o punk rock e foram diversas vezes considerados um marco para a música mundial”, com suas jaquetas de couro, cortes de cabelo esquisitos e como mais uma vez explica Milani (2008), músicas agressivas, cruas e simples, conseguiram agradar rápido o público assim como tinham feito os *Dolls*, pois mostraram aos jovens do período que era possível tocar rock de um modo simples e tendo qualquer assunto como temática das canções²⁸.

Os membros do grupo eram fãs de bandas como *Beatles* e *The Who*. Em seus primeiros ensaios tentaram tocar músicas de seus ídolos²⁹, porém como escrevem MCneil e McCain (2017), os Ramones não tinham muito conhecimento musical para conseguir executar as composições das bandas que gostavam, assim começam a criar suas próprias canções de modo simples e executá-las à sua maneira. Milani (2008), diz que as letras da banda nova-iorquina tinham a intenção de ironizar situações que irritavam, oprimiam ou que mexiam com o que sentiam a respeito das situações diárias. Diante disso, podemos perceber a manutenção da ética punk do *faça você mesmo* e do ideal contestador, iniciado ainda dentro do Teatro Ridículo. Suas canções externavam sua revolta e a maneira com que viam o mundo³⁰.

Ainda na década de 1970, surge uma das formas mais conhecidas dos punks divulgarem suas ideias, bandas, shows e manifestações: o fanzine³¹. Como explica Bivar (2001, p.51) “fanzine é a junção das palavras fan (fã em português) com magazine (em português revista), fanzine = revista do fã, feita pelo fã e para o fã”. Esses periódicos eram produzidos de forma artesanal, fotocopiados e distribuídos durante festivais e manifestações de rua³². O conteúdo dos panfletos baseia-se em signos da cultura pop tendo seu significado subvertido, textos de protesto, de divulgação de bandas, festivais e campanhas de ativismo social. A partir daí criou-se uma espécie de arte e literatura punk muito característicos na criação dos mesmos³³.

No mesmo período, mais precisamente no ano de 1973, surge em Nova York um dos mais conhecidos espaços dessa contracultura, o bar chamado *CBGB OMFUG*. De acordo com

²⁷ *Ibid.*

²⁸ *Ibid.*

²⁹ Ver: COSTA, Alisson Oliveira da. **A expressão punk em Caxias do Sul entre 1986 e 1997**. 2021. 111 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura Plena em História) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/xmlui/handle/11338/8834?locale-attribute=en>. Acesso em: 13 set. 2025.

³⁰ *Ibid.*

³¹ *Ibid.*

³² *Ibid.*

³³ *Ibid.*

McNeil e McCain (2017), a sigla significa *Country, Bluegrass, Blues e Outras músicas para Gulosos Entusiasmados*. O local foi aberto por Hilly Kristal. Conforme o depoimento de Richard Lloyd, integrante da banda *Television*, para McNeil e McCain (2017), o proprietário do local tinha ideias bizarras, desde o início do bar, como colocar o palco na parte da frente da casa e transformá-la em um *drive in*. O que certamente faria com que os trabalhadores que vendiam ingressos na portaria não escutassem ninguém. O barulho causasse incômodo aos vizinhos e o público pudesse ouvir a música da rua. Porém, mesmo assim Kristal abriu as portas do lugar para bandas de punk rock como *Television, New York Dolls, Ramones, Patti Smith* e entre outras, o que fez a casa se tornar um conhecido ponto underground da região e superar as expectativas de lotação. Conforme a entrevista de Terry Ork, empresário da banda *Television*, para McNeil e McCain (2017), após um final de semana de shows de *Patti Smith* e *Television* o bar teve um estouro que durou seis semanas. O que fez o empresário perceber e avisar a Kristal que os números atingidos com o punk rock não seriam superados pelo bluegrass e country, propostas iniciais da casa.

Em meados da metade da década de 1970 o punk rock chega ao Reino Unido, onde iria estourar na cidade de Londres. McNeil e McCain (2017), destacam que em Nova York o punk era visto como um estilo boêmio, intelectual, adulto e com apelo mais artístico. Enquanto em 1976, quando chega a capital inglesa, encontra grande apelo entre os adolescentes que levam o estilo de uma maneira mais violenta e rebelde. Os jovens ingleses deram um novo significado ao punk tornando-o uma ferramenta de ativismo social³⁴.

Conforme Milani (2008) Malcolm McLaren, ex-empresário do *New York Dolls*, é quem leva o punk rock até a terras britânicas, proprietário da loja de roupas jovens *Sex*, ele reúne quatro jovens que frequentavam seu estabelecimento e forma a banda *Sex Pistols*, que tinha a intenção de fugir do normal nas músicas e atitudes. O autor destaca ainda que em um país extremamente conservador e com problemas sociais nas periferias. A banda logo alcançou o sucesso entre os jovens por sua postura no palco onde falavam palavrões, cuspiam e ironizavam os costumes ingleses. Com o grande apelo entre a juventude periférica, o punk chegou ao seu auge no ano de 1977, quando surgiram várias bandas na Inglaterra como *The Adicts* e *The Clash*.

Ao chegar ao Reino Unido o punk se politiza e torna-se mais violento³⁵. Cabe apontar que no início dos anos 1970, o mundo passa pela Crise do Petróleo, conforme o trabalho de

³⁴ Ver: COSTA, Alisson Oliveira da. **A expressão punk em Caxias do Sul entre 1986 e 1997**. 2021. 111 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura Plena em História) – Universidade de Caxias do Sul. Caxias do Sul, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/xmlui/handle/11338/8834?locale-attribute=en>. Acesso em: 13 set. 2025.

³⁵ *Ibid.*

Hobsbawm (2020) o preço do produto que era relativamente baixo, depois da Segunda Guerra, praticamente quadruplicou em 1973, e triplicou novamente após a Revolução Iraniana em 1979. Assim, o custo de produção tornou-se alto e os governos capitalistas passaram a ter dificuldades para manter o estado de bem-estar social, como avaliou Hobsbawm (2020, p. 397):

Como os países capitalistas ricos estavam muito mais ricos do que nunca e seu povo, em geral, estava agora protegido pelos generosos sistemas de previdência e seguridade social da Era de Ouro (ver p. 278), havia menos inquietação social do que se poderia esperar, embora as finanças do governo se vissem espremidas entre enormes pagamentos de benefícios sociais, que subiam mais depressa do que as rendas do Estado em economias cujo crescimento era mais lento do que antes de 1973. Apesar de esforços substanciais, dificilmente algum governo nacional nos países ricos - e sobretudo democráticos - e certamente não nos mais hostis à previdência social pública conseguiu reduzir a vasta proporção de suas despesas para esses fins, ou mesmo mantê-los sob controle.

Ainda de acordo com o mesmo autor (2020), com a ascensão do neoliberalismo, inicia-se uma onda de privatizações, enfraquecimento de sindicatos e automação da produção. O estado de bem-estar social começa a desabar e o novo modelo econômico resulta em mais demissões e menos geração de emprego. De fato, o auge do neoliberalismo e suas implicações sociais se deram nas décadas de 1980 e 1990. No Brasil os impactos sociais negativos foram muito mais sentidos pela população mais pobre. O trabalho de Silva (2018), nos diz que os militares argumentavam que o progresso e o crescimento econômico acelerados deveriam ser alcançados a qualquer preço, pois a Doutrina de Segurança Nacional defendia que somente desta maneira a paz social estaria assegurada, assim com grande fluxo de capital estrangeiro, o Brasil alcançou grande índice de desenvolvimento econômico entre o fim da década de 1960 e o início da década de 1970. Porém, como defendem Paiva e Nascimento (2016) com a crise do petróleo e a recessão a onda do milagre econômico brasileiro, tão festejado pela ditadura civil-militar na época acabou. Desse modo, o aumento do custo de vida, inflação e salários congelados começaram a minar os planos das famílias da periferia (Paiva; Nascimento, 2016). A partir dessa conjuntura econômica as ideias neoliberais começam a ganhar força ainda nos anos 1970, como escreveu Hobsbawm (2020, p. 399):

Os neoliberais afirmavam que a economia e a política da Era de Ouro impediam o controle da inflação e o corte de custos tanto no governo quanto nas empresas privadas, assim permitindo que os lucros, verdadeiro motor do crescimento econômico numa economia capitalista, aumentassem.

Com esse contexto social, econômico e político inicia-se na Inglaterra um clima de descontentamento popular e ascensão de ideias conservadoras³⁶, como apontou Bortholuzzi (2015) na década de 1970 o país entra em um contexto de crise econômica, desemprego, greves, intolerância racial e descrença no governo do Partido Trabalhista, o que ajudou no crescimento da ultra conservadora Margaret Thatcher.

Com isso passou a ser comum jovens filhos de operários formarem gangues para trocar socos nas ruas e ler livros da série *Laranja Mecânica* (Anthony Burgess) e *Skinhead* (Richard Allen)³⁷. Sendo que *Laranja Mecânica* tornou-se um filme com temática de violência extrema e de acordo com Bivar (2001), era o filme predileto dos punks ingleses na época. Já a contracultura *Skinhead* já havia tido seu auge na década de 1960, e também apresentou aspectos de violência³⁸. Para O'Hara (2005), por conta da ética do não autoritarismo os punks têm grande aversão a qualquer tipo de autoridade ou forma de controle social, logo o movimento passa a se identificar com a ideologia anarquista, por conta da defesa da autogestão, de uma sociedade sem hierarquias, sem controle social e organizada de forma horizontal (O'Hara, 2005), embora nem todos os punks se aprofundem no estudo da teoria anarquista³⁹. Conheceremos mais sobre a ideologia punk na próxima seção.

Há também o surgimento de alguns espaços punks na cidade de Londres, na segunda metade da década de 1970, onde podemos destacar três deles: *o Club 100*, *o Roxy* e *o Vortex*. O primeiro era originalmente uma casa voltada ao jazz e se localizava na *Oxford Street*, uma das ruas comerciais mais populares do centro de Londres (Bivar, 2001). Nos dias 20 e 21 de setembro de 1976, ocorreu na casa o primeiro festival punk da cidade. Na primeira noite tocam *The Subway Sect*, *Siouxsie & The Banshees*, *The Clash* e *Sex Pistols*, já na segunda noite se apresentam os franceses da *Stinky Toys*, *The Vibrators*, *The Buzzcocks* e *The Damned*. O festival recebe ampla cobertura do *fanzine Sniffing Glue*, que se ocupa de escrever críticas sobre as apresentações de cada banda (Bivar, 2001).

Na segunda noite, o vocalista da *Damned*, David Vanian, decidiu jogar cerveja no público enquanto o guitarrista da banda, Bryan James, trocava uma corda de sua guitarra. De repente, alguém do público joga um copo que atinge o olho de uma garota, mais tarde chegou a notícia que a menina havia perdido um olho. Os jornais londrinos noticiam matérias sobre o

³⁶ Ver: COSTA, Alisson Oliveira da. **A expressão punk em Caxias do Sul entre 1986 e 1997**. 2021. 111 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura Plena em História) – Universidade de Caxias do Sul. Caxias do Sul, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/xmlui/handle/11338/8834?locale-attribute=en>. Acesso em: 13 set. 2025.

³⁷ *Ibid.*

³⁸ *Ibid.*

³⁹ *Ibid.*

acidente e o *Club 100* suspende shows de punk rock (Bivar, 2001). O já mencionado fanzine publica uma crítica à imprensa dizendo que a mesma estava distorcendo a verdade ao generalizar sobre brigas, garrafadas e sangue para amedrontar o público e fazer com que as pessoas pensassem que os shows de punk rock eram verdadeiros massacres. Na verdade, esse tipo de incidente envolvendo uma atitude errada de uma pessoa exaltada poderia ocorrer em qualquer outro evento (Bivar, 2001).

O *Roxy* surgiu no ano de 1977, no centro de Londres, era frequentado, na maioria das vezes, por punks vindos do subúrbio e de outras partes em busca de ação (Bivar, 2001). Neste lugar, o público fazia parte do show por conta de seu visual e seu posicionamento político contra a direita, contra a esquerda e contra o centro (Bivar, 2001). Sendo a favor da exteriorização de um sentimento de revolta contra todos os erros humanos (Bivar, 2001). Toda a exploração, toda a opressão, equívocos, desonestidades e mentiras (Bivar, 2001).

Podemos perceber que por conta da aproximação com o anarquismo os punks se posicionavam contra toda a política institucional e oficial. Com apresentações curtas de cada grupo, o *Roxy* durou cem noites e entrou na história por ter recebido praticamente todas as bandas da cena londrina naquele momento (Bivar, 2001).

Por fim, o *Vortex* iniciou suas atividades em agosto de 1977. O local não era nada confortável, principalmente quando estava superlotado com quase oitocentas pessoas (Bivar, 2001), porém era ideal para o público jovem que não se importava com esses critérios. Como destaque para esse espaço podemos citar os shows da banda *Generation X*, grupo recém surgido no cenário musical inglês comandado por *Billy Idol* (Bivar, 2001).

2.3 O PUNK ROCK CHEGA AO BRASIL

O punk chega ao Brasil de duas maneiras⁴⁰, conforme o documentário *Botinada: A origem do punk no Brasil* (Moreira, 2006), o gênero musical chega ao nosso país em meados de 1976 via Brasília, pelas mãos de filhos de funcionários federais. Principalmente diplomatas e embaixadores, que tinham condições financeiras de viajar ao exterior e adquirir discos. A outra forma de chegada do punk em nossas terras se dá, de acordo com Milani (2008), na cidade de São Paulo, em 1977, através de caixas fechadas de discos importados. O estilo musical fez

⁴⁰ Ver: COSTA, Alisson Oliveira da. **A expressão punk em Caxias do Sul entre 1986 e 1997**. 2021. 111 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura Plena em História) – Universidade de Caxias do Sul. Caxias do Sul, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/xmlui/handle/11338/8834?locale-attribute=en>. Acesso em: 13 set. 2025.

muito sucesso entre os jovens da periferia paulistana, pois os mesmos conviviam com problemas urbanos e se identificavam com o estilo que retratava uma realidade social similar a sua. Assim, percebem nele uma nova possibilidade de se expressar criando suas próprias bandas e grupos⁴¹. Devemos apontar ainda que em plena época da ditadura civil-militar brasileira, os indivíduos punks eram duramente reprimidos pelas forças do estado em suas manifestações culturais ou se simplesmente estivessem andando em grupos. Além disso, sofriam grande preconceito por parte da mídia e da sociedade em geral⁴². Bandas como Restos de Nada, AI-5 e Condutores de Cadáver são as precursoras do movimento punk paulistano. Por conta da quantidade de bandas, festivais, manifestações, grande número de integrantes oriundos da periferia e atenção dada pela mídia em seu início, a cena da cidade de São Paulo é tida como o verdadeiro berço do movimento punk no Brasil, pois em Brasília o gênero musical chegou por conta dos filhos da classe média alta⁴³.

Por ser a maior metrópole do Brasil, a cidade de São Paulo concentrou um grande número de punks e conseqüentemente uma grande variedade de espaços que aglutinaram os integrantes da cena. É praticamente impossível estudar todos eles nesta pesquisa, por isso vamos concentrar nossa análise em cinco espaços mais clássicos da cidade: a Escola Estadual Tarcísio Álvares Lobo (EETAL), o Salão Beta da PUC, a Galeria 24 de Maio, o Carbono 14 e o Napalm. Esses locais foram escolhidos por serem muito citados na bibliografia que trata sobre a temática punk, porém todos os locais, desde o mais desconhecido e pequeno da periferia até as casas mais conhecidas têm sua importância na manutenção da existência do movimento punk, guardadas suas características.

A Escola Estadual Tarcísio Álvares Lobo está localizada na zona norte da cidade de São Paulo, mais precisamente na Vila Siqueira e é conhecida pela sigla EETAL. Na segunda metade da década de 1970, estudaram nesta instituição de ensino jovens roqueiros da região, provenientes de bairros como Vila Carolina, Vila Palmeiras, Freguesia do Ó e Bairro do Limão (Andrade, 2021). Vivendo em uma área periférica onde a realidade de pobreza, abandono, miséria, falta de opções de lazer e repressão eram comuns, esses jovens acabam se identificando com o punk rock, assim a escola se torna um centro aglutinador de punks da primeira geração paulistana (Andrade, 2021).

⁴¹ Ver: COSTA, Alisson Oliveira da. **A expressão punk em Caxias do Sul entre 1986 e 1997**. 2021. 111 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura Plena em História) – Universidade de Caxias do Sul. Caxias do Sul, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/xmlui/handle/11338/8834?locale-attribute=en>. Acesso em: 13 set. 2025.

⁴² *Ibid.*

⁴³ *Ibid.*

Como todo o jovem pobre e periférico os alunos da EETAL conciliavam o trabalho com os estudos, aqueles que tinham tempo para passar em casa conseguiam jantar, antes de ir à escola, já os demais iam direto do trabalho para a aula (Andrade, 2021). Além disso, de acordo com o documentário *Botinada* (2006), nas noites de sexta-feira os estudantes que se identificavam com o punk não entravam nas aulas, ao invés disso ficavam em frente à escola tocando violão e fazendo músicas. Outro aspecto importante é que de acordo com Andrade (2021), foi nesta escola em que ocorreram os primeiros shows de punk rock em São Paulo com bandas formadas por alunos da instituição como Condutores de Cadáver (ainda com a formação conhecida por N.A.I- Nós Acorrentados no Inferno), Restos de Nada e Cólera. O que fez da escola um importante centro de união dos indivíduos, que resultou no início das atividades do movimento punk não só na cidade como também no Brasil. Situação semelhante podemos encontrar em Caxias do Sul onde a banda Detrito Urbano realizou (no final da década de 1980), shows nas escolas Melvin Jones e Imigrante, onde os membros estudavam⁴⁴. Ao se espalhar pela capital o punk chega ao Salão Beta da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, a PUC, no início dos anos 1980 (Paiva; Nascimento, 2016). A Universidade era um grande centro libertário de São Paulo no período, pois a Igreja Católica brasileira era dominada pela corrente da Teologia da Libertação de orientação marxista e progressista. Assim, a instituição era um grande espaço de debates, principalmente por unir disciplinas de faculdades diferentes onde todos se conheciam, fazendo do espaço um local cosmopolita (Paiva; Nascimento, 2016). Além disso, de acordo com as palavras de Paiva e Nascimento (2016), a ditadura havia mudado suas táticas repressoras em 1982 e evitava entrar em campus universitários para não repetir erros de anos anteriores com invasões violentas dentro das universidades. Devemos recordar que nesse ano a ditadura civil-militar já passava pelo processo de abertura lenta, gradual e segura, além de já estar em vigor a lei da anistia o que já abria mais espaços para a oposição ao regime.

Várias chapas anarquistas venceram eleições livres e democráticas para diversos centros acadêmicos de universidades paulistanas como os dos cursos de Ciências Sociais (PUC), História (USP), Engenharia (USP) e da Escola de Comunicação e Artes (USP). Por serem anarquistas, bandas punks eram convidadas para tocar em eventos organizados pelos centros (Paiva; Nascimento, 2016). O Salão Beta da PUC, importante local de assembleias e

⁴⁴ Ver: COSTA, Alisson Oliveira da. **A expressão punk em Caxias do Sul entre 1986 e 1997**. 2021. 111 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura Plena em História) – Universidade de Caxias do Sul. Caxias do Sul, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/xmlui/handle/11338/8834?locale-attribute=en>. Acesso em: 13 set. 2025.

reuniões, recebeu shows de bandas como Passeatas, Inocentes e Ulster, pois os estudantes viam os punks com simpatia e apesar da tensão no ar por conta da desconfiança não haviam ocorrido episódios graves entre as partes (Bivar, 2001), até que os punks destroem os banheiros do local. Assim, a polícia acabou sendo chamada, o salão foi evacuado e os shows encerrados com a universidade não permitindo mais apresentações punks no espaço (Bivar, 2001).

Através desses relatos podemos perceber que mesmo com o período de abertura política, e o receio de entrar nas universidades de forma violenta, a polícia entrou no campus para acabar com o festival no momento da depredação dos banheiros. Isso se explica através da obra de Paiva e Nascimento (2016), que afirmam que de 1969 a 1979, a censura procurava perseguir e calar os opositores políticos do regime. A partir dos anos 1980 a censura deixou de ser política para ser moral com o objetivo de calar quem se opusesse ou ofendesse os valores cristãos. No documentário ‘Não é Permitido’: um recorte da censura ao punk rock no Brasil (Pinto, 2025), José Rodrigues Mao Junior, o Mao, vocalista da banda Garotos Podres relata que a censura tinha duas facetas, uma politicamente explícita e outra moral, sendo que a censura moral existia para justificar a existência da própria censura perante a setores mais conservadores da sociedade. Além disso, os mesmos autores ao citarem uma matéria de Bia Abramo afirmam que apesar da abertura política ainda eram tempos de confronto onde comportamentos mais transgressores, cabelos espetados e roupas escuras eram olhados com desconfiança (Paiva Nascimento, 2016). Logo podemos compreender que por conta de seus ideais contestadores o punk ainda era um alvo da repressão moral do fim do regime.

A Galeria 24 de Maio se localizava na área central de São Paulo entre a Praça Ramos de Azevedo e a Praça da República (Oliveira, 2007), este prédio abrigava lojas com produtos punks como discos, fitas K7, fanzines, acessórios e roupas. Sendo a *Punk Rock Discos*, de propriedade de Fábio, vocalista da banda Olho Seco, a loja mais conhecida. O local também ajudou a proporcionar aos punks um espaço onde podiam estabelecer contatos entre eles e com a sociedade em geral por ser um espaço público (Oliveira, 2007). No início do movimento eram comuns os confrontos entre gangues punks, com os seguranças da galeria e com a polícia, o que fazia com que os punks sempre andassem em grupo o que assustava os demais comerciantes estabelecidos no lugar (Oliveira, 2007). Por isso, estabelecer a loja não foi fácil para o proprietário, por conta dos frequentadores e ambos tiveram que resistir contra abaixo assinados pelo fim do espaço e lutar pelo direito de permanecer no lugar.

O Carbono 14 situava-se na área central de São Paulo, na rua Treze de Maio, 363, no boêmio bairro do Bixiga (Paiva; Nascimento, 2016), era uma espécie de centro cultural multimídia em um prédio de três andares onde aconteciam sessões de vídeos e clipes no térreo.

No espaço não ocorriam somente shows, haviam também bares, lojas e exposições (Paiva; Nascimento, 2016). O lugar era administrado pela família Castilho, pai, mãe e três filhos, exilados franceses que eram muito respeitados pelos frequentadores (Paiva; Nascimento, 2016). Sendo o primeiro espaço fora do circuito da periferia onde os punks podiam expressar suas ideias e angariar fãs e respeito da classe média e universitária (Paiva; Nascimento, 2016). Ali ocorreu um mini festival punk onde tocaram Cólera, Inocentes e Olho Seco, além disso, os videoclipes de bandas estrangeiras como *Siouxsie*, *Bauhaus*, *The Cure* e *Bob Marley* exibidos nas sessões de vídeo e as músicas de bandas como *Dead Kennedys*, que faziam a trilha sonora do lugar, proporcionaram a oportunidade de jovens que, em sua maioria não tinham condições de viajar para fora do país, conhecessem bandas da cena norte-americana e britânica (Paiva; Nascimento, 2016). O que fez do Carbono 14 um importante espaço de difusão e divulgação da arte underground.

Concluindo nossa análise sobre os espaços paulistanos chegamos ao Napalm, aberto em 1983 em um galpão garagem improvisado na Marquês de Itu, 392. Próximo ao Minhocão (Paiva; Nascimento, 2016), o proprietário era Ricardo Lobo, recém chegado de Londres e Nova York, onde teve contato com o movimento dos locais considerados berços do punk, o homem costumava filmar shows punks nessas cidades e quando se mudou para São Paulo foi morar no mesmo prédio de Antonio Bivar (Paiva; Nascimento, 2016) jornalista e dramaturgo que, como dito anteriormente, mantinha uma estreita relação com o movimento punk paulistano e escreveu a obra “O que é Punk”, publicada pela primeira vez em 1982.

O bar foi construído com a colaboração dos próprios músicos que assumiram funções de pintor, pedreiro, eletricista e encanador. Sendo pagos com cerveja e um almoço (Paiva; Nascimento, 2016). Uma verdadeira demonstração da lógica punk do *faça você mesmo*. Após a inauguração os punks assumiram funções no local, por exemplo, João Gordo da banda Ratos de Porão, era responsável pelo balcão, Callegari, da banda Inocentes, cuidava dos instrumentos emprestados pela sua banda, Clemente, também membro da Inocentes, era segurança, além de outros músicos que também ajudavam (Paiva; Nascimento, 2016). Em 28 de julho de 1983 o espaço recebeu o show da banda Mercenárias, composta quase toda por mulheres (Edgard Scandurra, era o baterista). Universitárias da USP que haviam simpatizado e se identificado com a contracultura punk e costumavam ir aos shows de outras bandas da cena (Paiva; Nascimento, 2016). Perceba leitor que a aproximação dos estudantes universitários com membros do movimento punk, resulta no surgimento de bandas compostas por pessoas de fora da periferia. Outro ponto importante a destacar é a formação de uma banda feminina. As mulheres sempre estiveram presentes no movimento punk e seu papel vai muito além de fãs e

tietes das bandas. Muitas integraram ou formaram bandas em vários lugares do mundo. Podemos destacar dentro do punk *Bikini Kill*, *Bulimia e Vice Squad*. Além de se envolverem na música, também ajudaram a produzir fanzines, festivais e na manutenção dos espaços. O papel das mulheres no movimento punk é um interessante tema de pesquisa para um futuro trabalho. Já o Napalm é um exemplo de como se dá a união dos punks para a formação e manutenção de um espaço próprio para shows e interação, processo muito semelhante ao da formação do Porão do Caos em Caxias do Sul.

2.4 A CHEGADA DO PUNK ROCK A CAXIAS DO SUL

Conforme Silva (2018), a formação urbana de Caxias do Sul começa em meados de 1875, com a ocupação da Colônia Fundos de Nova Palmira por colonos imigrantes vindos da Itália, posteriormente, em 1876, a sede da Colônia foi transferida da Primeira Léguas, Nova Milano (atual município de Farroupilha) para a Quinta Léguas, Santa Tereza, no local conhecido como Campo dos Bugres (o nome deve-se ao fato de que no local havia a presença de grupos indígenas antes da colonização europeia). O fenômeno migratório ocorreu por conta do processo de industrialização na Itália e Alemanha que resultou em um paradoxo social baseado na concentração de terras para uma minoria, e uma maioria de pequenos agricultores com minifúndios que não conseguiam manter a subsistência de suas famílias (Silva, 2018).

Outro fator que contribuiu para o processo de imigração europeia foi o projeto do governo imperial brasileiro, que tinha como objetivo substituir a mão de obra dos escravizados africanos por trabalhadores brancos europeus por conta de ideias eugênicas muito comuns entre as oligarquias latino-americanas no final do século XIX, pois acreditava-se que o desenvolvimento nacional só seria possível com o branqueamento da população. Assim, o governo brasileiro investiu grandes recursos na colonização de áreas do sul do país assegurando aos colonos o pagamento de transporte, facilidades de instalação e acesso a lotes de terras (Ribeiro, 2015). Ambas as situações criaram o contexto ideal para que os países europeus enviassem seu excedente de mão de obra pobre e marginalizado para o exterior.

Tendo a obrigação de pagar pelas terras recebidas, os colonos tinham a necessidade de criar excedentes de produção para comercializar no mercado interno. Dessa maneira, forma-se a propriedade rural tocada pelo trabalho familiar (Silva, 2018). No início as atividades agrícolas centraram-se nas culturas de sobrevivência como feijão, milho, mandioca, batata-doce, cevada, centeio e cana, porém, a partir do ano de 1900, o melhor conhecimento do solo, do clima, das variedades de cultivo e os incentivos do governo a produção de trigo e frutas de clima

temperado como uva, maçã e pera fazem com que a produção agrícola da região aumente consideravelmente (Silva, 2018). O agricultor era a principal figura do meio social rural.

De acordo com o trabalho de Silva (2018), o incremento da produção agrícola torna possível a formação das primeiras casas de comércio da cidade neste período, assim o comerciante passa a compor a classe dirigente local, influenciando nos rumos políticos e econômicos municipais em defesa de seus interesses. No meio urbano ainda surgiram os artesãos, envolvidos nas atividades que davam suporte ao desenvolvimento do trabalho agrícola, como o conserto de máquinas e carroças e o operariado composto por agricultores expulsos de suas terras que vendiam sua mão de obra aos mais diversos ofícios. Ainda conforme a obra de Silva (2018), o capital comercial, a elevação da Vila de Santa Tereza de Caxias à categoria de cidade em 1910, a construção da linha férrea ligando a cidade à capital, no mesmo ano e a chegada da energia elétrica em 1913, impulsionaram a industrialização do município nos setores alimentício, têxtil e metalúrgico.

Na primeira metade do século XX, a Primeira Guerra Mundial, a Crise de 1929 e a Segunda Guerra Mundial foram eventos cruciais para o desenvolvimento e fortalecimento da indústria brasileira de substituição de importações (Silva, 2018). Nesse mesmo período, o crescimento das famílias, o fracionamento das terras e a baixa valorização dos produtos agrícolas resultaram na expulsão da terra e proletarização de agricultores e artesãos em Caxias do Sul (Silva, 2018).

Essa massa de mão de obra acaba sendo absorvida, em sua grande maioria, pela indústria metalúrgica que se tornou símbolo de modernidade e evolução, além de sonho de ascensão social para os trabalhadores (Silva, 2018). Segundo Machado (1994 apud Silva, 2018), durante a Segunda Guerra Mundial as metalúrgicas Eberle e Gazola, além do Lanifício São Pedro são considerados de interesse militar pelo governo federal por conta da fabricação de munições, armamento e cobertores, assim a produção aumenta drasticamente e conseqüentemente os serões obrigatórios feitos pelos trabalhadores que seguiam a mesma lógica dos militares de compromisso com a pátria, não podendo abandonar seus postos de trabalho ou seriam considerados desertores.

O esforço de guerra durante a primeira metade da década de 1940, e a conseqüente ampliação da produção industrial caxiense culminam no aumento dos lucros dos empresários locais e seus sócios. Além disso, a renda dos trabalhadores também apresentou crescimento no período devido ao aumento de horas extras (Silva, 2018), com isso a elite receosa com a incerteza gerada por conta da guerra enxerga na compra de terras nas imediações da cidade um investimento seguro, ao mesmo tempo a massa de trabalhadores gera uma grande demanda

habitacional que acaba sendo suprida por loteamentos clandestinos nos limites do perímetro urbano (Silva, 2018). É importante apontar que nas palavras de Silva (2018), a zona urbana obedecia desde o início da colonização um traçado de divisão de lotes em formato de tabuleiro de xadrez. Esse modelo encareceu o preço dos terrenos urbanos, pois o relevo da cidade é irregular, demandando várias obras de terraplanagem, aterramento e obras de contenção para viabilizar as construções.

Os compradores das terras na periferia da cidade passam a loteá-las sem obedecer ao traçado original do plano diretor, assim inicia-se o primeiro grande surto de crescimento urbano desordenado no município (Silva, 2018). Com a falta de regulação específica os loteamentos clandestinos ofereciam terrenos mais baratos e ao alcance do poder de compra dos operários que construíam suas casas com materiais mais baratos. Em contrapartida essas áreas careciam de infraestrutura básica como água, energia elétrica, serviços de transporte e pavimentação de ruas (Silva, 2018). Podemos dizer que a partir da década de 1940 começa a formação da periferia de Caxias do Sul propriamente dita, área habitada por trabalhadores pobres, com falta de infraestrutura básica, distante do centro e pouco atendida pelo poder público.

No início da década de 1950, o poder público promulga algumas leis para regular o crescimento urbano, porém os loteadores prontamente passaram a influenciar o legislativo local (Silva, 2018). A lei número 470, de 21 de outubro de 1952, foi uma das diretrizes criadas nesse contexto, com o objetivo de regular os novos loteamentos e estabelecer adequações a serem feitas nos já existentes. A nova regra, na verdade, acabou regularizando as áreas clandestinas e desobrigou os loteadores de proverem os terrenos com infraestrutura básica de água, esgoto, energia elétrica e telefonia que seriam estabelecidos pela prefeitura ou por empresas responsáveis à medida que fosse possível fazê-los. Sendo necessário somente obedecer à largura das futuras ruas e a doação de áreas verdes por parte dos vendedores (Silva, 2018).

Dessa forma a normativa representou uma vitória do mercado imobiliário e os loteamentos criados entre 1950 e 1971, seguiram este regramento (Silva, 2018). Podemos perceber que a periferia caxiense seguiu crescendo de forma desordenada e com falta de estrutura adequada para garantir a qualidade de vida de uma massa de trabalhadores, que crescia cada vez mais. Resultando em uma cidade que ao mesmo tempo em que prometia progresso e desenvolvimento acentuava seus níveis de desigualdade social. Conforme Silva (2018) os bairros Planalto, Panazzolo e Cruzeiro, que como veremos adiante foram importantes para o movimento punk, começaram a surgir neste período.

Com o golpe civil-militar em 1964, houve uma forte intervenção nos principais sindicatos e associações de bairros da cidade com o objetivo de afastar integrantes identificados como defensores de ideias comunistas (Silva, 2018). O sindicato dos metalúrgicos, conhecido por sua combatividade, foi fechado pelo general Itacir Rosa Cruz sendo reaberto somente algum tempo depois com um interventor indicado pelo exército, Ulisses Guerra, trabalhador da Eberle. Também ocorreu perseguição a servidores municipais (Silva, 2018). As práticas de censura e repressão serão fortemente combatidas pelos punks caxienses já no início do movimento na metade da década de 1980⁴⁵.

Quanto ao setor econômico, a cidade experimentou grande crescimento industrial durante o já citado período do milagre econômico, com Randon e Marcopolo aumentando suas instalações, contratando mais mão de obra e criando filiais no exterior (Silva, 2018). Com o início da crise o governo federal passa a incentivar o aumento das exportações para melhorar a balança comercial brasileira, assim as indústrias caxienses não sentem os efeitos da crise com tanta intensidade, sendo que as exportações caxienses aumentam mais de 100% após 1974 (Silva, 2018), porém os trabalhadores continuaram convivendo com o arrocho salarial, repressão sindical, falta de estrutura e atenção adequadas por parte do poder público nas áreas ocupadas em uma cidade que crescia cada vez mais (Silva, 2018).

Por fim, entre 1971 e 1991, a população do município salta de 144.871 habitantes para 290.969 habitantes. A maioria desses migrantes vinham de cidades vizinhas da região viticultora, dos Campos de Cima da Serra (Vacaria, São Francisco de Paula e Bom Jesus), Santa Catarina e fronteira (Silva, 2018). Todo esse contingente populacional chegou atraído pelos postos de trabalho nas indústrias e pela esperança de uma vida melhor, porém por conta da falta de planejamento urbano os loteamentos irregulares continuaram crescendo (Silva, 2018) e, por consequência, também a desigualdade social.

Nesta conjuntura o punk rock chegou ao município. Cabe apontar ainda que de acordo com dados do IBGE (2022), atualmente Caxias do Sul conta com 463.501 habitantes. A segunda maior cidade do estado do Rio Grande do Sul, sendo também um dos maiores e mais importantes polos metalmeccânicos do país. Entender sua história urbana é fundamental, para que o leitor perceba como o município cresceu de forma desigual, e que seus problemas urbanos

⁴⁵ Ver: COSTA, Alisson Oliveira da. **A expressão punk em Caxias do Sul entre 1986 e 1997**. 2021. 111 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura Plena em História) – Universidade de Caxias do Sul. Caxias do Sul, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/xmlui/handle/11338/8834?locale-attribute=en>. Acesso em: 13 set. 2025.

são frutos desse processo mal planejado. Logo, as mobilizações de diversos grupos sociais em busca de melhorias e inclusão não são mero fruto de uma rebeldia imatura.

Devemos destacar também que existe, no município, uma forte cultura voltada ao trabalho. Esse fator é explicado pelo processo de proletarização de agricultores e artesãos citado anteriormente, que inviabilizou a permanência de todos os membros da família no meio rural, resultando na migração em direção à zona urbana em busca de trabalho assalariado (Mocellin; Herédia, 2018). “Quando os indivíduos oriundos do meio rural chegam à cidade passam por uma ressocialização no meio urbano, ou seja, do trabalho na terra ao trabalho na indústria” (Mocellin; Herédia, 2018, p. 150). Esse processo foi facilitado por algumas condições como a identificação desses trabalhadores com a elite emergente industrial, que também era de ascendência italiana e originária do meio rural. Assim, ambos os grupos enxergavam o trabalho como ferramenta de ascensão e diferenciação social no meio urbano (Mocellin; Herédia, 2018).

Como supramencionado, a população caxiense aumentou significativamente entre os anos 1970 e início dos anos 1990, por conta das migrações internas. Um grupo populacional que merece destaque, quando analisamos a cultura do trabalho é formado pelos indivíduos provenientes dos Campos de Cima da Serra. Essa população tinha, em sua maioria, origem luso-brasileira e, quando chegaram a Caxias do Sul acabaram assimilando o modo de vida local para se integrarem e ascenderem socialmente na sociedade receptora (Mocellin; Herédia, 2018).

Por conta desse contato interétnico o trabalho tornou-se símbolo de distinção social entre o grupo já estabelecido, formado por descendentes de italianos que compunham a maior parte da classe média e elite local. E, os recém-chegados que faziam parte da mão de obra da indústria local que se modernizava durante o período (Mocellin; Herédia, 2018). O resultado desse processo foi a formação da representação de que os descendentes de italianos se diferenciam como mais trabalhadores, aptos e qualificados que os sujeitos de outras etnias (Mocellin; Herédia, 2018). Assim, esse discurso acabou estimulando o fortalecimento de uma mentalidade preconceituosa em meio a sociedade local, além disso, a priorização do trabalho acabou colocando as artes e o lazer em segundo plano.

Após dar seus primeiros passos em solo gaúcho no início da década de 1980, quando surge, em Porto Alegre, a banda Os Replicantes⁴⁶. O punk rock chegou a Caxias do Sul de duas maneiras: a primeira se deu entre 1985 e 1986, quando alguns adolescentes da cidade passam a

⁴⁶ Ver: COSTA, Alisson Oliveira da. **A expressão punk em Caxias do Sul entre 1986 e 1997**. 2021. 111 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura Plena em História) – Universidade de Caxias do Sul. Caxias do Sul, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/xmlui/handle/11338/8834?locale-attribute=en>. Acesso em: 13 set. 2025.

se identificar com a contracultura, após ouvirem músicas de bandas como Os Replicantes e Camisa de Vênus na programação da rádio Ipanema FM⁴⁷. Além disso, nas bancas de jornal caxienses, já circulava a revista *Bizz* que trazia algumas matérias sobre punk rock e nas lojas do município surgem, ainda timidamente, LPs e fitas K7 de bandas nacionais como Cólera, Ratos de Porão e Garotos Podres e estrangeiras como *Dead Kennedys*, *Ramones* e *The Clash*⁴⁸. O punk também chegou à cidade de outra forma, através do contato de jovens caxienses, que residiam no litoral de Santa Catarina com jovens de Porto Alegre, na segunda metade da década de 1980, assim ao retornarem a serra gaúcha os caxienses trazem para sua cidade o conhecimento sobre a contracultura e exemplares de fanzines⁴⁹.

No decorrer dessa década o jornal *Pioneiro* via o punk como algo exótico, louco, cômico e extravagante. Publicado junto à uma edição do periódico podemos perceber na Figura 1 o anúncio do evento intitulado Pelourinho Punk, a nota compõe a seção *Encontro* (Figura 2), contida no caderno *Sete Dias*, assinada pelo colunista social Paulo Gargioni (*Pioneiro*, 1983, 15 de maio, página 06), promovido pelo Departamento Jovem do Clube Juvenil às 23h00min, daquele mesmo dia, no anúncio está descrito que a maior atração estará por conta dos próprios participantes que deverão usar trajes bem característicos, o mais louco possível. O texto ainda diz que as melhores caracterizações receberão um brinde especial. Ao observar esta seção do jornal podemos perceber que, devido ao conteúdo das matérias, sua função é divulgar eventos da alta sociedade caxiense, visto que ali estão anunciados não só acontecimentos do Clube Juvenil, como também do Rotary Club, Recreio Guarany, Recreio da Juventude. Desfile de moda no Café Soçaite e na nota nomeada *Curtas e Rápidas*, podemos ver a publicação do decreto assinado pelo então presidente João Baptista de Oliveira Figueiredo nomeando o ex-comandante do 3º Grupo de Artilharia Antiaérea de Caxias do Sul, General de Brigada Décio Barbosa Machado, para o cargo de Chefe do Estado-Maior do 3º Exército, sediado em Porto Alegre. Ainda vemos anúncios de um casamento cuja festa seria sediada em um hotel da cidade, do desfile da 7ª gincana de integração dos calouros da Universidade de Caxias do Sul, o questionamento sobre quem será a rainha da Festa da Uva de 1984, um professor de yoga que chegava ao município para dar um curso, o lançamento do livro do cabeleireiro gaúcho Jovino Borges, que como diz no texto, era responsável por fazer o cabelo de Marta Rocha, primeira Miss Brasil em 1954, e a chegada às bancas caxienses da revista *Desfile*, com matéria sobre a moda do período feita com a colaboração da Secretaria Municipal de Turismo.

⁴⁷ *Ibid.*

⁴⁸ *Ibid.*

⁴⁹ *Ibid.*

Figura 1 – Nota do evento Pelourinho Punk. Jornal Pioneiro, Caxias do Sul, 14 de maio de 1983



Fonte: Gargioni (1983).

Figura 2 – Seção Encontro de Paulo Gargioni. Jornal Pioneiro, Caxias do Sul, 14 de maio de 1983

encontro

Paulo Gargioni



Noite Crioula

Na secretaria do Clube Juvenil está à disposição dos interessados as mesas e ingressos para o jantar da Terceira Noite Crioula, dia 17 de junho, às 21 horas, para a guerra musical de conjunto Os Serenatos e show de cantor soloista Carol, Maciá e Chiqui-Já. Serão em dois mais belos momentos com a participação de Mar Grande do Sul. O casal Eduardo e Claudete Botz faz parte da comissão organizadora do evento gaúcho.



Noite romântica

Diretoria da Recreio Guarany, sob a liderança do presidente e senhora Valdir Padilha, promove jantar dançante para casais denominado "Uma Noite Romântica", dia 21, às 8 da noite, com bom cardápio e traje esporte. Ingressos na secretaria. Jovens Juarez Demari e Cristina Dall'Agno marcarão presença.

Curtas e rápidas

Presidente João Figueiredo assinou decreto na Praça do Exército nomeando o general-de-brigada Décio Barbosa Machado (ex-Comandante do 3º Grupol para o cargo de Chefe do Estado-Maior do 3º Exército, com sede em Porto Alegre... Ex-prefeito e senhora Mário Ramos junto com o casal Lúcio Calzansavam seus filhos Marcia e Cássia Augusto para se casarem hoje, na Igreja Assunção, e recebem convidados no Hotel Plaza San Rafael... Senora Glicéria de Integração dos Calzansavam UCS presenciará hoje com

Boate para Casais

Com a finalidade de reunir o quadro social casado do Recreio da Juventude, hoje, da 21h30min, acontece outra apreciada Boate para Casais com músicas suaves de Luciano Cesa e conjunto. Não será cobrado ingresso e a promoção é somente para sócios, segundo o vice-presidente social e ara. Ernani Lopes Pedone.

Os namorados

O Recreio da Juventude, cumprindo seu calendário de atividades, realizará em 1º semestre, a partir do próximo dia 11 de junho, às 21 horas, jantar dançante para casais ao som do Musical Santa Maria de São Paulo. Durante o evento social serão sorteados cinco prêmios aéreos. São casais colaboradores João Alberto e Magda Corazzi Torresi, Murilo e Elizabeth Franz, Carlos Humberto e Kátia Mettenier, Oscar e Márcia Winkler, Tito Armando e Nádia Rossi. A data coincide com a noite dos namorados.

Pelourinho Punk

Departamento Jovens do Clube Juvenil realiza outro grande social hoje, às 23 horas, intitulada "Pelourinho Punk", onde a maior atração estará por conta dos grupos participativos que deverão usar máscaras bem elaboradas, e mais rápido possível. O som será apenas rock coverado por Rock Negro nos instrumentos de amadoristas que terá abertura especial. Lembrando que são três reflexos característicos revelando um bom gosto especial.

Boate para Casais

desfile das equipes na Praça Rui Barbosa, às 16 horas. Quem será a Rainha da Festa da Uva-54?... Professor De Rivas, presidente da União Nacional de Yoga, chega para curso no Núcleo Cultural Vistru, na Av. Júlio, 1983. Irá andar segunda-feira pela tarde. Cabosimex gaúcho, o Jovino Borges, que tantas vezes fez a cabeça de Marta Rocha, está lançando na cidade seu livro de memórias com foto material ilustrativo e fotográfico... Na revista Desfile, ora nas bancas caxienses, interessante matéria sobre moda atual, feita aqui com a colaboração do Serviço Municipal de Turismo.

Moda masculina





Móveis Scalabrin

A MODA É VIVER A BELEZA SCALABRIN
Na linha Clássica ou Moderna, a moda de agora é viver a beleza Scalabrin.
Móveis Scalabrin está oferecendo o Clássico e o Moderno, tudo em 10 pagamentos.
A escolha é sua, nas facilidades Scalabrin.

Matriz:
Rua Manoel Cesar, 1775 - C.P., 352 - Fone: 321-1033
95199 - Caxias do Sul - RS

Dr. Paulo Roberto Card

- Clínica e Serviço Ginecológico
- Tratamento de menopausa sintoma feminina
- Diagnóstico e tratamento de esterilidade conjugal
- Clínica e cirurgia das doenças de mama
- Assistência pré-natal e parto com atendimento personalizado de gestante e presença do casal para a paternidade

Rua Quilômetro 001 - nº. 404
Consultas aos domingos pelas 14h às 17h

CRANCP 0078 - CN 01.04.701.01

Disney World | EPCOT CENTER

• Saídas - 16 e 19/7/83
• Duração - 17 dias
• Atrações incluídas - Miami, Orlando, Palm Juncle, Cypress Gardens, Seaworld, Wet 'n' Wild, Cape Kennedy e as maravilhosas Disneyworld e Epcot Center.
• Opcional - Washington e New York

ALGUMAS DAS VANTAGENS EXCLUSIVAS

- Única com tarifa e regresso desde Porto Alegre.
- Única com financiamento em 4 vezes "sem juros" ou em até 18 meses.
- Única com viagens ida e volta em "Jumbo" (Boeing 747) de Apolonia Argentina.
- Única que a All-Brazil será feita em Porto Alegre.
- Um Médico acompanhará toda a excursão.

Informações e Reservas:
UNESUL TURISMO
Via José Roberto, 828 - Joo 21.7011
Embriate 090.71.00.41.0

TRANSPORTADORA:
AEROLINEAS ARGENTINAS

EM CAXIAS DO SUL
ORBITUR
Rua Simeba, 1888
Fone: 221-4144

Rotary



Rotary Club Cinghêsense, em presidido por Luis Bertti e reditor, vai comemorar o 25º aniversário de fundação em 25 anos de fundação com jantar festivo dia 25, às 20 horas, no salão nobre do Recreio da Juventude, oportunidade em que todos os representantes do ateneu clube de serviço caxiense serão homenageados.

14/5/83

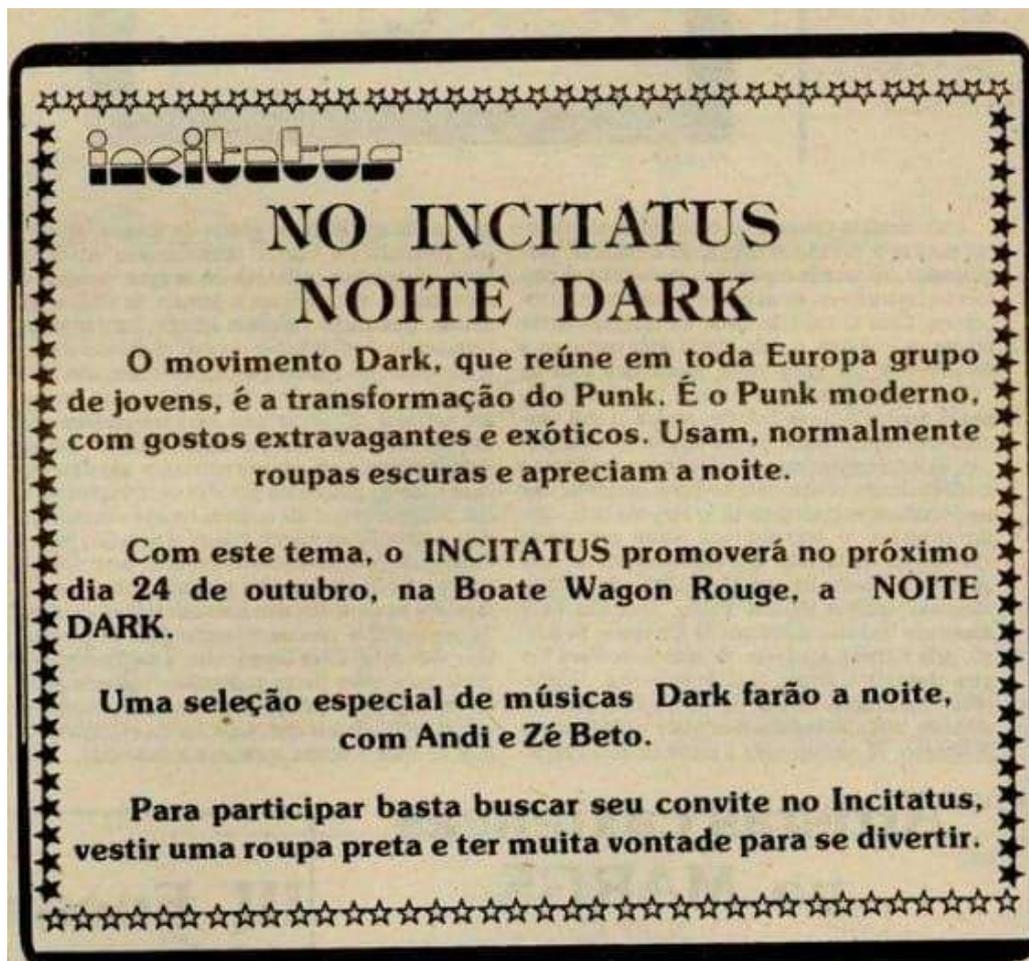
- 6 -

PIONEIRO

Fonte: Gargioni (1983).

Outra publicação do Pioneiro que merece destaque é o anúncio da festa *Noite Dark* (Pioneiro, 1986, 22 de outubro, página 18), ocorrida no clube Incitatus em 24 de outubro de 1986 (Figura 3), o comunicado diz que o movimento Dark reúne jovens em toda a Europa. Sendo a transformação do punk em algo moderno com gostos extravagantes e exóticos. A nota ainda acrescenta que os membros do referido movimento normalmente usam roupas pretas, aparecem à noite e que para participar bastava comparecer vestido de preto e com muita vontade de se divertir. Este anúncio está contido no caderno *Movimento*, na seção intitulada *Sociedade nos Clubes* (Figura 4), ali também estão presentes notas divulgando uma festa de abertura das piscinas do clube Recreio da Juventude, um baile de casados no Recreio Cruzeiro e outros bailes no Reno Piscina Clube e no Recreio Rodoviário. Podemos entender que o jornal ainda mantinha sua tradição de traduzir o pensamento da elite caxiense, sendo assim, exótico, louco, cômico e extravagante era a maneira que esse grupo percebia a contracultura punk.

Figura 3 – Anúncio do evento Noite Dark, na seção Sociedade nos Clubes. Jornal Pioneiro, Caxias do Sul, 22 de outubro de 1986



Fonte: Jornal Pioneiro (1986).

Figura 4 – Seção Sociedade nos Clubes. Jornal Pioneiro, Caxias do Sul, 22 de outubro de 1986

horóscopo



ÁRIES - Escudado em um posicionamento que lhe é francamente favorável, você poderá alçar ao ritmo de forma muito benéfica e, com isso, obter as realidades que procura. São irregulares as indicações para sua tendência afetiva. Inútil falar no amor.



TÁURUS - Agindo de forma mais firme na defesa de seus interesses, você estará atuando na reserva desta quarta-feira, porém impetuoso quanto à rotina. Dedicado de uma pessoa poderá ser surpreendido, em família, de forma excessivamente rigorosa.



GÊMEOS - São boas, durante toda a semana, as indicações que regem o seu campo afetivo. A sua maioria são aspectos que indicam, e no relacionamento com parentes e amigos, indicações de mudanças afetivas em sua tendência íntima.



CÂNCER - Quando que mostrar uma carreira dignificada para seus assuntos de trabalho e interesses pessoais. Descubra de suas fontes de situações indicações de revêlas feitas diante de pessoas significativas em família. Sua sensibilidade estará facilmente destacada hoje.



LÉO - Sua informação pessoal diante de pessoas próximas, muitas vezes ligadas à sua rotina, será o ponto alto de um dia em que, astrologicamente, você recebe fortes influências e terá contagens afetivas muito positivas a comemorar e registrar. Alguns no final do período.



LIBRA - Este é um momento em que o otimismo, terá a compensação, indicações fortes de grande compensação material. Possibilidade de ganhar muito em relacionamentos de quantos superados. Uma pessoa do sexo oposto será hoje capaz de proporcionar sobre sua rotina.



SCORPIO - A quarta-feira, em relação ao feminino, será fortemente ocupada por alguma acontecimento, mesmo que o sentimento bastante puro que você terá sobre seus filhos ainda prevalecer em seu campo pessoal. Seja mais duro ao julgamento dos assuntos gerais.



SAGITÁRIO - Na segunda de mais importante atividade de regência em sua vida astrológica, você já recebe um leque de fortes influências que tendem a dar-lhe compensações muito grandes por problemas passados. Afirmação para seu presente e personalidade.



CAPRICÓRNO - Apesar de não contar com influências muito poderosas em relação à sua rotina, você deve posicioná-se hoje de forma mais tolerante e amigável diante de pessoas das quais depende. Quando de sua influência quanto aos seus interesses de família.



AQUÁRIO - O seu dia e todos os pequenos detalhes do cotidiano serão hoje pontos de destaque para que você deles possa sofrer vantagens, se procurar oportunidades de forma equilibrada e segura. Possíveis mudanças no plano íntimo. Novidades.



PEIXES - A quarta-feira será o apartamento receber alguns pedidos consistentes a respeito de alguns fatos que lhe interessam diretamente em relação às pessoas mais próximas. São muitas tentativas de influências que não repete sua relacionamento em família.



ÁRIES - Seu posicionamento diante de seus acontecimentos lhe dará uma excelente compensação ao correr do dia. Vencedor íntimo que poderá ser usado, em família, para obter algumas decisões que interessam mais diretamente ao que lhe são mais próximos.

sociedade

Nos Clubes

IV edição do Festa & Festa

A diretoria do Recreio da Juventude começa os preparativos para a quarta edição do Festa & Festa, que acontece no dia oito de novembro, a partir das 10 horas. A festa se estenderá até o final do dia nove, marcando a abertura das piscinas de clube sexta temporada.



Casais presidentes do Recreio da Juventude, Maria Lúcia e José Carlos Bertoni, preparando a promoção Festa & Festa.

Baile dos casados no Recreio Cruzeiro

O Musical Miami, do Campo Bom, foi especialmente contratado pela diretoria do Recreio Cruzeiro para animar o baile dos casados, que acontece no próximo dia 23, com início previsto para às 21 horas. As mesas já estão à venda na secretaria do clube. No domingo, mais uma edição da boate Rodó-Viva, com o conjunto Abertara, a partir das 21 horas.



Senhoras Melina Zora Luciano e Jaqueline Paduan, embora participem do baile no Recreio Cruzeiro.

Splish Splash no Reno

Splish Splash, com Ragnaldo Duzel, é a promoção do Ilva Pôrta Clube de recreio, onde, em 1986, marcado para o dia 23, no dia oito de novembro, haverá baile e show com Lamartini e conjunto Os Anárquicos, de Porto Alegre, a partir das 21 horas.

Santa Paula no Rodoviário

O Recreio Rodoviário traz a Caxias o conjunto Santa Paula, de Porto Alegre, para mais uma reunião dançante. A promoção começa às 21 horas de próximo domingo, dia 23.

OKTOBERFEST COMENDADORES

Vera Lúcia e Nelson José Cabralton
Vera Tereza e Sérgio Paulo Garcia
Verônica e Edson Pizzi Junior
Ilsonete e Valmore Leme
Margi e Sérgio da José Mattoso
Dina Beatriz e Ubiratan Macagnoto
Margareta e João Guilherme Menezes
Francis e Amândio Carlos Passos
Ali e João Siqueira
Marta e José Lopes Vain
Marta Lúcia e Elvânia Varuchin
Elisonei Vargas e Marete Brandão
Sandra Rodrigues e João Bonassini
Dia 23 de outubro às 21 horas Associação "ORQUESTRA GUARANÁ"
Traje: ESPORTE Cordão: Típicos Alemães
ADQUIRA SEU CONVITE COM OS COMENDADORES OU NA SECRETARIA DO CLUBE.

INCITATUS

NO INCITATUS NOITE DARK

O movimento Dark, que reúne em toda Europa grupo de jovens, é a transformação do Punk. É o Punk moderno, com gostos extravagantes e exóticos. Usam, normalmente roupas escuras e apreciam a noite.

Com este tema, o INCITATUS promoverá no próximo dia 24 de outubro, na Boate Wagon Rouge, a NOITE DARK.

Uma seleção especial de músicas Dark farão a noite, com Andi e Zé Beto.

Para participar basta buscar seu convite no Incitatus, vestir uma roupa preta e ter muita vontade para se divertir.

BALANTINA

modas Costas & Caros



Felicitas presentes quer ser a maior responsável pelas sorrisos das crianças nesta semana de alegria.

Fonte: Jornal Pioneiro (1986).

Cabe apontar que durante o recorte histórico investigado em minha pesquisa da graduação e com as fontes levantadas podemos perceber duas gerações punks na cidade de

Caxias do Sul entre 1986 e 1997⁵⁰, a primeira que atuou de 1986 a 1994, tinha como característica uma cena desagregada, onde cada grupo atuava isolado em seu bairro e poucas bandas existentes. A produção de somente um fanzine intitulado Ovo Podre e a formação de um único coletivo, responsável pela reprodução e distribuição do fanzine batizado com o nome do mesmo⁵¹. Entretanto, essa geração foi composta por integrantes que costumavam estudar a teoria anarquista e até mesmo a marxista para defender suas pautas⁵². Uma das primeiras bandas caxienses de punk rock foi a Detrito Urbano. Formada em dezembro de 1986 na Vila Ipiranga, bairro Cristo Redentor, mantendo suas atividades até 1990⁵³. Os integrantes dessa banda costumavam se reunir no *Bar do Patinhas* e fizeram seus primeiros shows, na Escola Estadual de Ensino Médio Melvin Jones e no Colégio Estadual Imigrante, instituições onde os integrantes estudavam⁵⁴.

Outras bandas atuantes durante esse período foram Pele e Osso, Parto de Macaco e Desordem e Regresso. Houve também um show punk realizado no Bloco F da Universidade de Caxias do Sul, no final da década de 1980, porém não foi possível precisar a data exata⁵⁵. Já o fanzine Ovo Podre teve suas edições entre 1988 e 1989, e depois foi descontinuado, outros indivíduos então resolvem procurar o autor e pedir autorização para republicar os primeiros números entre 1990 e 1991. Em 1992, passam a ser editadas cópias inéditas do periódico e a partir do grupo responsável pela criação dos números forma-se o Movimento Punk Ovo Podre de ideologia anarquista. O conteúdo do fanzine ia desde críticas ao governo municipal, a falta de opções culturais na cidade, autoritarismo e ao comportamento da juventude caxiense⁵⁶.

A segunda geração atuou entre 1995 e 1998, sendo que o auge da mesma se deu entre 1996 e 1998, quando surgiram um grande número de bandas e uma enorme variedade de fanzines em Caxias do Sul⁵⁷. Devemos salientar que neste período a emissora de televisão MTV Brasil conquistou ampla audiência entre o público jovem produzindo grande variedade de programas, onde eram exibidos videoclipes de grupos musicais como o Disk MTV e o TOP 20 Brasil. Como também, shows, acústicos e outros conteúdos relacionados a bandas do cenário nacional (Michel, 2017). Provavelmente o sucesso deste canal incentivou o *boom* das bandas

⁵⁰ Ver: COSTA, Alisson Oliveira da. **A expressão punk em Caxias do Sul entre 1986 e 1997**. 2021. 111 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura Plena em História) – Universidade de Caxias do Sul. Caxias do Sul, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/xmlui/handle/11338/8834?locale-attribute=en>. Acesso em: 13 set. 2025.

⁵¹ *Ibid.*

⁵² *Ibid.*

⁵³ *Ibid.*

⁵⁴ *Ibid.*

⁵⁵ *Ibid.*

⁵⁶ *Ibid.*

⁵⁷ *Ibid.*

caxienses a partir da segunda metade da década de 1990. O Trabalho de Taveira (2006 *apud* Michel, 2017), destaca a fala do cineasta Fernando Meirelles, onde o mesmo afirmou que a emissora ajudou a revalorizar a música brasileira lançando novos grupos e criando uma cultura ao redor deles.

Bandas como Subversivos, Anti-Conformismo, Aphasia, Antítese Social e entre outras surgiram nesse período⁵⁸. A partir de 1996 é organizado, através da iniciativa dos membros da banda Subversivos a primeira edição de um dos festivais mais conhecidos e importantes para a cena punk caxiense da década de 1990, o *Polenta Frita*⁵⁹. Uma das primeiras edições do evento ocorreu no *Skate Park*, área que faz parte do Parque Getúlio Vargas (Parque dos Macaquinhos). Posteriormente as edições seguintes do evento foram realizadas de forma coletiva, onde cada banda disponibilizava equipamentos para viabilizar o evento, que também passou a ocorrer em outros espaços da cidade⁶⁰.

Entretanto, na segunda geração de punks caxienses poucos indivíduos costumavam estudar as ideologias políticas que defendiam. Assim, por terem informações mais rasas surgiram várias interpretações sobre os princípios que deveriam defender. Além disso, a cena contracultural do período era muito grande. Dessa maneira, surgiram as desavenças internas que culminaram com a desagregação do movimento no final da década de 1990⁶¹, mas afinal como podemos relacionar o termo ideologia ao movimento punk?

⁵⁸ Ver: COSTA, Alisson Oliveira da. **A expressão punk em Caxias do Sul entre 1986 e 1997**. 2021. 111 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura Plena em História) – Universidade de Caxias do Sul. Caxias do Sul, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/xmlui/handle/11338/8834?locale-attribute=en>. Acesso em: 13 set. 2025.

⁵⁹ *Ibid.*

⁶⁰ *Ibid.*

⁶¹ *Ibid.*

3 PUNK: IDEOLOGIA E ESPAÇOS

A sociedade entende o punk como um delinquente ou marginal. Conforme Oliveira (2007) essa visão muitas vezes é transmitida pela grande imprensa que divulga informações parciais, dando ênfase ao lado radical do movimento em detrimento da defesa de suas ideias baseadas no amor, paz, respeito às diferenças, contestação, liberdade e busca por melhores condições de vida. A mídia hegemônica representa os interesses do capital, além de defender e exercer o controle da comunicação. Utiliza de seu poder de alcance entre as massas para publicar uma imagem pejorativa dos punks (Oliveira, 2007).

Na imprensa caxiense podemos encontrar uma menção ao punk, anterior ao surgimento das primeiras bandas e fanzines na cidade na segunda metade da década de 1980. Na seção Discografando, escrita por Julius Israelis (Pioneiro, 1978, 20 de maio, página 41), há um pequeno texto intitulado “*Punk Rock*”. *Afinal, o que é:*” em que o jornalista tenta explicar o que é o punk (Figura 5). Nele o autor diz que naquele momento o assunto mais badalado é o punk rock. Deveras o mundo recém havia presenciado a explosão punk de 1976-1977, que fez com que o gênero ficasse conhecido no mundo todo após chegar ao Reino Unido, onde surgiram várias bandas como *Sex Pistols* e *The Clash* (Bivar, 2001). Por conta das notícias sobre confusões, brigas, badernas e escândalos envolvendo os membros do movimento, o escritor defendia que o punk é um estilo musical que deve ser “curtido de leve”, filtrando o que ele tem de bom, pois a música punk lutava contra o racismo e ser punk era muito mais que usar uma estética agressiva. Era necessário curtir o punk moderadamente sem o anarquismo absoluto e a fúria juvenil dos punks londrinos. O autor ainda completa dizendo que enquanto os jovens curtiam a *New Wave* (estilo musical próximo do punk rock e até derivado dele), os líderes do movimento punk estavam em suas mansões tomando champanhe.

De acordo com o site Biography (2024), o autor é um conceituado *DJ* caxiense que além de escrever textos sobre música no Jornal Pioneiro, também animava festas em clubes locais como o Recreio da Juventude, Clube Juvenil e entre outros desde 1969. A respeito do texto publicado podemos perceber uma aproximação com as linhas editoriais da grande imprensa nacional que defendia a manutenção do *status quo*, apesar de afirmar que a música punk luta contra o racismo, o que é uma visão positiva. O autor tenta passar aos leitores jovens a ideia de não aderir aos ideais contra hegemônicos e aos atos de contestação que, em sua visão, resultavam em fúria. Além disso, o mesmo aponta o anarquismo como algo nocivo ao afirmar que não se deveria aderir a ele de forma absoluta. Podemos intuir que o escritor utilizou essa retórica sobre o movimento, por conta do contexto político do momento em que o

país ainda passava pela Ditadura Civil-Militar de 1964-1985, onde a maior parte da imprensa estava alinhada (algumas vezes intencionalmente e outras vezes por conta da censura) às ideias defendidas pelo regime.

Assim, fica clara a intenção do mesmo de tentar inculcar na mente do público a lógica de aproveitar a explosão do novo gênero musical sem aderir ao seu ideal de contestação política, expressada por meio da ação direta punk baseada em protestos e manifestações públicas⁶². Além de não adotar a estética visual radical, esta última demonstra uma clara aproximação com a censura moral descrita no capítulo anterior. Na obra de O'Hara (2005) é apresentada a ideia de Gerry Hannah (conhecido também por Gerry Useless), fundador da cena punk em Vancouver, Canadá, no final dos anos 1970. Na opinião do músico acreditar que os problemas da sociedade irão se resolver sozinhos é uma grande utopia, pois na realidade, com o tempo, a sociedade acaba se autodestruindo, através da violência e degradação do meio ambiente. Podemos perceber que para o punk a resolução dos problemas é urgente, assim para ele as lentas vias institucionais não parecem ser o melhor caminho para um mundo prestes a colapsar. Principalmente porque o poder de tomar as decisões está concentrado nas mãos do *sistema* (estado e burguesia), que não tem o interesse de alterar uma realidade que lhe favorece e por consequência óbvia não dá espaço para vozes de oposição.

O jornalista também se equivocou ao escrever que os líderes do movimento bebiam champanhe em suas mansões. Logicamente, os membros de grandes bandas do gênero que atingiram o estrelato como os Ramones fizeram apresentações em todo o mundo e ganharam muito dinheiro. No entanto, nunca foram vistos como líderes do movimento nem mesmo naquele período, mas sim admirados como artistas por conta de sua estética visual, comportamento e música. Mais um aspecto a ser destacado é que o punk não é um movimento organizado de forma institucional com cargos, hierarquia e representações. Trata-se de um movimento contracultural de caráter popular e informal protagonizado por jovens da periferia, logicamente os grupos prestam solidariedade uns aos outros, mas não mantêm relações formais de organização com estatutos e assembleias nacionais com representantes de movimentos a nível municipal ou estadual. A exemplo de um partido político ou sindicato. Por conta dessa informalidade as ideias do movimento punk estão sujeitas a interpretação e

⁶² Dentro da contracultura punk a ação direta é baseada em manifestações violentas e em pichações e depredações de locais que representam ou são considerados símbolos de opressão, repressão ou coerção os quais os membros do movimento fazem oposição. O método de atacar diretamente esses espaços é um modo de chamar atenção da sociedade e de demonstrar que os indivíduos, por não terem espaços de fala em meio aos organismos de participação social, não acreditam mais na resolução do problema por vias institucionais, pois a maneira oficial de alcançar suas demandas esgotou-se.

reinterpretação dos membros de cada coletivo ou indivíduo que se identifica com a contracultura. O que muitas vezes gera margem para discussões e distensões internas.

Conforme O'Hara (2005) as distorções da mídia e o estereótipo divulgado pela mesma de que o movimento é composto por pessoas que buscam a violência, ajudam a criar um tipo de punk que não faz ideia dos verdadeiros objetivos filosóficos, sociais, políticos e de diversidade que compõem a cena. Além disso, acaba atraindo indivíduos que realmente buscam um espaço onde possam ser violentos. O que irá auxiliar a estereotipar ainda mais a contracultura. Definindo o punk como uma moda passageira, culmina no conceito mais comum que circula em meio a sociedade: que o punk é violento e extremamente negativo. Dessa maneira, nas palavras do mesmo autor, indivíduos sem tendências punks podem ser atraídos para dentro do movimento. Pessoas sem a compreensão da mensagem e dos objetivos dessa contracultura que são baseados na luta contra o racismo, machismo, sexismo, autoritarismo e classismo acabam por enfraquecê-la, e até alterá-la em seus significados e meios. O que simboliza o início da destruição do próprio movimento punk (O'Hara, 2005).

Mas também devemos salientar que, na época, o punk ainda estava se espalhando pelo mundo e grupos que se identificavam com o gênero surgiam em vários lugares todos os dias. Logo, os conceitos do não autoritarismo e não conformismo, discutidos mais adiante, ainda estavam sendo gestados dentro da cena. Ademais, por ser recém chegado a cena musical brasileira com suas pautas e estética, o movimento causou um choque e estranhamento na sociedade e por consequência na imprensa das décadas de 1970 e 1980, que ainda estavam tentando entender o que era aquele novo estilo musical que apareceu no país. O que ele representava, o que queria dizer e quais eram seus modos de luta. Conforme Paiva e Nascimento (2016) os grandes veículos de imprensa como a Folha deram ampla cobertura ao festival O Começo do Fim do Mundo, em 1982. Histórico evento da cena punk no Brasil e que serviu para selar o fim das rivalidades entre os Punks de São Paulo capital e da região do ABC paulista. Assim, podemos perceber também uma certa contradição da mídia que ao mesmo tempo em que criticava também tentava entender o movimento. Logo, ao analisar as opiniões sobre o punk durante o período temos que levar em consideração não só as intenções da grande imprensa em manter o discurso hegemônico do capital, como também o desconhecimento de alguns jornalistas sobre a cena. O que devemos questionar são as distorções e os textos discriminatórios sobre o movimento escritos de forma rasa e baseada na visão hegemônica do capital via veículos de imprensa ou quando o jornalista comete o equívoco proposital de não ouvir o que o próprio punk tem a dizer, e publica informações sobre o movimento baseadas em

ideias preconcebidas. O modo como a imprensa retrata o punk também é um interessante tema de pesquisa.

Figura 5 – Seção Discografando de Julius Israelis. Jornal Pioneiro, Caxias do Sul, 20 de dezembro de 1978



Fonte: Israelis (1978).

Para compreender o motivo da defesa das pautas citadas anteriormente é necessário retomar dois conceitos já discutidos na monografia. Ao leitor que já conhece a primeira pesquisa pode parecer exaustivo, mas é impossível compreender o pensamento punk sem analisar esses aspectos que influenciam não só na expressão, como também na organização e ocupação dos espaços. As ideias punks são amplamente apresentadas e discutidas por Craig O'Hara em seu livro *A Filosofia do Punk*. De acordo com o autor, a ideologia punk é baseada em dois conceitos: o não autoritarismo e o não conformismo (O'Hara, 2005). No conceito do não autoritarismo podemos perceber uma pequena ligação com o anarquismo, pois conforme o argumento do autor os punks não têm muito respeito por autoridade de qualquer espécie, porque a obediência injustificada à autoridade resultou na aceitação em massa de atos nocivos (O'Hara, 2005). Já o não conformismo baseia-se na percepção autônoma que o punk tem de toda a dominação e violência simbólica exercida pela classe dominante sobre o restante da sociedade (O'Hara, 2005).

Ao compreender a estrutura de dominação, exploração e coerção, o sujeito passa a se mobilizar e buscar modos de combatê-la. Ao mesmo tempo em que inicia o ativismo para

despertar nos demais a mesma compreensão de realidade que ele atingiu⁶³. Podemos entender que o não conformismo é uma forma de tomada de consciência de classe, pois o indivíduo passa a se perceber como um agente explorado, além de se dar conta de toda a estrutura de dominação capitalista existente na sociedade, como escreveu Thompson (2001. p. 274):

Para dizê-lo com todas as letras: as classes não existem como entidades separadas que olham ao redor, acham um inimigo de classe e partem para a batalha. Ao contrário, para mim, as pessoas se veem numa sociedade estruturada de um certo modo (por meio de relações de produção fundamentalmente), suportam a exploração (ou buscam manter poder sobre os explorados), identificam os nós e, no curso de tal processo de luta, descobrem a si mesmas como uma classe, vindo, pois, a fazer a descoberta de sua consciência de classe. Classe e consciência de classe são sempre o último e não o primeiro degrau de um processo histórico real.

Os conceitos citados acima acabam influenciando na construção do modo de ser e agir do sujeito punk. A grosso modo, é a partir deles que se forma, de maneira espontânea, uma espécie de “tradição” e “costume” típicos da contracultura punk. Para melhor compreensão desta ideia, esses termos merecem uma breve análise. Para Hobsbawm (1994), a tradição inventada é um conjunto de práticas regulada por normas tácitas ou abertamente aceitas, de natureza simbólica ou ritual que tem como objetivo determinar certos valores, e normas através da repetição de ações que implicam uma continuidade com o passado.

Podemos perceber que mesmo de forma espontânea todas as regras e normas do movimento punk acabaram sendo inventadas pelos próprios indivíduos, como o modo de se vestir com roupas rasgadas e baratas em forma de protesto contra o consumismo. A adoção do anarquismo como ideologia política para protestar contra formas de dominação, exclusão e violência impostas a população da periferia e até mesmo na arquitetura dos espaços punks (bares, lojas ou casas noturnas). Esses locais geralmente são pequenos, pois não recebem grande público, com um visual escuro e chocante para recordar os problemas sociais e com imagens, pinturas ou fotos satirizando a cultura oficial e a autoridade estatal.

Ainda de acordo com Hobsbawm (1994), a tradição é formada pelo conjunto de costumes de um grupo. Logo, podemos intuir que, por exemplo, usar o penteado moicano, calças jeans rasgadas e jaqueta de couro são elementos de costumes punks, que moldam a sua tradição, pois o uso da indumentária e do visual só possuem significado para os membros do grupo, que as identificam e reconhecem esses costumes como parte de sua ideologia. Conceito

⁶³ Ver: COSTA, Alisson Oliveira da. **A expressão punk em Caxias do Sul entre 1986 e 1997**. 2021. 111 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura Plena em História) – Universidade de Caxias do Sul. Caxias do Sul, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/xmlui/handle/11338/8834?locale-attribute=en>. Acesso em: 13 set. 2025.

que discutiremos adiante, assim entende-se que os espaços onde há contracultura punk possuem características claras que servem para defini-los e legitimá-los como lugares pertencentes ou minimamente promotores e divulgadores do punk rock dentro do contexto local. Para Candau (2018), a tradição de um grupo é a combinação da transmissão proto-memorial (relativo à construção da memória através de toda a vida social e ao processo de aculturação) e a memorial. Para viver é necessário que essa combinação deva estar de acordo com o presente onde obtém seu significado. Assim, ela só será autêntica e terá força para o grupo se conferir a seus membros o sentimento de compartilhamento de sua perpetuação enquanto tal.

Para reforçar, devemos mencionar ainda que a transmissão da memória dos punks caxienses sobre alguns dos espaços em que conviveram durante o mencionado recorte histórico é uma forma dos mesmos demarcarem seu lugar no contexto social e temporal do município, pois segundo Candau (2018, p. 118) “transmitir uma memória e fazer viver, assim, uma identidade não consiste, portanto, em apenas legar algo, e sim uma maneira de estar no mundo”. Mesmo relegado à marginalização, o punk sempre busca um modo de estar no mundo, utilizando expressão artística para demonstrar a maneira que entende seus problemas e suas relações. Criando seus próprios espaços de convivência onde possam debater suas ideias, demarcar seu território e manter sua identidade.

O modo de pensar, de agir e de se identificar dos punks muitas vezes é definido por eles como sua ideologia, como vimos o movimento tem tendência à esquerda no espectro político se identificando com o anarquismo. No entanto, nem todos os membros estudam a teoria anarquista profundamente. Além disso, o punk tem um modo muito particular de militância voltado mais para a arte contestatória do que para a política institucional, mas como o significado do conceito de ideologia pode ser aplicado no contexto da contracultura punk? Para responder essa questão devemos, antes, nos aprofundar no conceito da palavra para compreender seu significado e representação. Para Eagleton (1997) a palavra é tecida por uma trama de diferentes fios conceituais e histórias divergentes, assim é importante determinar o que é mais valioso em cada uma delas e o que pode ser descartado. Então, podemos perceber que o termo ideologia possui múltiplos significados o que faz necessária a seleção dos que se adaptam melhor ao objetivo do atual trabalho.

Entre as várias definições do conceito apontadas pelo autor, iremos nos basear em três delas para que o trabalho não fique demasiado enfadonho ou acabe se desviando de seu objetivo inicial. A primeira definição de Eagleton (1997, p. 15) diz que “ideologia é o processo de produção de significados, signos e valores na vida social”. Como vimos anteriormente, os punks criam uma série de valores e símbolos que dão significados ao seu convívio em grupo como a

identificação pela indumentária e a defesa de pautas em comum. A segunda definição do autor diz que a palavra significa “um corpo de ideias característico de um determinado grupo ou classe social” (Eagleton, 1997, p. 15). De fato, os membros do movimento, em sua maioria, possuem um viés político progressista, voltado ao anarquismo, ao combate aos preconceitos e a contestação do sistema capitalista.

Por último, apontamos que a palavra também pode ser definida, segundo o escritor, como “o meio pelo qual os indivíduos vivenciam suas relações com uma estrutura social” (Eagleton, 1997, p. 16). Podemos perceber que os punks possuem uma ideologia que não é só política, mas também parte do pressuposto de ser um estilo de vida. Reunir-se em grupo, utilizar uma estética agressiva ou chocante para o resto da sociedade e não só contestar o capitalismo e o consumismo, como também criar estratégias para praticar a oposição a eles acaba resultando em um modo de vida totalmente diferente dos demais. O “ser punk” e o “viver punk” acabam sendo uma construção intencional com o objetivo de também ser uma ferramenta de militância, que está ao alcance dos indivíduos, pois nas palavras de Eagleton (1997), ideologia não é só uma questão sobre aquilo se pensa sobre uma situação, mas ela também faz parte de algum modo dessa mesma situação. Desse modo, as três definições discutidas influenciam diretamente no comportamento e conseqüentemente na formação dos espaços punks.

Como vimos até aqui, o punk utiliza a arte como ferramenta de militância e contestação, porém não é só pelas brigas e protestos violentos que o movimento punk é deslegitimado e marginalizado, mas também por estar fora da disputa política partidária e institucional. Ser originário da periferia e formado principalmente pelo agrupamento de jovens pobres. Assim, a sociedade passa a acreditar que esses indivíduos não sabem o que estão fazendo, que não entendem a realidade social. Não sabem o que defendem, não têm capacidade de se organizarem sozinhos para defender suas demandas e que tudo não passa de rebeldia adolescente, como escreveu Bourdieu (2019) as classificações por idade, sexo e classe sempre voltam a impor limites e produzir uma ordem na qual cada um deve estar em seu lugar. Diante disso, entende-se que não há lugar para o jovem punk no campo da disputa política e que é inútil disputar espaços de fala dentro da cultura. Esta última, por sua vez, é vista como algo não prioritário. Um fator que não faz diferença na vida das pessoas tanto quanto o trabalho e a renda, ou que não serve para resolver os problemas sociais, porém como defende Eagleton (1997, p. 106):

Na sociedade moderna, então, não é suficiente ocupar fábricas ou entrar em confronto com o Estado. O que também deve ser contestado é toda a área da “cultura”, definida em seu sentido mais amplo, mais corriqueiro. O poder da classe dominante é espiritual

assim como material, e qualquer “contra hegemonia” deve levar sua campanha política até esse domínio, até agora negligenciado, de valores e costumes, hábitos discursivos e práticas rituais.

Conforme Paiva e Nascimento (2016), quando o punk chegou ao Brasil na segunda metade da década de 1970, em pleno momento da abertura política “lenta, gradual e segura” da ditadura civil-militar do então presidente Geisel, era necessário destruir tabus e dinamitar valores e ambições de uma classe social branca, burguesa e elitizada. Com essa afirmação podemos perceber que o punk brasileiro já compreendia que também deveria combater o autoritarismo no campo cultural, ademais, como apontam Paiva e Nascimento (2016) os jovens da periferia no final da década de 1970, não se identificavam com as músicas do momento. A MPB se afastava da juventude por conta de seu eruditismo e suas letras que não cantavam a realidade de miséria, abandono e repressão daquela população, a ponto de os autores definirem como desesperadora a acomodação deste gênero musical (Paiva; Nascimento, 2016).

Além disso, os jovens periféricos viam com preocupação o contexto geopolítico do período onde as tensões da Guerra Fria ainda eram latentes. Com um mundo onde tudo poderia terminar em uma guerra nuclear, o ideal hippie de paz e amor também foi entendido por eles como alienante. Assim, esses indivíduos abandonam as ideias de paz e amor e decidem tentar mudar a realidade através da luta (Paiva; Nascimento, 2016). Como escreve Bivar (2001) o punk reflete a vida como ela é, ou seja, a realidade de pobreza, medo e repressão, vividas pela população do subúrbio. Longe da fantasia e alienação que a maioria dos outros artistas criam, expressar o cotidiano difícil “dos de baixo” é que faz com que o gênero musical crie identificação junto à juventude suburbana, como vimos no capítulo anterior.

Devemos reafirmar também que a repressão policial contra os jovens era frequente. A política estatal tratava a todos como delinquentes, arruaceiros e drogados que deveriam ser presos (Paiva; Nascimento, 2016). A pesquisa anterior também abordou essa prática na cidade de Caxias do Sul no final dos anos 1980⁶⁴. Mesmo com o fim da ditadura civil-militar a repressão contra a juventude continuou frequente e qualquer grupo de jovens poderia ser abordado nas ruas caxienses. Mostrando que a mentalidade autoritária não acabou com a posse de José Sarney em 1985. Por conta disso, os jovens punks perceberam a necessidade de se agruparem e ocuparem espaços em comum.

⁶⁴ Ver: COSTA, Alisson Oliveira da. **A expressão punk em Caxias do Sul entre 1986 e 1997**. 2021. 111 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura Plena em História) – Universidade de Caxias do Sul. Caxias do Sul, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/xmlui/handle/11338/8834?locale-attribute=en>. Acesso em: 13 set. 2025.

A ocupação dos espaços se dá através da aglutinação de indivíduos que se unem por conta de um objetivo em comum. No caso dos punks em virtude da repressão policial e da repulsa social causada pela imagem do movimento retratada de forma pejorativa pela grande imprensa. Assim os indivíduos percebem que eram desprezados, vistos como terroristas, subversivos, drogados e por consequência combatidos. Então, passam a se unir a pessoas que pensam como eles para que possam se ajudar e se proteger (Paiva; Nascimento, 2016). Com isso surgem as primeiras gangues punks na cidade de São Paulo entre o final dos anos 1970 e início dos anos 1980. Mais especificamente na região dos bairros do Limão, Vila Carolina, Vila Palmeiras e Freguesia do Ó (Andrade, 2021). Até meados da década de 1980, as brigas entre as gangues punks na Grande São Paulo eram comuns. Principalmente entre os punks da capital e da região do ABC Paulista, motivadas pela demarcação de territórios de cada uma (Paiva; Nascimento, 2016), porém o histórico da violência dentro do movimento punk é um tema que abordaremos de maneira mais profunda em outro trabalho para evitar a desconexão com o objetivo inicial de analisar a formação e funcionamento dos espaços e identidade punks.

O modo como a contracultura punk lida com as questões financeiras é fundamental para entender sobre o funcionamento e o tempo de duração dos espaços, por contestar os valores da ordem capitalista o punk não se importa em utilizar os elementos que compõem sua contracultura como a música, lojas de discos ou roupas e bares para acumular dinheiro e fazer riqueza, nas palavras de Paiva e Nascimento (2016) o sucesso não interessa porque é considerado burguês e querer fazer sucesso e grana significa ir contra os ideais punks. É algo difícil de se compreender para quem está fora do mundo punk, mas esse pensamento se encaixa em uma das definições de ideologia citadas anteriormente. Lembremos agora: “um corpo de ideias característico de um determinado grupo ou classe social” (Eagleton, 1997, p. 15). Então essa lógica punk utilizada quanto ao sucesso pode ser um claro exemplo de contestação ao capitalismo.

Quanto à música trata-se de um modo de expressar o que se pensa, de lutar por suas demandas e de conscientizar os demais a partir do conceito do não conformismo, discutido anteriormente. Assim, a maior parte das bandas não tem interesse em ganhar dinheiro e fama com suas canções (Paiva; Nascimento, 2016). Além disso, por ser uma arte da periferia os shows punks não são amplamente divulgados o que também não faz diferença para os membros da contracultura, pois a arte periférica, logicamente, sempre é marginalizada e desprezada e a própria periferia só vira notícia em momentos de catástrofes, enchentes, incêndio ou execução (Paiva; Nascimento, 2016).

A formação de bandas, composição de músicas, shows e gravação das canções não tem o objetivo de gerar lucro, como explicam Paiva e Nascimento (2016) a música é vista como uma missão e vender ou não milhares de discos não faz nenhuma diferença. Mesmo contestando a ordem do capital, o punk ainda está preso na estrutura econômica do modelo. Mesmo fazendo oposição e militância conscientizadora, ainda é necessário comprar instrumentos, pagar pelo estúdio, gravações ou deslocamento para shows e ensaios. Perceba leitor que nesse íterim se forma um paradoxo, pois o sucesso logicamente atrai mais público, público mais dinheiro e o dinheiro serve para quitar as despesas. De fato, esse paradoxo criado entre a ideologia e a realidade pode acabar matando uma banda ou um espaço (Paiva; Nascimento, 2016).

Como resultado desse processo temos uma realidade onde espaços punks como bares e lojas com um período de existência efêmera. Além disso, esse fenômeno também pode ser observado com as bandas, os conjuntos musicais são fundados, reorganizados, desfeitos e refundados a todo momento. No caso dos espaços que são negócios voltados para o público punk a dificuldade se dá por conta do número restrito de assistentes ou consumidores no caso de um comércio, pois a quantidade de punks não é tão grande. Por isso, o pequeno número de concertos e preço baixo dos ingressos acaba inviabilizando um projeto com muitas despesas, assim espaços, clubes e comércios punks costumam ter vida curta até mesmo nas grandes cidades (O'Hara, 2005), porém a cena punk sempre procura uma maneira de se adaptar e novos lugares são ocupados e organizados ou até mesmo reabertos. O Porão do Caos, por exemplo, já fechou e reabriu em diversas oportunidades, e vários lugares do município já foram utilizados para abrigar festivais. Até mesmo salões de bairro, assim podemos perceber que ocupar um local também é um ato de resistência.

Em conclusão podemos dizer que ocupar um espaço para os punks é um ato com ao menos dois significados. O primeiro é o de garantia de segurança e direito a expressar sua opinião junto ao grupo (Neto, 2001). De fato, formar um coletivo que aglutina pessoas com ideias e opiniões semelhantes é uma estratégia para se proteger da repressão e da violência de grupos rivais. Além de proporcionar maior visibilidade perante a sociedade, e força no momento da luta em defesa de pautas coletivas.

Cabe apontar que os sinais que os identificam como punks são reconhecidos mais facilmente por quem sabe o que eles querem dizer, na maioria das vezes, quem entende são outros grupos juvenis, inclusive rivais (Neto, 2001). Sabemos que no ambiente urbano o punk não sofre só com a repressão da polícia, mas também disputa espaços com outras tribos urbanas. Sobretudo skinheads de índole neonazista. Os encontros entre os grupos, sempre são marcados por confrontos violentos e estar agrupado nesse momento é crucial para integridade física e até

mesmo para a sobrevivência, se formos levar em consideração o histórico de confrontos entre ambos.

O segundo baseia-se na ideia de mostrar a existência do grupo para a sociedade (Oliveira, 2007). Ocupar um espaço significa dizer: “nós existimos e estamos aqui” e a partir disso começar a expressar suas ideias para os demais. Várias vozes de vários indivíduos juntos chamam a atenção e demonstram ao menos um estranhamento ou curiosidade. Um agrupamento utilizando a indumentária punk, em um espaço punk e com ideias punks acaba em um primeiro momento, causando uma sensação de choque das pessoas ao perceberem a presença daquele grupo estranho. Ser notado é o objetivo principal de quem luta por causas sociais, como defende Neto (2001). É o grupo que informa aos outros quando se agrupa apropriando-se de uma parcela do território. Além disso, nesse território é que se forjam as subjetividades singulares (Neto, 2001), pois com a segurança, espaço para expressar-se, incentivo dos companheiros e meios para ser notado os indivíduos, acabam sentindo-se mais à vontade para participar e formar sua personalidade de maneira autônoma.

Sendo o sistema hegemônico, o capitalismo acaba por excluir os grupos que questionam sua estrutura social, econômica e política. Nas palavras de Lefebvre (2008, p. 32) “excluir do urbano grupos, classes, indivíduos, implica também em excluí-los da civilização, até mesmo da sociedade”. Essa estratégia tem como objetivo lançar para espaços periféricos todos os que não participam dos privilégios políticos (Lefebvre, 2008), ou seja, a exclusão é uma ferramenta utilizada pelo capital para se proteger da insurgência das classes populares, e garantir a manutenção de sua supremacia. Evitar o agrupamento de pessoas com consciência crítica ou minimamente manter esses grupos invisibilizados e distantes do centro urbano é um ato estratégico para que a classe dominante não tenha seu poder questionado.

Assim, um outro fator que estimula os grupos insurgentes a ocupar um espaço é o sentimento de pertencimento à cidade, conforme Lefebvre (2016, p. 14) “no contexto urbano, as lutas de facções, de grupos, de classes, reforçam o sentimento de pertencer”. Assim, disputar espaços, estar em um local, marcar seu território e expressar suas ideias e identidade, também é uma maneira de determinado grupo dizer que faz parte dele, relacionando com o que foi dito anteriormente. Além de ser a forma desse coletivo dizer para os demais que ele existe e que está na cidade, também é um modo de lutar pelo seu direito de encontro, reunião e vida social dentro do meio urbano (Lefebvre, 2008).

Podemos perceber que os espaços punks são formados e funcionam em sintonia com a ideologia do grupo, seja ela relacionada ao viés político, estilo de vida ou de símbolos e representações que definem sua identidade, pois esses locais concentram atividades de

militância política contra hegemônica através da arte. O agrupamento dos indivíduos proporciona circulação de ideias e debates, a manutenção e divulgação desta contracultura e o acolhimento de novos membros, quer dizer, um espaço punk é construído com uma intenção não só artística, como também social e política, como define Lefebvre (2008) o espaço é um produto social, sendo também político e ideológico.

Por fim, os espaços carregam as referências identitárias do punk, seus significados e memórias, assim não espere encontrar um local de reunião punk com espaço físico amplo, estrutura confortável ou bem localizado nas melhores áreas da cidade. Geralmente estão localizados nas periferias ou em pequenos espaços no centro da cidade. Também possuem decoração punk como pichações com frases de luta, quadros de bandas, flyers e os equipamentos para realização de shows no local serão simples ou então disponibilizados pelas próprias bandas para que os festivais possam acontecer. Como os recursos financeiros são escassos é muito comum que os shows punks sejam sempre com mais de uma banda, assim acabam entrando em comum acordo entre elas e o dono do espaço, para que cada uma traga algum equipamento que esteja faltando, ou para substituir algum que não esteja em bom estado para assim poder viabilizar a apresentação. O punk é, antes de tudo, uma obra construída coletivamente.

Figura 6 – Foto do Porão do Caos no ano de 2020



Fonte: Página do Porão do Caos no Facebook (2020).

Após entendermos como o conceito de ideologia pode ser aplicado para explicar o modo de vida, e comportamento dos punks, além dos aspectos que motivam esses sujeitos a ocupar um espaço, finalmente podemos analisar se os jovens caxienses adotaram o comportamento que aprendiam através das músicas que ouviam, ou seja, se simplesmente reproduziam o modo de ser punk oriundo de outros lugares, ou se criaram características próprias alinhadas ao cotidiano, e a vivência do contexto social local. Afinal, existe um punk caxiense ou um caxiense punk?

4 PUNK CAXIENSE OU CAXIENSE PUNK?

4.1 OS INTELLECTUAIS ORGÂNICOS E A CONTRACULTURA PUNK

Como vimos anteriormente após a chegada da contracultura punk em Caxias do Sul, em meados da metade da década de 1980, começam a surgir as primeiras formas de expressão punk produzidas por jovens da cidade. Após a conclusão da primeira pesquisa surgiram os seguintes questionamentos: existem características autênticas de um punk caxiense? Se elas existem, que características são essas? Ou talvez o punk de Caxias do Sul simplesmente siga os modos de comportamento e pensamento semelhante ao dos punks de Porto Alegre e São Paulo? Existe um punk caxiense ou um caxiense punk? Como apontado na primeira seção a seleção dos entrevistados baseou-se no modo qualitativo, assim esta seção se ocupa de responder essas questões a partir do relato e compreensão dos próprios punks diretamente envolvidos na organização de festivais, manifestações, bandas e confecção de fanzines na cena local.

Primeiramente devemos destacar que a figura do intelectual não está restrita a pessoa que passou por um curso universitário e produz conhecimento, para Gramsci (1989) todo o homem fora de sua profissão desenvolve uma atividade intelectual, participa de uma concepção de mundo e possui uma linha de conduta moral, logo esse sujeito, independentemente de suas atividades laborais, contribui para a promoção de novas formas de pensar. De acordo com Eagleton (1997) esses intelectuais orgânicos são frutos de uma classe social emergente e seu papel é promover uma autoconsciência homogênea nessa classe nos campos cultural, econômico e político, podemos entender que os intelectuais punks são responsáveis por promover e repassar a ideologia do movimento, comentada na seção anterior, para os demais membros do grupo, em palavras grossas, ele é que vai apontar como ser punk e quais serão os princípios do movimento, porém dentro de uma cena podem existir vários intelectuais e conforme as ideias da contracultura, as decisões referentes à ela sempre são tomadas através de debates coletivos. Eagleton (1997) destaca que o objetivo desses intelectuais é a construção de uma unidade cultural-social, onde vontades individuais e heterogêneas são unidas na base de uma compreensão comum do mundo, obviamente esse processo também poderá gerar tensões e desacordos por conta da pluralidade de ideias.

Conforme os apontamentos de Gramsci (1989) cada grupo social cria para si de modo orgânico, uma ou mais camadas de intelectuais que lhe dão homogeneidade e consciência de sua função nos campos econômico, social e político. Na contracultura punk os sujeitos que se propõem a tomar a iniciativa na criação e organização tanto das formas de expressão (bandas,

manifestações e fanzines) quanto dos espaços onde elas ocorrem acabam tornando-se referências dentro do movimento, ainda que a função de liderança ou autoridade seja inexistente dentro da cena por conta do conceito do não autoritarismo, essas pessoas passam a ser mediadoras dos pensamentos do grupo, o elo de ligação do movimento punk com outros movimentos e até mesmo um mestre responsável por demonstrar e apontar como se deve ser punk, onde e como se informar, quais causas defender e contra o que lutar, tudo isso devido a sua experiência e conhecimento adquirido ao longo da vida, seu envolvimento com a cena punk ou sua participação em lutas em defesa de diversas pautas sociais. Em uma passagem de seu trabalho O'Hara (2005) explica o que é a ética do *faça você mesmo*, uma das principais premissas do punk, nesse trecho o autor destaca que os punks não precisavam depender dos homens de negócios para organizar sua diversão e lucrar com ela, eles mesmos poderiam promover suas passeatas, lançar discos, publicar livros, fanzines, dirigir lojas de discos e participar de atividades políticas por saberem fazer tudo isso muito bem. Essa ideia, como aliás o próprio livro *Filosofia do Punk* (2005) explicitam esse papel do intelectual orgânico que está apontando a consciência e as funções dentro do movimento.

Ao interpretar os escritos de Gramsci em seu livro, Eagleton (1997, p. 105) diz que para o autor hegemonia é “a maneira com que o poder governante conquista o consentimento dos subjugados a seu domínio”, para obter esse consentimento a hegemonia é construída através de vários meios como o político, econômico, cultural e religioso, pois como comentado no capítulo anterior o poder dominante também é espiritual (Eagleton, 1997), o objetivo de espalhar o discurso dominante por vários meios sociais é neutralizá-lo e assim conseguir a submissão da sociedade ao poder da classe dominante antes pelo consentimento do que pela coerção, embora o Estado capitalista se mantenha sempre atento para coagir a população ao primeiro sinal de perda de credibilidade ideológica e do controle social (Eagleton, 1997). De fato presenciamos diariamente a hegemonia do sistema capitalista através da difusão de suas ideias nos mais diversos meios, modos e setores da sociedade, por exemplo, nunca veremos um economista nacional-desenvolvimentista dar sua opinião sobre a economia nacional em um telejornal no horário nobre, dificilmente veremos colunas de opinião ou editoriais dos grandes impressos nacionais e regionais defendendo a justiça social antes do lucro das grandes corporações e tampouco presenciaremos as grandes mídias defendendo de modo efetivo a prioridade na manutenção de serviços públicos e direitos para a população pobre.

Assim a circulação de um discurso único em todos os meios de comunicação existente acaba naturalizando a ideia da classe dominante como a única possível de ser aplicada e que as classes subalternas deverão deixar nas mãos da elite econômica a missão de comandar e dirigir

a sociedade, pois é nela que estão os únicos sujeitos com conhecimento e preparo suficiente para tomar as decisões, desse modo o poder do capitalismo é naturalizado.

Pereira (1984) diz que a contracultura era um novo estilo de mobilização e contestação social. Bem diferente dos métodos da esquerda tradicional, pois a estética e a música significavam também novas maneiras de pensar, de se relacionar com o mundo e com as pessoas. Aliás, esse estilo de vida tornou-se, com o tempo, um movimento social de caráter fortemente libertário com grande apelo junto à juventude que passou a colocar em xeque alguns valores centrais da cultura ocidental. Por ter emergido no decorrer da década de 1960, possuir uma larga relação com a música e o comportamento juvenil do período, optamos por utilizar esse conceito para estudar o punk rock, gênero musical que também é um produto desse contexto.

Se a hegemonia do sistema capitalista é construída através de vários meios e seu poder além de material também é espiritual, como apontado no capítulo anterior, logo a contracultura torna-se um útil instrumento da luta contra hegemônica, conforme Pereira (1984) a contracultura caracteriza-se pela oposição a cultura vigente e oficializada pelas instituições da sociedade ocidental, sendo marginal e independente do reconhecimento oficial, assim trata-se de um movimento de contestação que coloca em xeque a cultura defendida pelo sistema enfrentando-a de modo radical (Pereira, 1984). Como apontado anteriormente essa manifestação surgiu nos anos 1960, mais precisamente nos Estados Unidos através de jovens de camadas altas e médias dos grandes centros urbanos que tinham acesso à cultura dominante, entrada no sistema de ensino e mercado de trabalho, assim passaram a rejeitá-la de dentro (Pereira 1984). Em uma década marcada pela Guerra do Vietnã, protestos pelos direitos civis e pelo surgimento do movimento hippie a contracultura acabou sendo marcada pelo espírito juvenil, cabia a eles atualizar e colocar em prática, em seu cotidiano, as ideias, hipóteses e suposições de teóricos mais velhos (Pereira, 1984).

De acordo com Pereira (1984) a juventude europeia trazia o peso de uma longa tradição de luta política de esquerda bastante institucionalizada, de fato as massas proletárias da Europa se mobilizam em defesa de melhores condições de trabalho, melhores salários e melhor qualidade de vida desde o advento da Revolução Industrial no final do século XVIII, o que inclusive foi fundamental para a politização do punk no velho continente na segunda metade da década de 1970. Em contrapartida os jovens norte-americanos tinham uma tradição de mobilizações radicais de esquerda bem menos sólidas, desta forma novos modos de contestação e luta política foram postas em cena pelos movimentos de rebelião da juventude, sendo desenvolvidos por ela, como é o caso do *rock* (Pereira 1984). Na obra de Pereira (1984) destaca-

se que o rock foi muito além de ter um significado apenas musical, pois tornou-se uma ferramenta de expressão, contestação e envolvimento social (Pereira, 1984), assim, como dito no capítulo um, a juventude tornou-se uma poderosa força social, a partir dali o jovem demonstrou ter força para se mobilizar em defesa de pautas determinadas por ele mesmo, expressar suas ideias e indignações e galgar espaços de participação política, fazendo com que os responsáveis por comandar o sistema capitalista passassem a se preocupar com a juventude buscando elementos de controle e coerção de uma parcela da sociedade que consideravam imaturos e alienados, mas que demonstravam possuírem plenas capacidades de compreender o mundo a sua volta. Assim este capítulo pretende analisar se existem características peculiares do punk caxiense e quais são elas através da compreensão dos próprios punks.

4.2 CARACTERÍSTICAS E COMPORTAMENTO DOS PUNKS EM CAXIAS DO SUL

Iniciamos a análise das características do punk caxiense pelos indivíduos ligados a banda Detrito Urbano, o coletivo formado em torno do grupo reunia jovens da região dos bairros Cristo Redentor (Vila Ipiranga), Boa Vista, Bela Vista, Cruzeiro e Planalto⁶⁵. Cabe reafirmar que estamos falando da primeira geração punk da cidade que iniciou suas atividades por volta de 1986 e desarticulou-se em meados de 1994, já o conjunto musical realizava seus ensaios na Vila Ipiranga e esteve ativo entre 1986 e 1990. A maior característica deste período é a desagregação da cena, pois cada banda ou grupo ligado à ela geralmente ficava restrito ao seu bairro ou região, mesmo sabendo da existência de outros grupos musicais e pessoas identificadas com a cena não existiam contatos entre eles, mobilizações ou laços de amizade, resultando em um ativismo segmentado⁶⁶, porém, ao menos os indivíduos ligados a banda Detrito Urbano e ao Movimento Punk Ovo Podre, costumavam estudar a contracultura punk, as teorias anarquista e marxista para defender suas pautas.

A Detrito Urbano foi formada por jovens que eram colegas na Escola Estadual de Ensino Médio Melvin Jones, localizada no bairro Planalto⁶⁷ (Figura 7), Roberto Marcon, então morador da Vila Ipiranga, bairro Cristo Redentor, tinha a intenção de formar uma banda, assim

⁶⁵ MARCON, Roberto. [Entrevista cedida a] Alisson Oliveira da Costa. Entrevista realizada via WhatsApp. [S.l.], 30 e 31 de julho de 2024.

⁶⁶ Ver: COSTA, Alisson Oliveira da. **A expressão punk em Caxias do Sul entre 1986 e 1997**. 2021. 111 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura Plena em História) – Universidade de Caxias do Sul. Caxias do Sul, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/xmlui/handle/11338/8834?locale-attribute=en>. Acesso em: 13 set. 2025.

⁶⁷ MARCON, Roberto. [Entrevista cedida a] Alisson Oliveira da Costa. Entrevista realizada via WhatsApp. [S.l.], 30 e 31 de julho de 2024.

passou a compor músicas e divulgar as letras, o que engajou um colega que, com o propósito de compor o grupo, passou a estudar bateria, tornando-se o primeiro baterista, já o guitarrista e baixista chegaram ao conjunto através da intermediação de um colega de Marcon que também os conhecia, um detalhe interessante é que o guitarrista morava no bairro Planalto, chegou a estudar na mesma escola e também queria montar uma banda⁶⁸, assim através de um amigo os interesses dos jovens de bairros vizinhos convergiram e uma das primeiras bandas punks da cidade nasceu. Com o passar dos anos o conjunto foi mudando de formação e pessoas que acompanhavam os ensaios acabavam sendo agregadas ao grupo⁶⁹.

Ser punk na Vila Ipiranga causava um estranhamento dos vizinhos que não gostavam do barulho dos ensaios, a banda chegou a alugar uma sala no salão da capela Cristo Operário, próximo a BR-116, porém em dois meses o locatário negou-se a renovar o aluguel por conta das queixas da vizinhança, sobretudo de um barbeiro que também alugava uma sala no mesmo espaço e argumentou que os ensaios estavam espantando seus fregueses⁷⁰. Já na escola Melvin Jones o punk causava um sentimento ambíguo, desde admiração de algumas pessoas que gostavam do fato de existir um grupo musical na instituição até a repulsa e estranhamento daqueles que achavam que aquela música era só um barulho sem nenhum sentido⁷¹. Devemos destacar que de acordo com o relato de Roberto Marcon a maioria dos professores da instituição era muito progressista o que gerou a oportunidade de, segundo o entrevistado, os estudantes se tornarem cidadãos melhores, o que não seria possível em um outro modelo de escola⁷², assim podemos entender que os docentes foram fundamentais para incentivar o senso crítico e contestador dos estudantes, algo fundamental para o surgimento e fortalecimento do movimento punk, podemos até nos dar a ousadia de inferir que, guardadas as devidas proporções, a Escola Melvin Jones teve para a cena punk caxiense a mesma importância que a Escola Estadual Tarcísio Álvares Lobo teve para a cena paulistana.

Durante a adolescência a escola não é só um local onde o sujeito entra em contato com o conhecimento científico. O ambiente escolar vai muito além da esfera do preparo do jovem para o mundo adulto e suas responsabilidades laborais, civis e sociais. Nas palavras de Dayrell (2007) este local torna-se também um espaço aberto a uma vida não-escolar, numa comunidade

⁶⁸ Ver: COSTA, Alisson Oliveira da. **A expressão punk em Caxias do Sul entre 1986 e 1997**. 2021. 111 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura Plena em História) – Universidade de Caxias do Sul. Caxias do Sul, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/xmlui/handle/11338/8834?locale-attribute=en>. Acesso em: 13 set. 2025.

⁶⁹ *Ibid.*

⁷⁰ *Ibid.*

⁷¹ *Ibid.*

⁷² *Ibid.*

juvenil de reconhecimento interpessoal, assim em meio a essas relações sociais o espaço escolar é apropriado e reelaborado pelos estudantes, ganhando assim um novo sentido. Desta maneira, a instituição se transforma em espaço de sociabilidade, fortalecimento de vínculos e formação de identidade do alunado, o que é crucial para o surgimento de grupos compostos por pessoas com gostos e ideias afins.

Influenciados pelas músicas de bandas paulistanas como *Cólera*, *Garotos Podres*, *Inocentes e Ratos de Porão*, os estudantes acreditavam que ser punk era lutar contra o sistema que ainda trazia fortes marcas da ditadura civil-militar de 1964-1985, o objetivo do punk caxiense da década de 1980 era tentar algo diferente do que este sistema havia oferecido até então⁷³. As principais pautas defendidas por eles naquele período eram igualdade social, liberdade e combate à corrupção, além disso, os primeiros integrantes da cena entendiam que por Caxias do Sul ser uma cidade operária os trabalhadores deveriam estar no poder, assim os jovens alertavam a miséria do subúrbio e os problemas sociais, o que resultou em apresentações da Detrito Urbano em campanhas políticas do Partido dos Trabalhadores (PT) e do Partido Comunista Brasileiro (PCB), durante as eleições municipais de 1988 e as eleições gerais de 1989⁷⁴.

Para Marcon a população caxiense do final da década de 1980 entendia o punk como um elemento pertencente ao contexto do rock, embora mal tocado, porém esse mesmo contexto ajudou a banda a se consolidar e até realizar apresentações em festivais escolares realizados na escola Melvin Jones e depois no Colégio Estadual Imigrante (instituição onde membros das formações do conjunto também estudaram), o período favorável ao rock ocorreu por conta do festival *Rock in Rio 1985*, que abriu espaço para várias bandas alcançarem o nível nacional e foi amplamente veiculado na mídia⁷⁵. Roberto relata que nas primeiras apresentações nos festivais estudantis pode-se notar uma frustração do público que ainda não conhecia a banda e esperava, talvez, que tocassem músicas relacionadas ao *pop rock* nacional a exemplo do grupo *RPM*, porém com o passar do tempo as pessoas conheceram melhor a proposta da banda e passaram a entender o movimento. O que colaborou para que o público passasse a ter uma reação mais positiva em relação à Detrito Urbano⁷⁶. No *II Festival Ópera Rock Imigrante* (Figura 8), promovido pelo grêmio estudantil, em 1988, no ginásio do Colégio Estadual

⁷³ MARCON, Roberto. [Entrevista cedida a] Alisson Oliveira da Costa. Entrevista realizada via WhatsApp. [S.l.], 30 e 31 de julho de 2024.

⁷⁴ *Ibid.*

⁷⁵ *Ibid.*

⁷⁶ MARCON, Roberto. [Entrevista cedida a] Alisson Oliveira da Costa. Entrevista realizada via WhatsApp. [S.l.], 30 e 31 de julho de 2024.

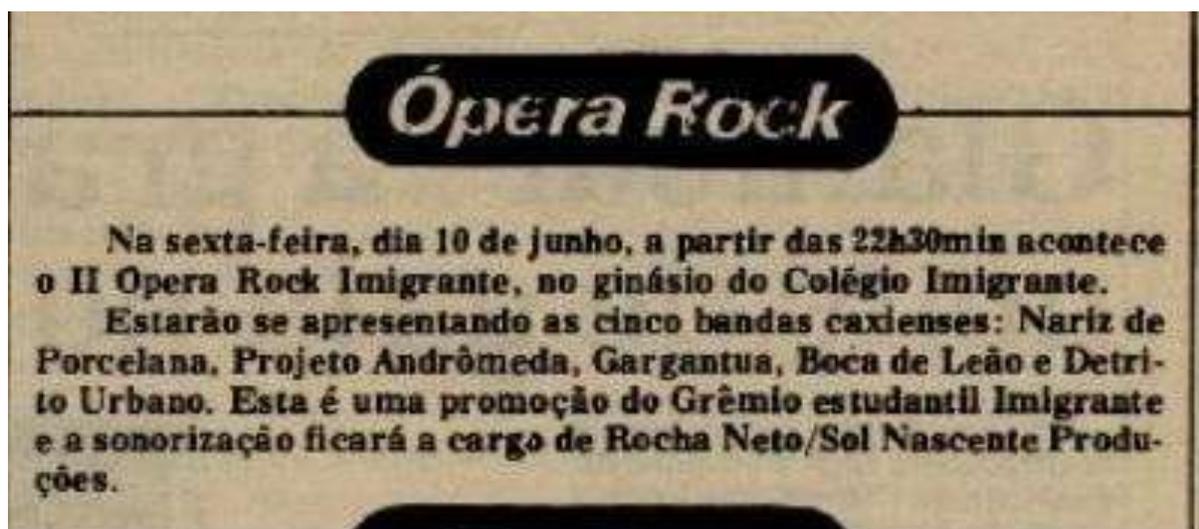
Imigrante, no bairro Bela Vista, já haviam sujeitos que compareceram exclusivamente por conta da banda que encerrou o evento onde estava presente uma plateia de mais de mil pessoas⁷⁷.

Figura 7 – Escola Estadual de Ensino Médio Melvin Jones. Bairro Planalto, Caxias do Sul, 2019



Fonte: *Google Maps*, autor Licério Hoffmann (2019).

Figura 8 – Anúncio do II Ópera Rock Imigrante. Caderno Movimento. Jornal Pioneiro, Caxias do Sul, 08 de junho de 1988



Fonte: Jornal Pioneiro (1988).

⁷⁷ *Ibid.*

Outro aspecto interessante que devemos destacar é que em seus primeiros anos, ao menos no coletivo formado em torno da Detrito Urbano, não haviam desentendimentos ou disputas internas, pois os integrantes ainda estavam formando a identidade punk e as ideias dos jovens que se aproximavam do grupo geralmente convergiam⁷⁸, neste momento o modo de pensar e agir, além das premissas que o movimento deveria acreditar e defender estavam sendo moldadas⁷⁹.

Se na década de 1980 o punk era retratado do modo genérico, cômico ou extravagante pelo Pioneiro, a partir dos anos 1990 até o início da década de 2000 o jornal passa a publicar notas sobre shows em que bandas punks da cidade participaram e até realizar reportagens sobre a cena local. Referente ainda à primeira geração do movimento caxiense podemos encontrar no caderno *Documento, seção Fora da Linha* (Figura 9), contido no diário local, uma matéria sobre a cena nomeada: *Uma galera punk de pilhas e cabeças* de autoria de Nivaldo Pereira (Pioneiro, 1993, 03 de março, página 02), jornalista que de acordo com seu currículo disponível na plataforma Lattes (2020) era responsável pela produção de matérias vinculadas à cultura e variedades naquele ano. Esta é a primeira matéria que encontramos tratando exclusivamente sobre o punk em Caxias do Sul, assim podemos perceber que a contracultura já começava a crescer e ser mais notada na cidade. Conforme o relato do Segundo Entrevistado a reportagem foi produzida em uma tarde de domingo, dia típico em que vários jovens costumavam se reunir na avenida Júlio de Castilhos⁸⁰, o repórter se aproximou, se apresentou, pediu para os adolescentes falarem sobre a cultura juvenil e para posarem para as fotos⁸¹.

A matéria estava vinculada ao tema dos *teenagers* caxienses (Figura 10), ou seja, os jovens de faixa etária compreendida entre os 13 e 19 anos, o texto inicia com uma breve descrição dos punks no subtítulo que os retrata como pessoas que se vestem de preto, andavam em tribos, pregavam a decadência, eram contra os governos, odiavam os estudos, mas apreciavam o trabalho e conclui afirmando que os jovens que se excedem poderiam encontrar

⁷⁸ MARCON, Roberto. [Entrevista cedida a] Alisson Oliveira da Costa. Entrevista realizada via WhatsApp. [S.l.], 30 e 31 de julho de 2024.

⁷⁹ COSTA, Alisson Oliveira da. **A expressão punk em Caxias do Sul entre 1986 e 1997**. 2021. 111 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura Plena em História) – Universidade de Caxias do Sul. Caxias do Sul, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/xmlui/handle/11338/8834?locale-attribute=en>. Acesso em: 13 set. 2025.

⁸⁰ A área entre a avenida Júlio de Castilhos, bairro São Pelegrino e Parque Getúlio Vargas (Parque dos Macaquinhos) era chamada pelos punks ligados ao Ovo Podre de Bobódromo, pois neste espaço, segundo eles, não existia nenhuma atividade cultural de cunho crítico, haviam apenas os jovens bebendo, passeando com seus carros em baixa velocidade, caminhando pelas calçadas em busca de paqueras e os rapazes assoviando para as moças. Para saber mais ver Alisson Oliveira da Costa, *A expressão punk em Caxias do Sul entre 1986 e 1997*.

⁸¹ SEGUNDO ENTREVISTADO. [Entrevista cedida a] Alisson Oliveira da Costa. Entrevista realizada via WhatsApp. [S.l.], 27 jan. 2025.

amparo para se reabilitar junto a Comissão Municipal de Amparo a Infância (COMAI). Na mesma página da reportagem sobre o punk, logo abaixo, está outro texto falando sobre a COMAI onde jovens de atitudes extremadas e conflituosas que haviam culminado em um comportamento desviante, uso de drogas e delitos graves como roubo, poderiam encontrar uma equipe composta por psicólogos, psiquiatras, assistentes sociais e professores que dariam a assistência necessária para sua recuperação. O autor ainda destaca que muitos adolescentes acabam fugindo do local por conta da ansiedade causada pelo uso de drogas, além disso, o órgão também mantinha um espaço para a recuperação de meninas chamado Casa das Meninas. Nessa primeira análise fica clara a intenção do jornal de vincular o movimento punk ao uso de drogas, delitos e delinquência, o que não fugia do padrão de abordagem do tema por outros grandes periódicos que circulavam no país.

Figura 7 – Seção Fora da linha. Jornal Pioneiro, 03 de março de 1993

Fora da linha

Uma galera punk de pilhas e cabeças

Eles se vestem de preto, andam em "tribos", pregam a decadência e são contra os governos; odeiam o estudo, mas apreciam o trabalho: são os punks. Já os jovens que chegam ao extremo encontram amparo para se reabilitarem junto à COMAI

Este é o punk formado por seguidores de Caxias do Sul, a dos punks é a mais radical.

Vestidos de preto com camisetas estampadas com monstros e caveiras, sapatos sujos e cabelos contados no estilo moicano, eles saem às ruas pregando o caos e a decadência da civilização. A maioria se diz adepta da ideologia anarquista e é contra todo tipo de governo.

Segundo o punk Edimar Luiz Adams, 16 anos, o movimento existe na cidade desde 1986. Hoje, ele conta com cerca de 20 "cabeças pensantes" e mais de mil "punks de pilha" - os integrantes do grupo que aderem ao movimento movidos por puro modismo. Para Edimar, ser punk é ser capaz de desafiar o sistema e dizer "eu sou eu". As roupas agressivas representam a coragem de contestar e vestir-se de acordo com a vontade de cada um.

Ans domingos eles costumam se encontrar nas esquinas da avenida Júlio de Castilhos, onde formam a "galera": o grupo onde "todo mundo é cacique e ninguém manda em ninguém". Os estudos não são vistos com simpatia pelos punks, que dizem que "de nada adianta estudar, porque não vai compensar no futuro". Já o trabalho tem boa aceitação: "Punk que é punk trabalha. Não é como os vagabundos filhos de papai que



Fanzine: meio de expressão
tem por si", afirma Edimar. Ele propõe pausas de estudar na sexta série ginasial e hoje trabalha com o pai no ramo metalúrgico.

ENTIDADES REPRESSORAS
Quase todos os integrantes dessa tribo têm uma relação conflituosa com a família. Edimar Adams conta que se sentiu atraído pelo movimento aos 11 anos, ao conhecer a música crua e agressiva do estilo hardcore. Quando decidiu se tornar um punk, a família não o apoiou: "Se não fosse pelo meu pai, hoje eu estaria na Febem. Não tenho mais contato com a minha mãe e família, pra mim, é só repressão. Para eles eu sou somente um rascão e marginal", conta.

A sociedade e a polícia também



Entre os punks, todos são caciques e ninguém manda em ninguém

são vistos pelos punks como entidades repressoras. Segundo Edimar, basta sair às ruas para ser agredido verbalmente pela população, que não aceita o seu modo de se vestir. "Bacana", 16 anos, que não quis se identificar pelo nome, disse já ter sido agredido pela polícia. "Eles me pegaram e queriam cortar o meu cabelo com uma faca. Dai eu disse que eles não tinham o dinheiro de fazer aquilo, eles me deram umas horóscopas e me soltaram", declarou.

A sexualidade é tida como bastante liberada no meio punk. No entanto, mesmo conhecendo os perigos da AIDS, quase ninguém toma precauções, como o uso de camisinha. Edimar explica: "Quando a gente está namorando, quase sempre está muito bêbado ou chapado e ninguém tem medo de usar. Além do mais, as garotas são as primeiras a discriminar esse negócio de camisinha".

VERDADEIRO INIMIGO

Muitos seguidores punks já experimentaram drogas injetáveis e são a favor da liberação de drogas leves, como a maconha. Para eles, o uso das drogas é uma forma de escapar das pressões do sistema que "só dá liberdade para nada", além de ser um problema de cada um e, portanto, "a sociedade não deve se intrometer". Sobre a relação com outros adolescentes da cidade com estilos de vida diferentes, Edimar afirma fazer parte da ideologia anarquista e respeito pelo pensamento alheio. "Tenho que reconhecer o verdadeiro inimigo, que é o sistema, antes de brigarmos um com os outros", diz. Já grupos de cidades grandes, como os carceres neonazistas, são considerados "fascistas e bobacos". Em Caxias do Sul, os jovens amantes do skatista são considerados os melhores amigos dos punks.

Entre os ídolos dessa tribo, consegue destaque marcante Sid Vicious - líder da banda punk inglesa

Sex Pistols - morto por overdose nos meados da década de 70. Além dos doces dessa banda, a cultura punk conta com grupos como Ramones, Replicantes, Darius Probers, Sengue Baje e Explotad, entre outros.

O futuro, para ele, é o que chamam de "vortex" - o caos e a escuridão. "A humanidade está regredindo e vai atingir a decadência total", anuncia Edimar. Mesmo com estas perspectivas pessimistas, os seguidores do movimento punk acreditam na luta pela paz mundial e pela liberdade.

Enquanto cuida do lançamento de um fanzine - tipo de jornal artesanal alternativo - com o objetivo de conscientizar os punks "modistas e zurdinhos" de Caxias do Sul, Edimar Adams idealiza a realização de um show beneficente no bairro de Lourdes. "Vamos arrecadar bastões punk e mostrar de perto anarquistas. Como estratégia recebemos roupas e livros, que serão doados ao Lar do Menor. Queremos provar que não somos alienados", conta.

Renascer para reintegrar à sociedade



COMAI mantém centros de recuperação

Para alguns adolescentes, as atitudes estrimadas e os conflitos dessa idade terminam constituindo a algum comportamento desviante. É o caso de cerca de 40 meninos internados no Centro Renascer, depois mantido pela Comissão Municipal de Amparo à Infância (COMAI), e que cuida da recuperação da juventude desencaminhada de Caxias do Sul. Segundo o coordenador do Centro, Domingos Lory, a maioria desses meninos vem de famílias desestruturadas e de classes sociais mais baixas.

"O consumo de drogas, na maioria dos casos, é um dos motivos que levam os adolescentes a cometerem delitos graves, como furtos, por exemplo", afirma Lory. Encaminhados pelo

Juizado de Menores ou pelo Conselho Tutelar, os meninos chegam ao Centro Renascer, onde começam o processo de recuperação e reintegração à sociedade.

Lá, uma equipe formada por psicólogos, psiquiatras, assistentes sociais e professores acompanham cada caso e procuram dar a assistência necessária ao menor com problemas sociais. Segundo Lory, "o Centro vem desenvolvendo um trabalho bastante satisfatório, com um índice de recuperação muito bom".

DROGAS E REJEIÇÃO

No entanto, alguns internos, movidos pela ansiedade do uso de drogas, terminam fugindo do Centro. Atualmente seis adoles-

centes se encontram nessa situação de forçados. Para solucionar esse tipo de problema, Lory reivindica a criação de uma ala clínica específica para o tratamento de drogados, no próprio Centro Renascer. Outro problema apontado por ele é, em alguns casos, a rejeição do adolescente por parte da família.

Quando há garotas com os mesmos problemas, a COMAI mantém em Caxias do Sul a Casa das Meninas, onde funciona um centro de recuperação voltado para as questões femininas. Segundo Maria Tereza Verdi, diretora da COMAI, faz parte do plano de governo do prefeito Mário Vainin a criação de um local para acolher os jovens após completarem 18 anos.

Figura 8 – Reportagem sobre os Teenagers. Capa do *Jornal Pioneiro*, 03 de março de 1993

PIONEIRO

ANO 45 - N° 5.378 - CAXIAS DO SUL, QUARTA-FEIRA, 3 DE MARÇO DE 1993 Cr\$ 5.000,00

Sindicato encontra dois falsos médicos em Caxias

PÁGINA 13 GILMAR GOMES



Os teenagers, jovens entre 13 e 19 anos, têm seus próprios códigos e valores, nem sempre em harmonia com "o resto"

Os conflitos e prazeres de viver a adolescência

PIONEIRO DOCUMENTO



TELEFOTO ANTÔNIO CRUZ PARA PIONEIRO

MAIS UM: o novo ministro da Fazenda, Eliseu Resende, analisa as contas do governo

PÁGINA 5

FESTA DA UVA
Ações são transferidas oficialmente

PÁGINA 11

GAUCHÃO
Arma do Ju hoje à noite é Arenari

PÁGINA 17

Fonte: *Jornal Pioneiro* (1993).

No início do texto é descrito que entre as tribos formadas pelos *teenagers* de Caxias do Sul a dos punks é a mais radical, se vestiam de preto, com camisetas estampadas com monstros e caveiras, sapatos sujos e cabelo moicano eles saiam às ruas para pregar o caos e a decadência da civilização, sendo que a maioria dos integrantes eram de ideologia anarquista e contra qualquer tipo de governo. O insistente destaque a estética visual e indumentária dos punks parece demonstrar o lado que mais chamou atenção do autor, cabe lembrar que nesse período a cidade crescia e ultrapassa a marca dos 290 mil habitantes, tornando-se cada vez mais urbana, assim podemos notar que costumes diferentes e principalmente a contracultura em uma cidade do interior do Rio Grande do Sul com raízes rurais naturalmente causa um estranhamento e choque em um primeiro momento.

Na matéria um punk chamado Edimar Luiz Adamis, então com 16 anos, é o responsável por responder algumas perguntas junto a outro indivíduo que preferiu se identificar apenas pelo seu apelido: Bacana, que naquele momento também tinha 16 anos. Edimar começa explicando que o movimento existia na cidade desde 1986 e que naquele momento contava com 20 integrantes cabeças pensantes, ou seja, sujeitos que se informaram sobre a contracultura e possuíam compreensão sobre a mesma, e mais de mil punks de pilha, definidos por ele como pessoas que aderiram ao movimento apenas por modismo. Para ele punk era ser capaz de desafiar o sistema e as roupas agressivas representavam a coragem de contestar e vestir-se de acordo com a vontade de cada um, a reportagem segue destacando que aos domingos os punks costumavam se reunir nas esquinas da Avenida Júlio de Castilhos (que acabou se tornando um local frequentado por membros do movimento até meados dos anos 2000, como veremos no próximo capítulo) onde formavam a “galera”, grupo onde todos eram caciques e ninguém mandava em ninguém, quanto aos estudos não contavam com a simpatia dos jovens, para eles de nada adiantava estudar, pois não compensava no futuro, já o trabalho tinha boa aceitação pelo fato de diferenciá-los dos “vagabundos filhinhos de papai”.

Observando a fala de Edimar percebemos que para eles a família, a sociedade e a polícia eram vistas como entidades repressoras, a primeira porque não o apoiou quando o mesmo decidiu tornar-se punk e a segunda porque agredia verbalmente os punks quando os viam nas ruas. Em relação a repressão policial analisamos a fala de Bacana onde relata já haver sido agredido por policiais que também queriam cortar seu cabelo com uma faca, examinando esse fato podemos reforçar os resultados da pesquisa anterior onde foi constatado que durante o período da primeira geração a repressão não só contra os punks, mas contra a juventude ainda era muito forte, assim os resquícios da ditadura civil-militar, recém encerrada, continuavam vivos e cotidianos no município. O grupo também relata que a sexualidade era bastante

liberada entre os integrantes, assim quase ninguém tomava precauções contra doenças sexualmente transmissíveis, de acordo com Edimar no momento do namoro os jovens estavam muito bêbados ou chapados (drogados) e não lembravam de se cuidar, além disso, as meninas discriminavam o uso de preservativos.

O repórter expõe ainda que muitos jovens ligados ao grupo já tinham experimentado drogas injetáveis e eram favoráveis a liberação de drogas leves como a maconha, pois para eles o uso de entorpecentes era uma maneira de escapar das pressões do sistema, além de ser uma escolha individual da qual a sociedade não deveria se intrometer. Os melhores amigos dos punks caxienses naquele momento eram os skatistas, Edimar ainda relata que fazia parte da ideologia anarquista respeitar o pensamento alheio e que o verdadeiro inimigo era o sistema. O jornalista também fala que nas cidades grandes grupos de carecas neonazistas são considerados recalcados e babacas, em nossa investigação não encontramos nenhum indício de conflitos entre punks e neonazistas na época da primeira geração, porém os mesmos já tinham conhecimento sobre seus inimigos urbanos e também de seus amigos, quando refere-se aos skatistas.

A reportagem finaliza apresentando os ídolos da tribo urbana: *Sid Vicious*, integrante da banda *Sex Pistols* falecido após uma overdose em 1979, e bandas como *Ramones*, *Replicantes*, *Garotos Podres*, *Sangue Sujo* e *Exploited*. Mesmo com uma visão de futuro totalmente pessimista os punks caxienses acreditavam na luta pela paz mundial e liberdade, mais um paradoxo do movimento. Edimar ainda disse que estava cuidando da publicação de um fanzine com o objetivo de conscientizar os punks modistas e certinhos da cidade, além de idealizar um show beneficente no bairro Lourdes com a apresentação de um teatro anarquista, o objetivo era recolher roupas e livros que seriam doados ao Lar do Menor e provar que não eram alienados.

Na matéria é possível ver uma imagem do fanzine *Ovo Podre* com a frase *Visite Caxias e Coma Polenta*, junto a frase há uma caricatura do monumento ao Imigrante, localizado às margens da BR-116, próximo ao início da Avenida Júlio de Castilhos, com a frase “*A Nação aos Punks*” em uma sátira à frase original do monumento que diz “*A Nação Brasileira ao Imigrante*” (Figura 9). Pode-se dizer que o *Ovo Podre* foi o primeiro fanzine da cidade, editado originalmente entre 1988 e 1989, quando foi descontinuado, a partir de 1990 outro grupo de jovens punks, que tiveram acesso ao periódico, retoma a publicação com autorização do criador original, assim o informativo circulou em shows, festivais musicais frequentados pelos punks

e foi distribuído pelas ruas até 1994 (Figura 11), sendo que nesta segunda fase o fluxo acabou alcançando mais jovens o que resultou em maior adesão ao movimento punk⁸².

Figura 9 – Fragmento do fanzine Ovo Podre número 02, publicado em 1988 e reeditado em 1991



Fonte: Acervo pessoal do Segundo Entrevistado (2021).

⁸² Ver: COSTA, Alisson Oliveira da. **A expressão punk em Caxias do Sul entre 1986 e 1997**. 2021. 111 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura Plena em História) – Universidade de Caxias do Sul. Caxias do Sul, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/xmlui/handle/11338/8834?locale-attribute=en>. Acesso em: 13 set. 2025.

Com a adesão de novos membros ao grupo responsável pela reedição do fanzine temos a chegada de um indivíduo ligado a Corrente Socialista dos Trabalhadores (CST), uma organização política de cunho socialista trotskista, assim, em 1992, os jovens são acolhidos na sede da CST, localizada em uma sala no centro de Caxias do Sul⁸³, o local abrigava uma biblioteca onde os jovens puderam amadurecer sua compreensão política lendo obras de Marx, Lênin, Bakunin e Proudhon, além de participarem de cursos de formação política e das reuniões internas do coletivo⁸⁴. Com isso foi fundado, no mesmo ano, o Movimento punk Ovo Podre, onde os jovens reafirmaram suas ideias anarquistas e passaram a ser críticos do marxismo por conta do termo ditadura do proletariado, defendida pelos trotskistas. No final do mesmo ano os punks se afastaram definitivamente da CST após discordarem da corrente optar pela filiação ao Partido dos Trabalhadores com objetivo de disputar linhas ideológicas visando as eleições de 1994⁸⁵.

É importante conhecer uma parte da história do Movimento Punk Ovo Podre e seu fanzine porque nas palavras do Segundo Entrevistado, os sujeitos que participaram da entrevista tinham ligação com o coletivo. Edimar e Bacana não chegaram a se envolver no grupo responsável pela retomada da produção do Fanzine, apenas ajudaram na distribuição do periódico⁸⁶, além disso, de acordo com o depoente, parte dos jovens se negou a participar da reportagem por considerarem o jornal Pioneiro um órgão burguês e o principal representante da elite da cidade, assim quando o repórter chegou alguns punks se retiraram do local, ademais, esses mesmos indivíduos também se recusaram a ser fotografados para a capa do periódico, junto aos demais frequentadores do lugar, e para a matéria, ao lado dos outros punks, pois para eles uma foto para o jornal era uma foto para a polícia⁸⁷, o entrevistado também reafirma a intenção midiática de relacionar o movimento punk com desordem e delinquência, admite que haviam sim casos esporádicos relacionados a essas questões, mas destaca que a intenção de produzir um fanzine e organizar o punk em um movimento social/cultural era justamente

⁸³ Ver: COSTA, Alisson Oliveira da. **A expressão punk em Caxias do Sul entre 1986 e 1997**. 2021. 111 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura Plena em História) – Universidade de Caxias do Sul. Caxias do Sul, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/xmlui/handle/11338/8834?locale-attribute=en>. Acesso em: 13 set. 2025.

⁸⁴ *Ibid.*

⁸⁵ O movimento punk Ovo Podre aderiu às manifestações contra o Calendário Rotativo das escolas estaduais e favoráveis ao Impeachment do então presidente Fernando Collor de Mello no ano de 1992. O coletivo também organizou um protesto contra a chamada Lei das Onze, em 1993, que proibia jovens menores de 16 anos de permanecerem nas ruas de Caxias do Sul após as 23h00min. Para saber mais sobre o coletivo consulte Alisson Oliveira da Costa, A expressão punk em Caxias do Sul entre 1986 e 1997.

⁸⁶ SEGUNDO ENTREVISTADO. [Entrevista cedida a] Alisson Oliveira da Costa. Entrevista realizada via WhatsApp. [S.l.], 27 jan. 2025.

⁸⁷ *Ibid.*

desvincular essa ideia entre os próprios punks⁸⁸, para o Segundo Entrevistado os indivíduos que aceitaram participar da reportagem tomaram atitudes típicas dos punks de pilha baseadas apenas na estética, música e sem a politização⁸⁹.

Ainda nas palavras do Segundo Entrevistado o festival beneficente no bairro Lourdes, descrito por Edimar no final da entrevista, nunca aconteceu, já o grupo responsável pelo teatro anarquista chegou a se formar, realizou dois ou três ensaios e se desmontou⁹⁰.

Desse modo podemos considerar que a primeira geração punk de Caxias do Sul era formada por caxienses punks, ou seja, por jovens que seguiam a mesma forma de pensar, agir e se vestir adquirida com os punks de São Paulo e Porto Alegre através das músicas, fanzines e até mesmo matérias vinculadas a revista *Bizz*, como mencionado na seção um. Isso não é um aspecto negativo, pelo contrário, podemos considerar que se trata de um comportamento natural, afinal o punk era uma contracultura totalmente nova na cidade, os indivíduos que se identificaram com ela ainda estavam conhecendo seu funcionamento, tentando adaptá-la à sua realidade e formando uma identidade própria. Ainda assim neste período já conseguimos perceber o início dos primeiros desentendimentos internos após a fundação de um coletivo onde alguns membros já haviam se politizado junto a uma organização formal, no caso a CST, como foi no momento da reportagem sobre os punks no jornal *Pioneiro*.

Em 1994 o Movimento Punk Ovo pode se desarticulou, porém as cópias do fanzine que foram distribuídas pela cidade nesse período acabaram alcançando outros jovens que passaram a se identificar com a contracultura punk⁹¹, esses indivíduos são os responsáveis por articular o movimento caxiense a partir de 1995 com a produção de novos fanzines, formação de bandas e organização de festivais, surge então a segunda geração punk de Caxias do Sul⁹². Os sujeitos ligados a primeira geração não se afastaram totalmente da cena, alguns continuaram frequentando eventos e colaborando com as produções, porém o ativismo punk no município passou a ser protagonizado por esses novos integrantes⁹³.

As maiores características da segunda geração que podemos apontar são: integrantes mais jovens que os pioneiros, maior mobilização para organização de festivais, publicação de

⁸⁸ *Ibid.*

⁸⁹ SEGUNDO ENTREVISTADO. [Entrevista cedida a] Alisson Oliveira da Costa. Entrevista realizada via WhatsApp. [S.l.], 27 jan. 2025.

⁹⁰ *Ibid.*

⁹¹ Ver: COSTA, Alisson Oliveira da. **A expressão punk em Caxias do Sul entre 1986 e 1997**. 2021. 111 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura Plena em História) – Universidade de Caxias do Sul. Caxias do Sul, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/xmlui/handle/11338/8834?locale-attribute=en>. Acesso em: 13 set. 2025.

⁹² *Ibid.*

⁹³ *Ibid.*

uma considerável variedade de fanzines, maior número de bandas, politização individual e, por consequência, rixas ideológicas dentro do movimento⁹⁴. Devemos salientar que nesse período não houve um espaço como a sede da CST onde os punks pudessem ter acesso a livros de autores marxistas e anarquistas, cursos de formação política e debates, assim cada sujeito buscava se informar, se politizar e interpretar o anarquismo ao seu modo, o que abriu espaços para desentendimentos entre os punks, sobretudo após a chegada do anarcopunk à cidade. O trabalho anterior apontou que esses sujeitos pensavam o anarquismo dentro do movimento punk de forma radical, assim integrantes que possuíam aspectos que representasse abastança, como ter um carro, falta de identificação estética ou que a banda cobrasse ingresso em seus shows, mesmo que fosse para cobrir os custos do evento, já eram rotulados de pseudopunks ou punks de boutique, no caso de bandas seus shows eram boicotados pelos anarcopunks⁹⁵.

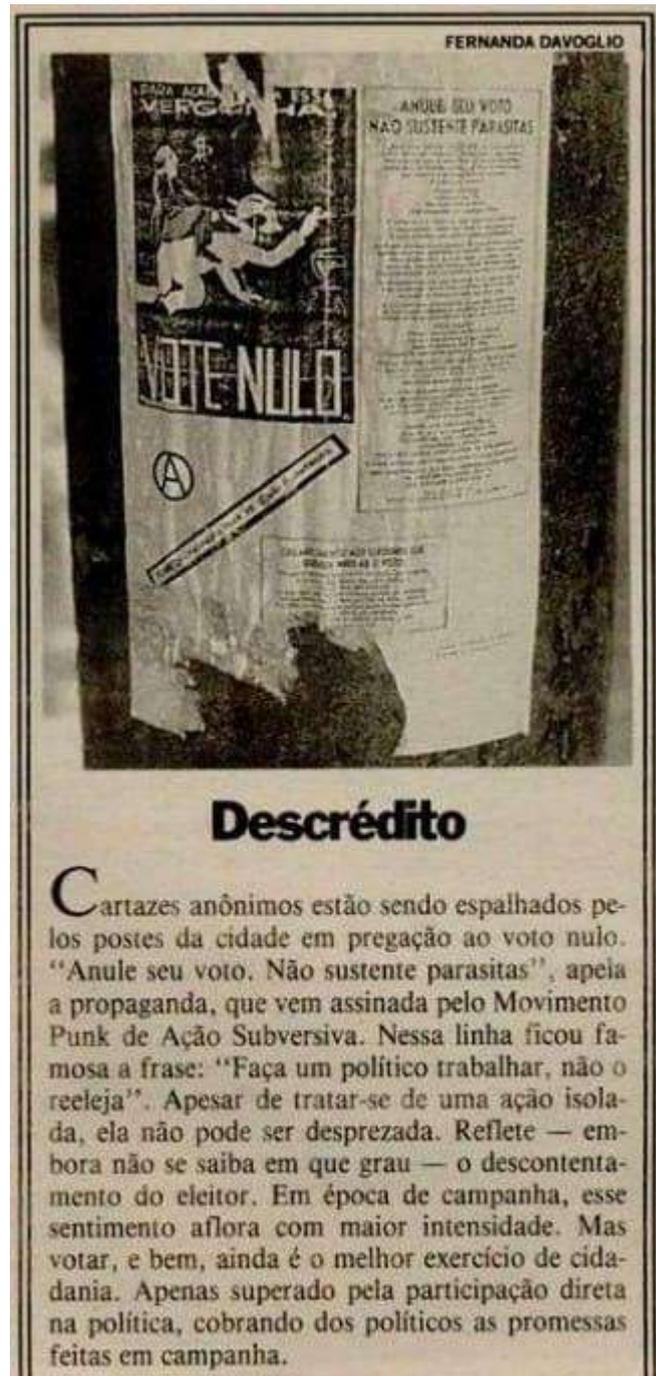
As defesas de pautas de esquerda, a tentativa de construção de algo diferente do que o *status quo* havia oferecido até o momento e a ligação com o anarquismo, princípios moldados ainda na primeira geração permaneceram entre os novos integrantes do movimento local⁹⁶, como analisado na seção anterior os conceitos do não autoritarismo e não conformismo levaram a contracultura punk em direção ao anarquismo e a mobilização em busca de mudanças. No município não foi diferente, a nova onda punk a partir de 1995 trouxe uma juventude que se agrupava e passava a ocupar com mais frequência as áreas centrais da cidade para se fazer ouvir como podemos ver na nota contida na seção *Mirante* (Pioneiro, 1996, 27 de junho, página 08) onde é apresentado que cartazes assinados pelo Movimento Punk Ação Subversiva estavam sendo espalhados pelos postes da cidade com a frase “*Anule seu voto, não sustente parasitas*”, além disso, o panfleto ainda diz “*Faça um político trabalhar, não o reeleja*” (Figura 12), devemos recordar que em 1996 ocorreram eleições municipais e o Pioneiro expressa através da nota uma preocupação quanto ao descrédito do eleitor em relação à política, o periódico finaliza a nota apelando aos leitores para que não deixem de votar, pois este ato era o melhor exercício de cidadania, apenas superado pelo ato de cobrar dos políticos as promessas feitas em campanha. Além do mais, podemos notar através da notícia a formação de um novo coletivo punk na cena local, a grande mobilização da segunda metade da década de 1990 resultou em novos agrupamentos como o Juventude Libertária (Juli) fundado em 1997.

⁹⁴ *Ibid.*

⁹⁵ Ver: COSTA, Alisson Oliveira da. **A expressão punk em Caxias do Sul entre 1986 e 1997**. 2021. 111 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura Plena em História) – Universidade de Caxias do Sul. Caxias do Sul, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/xmlui/handle/11338/8834?locale-attribute=en>. Acesso em: 13 set. 2025.

⁹⁶ *Ibid.*

Figura 10 – Descrédito, seção Mirante. Jornal Pioneiro, 27 de junho de 1996



Fonte: Henrichs (1996).

Para O’Hara (2005) quando se trata de ideologia política os punks são antes de tudo anarquistas, porém isso não significa que todos sejam versados na história e teoria do anarquismo, entretanto a maioria compartilha das crenças anarquistas de não existir um governo oficial, governantes, defender a liberdade individual e a responsabilidade, como pudemos perceber até aqui os grupos da primeira geração que conseguimos informações estudavam a teoria política, já na segunda geração percebe-se o caso citado pelo autor, nem todos

estudavam o anarquismo de maneira profunda, mas partilhavam de suas crenças. Porém o punk se abraça a essa ideologia por conta do já citado conceito do não autoritarismo, afinal nas palavras de O'Hara (2005, p.83) “a anarquia é o único modo político de pensar que não procura controlar o indivíduo através da força”, da mesma forma para o já mencionado autor (2005) os governos e hierarquias geram opressão e exploração das pessoas que vivem e são afetadas por elas, desse modo justifica-se a aproximação da contracultura com o anarquismo.

O anarquismo punk critica o comunismo porque para os punks a ideologia se apresenta como uma força nobre que luta contra a desigualdade, injustiça, opressão e domínio capitalista, mas ao conseguir alcançar o poder acaba adotando os mesmos métodos repressivos para manter sua hegemonia, ademais, os punks consideram os partidos de esquerda autoritários por natureza por defenderem um sistema que ainda se baseia no domínio de um ser humano por outro (O'Hara, 2005). Essa ideia evidencia a compreensão que os punks tiveram das experiências socialistas ao redor do mundo, vista como uma contraditória e simples troca de governantes que mantém o mesmo método de domínio, além do mais, a revolução é vista como algo distante a ser feito por uma classe intelectual que parece não compreender as necessidades reais das massas e nem saber dialogar com elas, assim a verdadeira liberdade e autonomia não é alcançada, nas palavras de O'Hara (2005) no século XX a revolução passou a ser projetada por uma classe profissional de organizadores comunistas que derrotaram o capitalismo para substituir por sistemas próprios tão ou mais opressores, o que acabou gerando um círculo vicioso onde os descontentes fazem uma revolução para criar uma nova classe de descontentes.

Paiva e Nascimento (2016) nos dizem que na década de 1980 as ideias da esquerda revolucionária se isolaram e não empolgavam as massas, a banda paulistana Restos de Nada (que como já vimos foi uma das pioneiras do punk brasileiro) começou a passar por conflitos internos após aproximar-se da esquerda estudantil e frequentar bares universitários de esquerda. Um dos membros do grupo, Clemente Nascimento, defendia a justiça social e acreditava que o país só iria melhorar se a esquerda tomasse o poder e fuzilasse a burguesia, entretanto não havia espaço para as ideias punks nas reuniões do coletivo Liberdade e Luta, de orientação trotskista, onde todos queriam fazer revolução, mas ninguém saía do bar (Paiva; Nascimento, 2016). Assim podemos perceber que a luta institucional da esquerda tradicional não conta com a simpatia do radicalismo punk.

O movimento punk foi formado originalmente em países que preservam políticas capitalistas e pseudodemocráticas, por isso o capitalismo torna-se o primeiro alvo dos punks políticos que percebem o classismo a exploração e os sem-teto como resultados deste sistema (O'Hara, 2005). A sociedade se conformou e naturalizou um modelo “canibal”, baseado na

exploração dos seres humanos com objetivo de obter lucro transformando tudo em mercadoria (O'Hara, 2005), sem dúvidas luxo e dinheiro podem tornar a vida mais confortável, mas julgar se uma pessoa é bem ou mal sucedida através desses termos pode gerar resultados perigosos (O'Hara, 2005), pois a sociedade passa a aceitar passivamente a destruição ambiental, guerras, violência e desigualdade social com a justificativa de garantir lucro e acesso ao consumo. Desse modo, o capitalismo e suas bases de desumanização e exploração de pessoas, animais e meio ambiente para atingir a riqueza não podem ser aceitos pelos anarquistas (O'Hara, 2005).

O'Hara (2005) também destaca que os Estados Unidos capitalista lucraram e lucram muito com as guerras que promovem. Através da temática bélica ou inspirados nas intervenções norte-americanas são produzidos filmes, documentários, camisetas (como as fabricadas com a inscrição *Tempestade no Deserto*, no período da Guerra do Golfo) e adesivos com slogans racistas que são amplamente vendidos e consumidos (O'Hara, 2005), essa também é uma estratégia para fazer com que a população apoie os conflitos e aumente seu fervor patriótico, enquanto petrolíferas, fábricas de armamentos e grandes construtoras contratadas para reconstruir a infraestrutura do país invadido aumentam vertiginosamente suas receitas, pois quanto mais danoso mais rentável, assim um punk não pode aceitar o perverso ato de utilizar a guerra para impulsionar a economia (O'Hara, 2005).

Dessa forma podemos perceber que os punks defendem muitas crenças que estão de acordo com posições radicais, liberais ou de extrema esquerda da democracia (O'Hara, 2005), se opondo tanto as contradições geradas pelo capitalismo quanto as geradas pelo comunismo, que na verdade está mais próximo do socialismo real, assim o punk anarquista é contrário à política de grupos de esquerda e de direita (O'Hara, 2005). Para o leitor que possui compreensão sobre o espectro filosófico da política, sua formação e organização pode parecer extremamente confusa e contraditória a visão que o sujeito punk têm sobre o anarquismo, assim cabe reforçar que não estamos tratando de uma organização formal e hierarquizada formada integralmente por indivíduos oriundos da academia e sim analisando um movimento contracultural, informal, de caráter popular e formado sobretudo por jovens, portanto suas contradições são tão comuns quanto as de movimentos oriundos da cultura oficial. Ademais, como defende Bivar (2001, p. 47) “se a política do mundo adulto é confusa, não se deve cobrar coerência política maior do movimento punk”, pois o mesmo é formado por jovens que, em sua explosão e insatisfação, invocam o espírito de mudança (Bivar, 2001). Conforme o relato de Eduardo Gaspari⁹⁷ haviam muitos punks caxienses e de outras cidades que mantinham contato com a cena local ligados ao

⁹⁷ GASPARI, Eduardo. [Entrevista cedida a] Alisson Oliveira da Costa. Entrevista realizada via WhatsApp. Caxias do Sul, 26 outubro 2024.

movimento anarcopunk e punks libertários que estudavam a teoria anarquista profundamente e durante conversas e debates esses mesmos sujeitos demonstraram que realmente compreendiam o que estavam defendendo, porém a maioria dos integrantes do período não tinha ideia do real significado da ideologia, apenas utilizavam o símbolo do anarquismo bordado na jaqueta, entretanto o anarquismo no movimento caxiense acabou sendo construído através de debates e troca de ideias durante encontros dos indivíduos, os punks podiam não entender a teoria política, mas formataram um comportamento baseado na luta contra o machismo, homofobia e racismo⁹⁸.

O fortalecimento dessas pautas, que já vinham desde a primeira geração, foi possível também através das músicas de bandas como *Cólera*, *Ratos de Porão* e *Luta Armada* que fizeram com que muitos jovens aprendessem mais sobre o que a contracultura punk defendia e acabassem se tornando mais conscientes quanto a comportamentos típicos da cultura conservadora pré estabelecida por conta da hegemonia da cultura oficial, como a reprodução de piadas homofóbicas e racistas ou de um comportamento machista⁹⁹. Além de discos e fitas *K7* de bandas locais, nacionais e estrangeiras, a grande quantidade de fanzines produzidos em Caxias do Sul e vindos de outras regiões do país também foi fundamental para informar a cena local sobre as ideias adotadas pelo punk, de acordo com o depoimento do Terceiro Entrevistado, esses materiais chegavam a Caxias do Sul através do correio¹⁰⁰ (figuras 13 e 14), pois a cena local estabelecia contatos com cenas de outras partes do país quando os jovens caxienses se encontravam com punks de outras localidades em festivais, shows e outros eventos como veremos adiante¹⁰¹, inclusive uma caixa postal foi alugada pelo coletivo Juventude Libertária (Juli) para enviar e receber zines e materiais fonográficos, não só de bandas punks consagradas, como também de bandas de garagem pertencentes a cenas de vários lugares do Brasil, algumas vezes até números de telefone eram trocados para que houvesse contato através de ligações¹⁰².

⁹⁸*Ibid.*

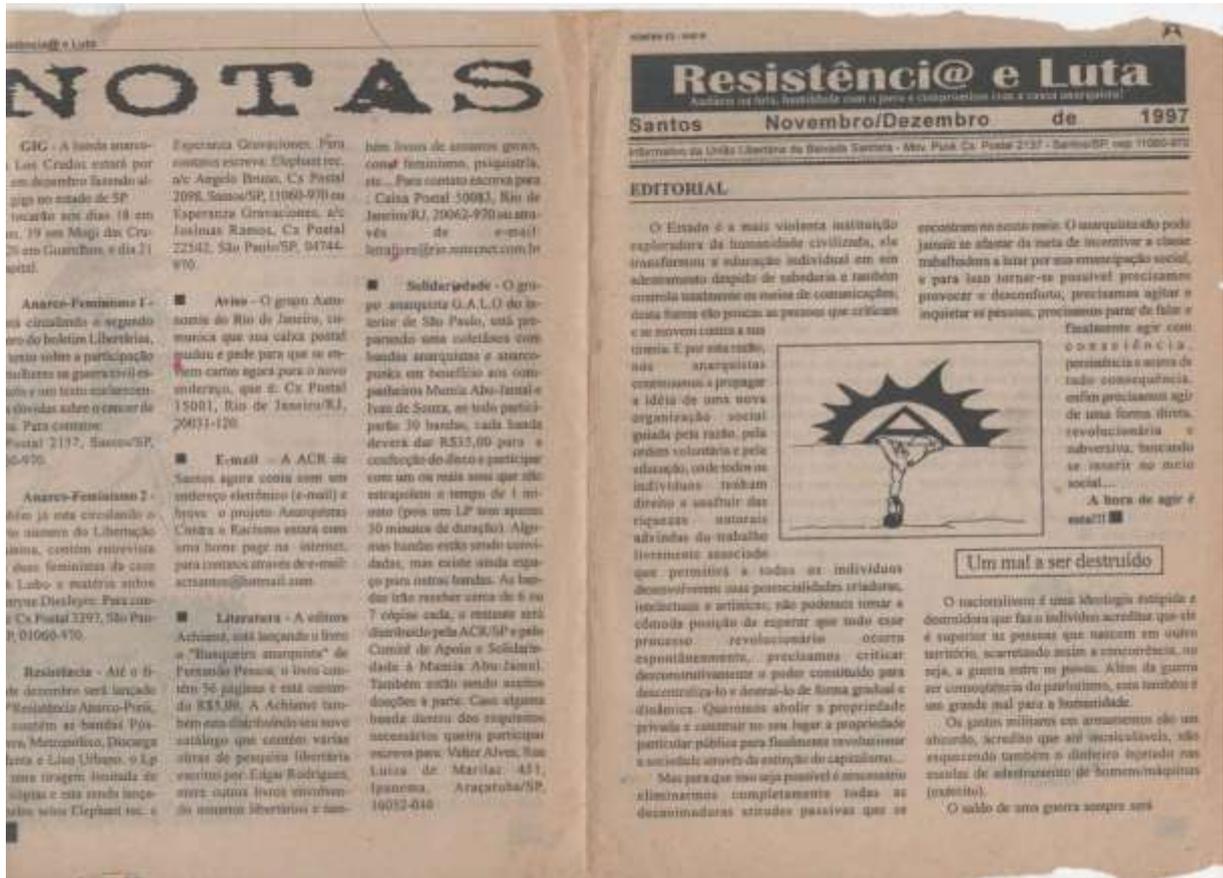
⁹⁹*Ibid.*

¹⁰⁰ TERCEIRO ENTREVISTADO. [Entrevista cedida a] Alisson Oliveira da Costa. Entrevista realizada via WhatsApp. [S.l.], 8 jan. 2025.

¹⁰¹ GASPARI, Eduardo. [Entrevista cedida a] Alisson Oliveira da Costa. Entrevista realizada presencialmente. Caxias do Sul, 26 out. 2024.

¹⁰² TERCEIRO ENTREVISTADO. [Entrevista cedida a] Alisson Oliveira da Costa. Entrevista realizada via WhatsApp. [S.l.], 8 jan. 2025.

Figura 11 – Parte externa do fanzine Resistência e Luta, editado na cidade de Santos-SP em 1997. O periódico é parte de uma coleção de fanzines originária de Caxias do Sul



Fonte: Acervo pessoal do autor (2024).

Figura 12 – Parte interna do fanzine Resistência e Luta, editado na cidade de Santos-SP em 1997. O periódico é parte de uma coleção de fanzines originária de Caxias do Sul



Fonte: Acervo pessoal do autor (2024).

O Terceiro Entrevistado ainda conta que uma estratégia muito utilizada na época era colar os selos nas cartas e passar cola sobre ele, após a cola secar o correio carimbava o selo e quem recebia o esfregava fazendo a cola sair junto com a tinta, reciclando os selos¹⁰³.

Os entrevistados apontam que o principal motivo para desentendimentos internos no período era a falta de postura de alguns punks, por exemplo, o indivíduo que no dia a dia do movimento apresentava atitudes sexistas, machistas e racistas tinha seu comportamento questionado pelos demais membros do grupo, principalmente os ligados ao anarcopunk¹⁰⁴. Gaspari reforça que os desentendimentos com os anarcopunks eram motivados principalmente pela cobrança na postura contraditória de alguns integrantes e não se baseava apenas em se opor a cobrança de ingresso em seus shows, como vimos na primeira pesquisa, visto que os punks ligados ao anarquismo tinham uma conduta mais radical sua contestação aos atos considerados

¹⁰³ TERCEIRO ENTREVISTADO. [Entrevista cedida a] Alisson Oliveira da Costa. Entrevista realizada via WhatsApp. [S.l.], 8 jan. 2025.

¹⁰⁴ Entrevistas concedidas por: TERCEIRO ENTREVISTADO. [Entrevista cedida a] Alisson Oliveira da Costa. Entrevista realizada via WhatsApp. [S.l.], 8 jan. 2025e por: GASPARI, Eduardo. [Entrevista cedida a] Alisson Oliveira da Costa. Entrevista realizada presencialmente. Caxias do Sul, 26 out. 2024.

incondizentes com os princípios da contracultura eram no estilo “colocar o dedo na ferida”, ou seja, não só apontar como também expor e exigir que o sujeito reflita e melhore. Gaspari ainda enfatiza que nem todo o punk é anarquista, mas todo o anarquista é punk¹⁰⁵.

Em seu depoimento o Terceiro Entrevistado conclui que o radicalismo e os desentendimentos internos foram de grande importância para a contracultura da época, pois esses fatores criaram definitivamente no seio do punk caxiense os valores que existem até hoje, assim nenhum punk caxiense desfila com suástica para chocar os outros como fazia *Sid Vicious* (baixistas da banda britânica *Sex Pistols*) e defende os preceitos de liberdade, igualdade, contra discriminação de gênero, amor livre, além de optar pelo posicionamento político à esquerda¹⁰⁶.

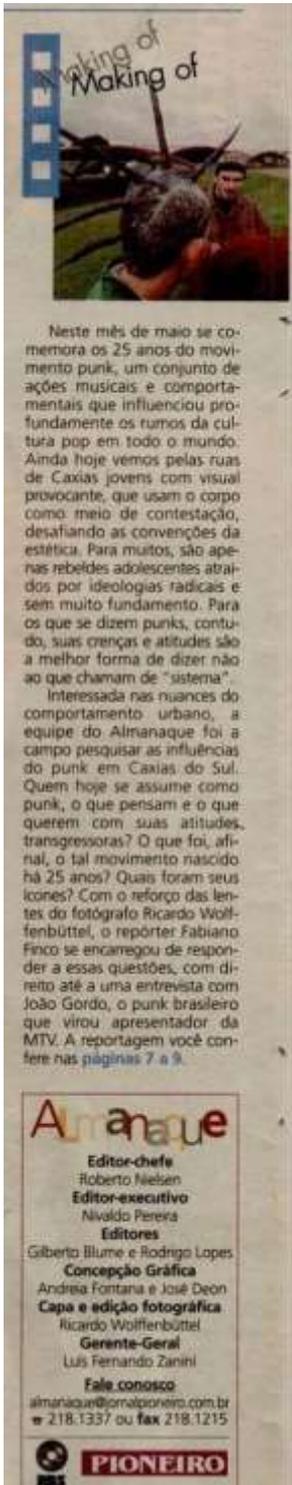
Para entender mais sobre as características do punk caxiense analisaremos agora a reportagem do jornal Pioneiro sobre os 25 anos do movimento punk datada do ano de 2001 e publicada no caderno Almanaque (Pioneiro, 2001, 19 e 20 de maio, páginas 07, 08 e 09)¹⁰⁷. De acordo com a nota da página dois, que anuncia a reportagem, a mesma conta com três páginas e foi realizada por Fabiano Finco. Nela é contada a história do movimento a nível mundial, resumida a história do movimento local, publicada entrevistas feitas com punks caxienses e com o músico João Gordo, vocalista da banda *Ratos de Porão*.

¹⁰⁵ GASPARI, Eduardo. [Entrevista cedida a] Alisson Oliveira da Costa. Entrevista realizada presencialmente. Caxias do Sul, 26 out. 2024.

¹⁰⁶ TERCEIRO ENTREVISTADO. [Entrevista cedida a] Alisson Oliveira da Costa. Entrevista realizada via WhatsApp. [S.l.], 8 jan. 2025.

¹⁰⁷ O motivo desta edição do Pioneiro possuir duas datas de publicação se dá por tratar-se do número que circulou no final de semana. O fato da reportagem ter sido vinculada a esta tiragem demonstra que o movimento já era notado pela população caxiense a ponto de ser destaque em uma matéria especial.

Figura 13 – Nota na página 02 anunciando a reportagem sobre os 25 anos do movimento punk
Jornal Pioneiro, 19 e 20 de maio de 2001



Making of Making of

Neste mês de maio se comemora os 25 anos do movimento punk, um conjunto de ações musicais e comportamentais que influenciou profundamente os rumos da cultura pop em todo o mundo. Ainda hoje vemos pelas ruas de Caxias jovens com visual provocante, que usam o corpo como meio de contestação, desafiando as convenções da estética. Para muitos, são apenas rebeldes adolescentes atraídos por ideologias radicais e sem muito fundamento. Para os que se dizem punks, contudo, suas crenças e atitudes são a melhor forma de dizer não ao que chamam de "sistema".

Interessada nas nuances do comportamento urbano, a equipe do Almanaque foi a campo pesquisar as influências do punk em Caxias do Sul. Quem hoje se assume como punk, o que pensam e o que querem com suas atitudes transgressoras? O que foi, afinal, o tal movimento nascido há 25 anos? Quais foram seus ícones? Com o reforço das lentes do fotógrafo Ricardo Wolfenbüttel, o repórter Fabiano Finco se encarregou de responder a essas questões, com direito até a uma entrevista com João Gordo, o punk brasileiro que virou apresentador da MTV. A reportagem você confere nas páginas 7 a 9.

Almanaque

Editor-chefe
Roberto Nielsen

Editor-executivo
Nivaldo Pereira

Editores
Gilberto Illume e Rodrigo Lopes

Concepção Gráfica
Andressa Fontana e José Deon

Capa e edição fotográfica
Ricardo Wolfenbüttel

Gerente-Geral
Luís Fernando Zanini

Fale conosco
almanaque@jornalpioneiro.com.br
☎ 218.1337 ou fax 218.1215

PIONEIRO

Fonte: Finco e Wolfenbuttel (2001).

A nota da página dois, que anuncia a reportagem, diz em seu início que é possível ver pelas ruas de Caxias jovens com visual provocante que usam o corpo como meio de contestação desafiando as convenções da estética (Figura 15), com esta frase é possível perceber que os

punks já eram notados pela comunidade caxiense e assim chamaram a atenção do jornal que, de acordo com texto, se interessou pelas nuances do comportamento urbano, assim a equipe responsável pela redação do caderno decidiu ir a campo pesquisar as influências do punk em Caxias do Sul. Os jornalistas procuraram entender o que os punks pensavam e queriam com suas atitudes transgressoras, o que era o movimento e quais foram os seus ícones.

Analisando a primeira página da matéria (Figura 16) podemos notar uma mudança de interpretação do Pioneiro em relação ao punk se compararmos com a notícia examinada anteriormente, o texto inicia dizendo que o punk não estava morto e com seus vinte e cinco anos já sabia se virar sozinho, ou seja, com essa expressão o periódico diz que o movimento havia atingido a maturidade, o texto prossegue dizendo que o punk parecia ter ainda muita estrada pela frente o jornalista deixa claro que o mesmo ainda teria muitos anos de duração. Outro ponto a se destacar é a compreensão de que um movimento comportamental e ideológico não tinha uma data de aniversário 100% específica, ou seja, o autor da matéria demonstra saber que a contracultura é popular, espontânea e informal.

A reportagem prossegue apresentando o *boom* do punk iniciado em 1976 com a ascensão de bandas como *Ramones*, *Sex Pistols* e a cantora *Patti Smith* e o surgimento de outras como *The Clash*, também comenta o nome de bandas do período *proto-punk* (*pré-punk*) como *Iggy Pop and The Stooges*, *New York Dolls* e *MC5*, afirmando que todas eram precursoras do movimento. A matéria também comenta os motivos que fizeram com que essa contracultura surgisse nos Estados Unidos, onde parte dos jovens não se identificavam mais com o rock psicodélico nascente, e na Inglaterra, onde essa mesma parcela da população expressava seu descontentamento com as políticas sociais e o desemprego, logo podemos perceber que o autor da matéria tinha certo conhecimento sobre o punk rock.

Figura 14 – Primeira página da reportagem sobre os 25 anos do movimento punk. Jornal Pioneiro, 19 e 20 de maio de 2001

reportagem

Sex Pistols

Hoje 25 anos / trinta e quatro / o movimento / de contestação / radical que / estreitou / as bases da / cultura pop / no mundo

FORÇA

PUNK

Ramones

Para início de conversa, o punk não está morto, ou, como eles mesmos dizem, *punk is not dead!* Também não dá para dizer que está mais vivo do que nunca. O movimento cultural que fez tremer as bases da cultura pop está, digamos, na flor da idade. Já não tem mais problemas com espinhas na cara, sabe-se virar muito bem sozinho, mas parece ter ainda muita estrada pela frente. É neste mês de maio que se pode parar e dizer: o punk tem 25 anos. Não chega a ser um aniversário, até porque, como todo grande movimento comportamental e ideológico, não teve uma data específica para ser pando. Mas foi em maio de 1976 que muita coisa aconteceu, que a mola propulsora jogou de vez a coisa no ventilador para mais tarde se espalhar para os quatro cantos do globo.

Foi em maio que, após assistir a um meteórico show dos Sex Pistols, o então vocalista da banda 101'ers, Joe Strummer, resolveu montar outra banda, um dia após, que se chamaria The Clash. Foi imediatamente no início de maio de 1976 que a banda americana Ramones lança *Ramones*, disco que deu ao mundo uma música chamada *Judy is a Punk*. Foi em maio de 1976 que Patti Smith, mulher do punk Fred Smith, da banda americana MC5, apresentou ao vivo em Londres músicas do disco *Horses*, considerado um dos trabalhos que mais influenciaram o movimento.

Ok, amigo punk. Você pode questionar isso tudo, argumentando que coisas como MC5 (1969), Iggy And The Stooges (1972), New York Dolls (1973), Ramones (1974) e Sex Pistols (1975) já tinham seu lugar ao sol. Claro, todos juntos foram precursores. Mas o boom, a imagem, a moda, a atitude, o perfil e a carapuça apareceram a partir de 1976. O anarquismo ganhava definitivamente os palcos.

Naquele ano, nos Estados Unidos, tinha muito cara de saco cheio de aturar o período pós-Woodstock, com o rock progredindo cada vez mais em teclados virtuosos e letras psicodélicas. Naquele ano, na Inglaterra, tinha muita rapaziada descontente com o desemprego proporcionado pela política social da rainha. Naquele ano, os dois países eram cobertos pela nuvem da anarquia, cada qual com suas particularidades.

FIGURINO BÁSICO – Roupas rasgadas, cabelo colorido, jaquetas de couro, coturnos, pulseiras e até correntes. Assim formava-se o figurino básico que ganhava as ruas de Londres e Nova York a partir de 1976. A negação do princípio da autoridade e a ausência de comandos e de regras – fundamentos do anarquismo – eram então explicitados nas apresentações punks nos pubs, inicialmente. Os Pistols, por exemplo, além de criar moda, desbancaram grande shows em ginásios e os levaram para espaços pequenos. Brigaram com gravadoras, falaram pala-

vrões na TV (em entrevista ao vivo no horário nobre de um programa de TV britânico), tiveram uma carreira curtíssima (de um só disco), porém explosiva. O esperto Malcom McLaren, produtor que inventou os Pistols, importou de forma visionária o comportamento musical dos Estados Unidos. Deu no que deu. Era tudo planejado? Sim, mas o que não é?

Os Ramones são considerados a banda pioneira do punk-rock, porque restauraram a emoção e a simplicidade do rock com músicas como *Judy is a Punk*. Quando tocaram em Londres, em 1976, levaram para a platéia John Lyndon (ou Johnny Rotten), dos Pistols, e Joe Strummer, do Clash. O próprio Joey Ramone diz que foram os Ramones que deram o impulso inicial para o punk e a banda foi uma das únicas que manteve carreira até o último suspiro de Joey, vencido por um câncer em abril deste ano.

Falar sobre o movimento punk é arriscado, porque corre-se o risco de esquecer muita coisa e muita gente. Há vários estilos de punk, de quem ama Sex Pistols e de quem os odeia, achando que eles eram nazistas (!). Há inúmeras bandas, do hard-punk ao punk-rock. Há vários focos de contestação, há vários estilos de se usar o cabelo moicano. Uma coisa é certa, porém: não se pode mais associar punk com sujeira, com uma coisa podre e com violência. Nada disso. A causa punk é mais séria do que muita gente pensa. Se você duvida, paciência. Eles não estão mais a fim de provar nada para ninguém.

Pioneiro ♦ Sábado e domingo, 19 e 20 de maio de 2001

Almanaque ♦ 7

Fonte: Finco e Wolfenbuttel (2001).

A segunda página da reportagem inicia contando sobre a chegada do punk ao Brasil e as primeiras bandas nacionais como *Cólera*, *Olho Seco*, *Inocentes*, *Guerrilha Urbana* e *Ratos de Porão*, após comenta sobre a chegada da contracultura a Porto Alegre e o surgimento da banda *Os Replicantes* (Figura 17). Sobre o início da cena em Caxias do Sul o Pioneiro apresenta a entrevista de um tatuador chamado Jean Carlo Renosto, então com 33 anos, a matéria conta que o movimento teria iniciado na cidade em meados de 1984/1985 e que o já mencionado tatuador era um dos editores do fanzine *Ovo Podre* que em suas páginas vendia o “eco punk”¹⁰⁸ e dava dicas de como calar a boca de um demagogo. Em seu depoimento ao jornal o homem diz que já havia atingido a maturidade, mas ainda apostava em muitos ideais punks como a autossuficiência e que em sua juventude havia feito um moicano de dois palmos. Ao final desta primeira parte o repórter cita uma das bandas precursoras da cena caxiense, a *Pele e Osso*, ainda não foi possível localizar os ex-integrantes desse grupo.

Na sequência o texto apresenta a fala do metalúrgico Maurício Horn, então com 20 anos, que exibia seu primeiro moicano durante o 8º Canta Park (evento onde ocorreu a entrevista, como veremos a seguir) após passar uma hora e meia desfazendo um sabão de glicerina para fazer o penteado. De acordo com suas palavras a principal preocupação do jovem era vencer o preconceito da sociedade em relação aos punks, além do mais o mesmo relata que sempre simpatizou com qualquer forma de sociedade alternativa desde o dia que havia conhecido as músicas de Raul Seixas, após isso se identificou com a proposta de anarquia e liberdade de expressão o que o aproximou de um estilo de vida livre de preconceitos como o racismo e homofobia. Maurício também deixa claro que os únicos grupos que não gosta são os nazistas e skinheads.

Já Eduardo Gaspar, na época com 19 anos, (nosso entrevistado Eduardo Gaspari) salientou na matéria que fez da anarquia um dos seus ideais após ser perseguido pela polícia, ainda comenta que ser punk para ele era lutar contra uma sociedade falida que vivia sob a proteção de um sistema político inexistente. Ele conclui dizendo que deveria lutar sem violência porque ser anarquista não significava ser violento como grande parte da sociedade acreditava, ele completa afirmando que ser punk não significava ser drogado, ladrão ou marginal e que os membros do movimento tinham consciência do que queriam: uma sociedade mais justa. A reportagem ainda destaca a estética da indumentária do jovem com vários bordados com frases contra militares, contra a violência, o preconceito racial, fome, poluição e patriarcado.

¹⁰⁸ Conforme a obra de O’Hara (2005), são as ideias do movimento punk em defesa de causas ecológicas e da preservação do meio ambiente.

Ao final da página o jornal traz o depoimento do tatuador Fernando Cruz, o Fantasma, então com 23 anos. Para ele o punk era, antes de tudo, um movimento de contestação social, feito pelos proletários que não usufruem dos mesmos benefícios da burguesia. O rapaz também salienta que não gosta da ideia de industrializar o punk, assim demonstra não se identificar com bandas como o *Sex Pistols* e *The Clash* e não cita as bandas que escuta para que a mídia não as explore. Talvez o jovem pensasse assim porque os dois primeiros grupos musicais tornaram-se mundialmente famosos, aparecendo na televisão, realizando vários concertos e tendo uma ampla tiragem de seus discos, além de serem vistos como importantes não só para o punk, mas para todo rock mundial. Esses dois pontos evidenciam o que discutimos na seção três sobre os punks considerarem o sucesso e o acúmulo de dinheiro algo burguês, capitalista e, portanto, contrário aos princípios defendidos pelo movimento. Para Fantasma a anarquia é autogestão, assim abandonou o trabalho assalariado em uma empresa para tornar-se tatuador e desenhista, a matéria ainda aponta que o mesmo, naquele ano, editou um fanzine chamado *No me julgues*.

O repórter destaca no texto que Fantasma falou várias vezes durante a entrevista a frase: “*Olha o que tu vai escrever aí*”, a seguir daremos mais detalhes sobre a produção dessa reportagem, mas nas palavras de Eduardo Gaspari quando os punks foram abordados pela equipe do Almanaque, que propôs a entrevista, os mesmos aceitaram, porém avisaram para os repórteres escreverem exatamente o que eles estavam falando e não distorcessem as ideias apresentadas, pois para os integrantes do movimento a mídia tinha o costume de distorcer suas falas¹⁰⁹. Na conclusão da entrevista, Fernando diz que ele e sua companheira Carina Silva, então com 21 anos, estavam esperando uma filha que se chamaria Cecília, em homenagem a sociedade anarquista Santa Cecília, localizada no Paraná, o entrevistado também admite que o punk tem um pouco de utopia, mas aponta que aposta nas pequenas atitudes cotidianas para provar que não é, além de deixar claro que eles tinham consciência do que queriam.

Ao analisar essas fontes podemos perceber que o movimento formatou uma ideia própria sobre o anarquismo baseada na autogestão, autossuficiência, contestação social e luta contra todas as formas de preconceito. A preocupação de demonstrar para a sociedade que os punks não eram delinquentes e violentos também fica muito clara, além da cobrança interna no caso dos membros que não demonstravam atitudes condizentes com os princípios do punk. Aliado ao posicionamento do grupo no espectro político de esquerda podemos perceber a consolidação das ideias e princípios do coletivo (que passava a estar cada vez mais em evidência no meio urbano) através do fortalecimento de sua coerência e legitimidade.

¹⁰⁹ GASPARI, Eduardo. [Entrevista cedida a] Alisson Oliveira da Costa. Entrevista realizada via WhatsApp. Caxias do Sul, 26 out. 2024.

Figura 15 – Segunda página da reportagem sobre os 25 anos do movimento punk. Jornal Pioneiro, 19 e 20 de maio de 2001

reportagem



Maurício Horn espera os 'espetos' ficarem prontos.



Fernando e Carina compartilham ideias e esperam a primeira filha.

O movimento punk não demorou a chegar no Brasil. Logo em 1977, tinha um povo na periferia de São Paulo que já chutava o balde. Seus adeptos eram office-boys descontentes com a sua condição social, sabedores do que já acontecia nos Estados Unidos e na Inglaterra. Mas foi só a partir da década de 80 que a coisa começou a tomar forma mesmo, com as bandas Oho Seco, Cêlera, Inocentes, Guerra Urbana e Rabos do Porão, entre outras.

De São Paulo a coisa punk foi ganhando todo o Brasil. Surgiram novas bandas, os discos importados começaram a chegar cada vez mais. Bob Cuape nasceu nas liras de Angeli como um personagem cheio de rebeldia, razão e simpatia. Em Porto Alegre é oriundo Os Replicantes ("sábado todo chorei de mágoa/minha garota foi para Marajá/Lutar pela revolução...").

A causa do *it yourself!* (faça você mesmo!), quase um grito de guerra do movimento chegou forte em Caxias do Sul na metade dos anos 80. O hoje tatuador Jean Carlo Renato, 33, foi um dos que abraçaram a história, lá por 84 e 85. Editava o fanzine *Ovo Apóie*, o primeiro destas praças. Nas páginas, vendia o "ecopunk" e dava dicas de "como calar a boca de um demagogo". "O tempo passou e eu adquiri maturidade. Hoje eu ainda aposto em muitos ideais punk. A autossuficiência é um deles", diz Jean, que já fez "moicano de dois palmos." É daquela mesma época a banda Pele e Osso, também de Caxias.

HOJE EM CAXIAS – Hoje em dia o punk caxiense se que firma. Há exemplos. Maurício Horn, 20, trabalha de frissador numa metalúrgica. Há uma semana exibiu orgulhoso seu primeiro cabelo moicano nos Pavilhões da Festa da Uva, durante o 8º Carina Park, depois de passar uma hora e meia desfazendo um sabão de glicerina na cabeça para levantar os cinco espetos (cha-

mu-se espeto cada uma das partes da cabeleira foida na direção do céu. "Finalmente consegui afirmá-los. Meu cabelo demorou pra ficar no comprimento ideal para isso", diz Maurício. Ele assumiu o visual punk há três meses, com o apoio da namorada, Vanessa Brigol, 17. "Vou passar por cima do preconceito." O cara fala que sempre curtiu toda e qualquer forma de sociedade alternativa, desde que conectou a música de Raul Seixas, aos sete anos. Mas tarde, simpatizou com a proposta da anarquia e da liberdade de expressão. Isso o aproximou de um estilo de vida sem preconceito para com negros ou homossexuais, por exemplo. "Sou não gosto dos nazis (nazistas) e dos skinheads".

Foi por ter se sentido perseguido pela polícia que o borracheiro Eduardo Gaspar, 19, fez da anarquia um dos seus ideais. Ser punk, para ele, é lutar contra uma sociedade falida, que vive sob a égide de um sistema político que na ver-

usa, cheio de bordadas, com dizeres contra os militares, contra a violência, contra o preconceito racial, contra a fome, contra a poluição e contra o patriarcado.

CONTESTAÇÃO SOCIAL – O punk é antes de tudo um movimento de contestação social, feito pela classe proletariada, que não usufrui dos mesmos direitos que a classe burguesa se delicia. É mais ou menos assim que o tatuador Fernando Cruz, 23, o Fantasma, conceitua o movimento. Faz cara feia quando o assunto é Sex Pistols ou The Clash. "Bandas que têm o seu valor, mas não são a minha praia". Não cita as bandas que escuta, porque não quer que a mídia as explore. Dedeia a idéia de industrializar o punk, como muitos têm feito. Ele falou várias vezes, durante o bate-papo com o Almanaque: "Olha o que tu vai escrever aí...".

Para Fantasma, anarquia é autogestão. Provou para si mesmo essa idéia quando abandonou o trabalho assalariado de auxiliar geral numa empresa para ser tatuador e desenhista. Editou seu próprio fanzine, o *No me Juges*. Ele e Carina Silva, 21, juntos há oito anos, esperam Cecília, que deve nascer em dois meses. Decidiram dar este nome a ela para lembrar a antiga sociedade anarquista de Santa Cecília, no Paraná. Fantasma até admite que a causa punk pode ter um pouco de utopia, mas aposta nas pequenas atitudes do dia-a-dia para provar que não é. "Temos consciência do que queremos".

Para Eduardo, ser punk não significa ser marginal.

da e não existe.

"Mas lutar sem violência, porque ser anarquista não significa ser violento", como as pessoas gostam de confundir", ressalta. Eduardo avisa aos preconceituosos que ser punk não significa ser drogado, ladrão ou marginal. "A gente tem consciência do que realmente quer: uma sociedade mais justa". Ela carrega isso no casaco que

8 • Almanaque

Sábado e domingo, 19 e 20 de maio de 2001 • Pioneiro

Fonte: Finco e Wolfenbuttel (2001).

Figura 16 – Terceira página da reportagem sobre os 25 anos do movimento punk. Jornal Pioneiro, 19 e 20 de maio de 2001

✓ **Punk, do Aurélio** – Indivíduo, em geral jovem, rebelde e contestador, que adota diversos sinais exteriores de provocação, por completo desprezo aos valores estabelecidos pela sociedade.

✓ **Punk, do inglês** – Percaria, droga, coisa sem valor, pessoa inútil, noviço, principiante, bandido, marginal, sem valor, podre, desgraçado...

✓ **Anarquia** – A anarquia pode ser resumida assim: negação do princípio da autoridade, ou estrutura social em que não se exerce qualquer forma de coação sobre o indivíduo. Ausência de comando ou de regras. Teoria política fundada na convicção de que todas as formas de governo interferem injustamente na liberdade individual, e que preconiza a substituição do Estado pela cooperação de grupos associados. As principais teorias anarquistas defendidas pelos punks está em *O Catolicismo do Revolucionário*, do russo Mikhail Bakunin (1814-1876), e na *A Conquista do Pão*, do também russo Pedro Kropotkin (1842-1921). O primeiro apostava na violência, na luta armada e nos atentados contra os governantes como forma de protesto, enquanto que o segundo recomendava coisas como o não pagamento de impostos, o repúdio ao serviço militar e a recusa ao reconhecimento dos tribunais de Justiça. Juntando tudo e misturando isso a uma época chamada de "moderna", imagine no que isso pode dar!

Conceitos

Almanaque: De Iggy and The Stooges a Ramones e de Sex Pistols a Dead Kennedys, a música punk mudou bastante, apesar de manter os três acordes básicos. Como você vê essa transformação?
Gordo: Isso é normal, como acontece em todos os estilos musicais. O punk americano é mais limpo, usa guitarra com menos distorção, as letras são mais politizadas. Cara, o punk americano é f*, porque os caras realmente odeiam a América. O lance do punk europeu é outro, é muito mais sujo, mais debochado, uma barulheira mesmo.

Almanaque: E o punk no Brasil é outra história...
Gordo: No Brasil a coisa começou com as gangs. Eu morava na Zona Norte de São Paulo e tinha muita gang, a galera da periferia mesmo, era uma coisa bem bairrista. Eu com 13 anos também tinha a minha, eram uns malucos. O punk nasceu no Brasil com a imagem associada a canivete e faca, pelo menos em São Paulo. Ser punk era ser violento e sabemos que a coisa não é por aí. O punk no Brasil sempre foi muito tosco.

Almanaque: Como assim?
Gordo: Hoje tem muito punk no Brasil, mas a maioria não sabe por que é punk. Não sabem o por que e nem pelo que estão protestando. São burros, ignorantes. Tem a galera do anarcopunk que só sabe dar porrada e ditar regras, é na base do radicalismo. O punk aqui tá ainda engatinhando, quase parado no mesmo lugar.

Almanaque: Se o negócio é contestar, hoje em dia o mundo é um prato cheio para o punk. Como se fazer entender no meio da globalização?
Gordo: Hoje em dia pra ser punk é fundamental saber o que é certo e o que é errado. É preciso ser, antes de tudo, politicamente correto. Tem duas palavras que eu acho que o punk de hoje tem que usar: honestidade e respeito. Só.

Almanaque: Você, como punk, é respeitado?
Gordo: Sim. Não é qualquer idiota que vem me dizer que o que eu faço é errado. Eu construí minha carreira em cima disso, sendo assim e respeitando todo mundo. Eu sou punk por dentro e nada por fora. ■

Pioneiro • Sábado e domingo, 19 e 20 de maio de 2001 Almanaque • 9

Fonte: Finco e Wolfenbuttel (2001).

A terceira página apresenta a entrevista com o vocalista da banda paulistana Ratos de Porão (Figura 18), um dos grupos mais conhecidos no cenário punk brasileiro, inclusive com apresentações realizadas no exterior, além de fazer uma síntese sobre o movimento punk, apresentando os conceitos de anarquismo e do próprio termo punk. Fica claro com esta reportagem a intenção do jornal de dar voz aos punks caxienses e tentar desconstruir alguns preconceitos relacionados ao movimento, podemos supor que uma das explicações para a mudança de postura do Pioneiro é que nesta época a conhecida banda de punk rock gaúcha *Tequila Baby*, de Porto Alegre, havia lançado seu novo álbum intitulado *Punk Rock até os Ossos* pela gravadora Orbeat Music¹¹⁰, que assim como o jornal também pertence ao grupo RBS, assim, essa reportagem e as demais matérias sobre a banda da capital provavelmente eram uma maneira de promover o estilo musical e mobilizar o público para consumir os materiais do grupo que de acordo com o diário (Pioneiro, 2002, 22 de abril, página 03) realizou o show de lançamento de seu novo disco na festa da Rádio Atlântida (também pertencente ao grupo RBS¹¹¹) nos pavilhões da Festa Uva no dia 20 de Abril de 2002 (Figura 19). Como podemos ver na capa da edição do dia 18 do mesmo mês (Pioneiro, 2002, 18 de abril), a sessão de autógrafos com a banda que ocorreu no dia 17 de abril, estava inicialmente marcada na loja Virtual Music, Shopping Prativiera, porém por conta do grande e inquieto número de jovens, a *Tequila Baby* recebeu os fãs no auditório do shopping (Figura 20). Podemos dizer que de certa forma a intenção do impresso teve êxito.

¹¹⁰ Conforme o *site* Econodata, Eduardo Sirotsky Melzer, Jayme Sirotsky e Nelson Pacheco Sirotsky são sócios administradores da gravadora. A família Sirotsky é proprietária do Grupo RBS.

¹¹¹ Conforme o site do Grupo RBS, seção “Nossas marcas”.

Figura 19 – Reportagem sobre o show da banda Tequila Baby nos Pavilhões da Festa da Uva
Jornal Pioneiro, 22 de abril de 2002



Fonte: Jornal Pioneiro (2002c).

Figura 20 – Reportagem sobre a sessão de autógrafos da banda Tequila Baby. Jornal Pioneiro, 18 de abril de 2002



Fonte: Jornal Pioneiro (2002a).

Gaspari diz que o grupo punk foi abordado pela equipe do jornal em uma tarde de domingo durante o festival musical Canta Park, ocorrido nos pavilhões da Festa da Uva também durante o sábado¹¹². Conforme o depoimento o contato foi estabelecido algumas horas antes dos shows por uma moça que perguntou se eles aceitariam dar uma entrevista para uma reportagem do Pioneiro, de imediato alguns punks não aceitaram e se afastaram do local, fato idêntico ao da matéria analisada anteriormente, com a reação negativa a moça se aproximou de Carina, que estava grávida, e Fantasma e mais uma vez solicitou a entrevista. Eduardo diz que tanto a aproximação, quanto a interlocução se deram de modo muito tranquilo e educado por parte da equipe, sem nenhuma tentativa de impor as perguntas¹¹³. O entrevistado também destaca que um amigo dos punks tinha um relacionamento com uma mulher que trabalhava no jornal naquela época e acredita que o interesse deva ter saído dali, mas não tem certeza¹¹⁴, de fato não foi possível confirmar essa informação nesta pesquisa, mas provavelmente ao menos os dados sobre o perfil dos punks caxienses e os locais onde poderiam ser encontrados possa ter origem nesse fato.

Em seu depoimento atual o Terceiro Entrevistado diz que ser punk para ele é pensar, agir e viver a contracultura, entender o que isso representa e praticar seus preceitos e filosofia. Para ele o punk vive à margem da sociedade, sendo o espelho vivo da decadência capitalista e de qualquer outra forma exploratória, porém os membros da contracultura conseguem encontrar um modo de sobreviver dentro desse sistema¹¹⁵. Já Gaspari¹¹⁶ destaca que o punk mudou seu modo de pensar e entender a sociedade por conta das ideias baseadas no apoio mútuo, o entrevistado diz que um punk ajuda o outro nos momentos de dificuldade e esse costume acaba transpassando os limites do movimento, fortalecendo o ideal de luta em defesa de causas coletivas, para ele¹¹⁷ de nada adianta estar bem, ter comida na mesa, emprego, renda, um carro e um lar enquanto a pessoa ao seu lado não tem absolutamente nada, essa ética punk foi muito praticada no período da pandemia da Covid 19, onde muitos amigos e conhecidos dele passaram por dificuldades econômicas¹¹⁸. O'Hara (2005) aponta que a crença do eu estou bem e as outras

¹¹² GASPARI, Eduardo. [Entrevista cedida a] Alisson Oliveira da Costa. Entrevista realizada presencialmente. Caxias do Sul, 26 out. 2024.

¹¹³ *Ibid.*

¹¹⁴ *Ibid.*

¹¹⁵ TERCEIRO ENTREVISTADO. [Entrevista cedida a] Alisson Oliveira da Costa. Entrevista realizada via WhatsApp. [S.l.], 8 jan. 2025.

¹¹⁶ GASPARI, Eduardo. [Entrevista cedida a] Alisson Oliveira da Costa. Entrevista realizada presencialmente. Caxias do Sul, 26 out. 2024.

¹¹⁷ *Ibid.*

¹¹⁸ *Ibid.*

peças estão ferradas não é anarquismo e sim um epítome da cultura burguesa, os punks caxienses parecem compartilhar desta mesma interpretação.

A respeito dos punks na Escola Melvin Jones na segunda metade da década de 1990 (figuras 21,22 e 23), Gaspari relata que no período em que estudava no turno da manhã a maioria dos jovens identificados com o punk eram mais velhos que ele e estudavam à noite, então Eduardo só ouvia falar deles, mas não havia estabelecido nenhum contato, quando se transferiu para o noturno os mesmos já haviam saído da escola¹¹⁹. O entrevistado também afirma que no momento em que ele e seus colegas punks deveriam realizar tarefas e trabalhos em grupo acabavam entrando em debate com os professores, pois enquanto os docentes repassavam o conhecimento científico originário dos livros, os jovens contra argumentavam com ideias aprendidas junto ao movimento punk¹²⁰. Neste sentido devemos apontar o trabalho de Dayrell (2007), que defende que a sala de aula é um espaço de tensão entre ser jovem e ser aluno e que, além disso, neste espaço ocorre uma complexa relação de alianças e conflitos entre professores e alunos, com imposição de normas e estratégias individuais e coletivas de transgressão. Logo podemos concluir que a politização dos punks caxienses da segunda geração e sua interpretação própria sobre o anarquismo resultaram em um choque entre conhecimento erudito e popular. Eduardo adverte que a postura dos jovens punks era resultado de sua origem, pois na Vila Ipiranga e bairro Planalto todos eram filhos de proletários que trabalhavam em fábricas como Marcopolo e Randon, nenhum deles passava fome, mas não tinham luxos como vídeo games e o local de sua diversão era a rua. Na adolescência os mesmos passaram a buscar shows e festivais de metal, punk e rap em outros lugares da cidade, entretanto todos saíam a pé, ninguém andava de carro¹²¹.

O Terceiro Entrevistado e Gaspari narram que entre a segunda metade da década de 1990 e início dos anos 2000 os punks tinham ótimas relações com jovens ligados ao *metal e rap*, era muito comum uns frequentarem os eventos organizados pelos outros e confraternizar¹²², contudo o primeiro adverte que haviam confrontos físicos com algumas bandas de *metal* do bairro Jardelino Ramos (também conhecido como Burgo) sempre que os grupos se encontravam pela cidade¹²³. Eduardo atenta para alguns confrontos contra grupos urbanos conservadores de

¹¹⁹ GASPARI, Eduardo. [Entrevista cedida a] Alisson Oliveira da Costa. Entrevista realizada presencialmente. Caxias do Sul, 26 out. 2024.

¹²⁰ *Ibid.*

¹²¹ *Ibid.*

¹²² Entrevistas: TERCEIRO ENTREVISTADO. [Entrevista cedida a] Alisson Oliveira da Costa. Entrevista realizada via WhatsApp. [S.l.], 8 jan. 2025.

¹²³ TERCEIRO ENTREVISTADO. [Entrevista cedida a] Alisson Oliveira da Costa. Entrevista realizada via WhatsApp. [S.l.], 8 jan. 2025 e de GASPARI, Eduardo. [Entrevista cedida a] Alisson Oliveira da Costa. Entrevista realizada via presencialmente. Caxias do Sul, 26 out. 2024.

extrema direita que se formaram na cidade em meados dos anos 2000, um indivíduo que era punk acabou aderindo às ideias conservadoras e trouxe a contracultura skinhead de extrema direita para Caxias do Sul junto com o estilo musical característico conhecido como Oi!¹²⁴, trataremos este tema com mais detalhes a seguir. Contudo podemos perceber que à medida que a cidade cresce, mais tribos urbanas surgem e com elas aumentam os confrontos.

Figura 17 – Punks na Escola Estadual de Ensino Médio Melvin Jones na segunda metade da década de 1990



Fonte: Acervo pessoal de Eduardo Gaspari (2024).

¹²⁴ GASPARI, Eduardo. [Entrevista cedida a] Alisson Oliveira da Costa. Entrevista realizada via WhatsApp. Caxias do Sul, 26 out. 2024.

Figura 18 – Punk na Escola Estadual de Ensino Médio Melvin Jones na segunda metade da década de 1990



Fonte: Acervo pessoal de Eduardo Gaspari (2024).

Figura 19 – Contracapa do fanzine Reaja ou Rasteje 1ª edição, com foto de integrantes do movimento punk caxiense. Segunda metade da década de 1990 e início dos anos 2000



Fonte: Acervo pessoal de Eduardo Gaspari (2024).

Eduardo Gaspari¹²⁵ também apontou o que acredita ser as principais características dos punks caxienses, segundo ele o punk caxiense é diferente porque “não fica de cara amarrada” ao chegar em um local, gosta de conversar, interagir e conhecer os demais frequentadores ou ocupantes do espaço, se percebe que não é bem-vindo não entra em confronto, mas se afasta. Essas características se fortalecem na virada da década de 1990 para os anos 2000 quando uma nova geração, em média dois anos mais jovem que os punks de 1995, começa a chegar ao movimento¹²⁶, esses novos integrantes passam a participar ainda mais de festivais musicais e eventos fora da cidade, viajando e promovendo excursões onde fortalecem os vínculos com outras cenas e também se aproximaram de jovens ligados a rap, como veremos no próximo capítulo¹²⁷.

Diferentemente da primeira geração os integrantes da segunda geração continuaram totalmente ativos dentro do movimento local compondo bandas, auxiliando na organização de festivais, editando fanzines, organizando manifestações e as próprias viagens para outras cidades como veremos na seção seguinte¹²⁸, tornando-se uma referência para os recém chegados. A atuação dos punks mais velhos segue do mesmo modo até o presente momento onde é comum vê-los junto aos punks mais novos, resultando assim em um grande intercâmbio de gerações que juntas mantêm a cena caxiense em atividade, em alguns períodos essas atividades diminuíram e em outros retornaram com mais força, assim, ao estudarmos o punk caxiense no século XXI, é mais coerente utilizar o termo ciclos punk ao invés de gerações punks para fazer o recorte histórico do movimento em Caxias do Sul. Se ao final da década de 1990 o punk caxiense passou por um processo de desentendimentos e divisões que culminou no início de um processo de desagregação¹²⁹, o início do novo século marcou o surgimento de um novo ciclo, ou terceiro ciclo punk se preferirmos, onde houve a retomada e fortalecimento da cena através da convivência entre veteranos e novatos.

¹²⁵ GASPARI, Eduardo. [Entrevista cedida a] Alisson Oliveira da Costa. Entrevista realizada via WhatsApp. Caxias do Sul, 26 out. 2024.

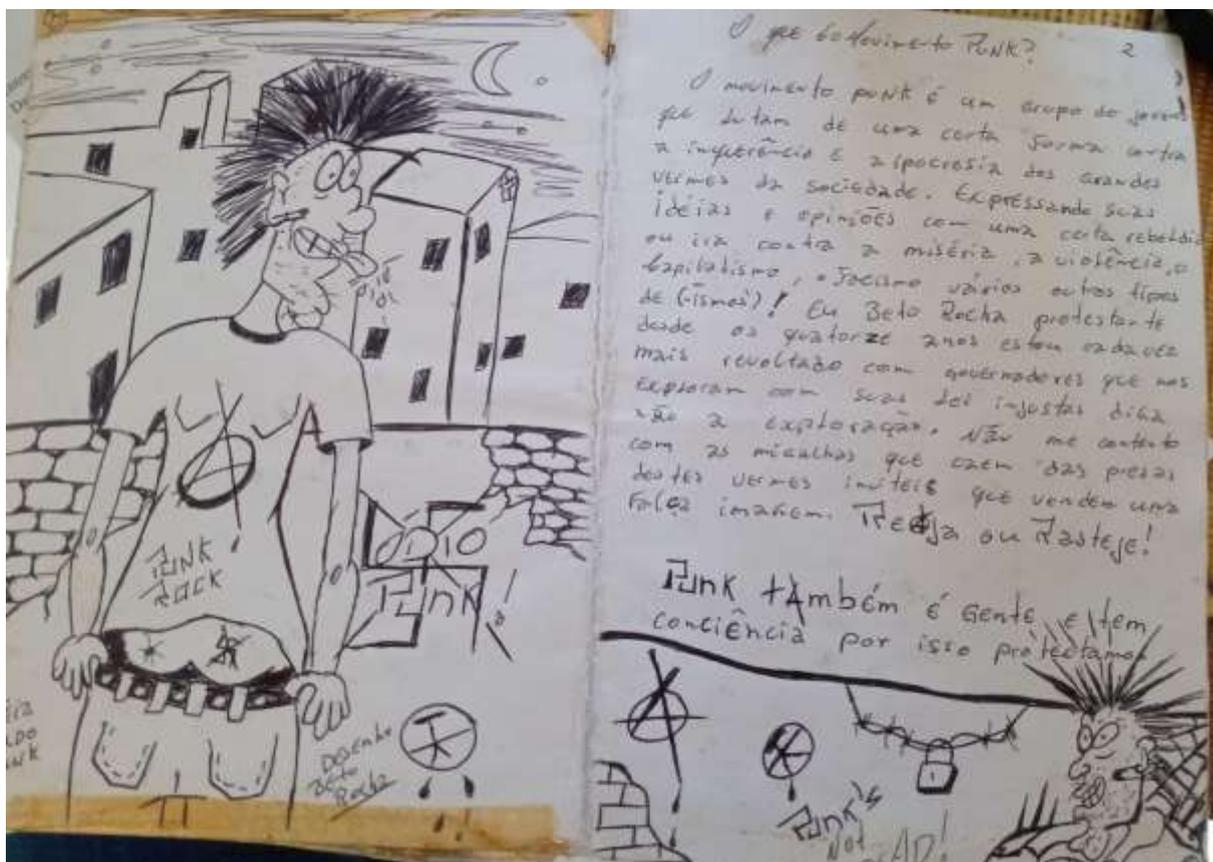
¹²⁶ *Ibid.*

¹²⁷ *Ibid.*

¹²⁸ *Ibid.*

¹²⁹ Ver: COSTA, Alisson Oliveira da. **A expressão punk em Caxias do Sul entre 1986 e 1997**. 2021. 111 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura Plena em História) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/xmlui/handle/11338/8834?locale-attribute=en>. Acesso em: 13 set. 2025.

Figura 20 – Parte interna do fanzine *Reaja ou Rasteje* 1ª edição, explicando o que era o movimento punk. Segunda metade da década de 1990 e início dos anos 2000



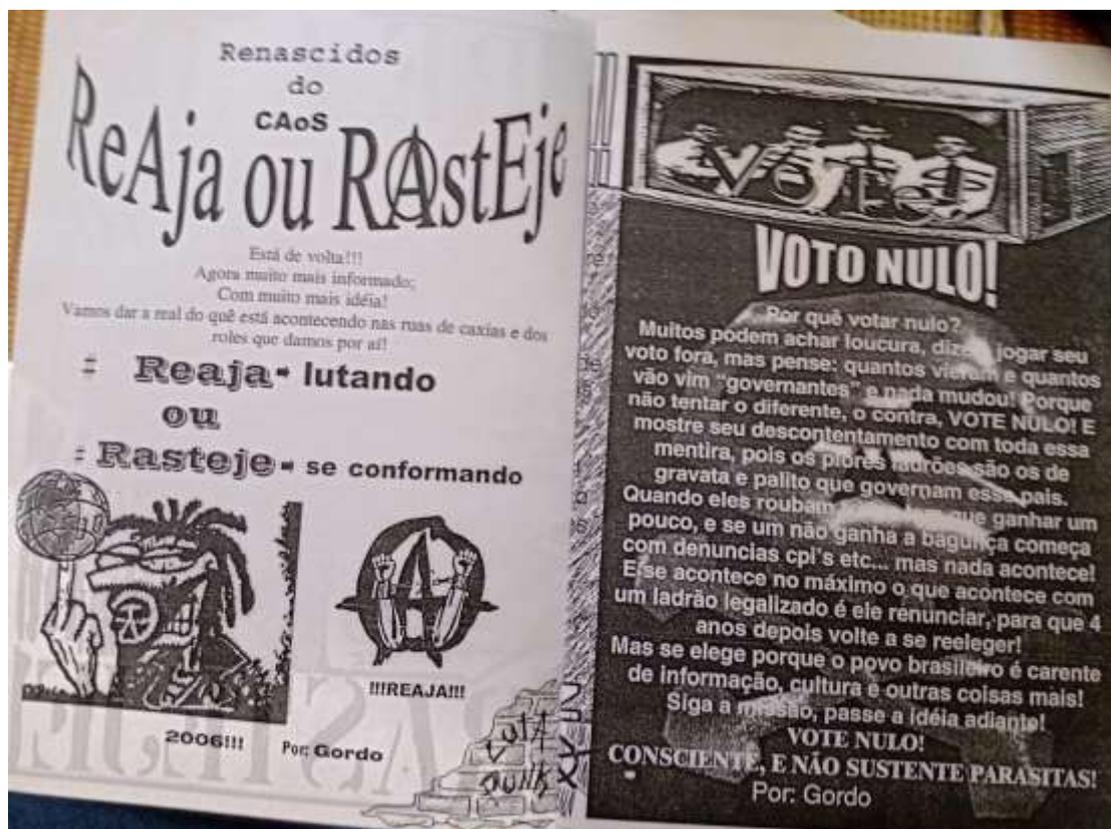
Fonte: Acervo pessoal de Eduardo Gaspari (2024).

Durante os anos 2000 o terceiro ciclo punk continuou praticando os princípios baseados no anarquismo e na luta contra o preconceito, autoritarismo e liberdade de expressão. O fanzine *Reaja e Rasteje* (Figura 24), editado por Eduardo Gaspari e dois de seus amigos¹³⁰, desde meados do fim dos anos 1990 e início dos anos 2000, seguia pregando o voto nulo como podemos analisar na edição abaixo, datada de 2006, onde o autor defende a anulação do voto como uma estratégia de combate à corrupção. Devemos lembrar que na metade da década de 2000 casos de corrupção como o mensalão eram assuntos corriqueiros na grande mídia e entre a população que mais uma vez começava a demonstrar desconfiança na política. Como vemos no panfleto os punks caxienses não acreditavam em punição ao político corrupto (Figura 25), ao mesmo tempo que entende que o mesmo voltará a se candidatar e provavelmente será reeleito por conta da falta de informação e cultura (leia-se conhecimento) do povo brasileiro, assim o fanzine era um modo de conscientizar a população para aderir a um ato que simboliza

¹³⁰ GASPARI, Eduardo. [Entrevista cedida a] Alisson Oliveira da Costa. Entrevista realizada via WhatsApp. Caxias do Sul, 26 out. 2024.

rebeldia e descrença no sistema. Mais uma vez temos uma amostra do não conformismo ocorrendo nas ruas da cidade.

Figura 21 – Fanzine Reaja ou Rasteje. Publicado em 2006



Fonte: Acervo pessoal de Eduardo Gaspari. (2024).

De acordo com a entrevista cedida por Fabiano Carlos Medeiros da Silva¹³¹, em meados da metade da década de 2000 se fortalece novamente em Caxias do Sul um grupo urbano de extrema direita, chamados pelos punks de *nazis*, nesse período punks, rappers e integrantes de outras culturas de cunho progressista tinham que tomar cuidado com os locais que frequentavam e por onde andavam, pois agressões cometidas por esses indivíduos eram frequentes e vários punks acabaram sendo espancados ao encontrá-los pelas ruas. Fabiano também aponta que para ele todos os skinheads eram nazistas, até que nesta mesma época conheceu os skinheads tradicionais, conhecidos como *trads*, e antifascistas da cidade¹³², Gaspari também comentou que tinha a mesma compreensão dos skinheads e que a primeira vez que viu um sujeito identificado com essa contracultura foi em uma viagem a Porto Alegre no início da

¹³¹ SILVA, Fabiano Carlos Medeiros da. [Entrevista cedida a] Alisson Oliveira da Costa. Entrevista realizada presencialmente. Caxias do Sul, 21 set. 2024.

¹³² *Ibid.*

mesma década¹³³. Essa interpretação ainda é muito comum, logo devemos conhecer um pouco sobre os skinheads para entender sua relação com os punks, sobretudo em Caxias do Sul.

A contracultura skinhead surgiu na Inglaterra durante a década de 1960, através da fusão entre e *rude boys* (Figura 26). Jovens pobres de origem jamaicana, amantes de ritmos caribenhos como *ska*, *reggae* e *rocksteady*, que gostavam de vestir trajes elegantes inspirados em filmes de gângsters americanos. Além de formar gangues onde disputavam território e cometiam pequenos delitos, sendo que nesta época esse grupo não tinha envolvimento com questões políticas e raciais, e cultura *mod* (Figura 27), composta por jovens britânicos de classe média que apreciavam seguir tendências modernas da moda (daí o nome) e eram ligados a estilos musicais (Carvalho, 2014). Após a união de ambas as tribos surgem os skinheads, jovens da periferia que tinham como maior símbolo de identificação, a cabeça totalmente raspada (Carvalho, 2014). Os indivíduos que ainda seguem essa tendência são conhecidos como tradicionais, *trads* ou *trojan skins*.

Figura 22 – Rude Boys



Fonte: Jamaica Experience (2014).

¹³³ GASPARI, Eduardo. [Entrevista cedida a] Alisson Oliveira da Costa. Entrevista realizada presencialmente. Caxias do Sul, 26 out. 2024.

Figura 23 – Mods



Fonte: nexpbr (2021).

O'Hara (2005) explica que durante a década de 1960 um grande fluxo de imigrantes paquistaneses chegou à Inglaterra, por conta disso acabaram sendo relegados a condição de mão de obra barata. A preferência pela contratação destes imigrantes pelos donos das fábricas aliada a pobreza, tédio e frustração dos skinheads ingleses resultou em uma grande onda de violência física por parte destes em relação àqueles. Os skinheads também se aproximaram do punk rock quando este chegou ao Reino Unido em meados da década de 1970 por conta da agressividade sonora, logo indivíduos identificados com esta contracultura passaram a montar suas próprias bandas para cantar a perda de seus empregos e o orgulho de serem ingleses, mesmo com menos habilidade musical esses grupos tornaram-se populares entre a classe operária (O'Hara, 2005).

Percebendo a reação destes jovens, organizações de extrema direita britânicas como a *National Front* apressaram-se em montar mais bandas para cooptá-los para suas fileiras e usá-los como soldados em suas ações de violência e ataque (O'Hara, 2005). Conforme o texto de Ribeiro (2022) os skinheads identificados com tendências de extrema direita são conhecidos como boneheads (nazistas) e carecas (nacionalistas), os primeiros são conhecidos pelo seu racismo e antissemitismo, os segundos não são necessariamente racistas, mas defendem ideias ultra conservadoras, ambos utilizam a violência contra grupos que consideram inimigos como

forma de militância. O'Hara (2005) nos diz que a mídia desempenhou um papel fundamental para atrair racistas e reacionários para o movimento quando deu espaço para membros da *National Front* aparecerem em programas de entrevistas difundindo suas ideias e incentivando jovens a se tornarem um deles.

Apesar do histórico de identificação com a extrema direita, nem todos os skinheads são racistas e a maior oposição que grupos de extrema direita recebem tem origem em grupos de skinheads não racistas (O'Hara, 2005). O texto de Ribeiro (2022) nos diz que o skinhead possui um DNA multiétnico marcado pela música, cultura de bar, territorialismo urbano, paixão pelo futebol e forte presença da moda, sendo que na década de 1980 a contracultura se reaproximou de suas raízes jamaicanas com o *ska*, *reggae* e *rocksteady*, além de se fundir ao punk, dando origem a um novo estilo denominado *street punk/Oi!* Inaugurado por bandas inglesas como *Sham 69* e *Cockney Rejects* (Ribeiro, 2022). O grito de "Oi!", presente em uma música da segunda banda mencionada era um modo do vocalista contar até quatro antes de iniciar uma canção, além de ser também uma saudação dentro desta corrente do punk, como o conhecido "êra punk!", utilizado pelos punks brasileiros (Ribeiro, 2022).

A partir disso surgem a corrente antirracista denominada *S.H.A.R.P*, *skinheads against racial prejudice*, em português skinheads contra o preconceito racial, e outra que agrupava indivíduos que além de se posicionarem contra o racismo se identificavam com o anarquismo e comunismo denominada *RASH*, *red and anarchist skinheads*, em português skinheads vermelhos e anarquistas (Ribeiro, 2022). Um dos indivíduos mais conhecidos e importantes da cena skinhead antirracista é o músico Roddy Moreno, vocalista da banda britânica *The Oppressed*, Moreno percebeu que na luta contra os grupos urbanos de índole fascista não bastava ser antirracista, era necessário também ser antifascista, o músico não era anarquista e nem comunista, porém simpatizava com algumas ideias de ambas as correntes (Ribeiro, 2022).

A banda *The Oppressed* difundiu o antifascismo entre os skinheads e punks através de suas músicas, assim esse posicionamento tornou-se uma identidade fundamental em coletivos que agregavam punks e skinheads que começaram a se formar em vários lugares do mundo, mas ainda assim existem punks que reprovam e união com skinheads (Ribeiro, 2022), como o próprio Craig O'Hara (2005) que afirma que a união entre os grupos é ridícula por que a maioria dos skinheads são brancos de direita, homofóbicos, racistas e nacionalistas, porém devemos analisar o contexto urbano de cada cidade para fazer tal afirmação, em muitos locais, como São Paulo, podemos encontrar punks e skinheds antifascistas juntos, além de punks que não toleram a união e gangues nazifascistas.

Em Caxias do Sul a aproximação das já citadas tribos urbanas ocorreu entre 2008 e 2010. Punks, skinheads antifascistas e também rappers se uniram através do antifascismo e formaram um grupo composto por aproximadamente vinte pessoas que passou a contra atacar seus agressores, após um combate noturno na área central da cidade, em que os antifascistas tiveram sucesso, os indivíduos de extrema direita acabaram se desarticulando e as ruas passaram a ser minimamente seguras novamente¹³⁴, como veremos no próximo capítulo este coletivo antifascista foi o responsável pela fundação do Porão do Caos posteriormente. Devemos esclarecer que o termo “antifa” é a abreviação da palavra antifascista, sendo que este termo e sua palavra de origem não são o nome de um movimento como difundiu-se nas redes sociais brasileiras no período da pandemia da Covid 19 através de perfis virtuais vinculados a extrema direita. Antifascismo/antifa é um posicionamento que pode ser adotado por um coletivo formal ou informal, partido político, clube, instituição ou qualquer setor da sociedade organizada.

Por fim Fabiano nos conta o que é ser punk em seu entendimento, para ele ser punk significa o quanto o indivíduo doa de si mesmo para combater o sistema, por exemplo, não ter atitudes consumistas, entender que o sujeito é explorado, defender causas sociais e combater o autoritarismo dos governos, porém ele aponta que confrontar o capitalismo é muito difícil e até mesmo quase impossível, pois vivemos nele, precisamos trabalhar e comer, mas um punk deve tentar escapar disso e se preservar¹³⁵. Podemos perceber com essa fala que o entrevistado entende o quanto é difícil fugir da influência social, econômica e política do capitalismo, uma vez que estamos inseridos nele e temos que buscar um modo de sobreviver dentro da estrutura de um modelo econômico que, com sua hegemonia, impõe suas ideias, valores e domínio sobre toda a sociedade, desse modo ser punk significa tentar tomar a maior quantidade de atitudes contra hegemônicas possíveis, desde compreender a estrutura da exploração e combatê-la até não alimentar o sistema com o consumo exagerado de coisas fúteis, podemos perceber mais uma vez a presença do não conformismo nesta fala.

O entrevistado completa relatando que quando um sujeito frequenta um festival punk, mas suas prioridades deixam de ser combater o sistema e passam a ser comprar um carro, uma casa e constituir uma família, então ele deixa de ser punk e passa ser só um simpatizante¹³⁶. O leitor deve ter atenção com esta fala, pois Da Silva não está afirmando que para ser punk a pessoa deve abdicar de tudo e entrar na miséria, mas sim explicando que de nada adianta o

¹³⁴ SILVA, Fabiano Carlos Medeiros da. [Entrevista cedida a] Alisson Oliveira da Costa. Entrevista realizada presencialmente. Caxias do Sul, 21 set. 2024.

¹³⁵ SILVA, Fabiano Carlos Medeiros da. [Entrevista cedida a] Alisson Oliveira da Costa. Entrevista realizada presencialmente. Caxias do Sul, 21 set. 2024.

¹³⁶ *Ibid.*

indivíduo ouvir punk rock, frequentar um show e até mesmo utilizar o visual e a estética se ele tiver uma atitude conformista e não se importar em questionar a estrutura de dominação do sistema, pois seu comportamento terá um efeito nulo quanto ao enfrentamento contra o poder do capital sobre a vida social. Por fim o mesmo destaca que alguns punks caxienses mais antigos preservam um comportamento puramente punk como não se importar em possuir um tênis bom ou carros, não se corrompendo em nada¹³⁷, esses sujeitos vivem uma vida itinerante e muitas vezes seu lar acaba sendo a rua, dessa forma Fabiano diz que não há como ser punk como eles e que grande parte dos integrantes do movimento (e ele se inclui nesta parcela) acabaram se corrompendo e se tornando simpatizantes de forma involuntária por conta da inserção na sociedade capitalista¹³⁸, assim podemos entender que por mais que o punk seja um indivíduo contestador, muitas vezes é forçado a ceder a algumas ideias impostas pelo sistema para poder sobreviver.

Assim temos a formação do quarto ciclo punk caxiense, caracterizado pela aglutinação de punks e skinheads em torno do ideal antifascista. Este grupo também será responsável por editar um fanzine após o início das atividades do Porão do Caos, como veremos na próxima seção.

Com isso podemos concluir que na virada do século XX para o XXI surge um punk caxiense caracterizado pela sua aproximação com outras tribos urbanas, primeiramente com jovens fãs de rap e mais tarde com skinheads antifascistas, pelo aumento das viagens onde conhecia e interagia com indivíduos de movimentos de outras cidades e que ao perceber não ser bem-vindo afastava-se, evitando o confronto. Além do mais uma das características mais interessantes do punk autóctone é o intercâmbio entre gerações, onde os mais velhos continuam ativos no cenário local atuando em conjunto com os novos indivíduos. Em nossa interpretação através das fontes orais e documentais podemos dizer que essas peculiaridades não surgiram todas de uma vez só e sim foram moldadas ao longo da trajetória do movimento com suas ideias e hábitos difundidos de geração em geração.

Conhecer o processo de formação da identidade do punk caxiense é fundamental, para entender os motivos que levaram esses jovens a formarem seus espaços de convivência e a adoção das ideias que defendiam.

¹³⁷ *Ibid.*

¹³⁸ *Ibid.*

5 ESPAÇOS DO PUNK ROCK EM CAXIAS DO SUL

Vimos como o comportamento e os modos de agir dos punks caxienses foram sendo moldados e alterados ao longo do recorte histórico analisado por este trabalho. Também foi possível entender a importância da existência de um local, onde os sujeitos ligados ao movimento possam se reunir, conviver, se mobilizar, ou seja, existir como grupo dentro da sociedade urbana. Neste capítulo vamos analisar alguns espaços importantes para a cena punk caxiense entre 1986 e 2014, porém cabe recordar ao leitor que, como apontado na introdução, existiram muitos espaços onde ocorreram atividades punks na cidade. Assim, para tornar a pesquisa exequível foi necessário selecionar alguns deles e o critério de escolha desses espaços, baseou-se no quanto os mesmos foram citados nas entrevistas produzidas ainda durante o processo de produção da monografia entre os anos de 2020 e 2021. Dessa maneira, iremos analisar um espaço referente à cada década: o Bar do Patinhas, na Vila Ipiranga, bairro Cristo Redentor, referente à década de 1980, o Parque Getúlio Vargas, o popular Parque dos Macaquinhos, referente à década de 1990. Investigaremos quais foram os espaços em destaque nos anos 2000, já que esse período do punk caxiense ainda é uma incógnita, e finalizaremos estudando o Porão do Caos, referente aos anos 2010.

5.1 DA VILA IPIRANGA AO PARQUE.

Com as fontes que tivemos acesso até o momento podemos dizer que um dos berços do punk rock caxiense foi a Vila Ipiranga, localizada no bairro Cristo Redentor, lugar de origem da banda Detrito Urbano, uma das precursoras do movimento na cidade. Como dito anteriormente, a cena punk caxiense da primeira geração (1986-1994), era desagregada, sendo que os grupos eram formados por jovens do mesmo bairro ou escola, que mesmo sabendo da existência de outros grupos punks não buscavam firmar laços de união entre eles. Esta pesquisa ainda não conseguiu localizar indivíduos de outros grupos ativos no já mencionado período, assim por conseguir acessar somente as fontes relacionadas à banda Detrito Urbano iniciaremos nossa análise com os espaços localizados na Vila Ipiranga.

Durante seu período de atividades a Detrito Urbano chegou a reunir um grupo que variava entre trinta e cinquenta pessoas, que acompanhavam a banda em ensaios e reuniões nas tardes de sábado¹³⁹. Um dos locais em que os amigos costumavam realizar encontros era o

¹³⁹ MARCON, Roberto. [Entrevista cedida a] Alisson Oliveira da Costa. Entrevista realizada via WhatsApp. [S.l.], 30 e 31 de julho de 2024.

Bar do Patinhas, localizado no mesmo bairro. O baixista da segunda formação da banda morava ao lado do bar e como os membros do conjunto criaram um vínculo de amizade muito forte, começaram a frequentar o estabelecimento, logo, todos os amigos ligados ao grupo e identificados com o movimento punk também passaram a ser frequentadores assíduos do espaço. Ali, os jovens que tinham na época entre quatorze e vinte anos de idade passavam as tardes bebendo, tocando violão e cantando tanto músicas punks quanto canções de rock famosas da década de 1980¹⁴⁰. O bar era pequeno e os punks ficavam do lado de fora devido ao número de pessoas agrupadas. Já o proprietário, conhecido como Tio Patinhas, não se importava com a presença dos jovens que inclusive interagiam de maneira harmônica com os demais fregueses do lugar¹⁴¹.

Além do Bar do Patinhas a Detrito Urbano e seus amigos costumavam frequentar um outro local que podemos considerar importante para o início da cena caxiense: a casa do vocalista e fundador da banda Roberto Marcon. Nos fundos, existia um anexo onde a banda realizava seus ensaios, além disso, muitas vezes os jovens se reuniam para conversar e ouvir música na residência¹⁴². Em 1990 a família de Roberto mudou-se do local, sendo que em 1994 a casa foi vendida para o pai de Eduardo Gaspari, o nosso outro depoente. Com isso, o espaço continuou abrigando reuniões e eventos relacionados ao punk rock como veremos adiante¹⁴³. Por um breve período, no final da década de 1980, a banda também ensaiou em um bar chamado Estação Finlândia. Localizado próximo à esquina da rua Sinimbu com a BR-116. O local pertencia a três sócios, sendo um deles o primeiro guitarrista da Detrito, por isso o mesmo pediu os equipamentos da banda emprestados para utilizar no bar por um tempo. Em contrapartida, o conjunto fazia seus ensaios no lugar. Roberto destaca que o Estação Finlândia não era um bar exclusivamente voltado ao público punk, mas sim para a música e rock em geral¹⁴⁴.

Marcon também aponta que os anos de 1987 e 1988 foram muito favoráveis ao rock em Caxias do Sul¹⁴⁵, locais como o Manhattan, localizado entre as ruas Sinimbu e Dezoito do Forte, próximo à praça Dante, tocava muitas músicas punks em suas festas. Além disso, clubes tradicionais na cidade como o Palermo e Incitatus também promoviam festas onde as músicas punks eram tocadas, porém com o final da década de 1980, os espaços foram diminuindo.

¹⁴⁰ *Ibid.*

¹⁴¹ *Ibid.*

¹⁴² *Ibid.*

¹⁴³ Entrevistas: MARCON, Roberto. [Entrevista cedida a] Alisson Oliveira da Costa. Entrevista realizada via WhatsApp. Caxias do Sul, 30 e 31 de julho de 2024; e GASPARI, Eduardo. [Entrevista cedida a] Alisson Oliveira da Costa. Entrevista realizada presencialmente. Caxias do Sul, 26 out. 2024.

¹⁴⁴ MARCON, Roberto. [Entrevista cedida a] Alisson Oliveira da Costa. Entrevista realizada via WhatsApp. [S.l.], 30 e 31 de julho de 2024.

¹⁴⁵ *Ibid.*

Assim, os jovens identificados com a contracultura punk e ligados à banda Detrito Urbano passaram a permanecer na Vila Ipiranga, frequentando somente o Bar do Patinhas e casas dos amigos punks para ouvir música¹⁴⁶.

Roberto Marcon ainda diz que a existência de um local onde os punks pudessem se reunir era importante para fortalecer o grupo, e consolidar o movimento na cidade, pois esses espaços davam aos indivíduos a oportunidade de confraternizar e ouvir música¹⁴⁷. Ao mesmo tempo, Dinarte relata que para os punks, ocupar um espaço é importante tanto por uma questão identitária quanto de proteção¹⁴⁸, ou seja, fica claro que nesses locais os punks compartilhavam suas ideias, além de criar e adaptar a contracultura à sua realidade, resultando na consolidação de sua identidade. Além disso, o espaço ainda passava a sensação de força, coesão e proteção, aspectos que somente a existência coletiva pode proporcionar, para os punks da primeira geração um espaço punk, basicamente, deveria ser um lugar onde eles pudessem ouvir música, confraternizar e ser aceitos¹⁴⁹.

Porém, nem tudo foi diversão neste período, Roberto recorda que o país recém havia saído do período da ditadura civil-militar, na segunda metade da década de 1980. Por isso, a tradição autoritária ainda era forte¹⁵⁰. Na entrevista concedida em 2021, para a monografia, ele apontou que naquela época havia repressão contra a juventude em geral, não somente contra os punks, assim um grupo de três ou quatro jovens reunidos na rua quase sempre era abordado pelas forças de segurança e os punks por conta de sua indumentária, não ficavam para trás¹⁵¹. No depoimento cedido para este trabalho Marcon relata que durante o período as forças de segurança pública observavam os punks de longe, talvez sempre à espera que fizessem algo muito anarquista para realizar a abordagem¹⁵².

O mesmo completa afirmando que os jovens identificados com o punk rock procuravam ter uma maneira pacífica de se comportar naquele tempo devido a truculência, o

¹⁴⁶MARCON, Roberto. [Entrevista cedida a] Alisson Oliveira da Costa. Entrevista realizada via WhatsApp. [S.l.], 30 e 31 de julho de 2024.

¹⁴⁷ *Ibid.*

¹⁴⁸ ALBUQUERQUE FILHO, Dinarte. [Entrevista cedida a] Alisson Oliveira da Costa. Entrevista realizada via WhatsApp. [S.l.], 3 e 12 de abril de 2025.

¹⁴⁹ MARCON, Roberto. [Entrevista cedida a] Alisson Oliveira da Costa. Entrevista realizada via WhatsApp. [S.l.], 30 e 31 de julho de 2024.

¹⁵⁰ *Ibid.*

¹⁵¹ Ver: COSTA, Alisson Oliveira da. **A expressão punk em Caxias do Sul entre 1986 e 1997**. 2021. 111 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura Plena em História) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/xmlui/handle/11338/8834?locale-attribute=en>. Acesso em: 13 set. 2025.

¹⁵² MARCON, Roberto. [Entrevista cedida a] Alisson Oliveira da Costa. Entrevista realizada via WhatsApp. [S.l.], 30 e 31 de julho de 2024.

que gerava cautela por parte desses indivíduos¹⁵³. De fato, nenhuma pessoa gosta de ser abordada e revistada, ao perceber que está vivendo em um contexto sócio-político autoritário, o indivíduo passa a agir com mais cuidado, buscando evitar choques ou confrontos com as forças hegemônicas, pois nesses casos ele é que acabaria “levando a pior”, como diz o jargão popular.

Porém, os membros da banda também chegaram a arranjar problemas, Marcon relata que certa vez o grupo causou “uma certa anarquia” dentro do clube Palermo e acabaram sendo expulsos do local com certa brutalidade. Naquele momento, entraram em confronto com seguranças e nosso entrevistado, que na época era sócio do clube, acabou sendo suspenso por seis meses por conta desse episódio¹⁵⁴.

Com a chegada da segunda geração, a partir de 1995, e da explosão de bandas, fanzines e festivais, um novo espaço passa a ser ocupado pelos punks: O Parque Getúlio Vargas, popularmente conhecido como Parque dos Macaquinhos. Localizado próximo à área central da cidade, o espaço público passou a abrigar o festival *Polenta Frita*, evento exclusivamente punk que também teve outras edições realizadas em outros lugares da cidade. O local foi escolhido como sede do festival porque além de ser um espaço público, era também gratuito, assim os membros das bandas envolvidas conseguiam liberação do mesmo, junto à prefeitura municipal para realização das apresentações¹⁵⁵. O Terceiro Entrevistado ressalta que o parque foi liberado somente duas ou três vezes devido ao caos e ao choque que os punks causavam na sociedade caxiense da época. O mesmo completa que a liberação do espaço era mais fácil no período em que o Ginásio Pedro Carneiro, localizado junto ao parque, ainda não havia sido revitalizado e a burguesia da cidade não frequentava o local¹⁵⁶. A lateral deste ginásio era o ponto de encontro principal dos punks da cidade na segunda metade da década de 1990¹⁵⁷, por isso podemos perceber o motivo principal da escolha do Parque dos Macaquinhos para receber o festival. Além disso, a localização do espaço próxima ao centro possibilitava que os punks fossem vistos pelo restante da sociedade e suas pautas e ideias fossem notadas e divulgadas, logicamente a sensação de espanto e choque por parte das pessoas comuns pode ser entendida como natural por tratar-se de um evento contracultural, nas palavras de O’Hara (2005, p. 40), para os punks chocar as pessoas com a aparência é menos importante do que chocar com ideias.

¹⁵³ *Ibid.*

¹⁵⁴ MARCON, Roberto. [Entrevista cedida a] Alisson Oliveira da Costa. Entrevista realizada via WhatsApp. [S.l.], 30 e 31 de julho de 2024.

¹⁵⁵ TERCEIRO ENTREVISTADO. [Entrevista cedida a] Alisson Oliveira da Costa. Entrevista realizada via WhatsApp. [S.l.], 8 jan. 2025.

¹⁵⁶ *Ibid.*

¹⁵⁷ *Ibid.*

Gaspari conta que o primeiro festival Polenta Frita ocorreu no já mencionado parque¹⁵⁸, entretanto o Terceiro Entrevistado contesta afirmando que, se não lhe falha a memória, o evento nasceu em outros locais e que só foi realizado no espaço a partir da quarta ou quinta edição¹⁵⁹. Na página do grupo *Polenta Frita à volta dos mortos vivos*, na rede social Facebook, foi possível encontrar fotos de alguns cartazes deste festival. Apesar de não haver maiores informações sobre datas, conseguimos encontrar um cartaz de divulgação sem número da edição do evento, diferentemente de outro onde está descrito: *Polenta Frita 3*, assim podemos deduzir que talvez este seja referente a primeira edição do festival.

¹⁵⁸ GASPARI, Eduardo. [Entrevista cedida a] Alisson Oliveira da Costa. Entrevista realizada presencialmente. Caxias do Sul, 26 out. 2024.

¹⁵⁹ TERCEIRO ENTREVISTADO. [Entrevista cedida a] Alisson Oliveira da Costa. Entrevista realizada via WhatsApp. [S.l.], 8 jan. 2025.

Figura 24 – Cartaz de divulgação do festival Polenta Frita.



Fonte: Página no Facebook do grupo Polenta Frita- a volta dos mortos vivos (2020).

Neste cartaz podemos ver que as apresentações aconteceram no *Skate Park*, a pista de skate localizada dentro do parque, no dia 28 de abril, às duas horas da tarde, porém não há informações sobre o ano (Figura 28). Como eventos culturais geralmente ocorrem em finais de semana e feriados, fizemos uma rápida consulta na internet para descobrir em qual ano esta data

transcorreu em um “dia de folga”, assim tivemos como resultado um domingo, dia 28 de abril de 1996, o que pode vir a ser a possível data. Além disso, podemos observar as bandas participantes do *show*: Vírus 13, Subversivos, THC, DLU e Sistema de Vida são oriundas de Caxias do Sul, como apontou a pesquisa anterior¹⁶⁰. Já a banda Geração Final é da cidade de Farroupilha e se mantém ativa até o presente momento. Observando o material com atenção também é possível perceber as participações das bandas Chumbo Grosso, de Porto Alegre e Postmortem, que também é caxiense. Porém, é necessário reafirmar ao leitor que esta ter sido a primeira edição do festival Polenta Frita é apenas uma hipótese, que esta investigação não conseguiu confirmar. Sendo necessário aprofundar as informações em trabalhos posteriores, pois o próprio evento é um interessante e valioso tema para pesquisas futuras.

Outro cartaz que conseguimos ter acesso é o da divulgação do Polenta Frita 3 (Figura 29), que também aconteceu no mesmo local, junto ao Parque Getúlio Vargas, às duas horas da tarde do dia 28 de setembro. Da mesma forma, não há informações sobre o ano da edição, assim novamente recorreremos à pesquisa na internet, seguindo a mesma lógica anterior de que eventos ocorrem em finais de semana. Outra informação que nos ajuda nesta busca é que no documento há a frase “esqueça um pouco as eleições e venha ao Festival Polenta Frita 3”. Dessa maneira, é possível perceber que o ano do evento é um ano eleitoral, como este festival foi criado pelos punks da segunda geração (a partir do ano de 1996), os possíveis anos do evento são 1996 (eleições municipais), 1998 (eleições gerais) ou até mesmo o ano 2000 (eleições municipais). Como resultado de nossa busca na rede, percebemos que o dia em questão transcorreu em um final de semana, sábado, 28 de setembro de 1996 (Figura 30). O que pode ser a possível data. Tanto este cartaz quanto o outro demonstram clara aparência artesanal, assim como era a diagramação dos fanzines: com as matrizes escritas e desenhadas à mão e posteriormente fotocopiadas para serem distribuídos ou vendidos em festivais ou, no caso dos cartazes que anunciam shows, colados em muros e paredes pela cidade. O típico modelo de produção artística e de divulgação dos punks.

¹⁶⁰ COSTA, Alisson Oliveira da. **A expressão punk em Caxias do Sul entre 1986 e 1997**. 2021. 111 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura Plena em História) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/xmlui/handle/11338/8834?locale-attribute=en>. Acesso em: 13 set. 2025.

Figura 25 – Cartaz de divulgação do festival Polenta Frita 3



Fonte: Página no Facebook do grupo Polenta Frita- a volta dos mortos vivos (2020).

Figura 26 – Banda Aphasia no festival Polenta Frita 3, 1996



Fonte: Página no Facebook do grupo Polenta Frita- a volta dos mortos vivos (2013).

No anúncio artesanal é possível perceber novamente a presença do não autoritarismo e do não conformismo punk, pois há a militância pelo voto nulo e uma clara representação de não aceitação e desconfiança em relação aos políticos. Ao mesmo tempo podemos perceber os grupos musicais presentes no evento: as caxienses Aphasia, Subversivos e Sistema de Vida e mais uma vez os farroupilhenses da Geração Final, já as bandas TK, Vermes do Subúrbio e Alternativos não foi possível precisar com clareza de onde são. O documento também informa que haviam mais bandas presentes. Analisando os dois impressos podemos compreender que já havia um intercâmbio regional da cena caxiense com bandas de cidades vizinhas, como Farroupilha e com o movimento punk da região metropolitana. O Terceiro Entrevistado afirma que bandas de Canoas, Gravataí, Farroupilha e Porto Alegre sempre eram convidadas para os festivais¹⁶¹, Gaspari conta que houve a presença de punks até de Brasília e Novo Hamburgo¹⁶². Contudo, a banda Subversivos marca presença constante porque seus integrantes faziam parte do grupo de organizadores do evento¹⁶³.

O Terceiro Entrevistado ainda conta como era a organização dos festivais, primeiro tratavam de encontrar um lugar e conversar com o proprietário para que aceitasse ceder seu espaço, em troca da receita gerada através do consumo de bebidas e alimentos pelo público presente no estabelecimento. Nosso depoente relata que isso quase nunca dava certo, pois os

¹⁶¹ TERCEIRO ENTREVISTADO. [Entrevista cedida a] Alisson Oliveira da Costa. Entrevista realizada via WhatsApp. [S.l.], 8 jan. 2025.

¹⁶² GASPARI, Eduardo. [Entrevista cedida a] Alisson Oliveira da Costa. Entrevista realizada presencialmente. Caxias do Sul, 26 out. 2024.

¹⁶³ *Ibid.*

jovens sempre acabavam trazendo bebidas compradas em outros lugares mais baratos¹⁶⁴. Depois disso os organizadores telefonavam ou enviavam cartas para as bandas de fora da cidade confirmarem presença no evento, e só a partir disso um dos punks fazia o cartaz para a divulgação. Com o cartaz feito o grupo organizador do festival juntava dinheiro para fazer as cópias, e comprar polvilho e soda para fazer a cola artesanal, então, na madrugada, os cartazes eram colados pela cidade, processo que geralmente gerava muita sujeira¹⁶⁵, também era feita a divulgação na base “*do boca a boca*”, como diz a linguagem popular¹⁶⁶. No dia dos shows os membros das bandas ajudavam na instalação dos equipamentos necessários, chegavam vários ônibus com punks de várias partes da cidade e de outros municípios e aí começavam as apresentações¹⁶⁷.

Eduardo Gaspari complementa afirmando que na maioria dos eventos ninguém ganhava nada em relação ao dinheiro, pois a maior parte do público era formada por adolescentes que ainda não trabalhavam e dependiam do dinheiro dos pais, assim quando cobravam entrada era costumeira a reclamação do público¹⁶⁸, mas era comum os custos serem divididos, como relatado anteriormente, onde o dono do estabelecimento ficava com o lucro do bar em troca de ceder o espaço, além disso bandas que vinham de fora da cidade recebiam uma ajuda de custo para o deslocamento e eram hospedadas na casa de punks caxienses¹⁶⁹.

Na segunda metade da década de 1990, houve festivais e eventos em vários lugares de Caxias do Sul por conta do surgimento do grande número de bandas, como dito anteriormente. Assim, referente ao Festival Polenta Frita, um espaço que também merece menção é o ginásio de esportes do bairro Panazzolo. Gaspari comenta que neste local ocorreu uma edição onde se apresentaram em torno de doze bandas¹⁷⁰. Em um dos cartazes que também encontramos no já mencionado grupo na rede social Facebook, está descrito que esta era a quarta edição do evento e aconteceu no dia 12 de julho de 1997, às quatro horas da tarde (Figura 31). No documento podemos contar dezesseis bandas e perceber que o ingresso para os shows eram 01 kg de alimento não perecível, um agasalho ou R\$1,00, sendo que alimentos e agasalhos seriam doados¹⁷¹. Quanto aos grupos musicais podemos notar que além de conjuntos caxienses também

¹⁶⁴ TERCEIRO ENTREVISTADO. [Entrevista cedida a] Alisson Oliveira da Costa. Entrevista realizada via WhatsApp. [S.l.], 8 jan. 2025.

¹⁶⁵ *Ibid.*

¹⁶⁶ *Ibid.*

¹⁶⁷ *Ibid.*

¹⁶⁸ GASPARI, Eduardo. [Entrevista cedida a] Alisson Oliveira da Costa. Entrevista realizada presencialmente. Caxias do Sul, 26 out. 2024.

¹⁶⁹ *Ibid.*

¹⁷⁰ *Ibid.*

¹⁷¹ *Ibid.*

participaram bandas oriundas de: Canoas, Arroio dos Ratos, São Leopoldo, Passo Fundo, Porto Alegre, Farroupilha e até de fora do estado, como as bandas Nervóticos (Curitiba, Paraná), *Great Vast Florest* (Lages, Santa Catarina) e *Die Heisen Kartoffel* (Joaquina do Sul, região sul de Florianópolis, Santa Catarina). Eduardo recorda que para facilitar o contato com bandas de outras cidades, os punks caxienses também chegaram a abrir uma caixa postal para troca de cartas e outros materiais como Cd's, fitas cassetes, adesivos e camisetas, relato que converge com o depoimento do Terceiro Entrevistado. Além disso, os membros dos grupos musicais caxienses costumavam buscar as bandas visitantes na rodoviária e de dar hospedagem para as mesmas em suas casas, como dito anteriormente¹⁷².

¹⁷² *Ibid.*

Figura 27 – Cartaz de divulgação do festival Polenta Frita 4, ocorrido em 12 de julho de 1997

FESTIVAL POLENTA FRITA

DHC
(CANDIAS-RS)

APHASIA
(CAXIAS DO SUL-RS)

ATRITOS
(CANDIAS-RS)

CARNAL THUMOR
(ARROIO DO RATOS-RS)

SUBVERSIVOS
(CAXIAS DO SUL-RS)

ANTI-CONFORMISMO
(CAXIAS DO SUL-RS)

DIE HEISEN KARTOFEL
(JOAQUIM DO SUL-SC)

DARK CEREBRATION
(CAXIAS DO SUL-RS)

INCENDIÁRIOS ACRATAS
(SÃO LEOPOLDO-RS)

COM AS BANDAS:

VI

NECRO CÉFALO
(PASSO FUNDO-RS)

CHUMBO GROSSO
(PORTO ALEGRE-RS)

GERAÇÃO FINAL
(FARROUPILHA-RS)

LIXO ORGÂNICO
(CAXIAS DO SUL-RS)

NERVORÓTICOS
(CURITIBA-PR)

GREAT VAST FLOREST
(LAGES-SC)

UNIDOS PELO ÓDIO
(PORTO ALEGRE-RS)

DATA: 12/07/97

HORAS: 16 H

LOCAL:

INGRESSO

- 1 KG DE ALIMENTO
- UM AGASALHO
- R\$ 1,00

GINÁSIO DE ESPORTES PANAZZOLO

Fonte: Página no Facebook do grupo Polenta Frita- a volta dos mortos vivos (2014).

Nosso entrevistado relata ainda que na parte de trás do ginásio existia uma pequena fábrica e os responsáveis alugaram um pequeno salão localizado ao lado para realização dos shows¹⁷³. O mesmo também destaca que os organizadores não falavam para os locadores que iriam produzir um evento relacionado ao punk rock, por conta do preconceito e desconfiança que a sociedade tinha e ainda tem em relação ao movimento punk. Certamente, os responsáveis pelo espaço provavelmente não aceitariam alugá-lo para esse fim, por isso os jovens sempre argumentavam que iriam realizar uma festa¹⁷⁴.

Como representante da segunda geração punk nesta pesquisa, o Terceiro Entrevistado afirma que a importância de um espaço para o punk caxiense é proporcionar a sensação de proteção e conforto entre os seus e que o local precisa ser um reduto de liberdade e igualdade dentro do mundo capitalista opressor¹⁷⁵. O mesmo conclui que o agrupamento dos punks em um local específico é a essência do movimento, pois o punk é uma contracultura praticada pelas coletividades, assim sempre existiu a busca por locais de encontro, criação desses locais ou ocupações ou reuniões nas ruas¹⁷⁶. Podemos afirmar que a ideia de identificação, proteção e troca de ideias, formado ainda com a primeira geração, se fortaleceu e tornou-se o grande cerne da contracultura punk caxiense em relação a um espaço, pois um coletivo sempre gera a sensação de força e resulta em maior ânimo na luta em defesa das pautas de um grupo. O fortalecimento das bandas e a formação de coletivos fizeram com que os punks caxienses começassem a interagir ainda mais com grupos de outras cidades e aumentassem a participação dos mesmos nos mais diversos eventos, como veremos a seguir.

5.2 OS ESPAÇOS PUNKS EM CAXIAS DO SUL NO INÍCIO DO SÉCULO XXI.

Entre o final da década de 1990 e início dos anos 2000, o movimento punk caxiense continuou vivenciando o aumento de bandas, fanzines e festivais, além da convivência entre membros mais antigos e mais novos como dito anteriormente. Com isso, novos espaços também começaram a surgir e entre eles um interessante local na Vila Ipiranga, bairro Cristo Redentor, voltou a receber atividades relacionadas ao movimento punk. A casa onde a Detrito Urbano ensaiou durante seu período de atividade entre 1986 e 1990. Marcon comenta que sua família

¹⁷³ GASPARI, Eduardo. [Entrevista cedida a] Alisson Oliveira da Costa. Entrevista realizada presencialmente. Caxias do Sul, 26 out. 2024.

¹⁷⁴ *Ibid.*

¹⁷⁵ TERCEIRO ENTREVISTADO. [Entrevista cedida a] Alisson Oliveira da Costa. Entrevista realizada via WhatsApp. [S.l.], 8 jan. 2025.

¹⁷⁶ *Ibid.*

se mudou da cidade em 1990, e no ano de 1994, seu pai vendeu a casa para o pai de Eduardo Gaspari¹⁷⁷, fato que foi confirmado por Gaspari que completa contando que após a compra seu pai realizou reformas no imóvel. Assim, o pequeno anexo localizado nos fundos, em que a banda de Roberto costumava ensaiar, foi demolido, dando lugar a uma garagem maior que ocupava toda a área detrás do terreno. Esse espaço passou a ser utilizado pelo jovem para ensaios de sua banda, a Exclusão Social, e para abrigar festivais punks¹⁷⁸, ou seja, continuou sendo um importante lugar para a cena da cidade (Figura 32).

Após receber autorização do pai para utilização da garagem para festivais, Eduardo organizou a primeira edição no início da década de 2000 (Figura 33). O mesmo destaca que não esperava que viriam tantos punks e que ficou surpreso com o público presente¹⁷⁹. Nos eventos seguintes o jovem passou a convidar também bandas de metal e grupos de rap para participar. Na seção anterior, vimos que a aproximação entre esses três grupos iniciou ainda na segunda metade dos anos 1990. A boa relação seguiu fortalecendo-se com a chegada do novo século. Gaspari destaca que foi um dos primeiros a organizar um festival de punk e rap juntos (Figura 34), já que antes os grupos organizavam festivais em separado e membros de uma contracultura frequentavam os eventos da outra e vice-versa¹⁸⁰. Apesar do bom relacionamento, nos primeiros eventos que contaram com a participação de conjuntos dos dois estilos, ocorreram alguns atritos entre os presentes gerados por algumas diferenças entre os dois gêneros musicais. No entanto, alguns membros mais conscientes advertiram que todos tinham a mesma origem social, passavam pelos mesmos sofrimentos e eram trabalhadores, logo, apesar de algumas diferenças, a ideia de todos era a mesma. Assim, os conflitos internos acabaram¹⁸¹. De fato, o punk rock e o rap são contraculturas periféricas que foram formadas e mantidas por jovens pobres e excluídos que convivem com a repressão, preconceito, marginalização e falta de opções culturais, portanto apesar das diferenças estéticas e musicais ambas têm mais fatores que motivem uma aproximação do que o afastamento.

Eduardo Gaspari¹⁸² salienta também que algo comum no rap daquele período eram as brigas entre grupos geradas por rivalidades entre bairros diferentes. O que resultava em tensão em alguns eventos, porém quando ocorriam, os confrontos se limitavam aos jovens ligados ao

¹⁷⁷ MARCON, Roberto. [Entrevista cedida a] Alisson Oliveira da Costa. Entrevista realizada via WhatsApp. [S.l.], 30 e 31 de julho de 2024.

¹⁷⁸ GASPARI, Eduardo. [Entrevista cedida a] Alisson Oliveira da Costa. Entrevista realizada presencialmente. Caxias do Sul, 26 out. 2024.

¹⁷⁹ *Ibid.*

¹⁸⁰ *Ibid.*

¹⁸¹ *Ibid.*

¹⁸² *Ibid.*

rap e os punks não eram agredidos. O entrevistado relata também que muitos punks caxienses acabaram aderindo ao rap e integrando conjuntos, pois as letras e ideias eram muito similares ao punk rock¹⁸³. Assim, podemos concluir que uma das marcas importantes do terceiro ciclo punk foi o fortalecimento da relação com o rap e o metal, resultando na organização de eventos com a participação de bandas dos três estilos musicais, além de encontros e trocas de ideias entre os membros destas contraculturas no mesmo espaço.

Quanto a importância da existência de um local onde os punks possam se reunir, Gaspari, nosso representante do terceiro ciclo punk neste trabalho, aponta que um espaço punk é fundamental para que os membros da contracultura possam trocar ideias e conhecer novas bandas. Ademais, o mesmo faz uma relação com o contexto social e político brasileiro atual (2024-2025), onde destaca a ascensão de ideias e comportamentos ligados à extrema direita. Algo que ele mesmo comenta que não esperava que iria acontecer novamente¹⁸⁴. Nosso depoente também diz que esses grupos ultraconservadores se apropriaram do discurso e das ideias defendidas por coletivos progressistas no passado, como fazer fortes críticas à Rede Globo e conseguiram difundir tanto suas ideias que até familiares e amigos próximos começaram a normalizar comportamentos homofóbicos e de índole fascista. Dessa maneira, mesmo que seja uma compreensão que não está em sintonia com o recorte histórico proposto para essa investigação, a existência de um lugar onde os punks possam parar, sentar, conversar e formular uma atitude também é fundamental como ferramenta de resistência¹⁸⁵.

¹⁸³ GASPARI, Eduardo. [Entrevista cedida a] Alisson Oliveira da Costa. Entrevista realizada presencialmente. Caxias do Sul, 26 out. 2024.

¹⁸⁴ *Ibid.*

¹⁸⁵ *Ibid.*

Figura 28 – Punks durante festival na casa de Eduardo Gaspari, início dos anos 2000



Fonte: Acervo pessoal de Eduardo Gaspari (2024).

Figura 29 – Festival Punk na casa de Eduardo Gaspari, início dos anos 2000



Fonte: Acervo pessoal de Eduardo Gaspari (2024).

Figura 30 – Grupo de Rap durante festival na casa de Eduardo Gaspari, início dos anos 2000



Fonte: Acervo pessoal de Eduardo Gaspari (2024).

Mais um espaço importante para o punk rock caxiense no início da década de 2000 foi a área da Praça Dante Alighieri, no centro da cidade. O antigo “calçadão” da Avenida Júlio de Castilhos, que passa ao lado da praça, recebeu exposições e vendas de materiais, teatros, shows e manifestações. Os punks chegaram até a acampar no local junto a outros movimentos sociais durante atos populares¹⁸⁶. Já na esquina da rua Doutor Montauray com a rua Sinimbu, do outro lado da praça, no lado oposto a loja Magnabosco, os jovens se reuniam para vender fanzines, botons, adesivos e outros materiais praticamente todos os dias, a exemplo de Porto Alegre o lugar foi batizado pelos punks de Esquina Democrática¹⁸⁷.

¹⁸⁶ TERCEIRO ENTREVISTADO. [Entrevista cedida a] Alisson Oliveira da Costa. Entrevista realizada via WhatsApp. [S.l.], 8 jan. 2025.

¹⁸⁷ *Ibid.*

Figura 31 – Esquina Democrática, em julho de 2024



Fonte: Fonte: *Google Street View* (2024).

Na Figura 35, é possível ver em primeiro plano a esquina da rua Sinimbu (ao centro) com a rua Doutor Montaury (na horizontal). No início dos anos 2000, esse local foi chamado pelos punks de Esquina Democrática em alusão à sua homônima em Porto Alegre. Em segundo plano, o prédio de cor verde é a sede da Central de Operações da Polícia Civil.

Ocupar a área central da cidade poderia ser uma ótima estratégia, para que os punks fossem vistos e suas ideias fossem mais divulgadas devido ao grande fluxo de pessoas muito comum em qualquer centro urbano do país, porém a repressão pode ser o ônus que uma contracultura paga, quando é mais notada pela população, pois obviamente a cultura hegemônica não aceita passivamente que seu poder e estrutura seja questionado. Assim, um dos episódios repressivos mais dramáticos para a cena punk caxiense ocorreu na tarde de sexta-feira, dia 07 de setembro de 2001. Durante o desfile cívico em comemoração à independência do Brasil. A reportagem intitulada *Homenagem Verde-Amarela* (Pioneiro, 2001, 08 e 09 de setembro, página 03), diz que naquela tarde nublada, cerca de 15 mil pessoas foram até o centro da cidade acompanhar o desfile em homenagem à independência do Brasil (Figura 36). A parada cívico-militar daquele ano teve como tema “*Amazônia: alto lá! Esta terra tem dono*” e contou com 39 escolas e entidades, sendo aberta por um carro alegórico que conduzia as 18 candidatas à rainha da Festa da Uva do ano seguinte.

No decorrer do evento muitos aproveitaram para se manifestar sobre temas sociais e políticos como os escoteiros do grupo Baden Powel que incentivavam a doação de sangue e

outros protestos contra as drogas e a corrupção, que também teve a presença de sócias de políticos brasileiros, ao mesmo tempo movimentos sociais como o Movimento dos Trabalhadores Desempregados e integrantes do Grito dos Excluídos exibiam cartazes e faixas. O periódico complementa relatando que o ponto alto do desfile foi a passagem de 15 bandas de escolas e que mesmo com a chegada da chuva o público não desistiu de assistir ao evento que foi encerrado com a apresentação do 3º Grupo de Artilharia Antiaérea do exército (3º GAAe), sediado na cidade, do 5º Grupamento de Combate a Incêndios e da Polícia Rodoviária Federal.

Na mesma página também há notas curtas sobre as comemorações da data em outras cidades da região como Bento Gonçalves, Farroupilha e Garibaldi, ao mesmo tempo uma notícia no final da página destaca: Movimento Punk invade atividade. Por estarem ocupando o centro da cidade os punks não ficaram indiferentes à celebração, principalmente porque a matéria jornalística diz que vários grupos e movimentos sociais aproveitaram o momento para manifestar suas demandas e ideias o que demonstra que a data não está isenta de disputas de discursos e espaços de fala, porém a maneira com que os punks se manifestaram acabou resultando em repressão imediata por parte das forças de segurança presentes no local.

Figura 32 – Reportagem “Homenagem verde-amarela”. Jornal Pioneiro, 08 e 09 de setembro de 2001

PIONEIRO ■ SÁBADO E DOMINGO, 8 E 9 DE SETEMBRO DE 2001 ■ 3

CAXIAS

Editor: Ciro Fabres e 218.1261
cfo.net@jornalpioneiro.com.br

■ SEMANA DA PÁTRIA

Homenagem verde-amarela

Desfile levou cerca de 15 mil pessoas à Rua Sinimbu na tarde de sexta-feira. Quinze bandas escolares foram as principais atrações

As nuvens pesadas que cobriam o céu de Caxias do Sul no início da tarde de sexta-feira não intimidaram as 15 mil pessoas – de acordo com a Brigada Militar (BM) – que foram ao Centro acompanhar o desfile de 7 de Setembro. A Parada Cívico-Militar, que este ano teve como tema *Amazônia: alive!*, *Esta terra tem dono*, contou com a apresentação de 39 escolas e entidades, e foi aberta por um carro alegórico trazendo as 18 candidatas ao título de Rainha da Festa da Uva.

Enquanto desfilavam, muitos aproveitaram para manifestar-se sobre temas sociais e políticos, como a questão de sangue (incinerada pelo grupo escoreiro Baden Powell), a corrupção (que contou com um carro alegórico de “sósias” de políticos brasileiros) e as drogas. Durante a apresentação das pastorais sociais, integrantes do Movimento dos Trabalhadores Desempregados (MTD) e do Grupo dos Excluídos exibiram faixas e cartazes.

O ponto alto do desfile foi a passagem das 15 bandas de escolas. Na metade da parada, chegou a chuva, mas poucos desistiram de assistir ao maior espetáculo do dia. A festa cívica foi encerrada com apresentação de integrantes do 3º Grupo de Artilharia Antiaérea (3º GAAAe), BM, 5º Grupo de Companhia de Incêndios (5º GCI) e Polícia Rodoviária Federal (PRF).

Parada dá lugar a um show cívico

ESTE ANO, o desfile de 7 de Setembro de **Farrapoinha** deu lugar a um show cívico-cultural. A partir das 13h30min, 2,8 mil alunos de 42 escolas se apresentaram em um palco na Praça da Emancipação para aproximadamente 5 mil pessoas. Os temas escolhidos mostraram a preocupação com os problemas sociais do país. “Com esse show, estimulamos a reflexão sobre a pátria”, avaliou a secretária de Educação, Leni Ferreira.

Um contraste de gerações em Bento

EM TORNO DE 15 mil pessoas participaram do desfile de 7 de Setembro em **Bento Gonçalves**, abordando temas diversos e colorido a Avenida Osvaldo Aranha das 8h às 12h. As tradições regionais, apresentadas pela Comissão de Tradições Gaúchas (CTG), e o barulho dos militares das ruas foram algumas das atrações. A abertura do desfile representou um contraste de gerações.

Manifestações: evento também serviu para protesto

Público descontraído na região

UM PÚBLICO descontraído esteve presente no desfile de 7 de Setembro de **Garibaldi** (RS), que homenageou o professor de educação física Danilo Chesini. Entre as 44 entidades participantes, havia crianças e até mesmo uma baianina. O evento ficou marcado pela toca do nome da banda da Escola Estadual Professora Emma Brofênia, que passou a se chamar Banda Professor Danilo Chesini. Em **Carlos Barbosa**, a vida e a preservação da natureza foram os destaques. Crianças entoavam hinos, cantavam e sacolas de lixo ao público, estimulam em 5 mil pessoas. Próximo do encerramento, a chuva chegou e fez parte da homenagem à natureza.

Movimento punk invade atividade

QUASE NO final do desfile em Caxias do Sul, enquanto a Brigada Militar se apresentava, 20 manifestantes punks invadiram a Rua Sinimbu, protestando contra a polícia e distribuindo panfletos com frases como “Esmere quem não presta”. Depois de ultrapassar o grupo militar invadiu o MiDonaide, e foi invadido ao Centro de Operações. Eram 15 rapazes e cinco moças, alguns deles menores.

I Grande Feira do Livro na Cidade Universitária da UCS

Onde até as obras clássicas viram literatura barata.

30% de desconto

Venha para a I Grande Feira do Livro na Cidade Universitária. Você encontrará obras literárias, técnicas e didáticas com 30% de desconto para enriquecer sua cultura sem esvaziar seu bolso.

Promoção: Livraria Universitária

De 20/08 a 20/09, no Centro de Convivência da UCS
Segunda a sexta, das 10h às 22h
Sábado, das 8h às 11h30min





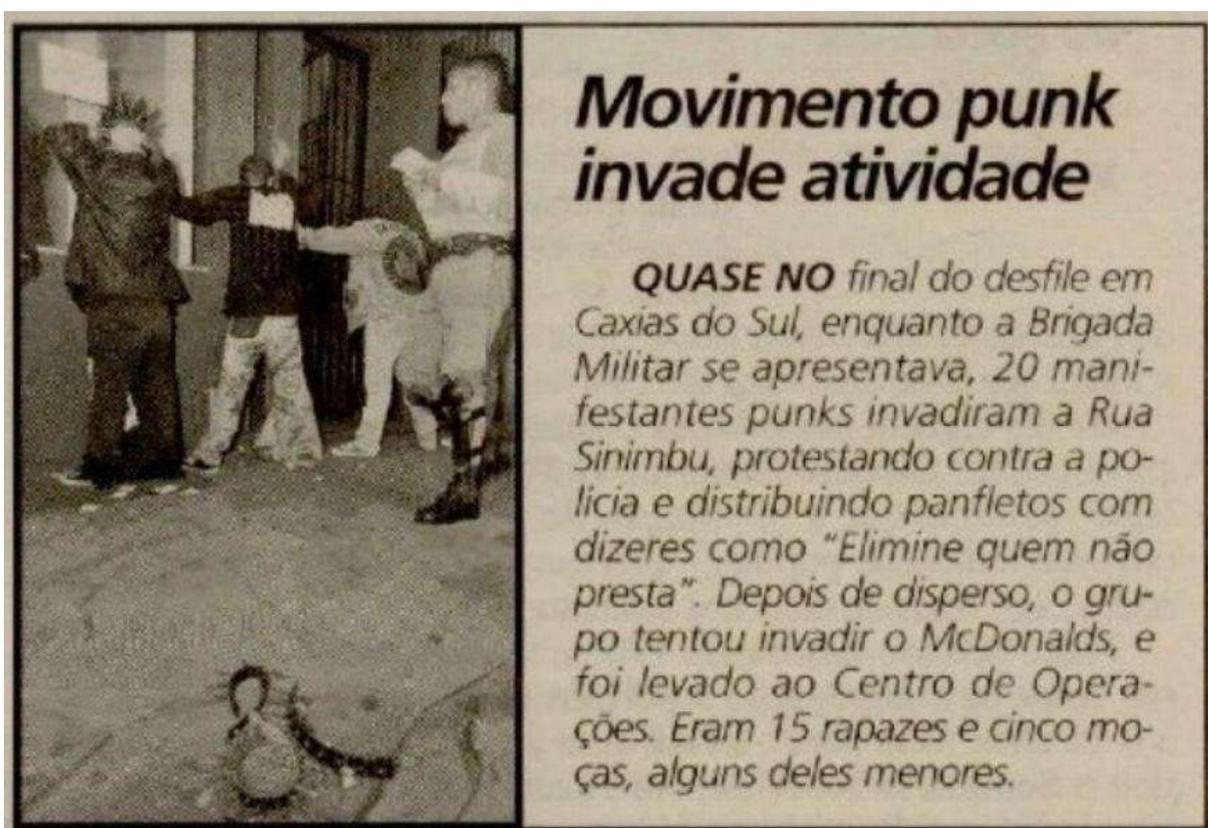

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL

Fonte: Jornal Pioneiro (2001b).

Na mesma página, podemos perceber notas curtas sobre as comemorações em outras cidades da região e uma menção aos punks. A nota no final da página (Figura 37) diz que quase

no final do desfile, enquanto a Brigada Militar se apresentava, um grupo de 20 punks invadiu a rua Sinimbu protestando contra a polícia e distribuindo panfletos com dizeres como “*Elimine quem não presta*”. Depois de ser dispersado o grupo tentou invadir uma unidade da lanchonete McDonald’s, localizada mais abaixo na mesma rua, após isso cerca de quinze rapazes e cinco moças foram levados ao Centro de Operações da Polícia Civil, sendo que alguns deles eram menores de idade.

Figura 33 – Nota sobre a invasão do movimento punk ao desfile de 07 de setembro de 2001 em Caxias do Sul. Jornal Pioneiro, 08 e 09 de setembro de 2001



Fonte: Jornal Pioneiro (2001b).

Gaspari¹⁸⁸, que estava presente neste dia, contrapõe a versão do jornal Pioneiro. Nosso entrevistado conta que os punks estavam presentes na praça panfletando, vendendo adesivos e protestando contra o que eles definiam como farsa do sete de setembro, porém não havia nenhum tipo de organização ou ação pré-determinada. Entrar na rua Sinimbu durante o desfile foi uma ação decidida na hora¹⁸⁹. No momento em que os punks invadiram a rua acabaram

¹⁸⁸ GASPARI, Eduardo. [Entrevista cedida a] Alisson Oliveira da Costa. Entrevista realizada presencialmente. Caxias do Sul, 26 out. 2024.

¹⁸⁹ *Ibid.*

entrando exatamente na frente do batalhão de choque da Brigada Militar que se aproximava para realizar sua passagem. Naquele momento, ao verem os punks tomando a rua, os policiais reprimiram o protesto de forma imediata empurrando os jovens em direção à Central de Operações da Polícia Civil, localizada na esquina com a rua Doutor Montauray (lado oposto da Esquina Democrática). Entretanto, alguns manifestantes conseguiram escapar e desceram a Sinimbu em direção ao McDonald's, mas ali o grupo foi cercado pelas forças de segurança e acabou detido¹⁹⁰. O entrevistado também conta que no momento da abordagem os policiais tiraram coturnos, rebites e cintos dos indivíduos antes de prendê-los¹⁹¹

O depoente¹⁹² também diz que cerca de 30 punks foram detidos e colocados em um ônibus para serem encaminhados à delegacia. Entretanto, um senhor que trabalhava em uma rádio, e que inclusive estava entrevistando pessoas durante o evento, resolveu intervir a favor dos punks. Parou seu trabalho e avisou aos policiais que só deixaria os jovens serem presos se ele fosse junto. Assim, aquele senhor também foi levado para a delegacia e ao entrar no veículo disse aos punks que não iria deixar com que os mesmos fossem agredidos, Eduardo diz não saber o nome do repórter¹⁹³.

Ao chegarem na delegacia a notícia da prisão acabou chegando até outros punks que se mobilizaram e foram para frente do prédio exigir a soltura. Nosso entrevistado conta que a polícia queria saber quem eram os líderes do movimento, porém, por conta da influência anarquista, punks não têm lideranças¹⁹⁴. Como uma das meninas detidas era filha de um advogado, os jovens tiveram suporte para sua liberação. Somente quatro ou cinco indivíduos maiores de idade foram encaminhados para prestar depoimento¹⁹⁵. Os menores de idade telefonaram para que os pais viessem buscá-los. Os pais chegaram ao lugar obviamente bem assustados, além disso, alguns jovens menores de idade que estavam vestidos com camisetas da banda punk Ramones também acabaram detidos, mesmo não fazendo parte do grupo punk que costumava se concentrar na praça¹⁹⁶.

Eduardo conta que a repressão aos punks no início dos anos 2000 era comum, principalmente se os jovens estivessem em grupo, dificilmente eram abordados sozinhos ou em duplas¹⁹⁷. Ainda por volta de 1997, ocorreram batalhas de bandas no Instituto Estadual de

¹⁹⁰ *Ibid.*

¹⁹¹ *Ibid.*

¹⁹² *Ibid.*

¹⁹³ *Ibid.*

¹⁹⁴ *Ibid.*

¹⁹⁵ *Ibid.*

¹⁹⁶ GASPARI, Eduardo. [Entrevista cedida a] Alisson Oliveira da Costa. Entrevista realizada presencialmente. Caxias do Sul, 26 out. 2024.

¹⁹⁷ *Ibid.*

Educação Cristóvão de Mendoza, no bairro Cinquentenário. Os punks costumavam frequentar esses eventos, mas quando se aproximavam da instituição, andando pela Avenida Júlio de Castilhos, ocorriam as abordagens¹⁹⁸. Nossos entrevistados também relatam que havia em Caxias do Sul um policial que odiava os punks, pois sempre que encontrava com algum imediatamente o parava para revistá-lo¹⁹⁹.

O Terceiro Entrevistado²⁰⁰ nos diz que certa vez, antes do grupo se reunir na Esquina Democrática, os jovens estavam concentrados em frente à Loja Colombo. Localizada na Avenida Júlio de Castilhos. Naquela tarde o centro estava lotado, quando apareceram duas camionetes trazendo cerca de vinte policiais armados, que revistaram os punks ostensivamente. O depoente relata que perdeu suas pulseiras com rebites que tinha conseguido fazer com muito custo, e até uma espécie de coleira, também cheia de rebites, os objetos foram tomados sob alegação de serem armas brancas. Para ele, a ação foi uma forma de coagir os jovens a não se reunirem mais em frente ao estabelecimento.

O mesmo destaca também que vários festivais punks foram encerrados pela polícia em Caxias do Sul, e em outras cidades em que os caxienses iam. Por fim, ele ainda complementa dizendo que hoje entende que esses atos tinham como objetivo coagir e tentar eliminar o “vírus punk” da sociedade caxiense, porém sem sucesso²⁰¹. Gaspari lembra que, após os frequentes episódios de “atrasque” (abordagens policiais na gíria juvenil), os punks passaram a evitar sair dos bairros, preferiam acompanhar ensaios das bandas na casa de amigos. Era comum os mesmos se reunirem em bairros como Serrano, Salgado Filho ou Cruzeiro e ir ao centro apenas para vender materiais ou encontrar pessoas de fora da cidade, pois no período era comum as visitas de punks de outros lugares²⁰², sobretudo de Curitiba que costumavam parar em Caxias do Sul antes de seguir até Porto Alegre. Assim que os visitantes chegavam à cidade os caxienses se reuniam para ir buscá-los na rodoviária e trazê-los para casa de amigos²⁰³, como já mencionado. Lembrando que os contatos prévios a esses encontros eram estabelecidos em festivais e após isso mantidos via correio e telefone, como explicado anteriormente.

¹⁹⁸ *Ibid.*

¹⁹⁹ Entrevistas: TERCEIRO ENTREVISTADO. [Entrevista cedida a] Alisson Oliveira da Costa. Entrevista realizada via WhatsApp. [S.l.], 8 jan. 2025 e por GASPARI, Eduardo. [Entrevista cedida a] Alisson Oliveira da Costa. Entrevista realizada presencialmente. Caxias do Sul, 26 out. 2024.

²⁰⁰ TERCEIRO ENTREVISTADO. [Entrevista cedida a] Alisson Oliveira da Costa. Entrevista realizada via WhatsApp. Caxias do Sul, 8 jan. 2025.

²⁰¹ *Ibid.*

²⁰² GASPARI, Eduardo. [Entrevista cedida a] Alisson Oliveira da Costa. Entrevista realizada presencialmente. Caxias do Sul, 26 out. 2024.

²⁰³ GASPARI, Eduardo. [Entrevista cedida a] Alisson Oliveira da Costa. Entrevista realizada presencialmente. Caxias do Sul, 26 out. 2024.

Outro local que recebeu eventos punks na cidade, nesta época, foi a área da antiga Metalúrgica Abramo Eberle S/A localizada no bairro Exposição. Conforme informações do site Guia de Caxias do Sul (2025) este é o prédio de número 02 da empresa e foi inaugurado em 1948. Simbolizando o momento de maior expansão dos negócios do empresário caxiense Abramo Eberle. O lugar constitui patrimônio histórico e cultural tombado em nível municipal, desde 2015. Por conta de sua importância socioeconômica para o município e região nos anos em que o empreendimento esteve em atividade entre 1950 e 1990. Atualmente é denominado Complexo Cultural e Turístico MAESA (Guia de Caxias do Sul, 2025).

Eduardo Gaspari relata que a MAESA recebeu duas edições do festival Polenta Frita. Depois, o espaço não recebeu mais eventos punks e até um pequeno bar localizado nas proximidades foi desativado²⁰⁴. Na seção denominada Variedades (Figura 38), contida no caderno Sete Dias do jornal Pioneiro (Pioneiro, 2001, 26 de novembro, página 03), podemos encontrar uma reportagem intitulada *Mix de ideais no Polenta*, referente ao festival Polenta Frita VIII. Observando o subtítulo da matéria temos a informação que o evento aconteceu no sábado. Consultando a data do número do periódico que publicou a notícia, concluímos que o mesmo aconteceu no dia 24 de novembro de 2001. O texto informa que o público esperou o tempo melhorar e continuou acompanhando as apresentações das bandas: *Amor Algum, Antítese Social, Premature Autopsy, Subversivos e Sangria*. Além disso, não faltaram os tradicionais fanzines que discutiam política, problemas sociais e esclareciam os princípios da teoria anarquista. Gaspari adverte que a foto da reportagem não é da banda Amor Algum e sim da banda Exclusão Social²⁰⁵.

A reportagem segue informando que o Polenta Frita iniciou em 1995. Tendo como objetivo reunir pessoas interessadas em discutir manifestações que não estão diariamente na mídia tradicional e também quem procura diversão, já que além da música punk, hardcore, death metal e brutal metal, o encontro também mescla esquetes teatrais, dança de rua e poesia. A notícia afirma que o público aprovou o evento e transcreve a opinião de Marcelo Mireski, então com 25 anos, que disse que o importante era respeitar as ideias dos outros. O mesmo completou relatando que as pessoas iam aos shows para trocar informações, conhecer coisas diferentes e discutir. A matéria trouxe também o relato do estudante de jornalismo Valnei Minuscoli, então com 20 anos. O texto aponta que este era um dos poucos a vestir camisa branca e não ter nenhum piercing. O que demonstra que, ao menos para este veículo de imprensa, a estética punk era o

²⁰⁴ *Ibid.*

²⁰⁵ GASPARI, Eduardo. [Entrevista cedida a] Alisson Oliveira da Costa. Entrevista realizada via WhatsApp. [S.L.], 18 de maio de 2025.

fator que mais chamava atenção. O estudante distribuiu seu fanzine intitulado Código Morse e apontou que aquele era um espaço que proporcionava reflexão, sendo que as ideias das pessoas importam mais que o visual. A também estudante, mas de Comunicação, Karine Endres, então com 22 anos, apontou que o Polenta Frita era o espaço para difundir o conceito de arte dos excluídos, o que reforça a ideia de a contracultura punk ser um canal de voz para os jovens esquecidos.

Mesmo com a forte oposição ao imperialismo norte-americano, o que demonstra certa influência do pensamento da esquerda institucionalizada sobre o movimento punk local, um estudante chamado Diogo Schmitt, então com 17 anos, compareceu ao lugar com um lenço que lembrava a bandeira dos Estados Unidos. O jovem afirmou que sua banda preferida era o grupo norte-americano *Gun's and Roses* e que achava importante respeitar as diferenças e ter bastante opções culturais na cidade, pois "*monocultura não era legal*". O jornal concluiu dizendo que aquela edição do Polenta Frita também serviu como convite para o ato público "Pela vida, pela paz e pelo fim da guerra no Oriente Médio", que aconteceria no dia 08 de dezembro do mesmo ano na Praça Dante Alighieri. O ingresso para o evento foi um quilo de alimento não perecível ou um brinquedo, mas os portões do espaço foram abertos até para quem não trouxe doações. Rafael Roggia, um dos organizadores, disse ao repórter que foram arrecadados cerca de 100 quilos de alimentos que seriam distribuídos a entidades pelo núcleo caxiense da Federação Anarquista Gaúcha.

Figura 34 – Reportagem sobre o Festival Polenta Frita VIII. Jornal Pioneiro, 26 de novembro de 2001

PIONEIRO **Variedades**

Mix de idéias no Polenta

■ Festival beneficente reuniu jovens no Parque da Maesa, sábado

FOTOS NEFELI DE ALMEIDA/PIONEIRO

A chuva quase deu um fim prematuro ao VIII Festival Polenta Frita, sábado à tarde, no Parque da Maesa, em Caxias. Mas a turma *underground* não se intimidou. Esperou o tempo melhorar e continuou a apresentar bandas como Amor Algum, Antitese Social, Premature Autopsy, Subversivos e Sangria. Não faltaram os tradicionais zines, jornais alternativos que discutem política, problemas sociais e esclarecem sobre a teoria anarquista.

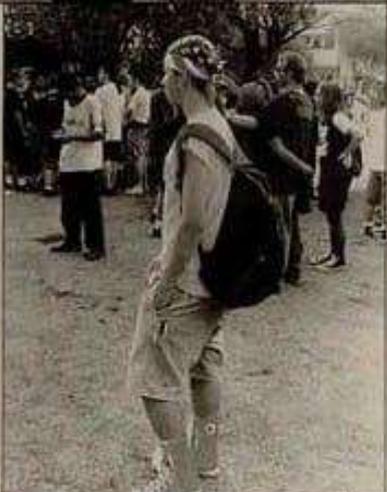
O festival, iniciado em 1995, reuniu gente interessada em discutir manifestações que não estão diariamente na mídia convencional e também quem procurava pura diversão. Punk, hardcore, death e brutal metal mesclaram-se a esquetes teatrais, dança de rua e poesia. O público aprovou. "O importante é respeitar as idéias dos outros. A gente vem aqui trocar informação, conhecer coisas diferentes e discutir", diz Marcelo Mireski, 25 anos. Um dos poucos a vestir camiseta branca e nenhum piercing, o estudante de Jornalismo Valnei Minuscoli, 20, aproveitou para distribuir o zine Código Morse. "É um espaço que proporciona reflexão. Não importa o visual da pessoa, mas sim as idéias". Já a estudante de Comunicação Karine Endres, 22, do zine Voz Ativa, o Polenta Frita é um espaço para difundir o conceito de arte dos excluídos.

Em meio a alertas contra o imperialismo dos EUA, o estudante Diogo Schmitt, 17, não se intimidou em comparecer com um lenço que lembra a bandeira norte-americana. "A banda que eu mais gosto é o Guns and Roses, e eles são de lá. Acho importante respeitar as diferenças e ter bastante opções culturais na cidade. Monocultura não é legal", diz.

O Polenta Frita serviu também como convite para o ato público "Pela vida, pela paz e pelo fim da guerra no Oriente Médio", dia 8 de dezembro, às 15h, na Praça Dante Alighieri. O ingresso ao festival era um quilo de alimento não-perecível ou um brinquedo, mas os portões do parque foram abertos mesmo para quem não trouxe doações. Segundo Rafael Roggia, da organização, foram arrecadados cerca de 100 quilos de alimentos. As doações serão distribuídas a entidades pela Federação Anarquista Gaúcha, núcleo Caxias.



Amor Algum: uma das bandas a se apresentar no VIII Festival da Polenta Frita



Diogo: sem preconceitos contra os EUA

Fonte: Jornal Pioneiro (2001a).

Os Pavilhões da Festa da Uva também chegaram a receber bandas punks, além dos shows dos porto-alegrenses da Tequila Baby, como mostrado anteriormente. O lugar também abrigava o festival Canta Park. Eduardo Gaspari²⁰⁶ conta que uma das melhores edições, em

²⁰⁶ GASPARI, Eduardo. [Entrevista cedida a] Alisson Oliveira da Costa. Entrevista realizada presencialmente.

sua opinião, foi uma que durou dois dias. Esta edição contou com apresentações das bandas caxienses Antítese Social e Ligante Anfetamínico e os porto-alegrenses da Os Replicantes, uma das pioneiras do punk rock no Rio Grande do Sul e consagrada na cena do rock gaúcho. O entrevistado diz que o festival não era voltado exclusivamente para o gênero musical punk e que muitas vezes era difícil uma banda punk conseguir se apresentar em alguma edição, pois, salvo o engano, os grupos selecionados eram os mais experientes e que já tinham contatos na prefeitura²⁰⁷.

Podemos perceber na reportagem nomeada Dias de Punk e Rock nos Pavilhões (Figura 39), publicada no caderno Sete Dias do jornal Pioneiro (Pioneiro, 2002, 26 de julho, página 01), que o espaço para os gêneros musicais foi dividido em dois dias. As bandas punks participaram do festival Underground Solidário, que aconteceu no sábado, 27 de julho de 2002. Já as demais bandas do gênero rock, entre elas Rosa Tatoada, grupo muito conhecido na cena do rock gaúcho, se apresentaram no 9º Canta Park, ocorrido no domingo dia 28 de julho do mesmo ano. Aquela foi a primeira edição do Underground Solidário. O evento deu espaço para a apresentação de sete bandas punks da cidade: Antítese Social, Baga Kaos (grupo formado somente por garotas), Corpo Presente, Bombardeio Estrago, Inféris, Óleo de Rícino e Ossos do Ofício. O ingresso era um quilo de alimento não-perecível ou agasalho que foram encaminhados para doação.

Já o 9º Canta Park apresentou cinco bandas: Natural Dread (reggae) e os grupos de rock The True, Travelin' Band, Ponta Cabeça e Rosa Tatoada, a atração principal. A notícia diz que naquela tarde haveria passe livre no transporte coletivo urbano da cidade, que a entrada nos pavilhões era gratuita e que o evento era uma promoção da Prefeitura Municipal, Locasom e Empresa Festa da Uva, contando com apoio do SAMAE (Serviço autônomo municipal de água e esgoto) e CODECA (Companhia de desenvolvimento de Caxias do Sul), com promoção da rádio Atlântida. Não foi possível saber o motivo da organização dividir os estilos musicais em dois dias.

Caxias do Sul, 26 out. 2024.

²⁰⁷ *Ibid.*

Figura 35 - Reportagem sobre os festivais Underground Solidário e 9º Canta Park. Jornal Pioneiro, 26 de julho de 2002

PIONEIRO
 CADERNOS DO SUL, 26 DE JULHO DE 2002

Sete Dias

Editor: Gilberto Blume • 218.1203 - gilberto.blume@jornalpioneiro.com.br

Paulo Coelho é o novo imortal da ABL

Página 3

É o Tchan promete esquentar o Inicitatus

Página 8

Dias de punk e rock nos Pavilhões

O punk e o rock vão pegar nos Pavilhões da Festa da Uva neste final de semana. No sábado, a partir das 14h, acontece a primeira edição do Festival Underground Solidário, com a presença de sete bandas caxienses representantes do punk rock. O ingresso é um quilo de alimento não-pereível ou um agasalho. No domingo, dia de passe livre nos ônibus, também às 14h, acontece a nona edição do Canta Park, tradicional festival de bandas nos mais variados estilos. Participam cinco grupos, entre eles o porto-alegrense Rosa Tattooadá, principal atração do dia. Também participam representantes do movimento Hip Hop e o Dj Spider. A entrada é gratuita. A promoção do Canta Park é da prefeitura, Locasom e Empresa Festa da Uva, com apoio do Smae e Codeca e promoção da Atlântida. Confira as atrações.

Festival Underground Solidário



Infêris

A banda Infêris mistura no repertório covers de Ramones com músicas no estilo hardcore melódico. Na formação, Fernando Calgano (vocal e guitarra), Daniel Borsolotto (guitarra), Diego (baixo) e Jonatas (bateria).

demo Só os Bêbados Percebem que o Mundo Gira

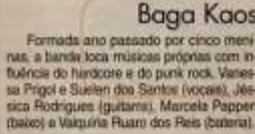


Antifese Social

Formada em abril de 1997, a banda é formada por Mosca (vocal), Andressa de Oliveira (vocal e flauta), Samy e Rafael Roggia (guitarras), Cláber Carmel (baixo) e Diego Vasconcelos (bateria) e toca hardcore com temática anarquista.

Óleo de Ricino

Formado em 1998 por Gáio (vocal e guitarra), Paulo Pappen (vocal e baixo) e Willen Tatch (bateria), o grupo faz covers de Nirvana, Pennywise, Ramones, NDFX e Hoodoo Gurus.



Baga Kaos

Formada ano passado por cinco meninas, a banda toca músicas próprias com influência do hardcore e do punk rock. Vansessa Prigol e Suelen dos Santos (vocais), Jéssica Rodrigues (guitarra), Marcela Pappen (baixo) e Valquíria Ruaro dos Reis (bateria).

Corpo Presente

Baseada no punk rock americano dos Ramones, a banda está preparando sua demo para o mês de agosto, com cinco músicas próprias. Formação: Rafael Debastiani (vocal), Evandro Sartori (guitarra), Daniel Gomes (bateria) e Maliss Müller (baixo).



Oossos do Ofício

É formada por Marcíus Pezzi (vocal), Carlos Kipili (bateria), Franco (baixo) e Cristiano (vocal e guitarra). A banda tem músicas próprias, como 'Tele Visão', e faz covers de Dead Kennedys, Ramones, Toquila Baty e Raimundos.

Osso de Ricino

Canta Park



Natural Dread

Formada em agosto de 2003, é uma das primeiras bandas de reggae de Caxias. Integrada por Adolfo Kaiser (voz e guitarra), Marcinha (vocal), Moisés (baixo e vocal), Daniel Melo (trompete e vocal), Carlos Garbin (teclado e vocal), Juliano Branco "Dua" (percussão) e Daltro Cassiano (bateria), faz covers de Bob Marley, Peter Tosh, Steel Pulse, Gilberto Gil, Tiro de Jah.



The True

A banda foi formada em 1998 e tem na atual formação Marco Paim (vocal e guitarra), Luciano Bittencourt (teclados), José Bernardo (baixo) e Tiari Chedid (bateria). Além de covers, faz músicas próprias influenciada por U2, Deep Purple, Rush, Jethro Tull, Iron Maiden, Dream Theater e Savage.



Ponta Cabeça

A banda formou-se no ano passado, tocando músicas próprias, resultando no CD *Hábitos Noturnos*. Em 2002, incluiu no repertório covers de The Doors, Capital Inicial, Raul Seixas, Legião Urbana, Red Hot Chili Peppers e Stevie Ray Vaughan. Formação: Tony Z. (vocal, guitarra e harmônica), David Z. (vocal e baixo), Saula C. (guitarra e backing vocal) e Elias C. (bateria).

Travelin' Band

A 'Travelin' Band faz show desde 1995 tocando clássicos do rock'n roll, como Creedence, The Who, Stones, The Doors e Beatles. O grupo é formado por Carlos Garbin (piano e backing vocal), Fábio Brufetto (bateria), Paulo Alves (vocal), Rafael Dierrenhauser (guitarra e backing vocal), Douglas Pás (guitarra) e Rodrigo Paracotto (baixo).



Rosa Tattooadá

Após cinco anos longe dos estúdios, a banda porto-alegrense Rosa Tattooadá volta com tudo no seu quarto disco, *Carburador*. Formado no final dos anos 80, o grupo é um dos mais importantes do rock gaúcho e hoje é integrado pelo vocalista e guitarrista Jacques Maciel, o baixista Rodrigo Maciel e o baterista Beet Barua. Em *Carburador* há 13 faixas inéditas e uma regravagem do hit *O Inferno Vai Ter Que Esperar*.



Fonte: Jornal Pioneiro (2002b).

A reportagem do caderno Sete Dias na edição do Pioneiro de segunda-feira, 29 de julho (Pioneiro, 2002, 29 de julho, página 01), relata que mesmo com o frio daquele final de semana um ótimo público compareceu aos Pavilhões da Festa da Uva, para acompanhar as apresentações (Figura 40). Como destaques o periódico aponta os discursos inflamados contra o neoliberalismo e a favor da liberdade de expressão dos grupos punks. Além do mérito na campanha beneficente do Underground Solidário, já em relação ao 9º Canta Park o destaque ficou para a grande presença do público, pois o festival foi acompanhado por cerca de 8 mil pessoas de acordo com a Brigada Militar e organizadores. Um deles, Leonardo Manieri, diz na matéria, em tom de comemoração, que seguramente aquele foi um dos maiores públicos do evento e que no mês de agosto do mesmo ano aconteceria mais uma edição do festival, que poderia ser contemplado com recursos da Lei de Incentivo à Cultura. O que possibilitaria a contratação de bandas de projeção nacional. Além de continuar abrindo espaço para músicos locais. O mesmo ainda apontou que neste mesmo evento também haveria espaço para a música tradicionalista gaúcha com o festival Canta Gaudério. Os festivais musicais de Caxias do Sul também seriam um interessante objeto para futuras pesquisas.

Figura 36 – Reportagem sobre festivais Underground Solidário e 9º Canta Park publicada na edição seguinte aos eventos. Jornal Pioneiro, 29 de julho de 2002

PIONEIRO
CASAS DO SUL, 29 DE JULHO DE 2002

Grupo É o Tchan lotou Incitatus sábado
Página 3

Sete Dias

Globo homenageia Nelson Rodrigues
Página 8

Editor: Gilberto Blume - 218.1283 - gilberto.blume@jornalpioneiro.com.br

Rock espanta o frio nos pavilhões

Festival Underground Solidário, sábado, e a nona edição do Canta Park, ontem, reuniram milhares de pessoas no Parque de Exposições da Festiva

A música espantou os Pavilhões da Festa da Uva neste final de semana. Mesmo com a temperaturas sempre abaixo dos 15 graus – com sensação térmica mais baixa ainda, por causa do vento – milhares de jovens conferiram a primeira edição do Festival Underground Solidário, sábado, e o tradicional Canta Park, ontem – que chegou à nona edição com um dos maiores públicos até hoje: 8 mil pessoas, segundo a Brigada Militar e os organizadores.

Em meio a discursos inflamados contra a política neoliberal e a favor da liberdade de expressão, o som pesado de grupos como Bombardieiro Estrágo e Antítese Social ecoou pelos pavilhões durante toda a tarde de sábado e início da noite.

Ao todo, foram sete bandas representantes do punk rock caxiense. Foi a primeira edição do Festival Underground, com mérito para campanha beneficente que validou o ingresso.

No domingo, dia de passe livre nos ônibus, o Canta Park levou ainda mais gente aos pavilhões. A tarde ensolarada e o as cinco bandas convidadas para esta edição foram chamativo para todas as tribos, de todas as idades.

O gramado e o pavilhão 1 foram tomados por metaleros, punks, reguetiros, pais e filhos. No início da tarde,

uma fila enorme se estendia pelo estacionamento dos pavilhões. A entrada era gratuita, mas todos foram revistados. A segurança foi garantida por guardas particulares, agentes da Guarda Municipal e por policiais militares.

Os shows começaram à tarde. Entre as atrações, o reggae da Natural Dread e o heavy metal melódico da The True. Quando os porto-alegrenses do Rosa Tattuada (principal banda desta edição) subiram ao palco, já era noite. O público ficou firme, até o final. "Certamente este foi um dos maiores públicos", comemora um dos organizadores do evento, Leonardo Maineri.

O Canta Park chega à nona edição graças a um grande número de apoiadores e patrocinadores. Maineri acredita que a próxima edição, prevista para o último final de semana de agosto, deve ser contemplada com recursos oriundos da Lei Municipal de Incentivo à Cultura. "A ideia é trazer bandas de projeção nacional, mas sempre abrindo espaço para grupos locais".

E não é só o rock e suas derivações que vão ocupar os pavilhões. Para agosto, também em domingo de passe livre de ônibus, será realizado o primeiro Canta Gaudério, evento que vai reunir diversos artistas da música gaúcha. Agende-se.



The True foi uma das atrações que animaram o público



Em dia de passe livre, milhares de pessoas foram ao parque



Amigos curtiram Canta Park tomando a bebida típica dos gaúchos

Roqueiros tomam chimarrão

Teve espaço de sobra para todos as tribos neste final de semana nos pavilhões. Os amigos Rafael Duque, 24, Morgana Baldo, 20, Graziela Silva, 21, e Claiton da Luz, 24 (da direita para a esquerda), já tinham participado de um Canta Park, mas desta vez vieram preparados. Aproveitaram o dia de passe livre de ônibus, trouxeram mala, cuia e erva-mate e sentaram ao sol esperando o reggae da Natural Dread.

"Viemos prestigiar uma amiga nossa que vai estrair hoje na banda", diz Graziela. Também queriam curtir o rock da Travelin Band.

Na espera, muito chimarrão e a constatação de um problema: quando terminar a água, onde esquentar mais. "Fica a sugestão para o pessoal da organização, em providenciar um lugar para esquentar a água", indica Duque. Uma coisa é certa: no primeiro Canta Gaudério, previsto para o último final de semana de agosto, água quente não pode faltar para o chimarrão.

Fonte: Jornal Pioneiro (2002d)

Na cidade também existiram espaços que serviram como *Okupa*²⁰⁸ para o movimento punk local. Um deles localizava-se em uma construção chamada *Fábrica*, próximo do atual shopping São Pelegrino, ao lado da antiga linha férrea²⁰⁹. O lugar era ponto de encontro e muitos indivíduos moravam lá. Punks de outras cidades também se hospedavam na ocupação em suas passagens por Caxias do Sul. O espaço não era bem utilizado, pois era seguidamente depredado pelos ocupantes que também faziam uso de drogas no local. Porém, tornou-se uma referência na cena caxiense como propriedade punk²¹⁰. Outro *Okupa* mal aproveitado que se tornou referência foi uma casa abandonada no bairro Panazzolo, onde muitos punks também dormiam e moravam²¹¹. Eduardo lembra também de outros lugares que receberam eventos e reuniões punks como o bar Tiba's, localizado próximo à fábrica da Randon no bairro Interlagos. O bar do Salsicha próximo à estação rodoviária, e outro local que o mesmo não recorda o nome, no bairro Salgado Filho²¹².

No período entre o final da década de 1990 e início dos anos 2000, os punks caxienses intensificam suas viagens para outras cidades. É necessário dizer que o hábito de se deslocar para interagir com outras cenas sempre existiu no movimento caxiense. Em 1990, por exemplo, a banda Detrito Urbano viajou duas vezes até a cidade de Novo Hamburgo, para apresentar-se em um festival²¹³. Já em seu depoimento Fabiano Carlos Medeiros conta que no ano de 1996, ocorreu um encontro de punks de várias regiões do Rio Grande do Sul na cidade de Gravataí, e que nesta reunião ele conheceu membros da cena caxiense²¹⁴. Eduardo Gaspari lembra que como os movimentos de cidades diferentes mantinham mais contato através de cartas e cartazes, muitas vezes acabavam perdendo encontros e festivais porque era comum as cartas chegarem em Caxias do Sul na véspera dos eventos, o que dificultava a organização e a locação de ônibus para viabilizar as excursões até o destino²¹⁵. O entrevistado ainda fala que não era fácil conseguir contratar uma empresa disposta a transportar os punks, devido ao tradicional

²⁰⁸ Conforme o site fórum das juventudes grande BH (2025), trata-se de movimentos de apropriação de espaços urbanos ociosos como centros de resistência cultural, também são conhecidos como squats.

²⁰⁹ TERCEIRO ENTREVISTADO. [Entrevista cedida a] Alisson Oliveira da Costa. Entrevista realizada via WhatsApp. [S.l.], 8 jan. 2025..

²¹⁰ *Ibid.*

²¹¹ *Ibid.*

²¹² GASPARI, Eduardo. [Entrevista cedida a] Alisson Oliveira da Costa. Entrevista realizada presencialmente. Caxias do Sul, 26 out. 2024.

²¹³ COSTA, Alisson Oliveira da. **A expressão punk em Caxias do Sul entre 1986 e 1997**. 2021. 111 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura Plena em História) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/xmlui/handle/11338/8834?locale-attribute=en>. Acesso em: 13 set. 2025..

²¹⁴ SILVA, Fabiano Carlos Medeiros da. [Entrevista cedida a] Alisson Oliveira da Costa. Entrevista realizada presencialmente. Caxias do Sul, 21 set. 2024.

²¹⁵ GASPARI, Eduardo. [Entrevista cedida a] Alisson Oliveira da Costa. Entrevista realizada presencialmente. Caxias do Sul, 26 out. 2024.

preconceito e também ao mal comportamento dos mesmos em muitas viagens, mas havia um motorista específico de uma empresa que se dava muito bem com os jovens e tinha o espírito punk. Este senhor era o responsável por conduzir os membros da cena caxiense na maioria das viagens²¹⁶.

Quando as correspondências chegavam a tempo os punks costumavam viajar com antecedência, Gaspari relata que certa vez ocorreu um festival na cidade de São Marcos em uma sexta-feira, e os jovens se deslocaram até a cidade vizinha, distante cerca de 35 quilômetros. Ainda na quinta-feira, onde ficaram na praça central e na concha acústica localizada no mesmo espaço²¹⁷. Convidados por punks são-marquenses os caxienses muitas vezes também eram recebidos e hospedados na casa de seus anfitriões, Gaspari conta que sempre eram convidados para festivais em São Marcos por uma moça e um rapaz, chegando inclusive a ficarem hospedados na casa dele²¹⁸. Porém, as viagens nem sempre eram tranquilas, algumas vezes os punks estavam muito agitados dentro do ônibus e acabavam sendo expulsos do coletivo, em uma das viagens para a já citada cidade vizinha em ônibus comum, o motorista parou o veículo no posto da polícia rodoviária na BR-116, e os policiais rodoviários ameaçaram mandar os jovens desembarcarem caso não sossegassem²¹⁹.

Assim, os membros do terceiro ciclo punk também ocuparam espaços fora da cidade. Outros exemplos são as viagens dos mesmos para participar do Fórum Social Mundial na capital, Porto Alegre, no início dos anos 2000. Eduardo lembra que nas edições do fórum conheceu muitos punks, não só da região metropolitana como também de várias partes do país²²⁰. Os punks caxienses se organizavam para viajar e acompanhar o evento. Em uma das viagens passaram o final de semana na capital e em outra oportunidade ficaram na cidade durante cinco dias. Lá, se instalavam em um acampamento, participavam de atividades e frequentavam um festival. No sábado à noite, com bandas de São Paulo, Belo Horizonte, Goiânia e entre outras cidades no Gully's, bar que era um conhecido reduto punk na cidade de Canoas, localizada na região metropolitana. Os shows chegavam a reunir vinte bandas²²¹.

Muitos membros da cena caxiense também faziam parte do Movimento Anarcopunk, coletivo que tinha contato com a Confederação Operária Brasileira, de ideologia anarquista, o

²¹⁶ *Ibid.*

²¹⁷ GASPARI, Eduardo. [Entrevista cedida a] Alisson Oliveira da Costa. Entrevista realizada presencialmente. Caxias do Sul, 26 out. 2024.

²¹⁸ *Ibid.*

²¹⁹ *Ibid.*

²²⁰ *Ibid.*

²²¹ *Ibid.*

que facilitava a troca de informações e o planejamento das viagens²²². No entendimento do nosso depoente, com o passar do tempo o Fórum tornou-se um evento partidário, pois membros do Partido dos Trabalhadores (PT) passaram a divulgar mais suas ideias no espaço. Gaspari adverte que o partido fazia coisas boas, mas os punks tinham consciência própria e não gostavam de se sentir obrigados a ouvir e seguir o que os militantes estavam falando²²³.

Este relato se relaciona muito bem sobre o modo como o movimento punk entende o anarquismo, assunto discutido na seção quatro.

Por fim podemos afirmar que os punks caxienses do início da década de 2000, passaram a ocupar espaços públicos na área central da cidade como estratégia para difundir melhor suas ideias, porém esse método gerou choques com a cultura hegemônica, o que os fez voltar para a periferia como modo de proteção. Além disso, os mesmos também criaram estratégias para formar seus próprios lugares de convivência, tanto nos bairros quanto em locais públicos ou comunitários, onde realizavam festivais musicais ou organizavam ocupações como modo de resistência.

5.3 O PORÃO DO CAOS

Como dito na seção anterior, a origem do Porão do Caos está associada ao agrupamento de punks, skinheads antifascistas e rappers, que tinham como objetivo defender-se de ataques de grupos urbanos de extrema direita que existiam na cidade em meados do final da década de 2010. Esse grupo logrou êxito fazendo os agressores desarticularem-se. Após este fato os membros do grupo que se identificavam como punks e skinheads antifascistas resolvem juntar instrumentos e equipamentos musicais e formar uma banda que começou a ensaiar no porão de uma casa no bairro Cinquentenário, então por volta do ano de 2011, surge a banda Resistor que passa a utilizar o lugar para realizar seus ensaios²²⁴.

O espaço pertence a Fabiano Carlos Medeiros da Silva, integrante e um dos fundadores da Resistor. O entrevistado diz que em janeiro de 2014, ele e os membros do conjunto decidiram realizar um ensaio aberto no porão e convidar mais bandas da cena alternativa caxiense²²⁵. A ideia foi motivada pelo fato da cidade abrigar vários bares voltados para o rock no início dos anos 2010, porém dificilmente essas casas abriam espaço para shows de bandas oriundas do

²²² *Ibid.*

²²³ *Ibid.*

²²⁴ SILVA, Fabiano Carlos Medeiros da. [Entrevista cedida a] Alisson Oliveira da Costa. Entrevista realizada presencialmente. Caxias do Sul, 21 set. 2024.

²²⁵ *Ibid.*

cenário underground de Caxias do Sul. Assim, esse primeiro evento tinha como finalidade proporcionar a oportunidade de grupos musicais mostrarem seu trabalho em um local alternativo²²⁶. Como resultado a primeira edição realizou-se no sábado, dia 25 de janeiro de 2014, onde participaram as bandas caxienses Resistor (dona da casa), Os Mequetrefes e Herbocinéticos, além da Desiguais, oriunda da cidade vizinha de São Marcos (figuras 41 e 42).

Entre 2010 e 2014 bares relacionados ao *rock* abriram e fecharam no município, porém o Porão do Caos permaneceu ativo e recebendo vários grupos de punk rock, que não tinham chance de se apresentarem nos espaços do centro da cidade. Com isso, atraiu também um público que estava carente de um local específico para sua contracultura, o que acabou transformando o lugar em um conhecido reduto punk não só na cidade, como também na região por conta da facilidade de divulgação e estabelecimento de contatos geradas pela difusão do uso da internet²²⁷.

Figura 37 – Cartaz de divulgação do Primeiro Ensaio Aberto no Porão do Caos, realizado no dia 25 de janeiro de 2014



Fonte: Acervo pessoal do autor (2014).

²²⁶ *Ibid.*

²²⁷ SILVA, Fabiano Carlos Medeiros da. [Entrevista cedida a] Alisson Oliveira da Costa. Entrevista realizada presencialmente. Caxias do Sul, 21 set. 2024.

Figura 38 – Apresentação da banda Resistor na primeira edição do ensaio aberto no Porão do Caos, realizada no dia 25 de janeiro de 2014



Fonte: Acervo pessoal de Fabiano Carlos Medeiros da Silva (2024).

Da Silva enfatiza que as maiores dificuldades em manter o espaço em atividade são financeiras²²⁸, pois os punks geralmente não têm muito dinheiro o que resulta em um público que na maioria das vezes não consegue pagar o valor de um ingresso ou consumir largamente os produtos vendidos na casa. Assim, o Porão do Caos não é um local que proporcione lucro a ponto de ser possível sobreviver através de suas receitas²²⁹. Nosso entrevistado diz que já houve amigos e frequentadores que fizeram sociedade com ele e investiram dinheiro para estruturar e profissionalizar a casa, mas não conseguiram obter retorno suficiente para cobrir os custos e acabaram desistindo²³⁰. Fabiano ressalta que o objetivo do local não é gerar lucro e sim oportunizar um espaço onde bandas alternativas possam se apresentar²³¹. Esse relato vai ao encontro do que foi discutido na seção dois, onde vimos que um projeto punk com grandes

²²⁸ SILVA, Fabiano Carlos Medeiros da. [Entrevista cedida a] Alisson Oliveira da Costa. Entrevista realizada presencialmente. Caxias do Sul, 21 set. 2024.

²²⁹ *Ibid.*

²³⁰ *Ibid.*

²³¹ SILVA, Fabiano Carlos Medeiros da. [Entrevista cedida a] Alisson Oliveira da Costa. Entrevista realizada presencialmente. Caxias do Sul, 21 set. 2024.

despesas não consegue se sustentar por conta de seu pequeno público e baixo número de receitas. Após 2014, o próprio Porão do Caos encerrou e retornou às suas atividades inúmeras vezes, podemos dizer que o local sobrevive muito mais pela persistência de seu proprietário, e pelo apoio dos membros da cena punk caxiense.

No período em que iniciaram as atividades no local, o movimento punk continuou sendo mal visto pela cidade²³². Fabiano explica que esta contracultura surgiu para incomodar, ser diferente, divergente e contra o sistema, assim não tira a razão da sociedade que não a vê com bons olhos, porém o mesmo aponta que percebe em Caxias do Sul traços muito fortes de preconceito e fascismo, principalmente em ambientes de trabalho, mesmo com o município sendo construído e formado por imigrantes²³³. O que também é determinante, para a aversão da população local ao punk rock por conta de suas ideias contestadoras. Dessa maneira, para nosso entrevistado a importância da existência de um espaço exclusivamente punk é proporcionar um local onde os membros desta contracultura possam se reunir e formar um movimento coeso²³⁴. Como dito anteriormente, a coesão fortalece a sensação de pertencimento e proteção dos indivíduos contra a reação, muitas vezes violenta, da cultura e poder hegemônicos que são contestados e satirizados por ações contraculturais.

O proprietário e frequentadores costumam grafar o nome da casa como Porão do Kaos (Figura 43), como modo de criar uma identidade própria para o nome. O local é acessível para todos, independentemente do estilo musical preferido, qualquer pessoa é bem-vinda, porém existem regras para frequentá-lo. Ainda que sejam códigos informais, elas são bem conhecidas pelos frequentadores. A principal delas é ser antifascista, pensamentos racistas, homofóbicos, machistas ou xenófobos não são tolerados no Porão²³⁵. Isso demonstra que as primeiras regras da cena caxiense idealizadas e seguidas ainda na década de 1980, permanecem firmes dentro da cena, não há espaço para pensamentos ultra conservadores entre os punks caxienses e esse código é claramente seguido à risca na cena local, inclusive o desrespeito a essas convenções é um dos principais motivos de desentendimentos internos a partir da segunda década do século XXI. Da Silva comenta que alguns indivíduos já foram expulsos do lugar por comportamento inadequado como assédio sexual às mulheres ou por serem conhecidos simpatizantes de ideias de extrema direita que, nas palavras do entrevistado, tentaram se regenerar lá dentro, mas não foram aceitos pelo público e bandas. Assim, tiveram que deixar de frequentar o espaço²³⁶. O

²³² *Ibid.*

²³³ *Ibid.*

²³⁴ *Ibid.*

²³⁵ *Ibid.*

²³⁶ SILVA, Fabiano Carlos Medeiros da. [Entrevista cedida a] Alisson Oliveira da Costa. Entrevista realizada

depoente também relata que alguns indivíduos que chegaram ao local pela primeira vez, viram as bandas, os shows e o público se empurrando²³⁷ durante as músicas. Pensaram que ali podiam fazer tudo o que quisessem. Contudo, era neste momento em que ocorriam os casos de desrespeito ao público feminino e demais frequentadores. O que resultava na intervenção direta dos organizadores para a retirada dessas pessoas dos eventos, porém como o público punk já conhece o funcionamento das regras do movimento poucos casos como esses aconteceram no local²³⁸.

Quanto ao anarquismo os membros do quarto ciclo punk, formado em torno do Porão do Caos, continuaram seguindo os preceitos da ideologia, mas Fabiano adverte que muitas vezes o termo é mal interpretado e muitos leigos ainda o entendem como algo ruim ou não sabem diferenciá-lo do socialismo e do comunismo²³⁹. O mesmo complementa afirmando que essa incompreensão é gerada propositalmente porque o anarquismo é mal divulgado para as pessoas comuns desde o período escolar, o motivo é o medo que o sistema tem da sociedade interpretar e entender do que se trata a ideologia, seu objetivo e funcionamento²⁴⁰. Até mesmo alguns punks tem dificuldade de entender realmente o que é o anarquismo, porém, na visão de nosso entrevistado, a luta é justa e a esquerda está evoluindo cada vez mais neste quesito, ainda que lentamente, pois os partidos pequenos, como o PSOL (Partido Socialismo e Liberdade), aceitam muitas pessoas com mentalidade anarquista e socialista o que faz com que as agremiações deste campo político cresçam²⁴¹.

presencialmente. Caxias do Sul, 21 set. 2024.

²³⁷ Durante os shows de punk rock é tradicional uma dança onde o público costuma se empurrar e pular conhecida como roda punk ou pogo, porém neste momento não são permitidas agressões como socos e pontapés, muito menos aproveitar-se da situação para tocar ou agarrar às mulheres.

²³⁸ Entrevista concedida por Fabiano Carlos Medeiros da Silva ao autor em 21/09/2024.

²³⁹ *Ibid.*

²⁴⁰ *Ibid.*

²⁴¹ *Ibid.*

Figura 39 – Entrada do Porão do Caos, com a grafia Kaos, em setembro de 2024. O 281 faz referência ao número da residência que abriga o espaço



Fonte: Acervo pessoal do autor (2024).

Como discutido no capítulo anterior, a maior característica do quarto ciclo punk caxiense foi o agrupamento de punks, skinheads e rappers em torno do ideal antifascista. Neste processo o Porão teve papel fundamental, pois foi neste espaço que as três contraculturas se reuniram, o entrevistado conta que após conhecer bem a contracultura skinhead, aglutinar os indivíduos, contra-atacar o grupo de extrema direita, formar a banda Resistor e começar a ensaiar no local. Como dito anteriormente, quebrou-se um paradigma e parte da cena urbana caxiense se uniu em torno do Porão, culminando na transformação do espaço em um ponto de referência da contracultura antifascista em Caxias do Sul²⁴². Assim, podemos afirmar que a importância do Porão do Caos para a cena da cidade foi ter se transformado em um reduto do antifascismo urbano.

A união entre punks e skinheads antifascistas não esteve isenta de estranhamentos, quando outros punks da cidade, que não faziam parte originalmente do grupo que iniciou as

²⁴² SILVA, Fabiano Carlos Medeiros da. [Entrevista cedida a] Alisson Oliveira da Costa. Entrevista realizada presencialmente. Caxias do Sul, 21 set. 2024.

atividades neste lugar, começaram a frequentar o espaço. Eduardo Gaspari²⁴³ lembra que quando a Exclusão Social, banda que ele compõe, foi ao Porão pela primeira vez a sensação de choque foi inevitável ao ver os skinheads presentes, afinal em meados dos anos 2000, antes da união entre as contraculturas e a compreensão do antifascismo, muitos punks caxienses viam todos os skinheads como neonazistas e não sabiam da existência de grupos como *RASH* e *S.H.A.R.P.*, analisados na seção anterior. Assim havia acontecido alguns choques entre ambos os grupos onde os indivíduos que estavam presentes no local naquele momento haviam entrado em conflito²⁴⁴. Porém, por conta da afinidade de todos com o dono do espaço as rugas do passado acabaram sendo amenizadas e cada grupo aproveitava os eventos “em seu canto”, como diz a expressão popular, assim as desavenças não voltaram a acontecer²⁴⁵.

Os membros do quarto ciclo punk, concentrados em torno do Porão do Caos, editaram e lançaram três números de um fanzine intitulado Proletariado Antifascista entre 2013 e 2014. Os temas recorrentes nos periódicos eram, por óbvio, o antifascismo, protestos contra a copa do mundo de futebol de 2014, realizada no Brasil e a divulgação de bandas da cena local, de outras cidades, estados e até de fora do Brasil, pois com a crescente democratização da internet no início dos anos 2010, tornou-se cada vez mais fácil montar uma coletânea punk com músicas enviadas pelos conjuntos através de e-mail. Assim, cada número do fanzine trazia consigo um CD com a compilação de músicas de bandas convidadas.

A edição número um (Figura 44), lançada no ano de 2013, publica um texto onde é explicado o que é o sistema, como ele domina a sociedade, conscientiza o leitor acerca da exploração do capital, e por fim o incentiva a mudar a realidade (Figura 45). Mais uma vez percebemos o conceito do não-conformismo presente nos modos de expressão dos punks caxienses. Anexo ao periódico está um CD contendo quatro músicas de quatro bandas da região: Desiguais, da vizinha cidade de São Marcos, e as caxienses Skunkirado, Resistor e Anomalia Social. Ainda há páginas com fotos dos grupos musicais divulgados ou imagens que os representem, além da letra de uma das canções de cada conjunto participante da coletânea (Figura 46). Na contracapa há uma espécie de tirinha onde um punk e um skinhead são representados em união para vencer o racismo (Figura 47). O que era a ideia principal dos frequentadores do Porão do Caos. Podemos analisar também que a mesma incentiva o público

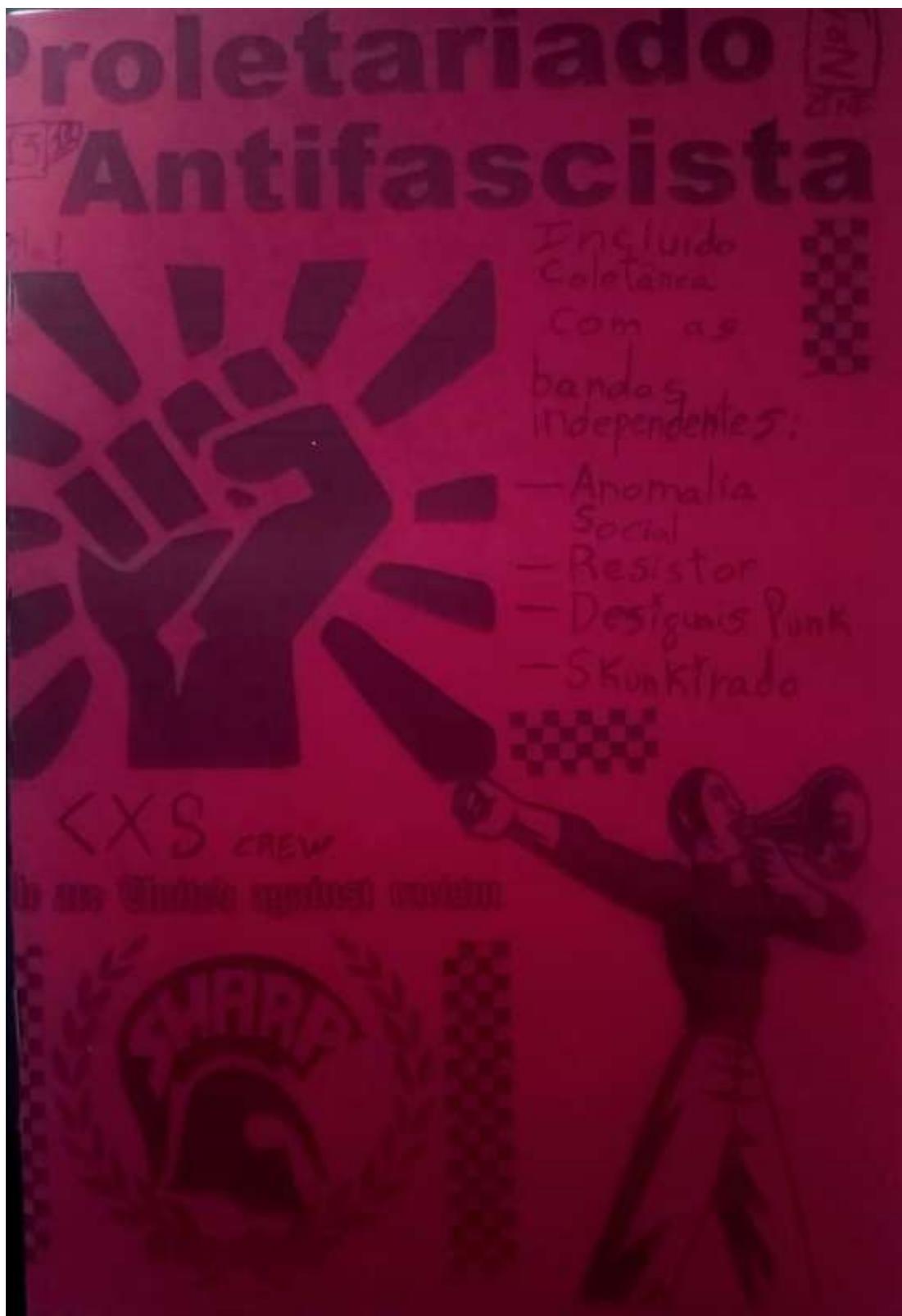
²⁴³ GASPARI, Eduardo. [Entrevista cedida a] Alisson Oliveira da Costa. Entrevista realizada presencialmente. Caxias do Sul, 26 out. 2024.

²⁴⁴ *Ibid.*

²⁴⁵ *Ibid.*

leitor a não restringir sua militância ao ambiente virtual, mas sim ir para as ruas e divulgar suas ideias, além de apoiar as bandas locais que lutavam contra o preconceito através da música.

Figura 40 – Capa da edição número 01 do fanzine Proletariado Antifascista



Fonte: Acervo pessoal do autor (2024).

Figura 41 – Texto explicativo sobre o domínio do sistema. Fanzine Proletariado Antifascista número 01

QUEM DISSE QUE NOS QUEREMOS SER GOVERNADOS, SOMOS AUTOSUSTENTÁVEIS TEMOS MÃOS, PERNAS, CÉREBRO, UM CORPO UTIL QUE

PODEMOS USAR PARA O NOSSO BEM ESTAR E TAMBÉM DO PROXIMO CASO O NECESSITE DE AJUDA.

So que eles querem que nós pensemos desse modo, que estamos assim por que queremos, como um escravo de um negócio que não tem como mudar.

O fizeram de propósito para você pensar desse modo, não deixando você ver a realidade e assim seguindo até hoje sem nenhuma mudança real.

Mudança, ah sim, eles mudam de cargo vão ali e aqui, ganham mais e mais e nós proletários sempre na mesma, tendo que trabalhar desde cedo para se sustentar e não podendo estudar como seria o certo pois, o estudo não deixa nos ricos, rico em sabedoria a verdadeira riqueza do ser humano. Isso que não querem pois, pessoas sabias com conhecimentos se dão seu próprio valor, não deixando assim de colocarem um valor qualquer e tendo que aceitar.

Agora, você se lembra daquela parte que falei nas perguntas a serem pensadas? Será que esse sistema que nos é empregado interage conosco, pedindo como estamos ou discutindo nossas reivindicações e fazendo assim uma melhor convivência para todos, que estão nele? Ele tem regras que todos o respeitam por igual fazendo assim cada um sua parte para o desenvolvimento mútuo dessas pessoas que vivem e depende dele? Este mesmo foi definido pelo povo dito ordenado e conceitual fazendo assim o bem para todos? Comece a rever seus conceitos de como esta vivendo, sera que era isto que eu queria pra mim, e se você não pensa por si mesmo pense naqueles que virão, e talvez até sejam seus filhos, pois estas vivo e pode ter um. Mude seu modo de agir, cause uma reviravolta em sua vida, comece a pensar por si próprio e não pense que esta pensando, pois não esta, abra seus olhos pois existe um futuro melhor é só começar a fazê-lo!!!

Final! Para um novo começo.

Continue lendo, se informando, busque varias opiniões sobre um assunto não engula a primeira que vier, queira saber verdadeiramente o que esta acontecendo ao seu redor é importante só assim poderemos começar a mudar algo, com pessoas que saibam o que querem de verdade!

BUCK THE POLICE

ANTI FASCIST ACTION

Fonte: Acervo pessoal do autor (2024).

Figura 42 – Trecho das músicas das bandas caxienses Skunkirado e Anomalia Social – Fanzine Proletariado Antifascista número 01

Skunkirado

A cena existe mesmo
Não adianta ignorar
Não adianta difamar
Nós estamos aqui e viemos para ficar

Nas ruas da cidade
Chutando toda a podridão
Desse maldito sistema
Que e a mais pura ilusão

No sábado invadimos os bares
Tentando esquecer dessa vida
De exploração
De escravidão

Punks e skins
Antifascistas
Antirascistas
Proletários

Skunkirado, skunkirado
Estamos aqui e viemos para ficar

C X S
oi!
Skunkirado

ANOMALIA SOCIAL Eu tenho que sair daqui

Minha vista ta embaçada não dá pra ver
Quando há tantas coisas te consumindo por dentro
Minha cabeça dói eu não sei porque
Eu não enxergo o caminho só sigo em frente
As vozes na minha cabeça não estão distantes

mendiga do amor EP

Eu tenho que sair, tenho que sair daqui
É difícil ordenar os pensamentos
E você está jogado ao relento
quando só se resta só mais um sentimento
Mas nunca se sabe quem sabe um dia
Todos vivamos em paz e anarquia
Ao som da guitarra e da bateria
Mas enquanto isso há quem diria
Eu tenho que sair, tenho que sair daqui
Tenho que sair daqui, tenho que sair daqui
Eu tenho que sair, tenho que sair, tenho que sair,
tenho que sair, eu tenho que sair
daqui

ANOMALIA SOCIAL

Fonte: Acervo pessoal do autor (2024).

Figura 43 – Tirinha na contracapa do fanzine Proletariado Antifascista número 01

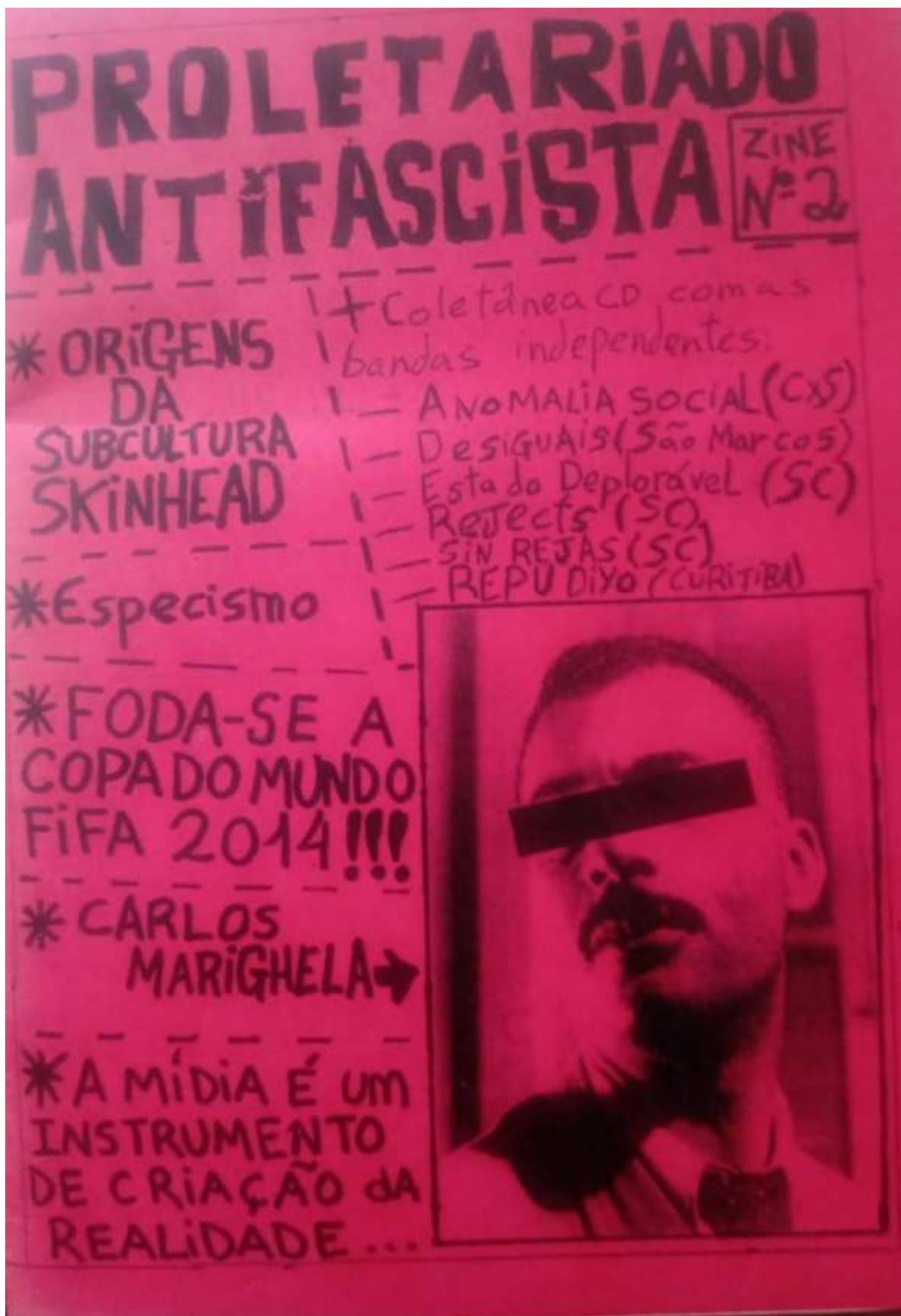


Fonte: Acervo pessoal do autor (2024).

O fanzine número 02, também lançado em 2013 (Figura 48), traz um texto sobre as origens da contracultura skinhead, num claro objetivo de desmistificar a ideia de que esse movimento é naturalmente ligado ao neonazismo (Figura 49). Podemos perceber que entre os indivíduos que conviviam no Porão do Caos havia uma grande preocupação em relação a desconstrução dessa visão, objetivando consolidar a união das contraculturas periféricas em torno do antifascismo. Já que na introdução deste número há uma nota que apresenta de forma didática o que são os conceitos de fascismo e antifascismo (Figura 50). Além deste tema esta edição demonstra ligação com o contexto macro político e social brasileiro no início da década de 2010: os protestos contra os gastos gerados pela Copa do Mundo de Futebol realizada no país em 2014 (Figura 51). A curta nota contida no fanzine repudia um projeto de lei, encaminhado pelo governo à câmara, que limitaria as manifestações populares nas ruas. Cabe recordar que naquele ano o país conviveu com grandes protestos populares em várias cidades durante o mês de julho. Alguns deles com choques violentos entre manifestantes e forças de segurança pública.

No documento ainda há mais um texto discutindo o conceito do especismo, que se trata da exploração dos animais pelos seres humanos que se julgam no direito de dominá-los por fazerem parte de uma espécie superior que, por consequência, tem mais direitos de viver do que as demais espécies existentes no planeta. Há também uma nota em homenagem ao guerrilheiro Carlos Marighella (Figura 51), outra sobre a utilização da mídia como instrumento de manipulação de pensamento e criação da realidade conforme os interesses políticos e do capital (Figura 52). E, por fim, o periódico apresenta uma seção com informações resumidas sobre as bandas que compõem a coletânea anexada à sua segunda edição (Figura 53). Desta vez foram seis bandas: Anomalia Social (Caxias do Sul), Sin Rejas (Florianópolis, Santa Catarina), Desiguais (São Marcos), Estado Deplorável (Jaraguá do Sul, Santa Catarina), Rejects (São Bento do Sul, Santa Catarina) e Repudyio (Curitiba, Paraná). Esta última possui três faixas musicais contidas na compilação musical, já as demais têm duas faixas divulgadas, não foi possível saber o motivo desta escolha.

Figura 44 – Capa do fanzine Proletariado Antifascista número 02



Fonte: Acervo pessoal do autor (2024).

Figura 45 – Fragmento do texto sobre as origens da contracultura skinhead. Fanzine Proletariado Antifascista número 02

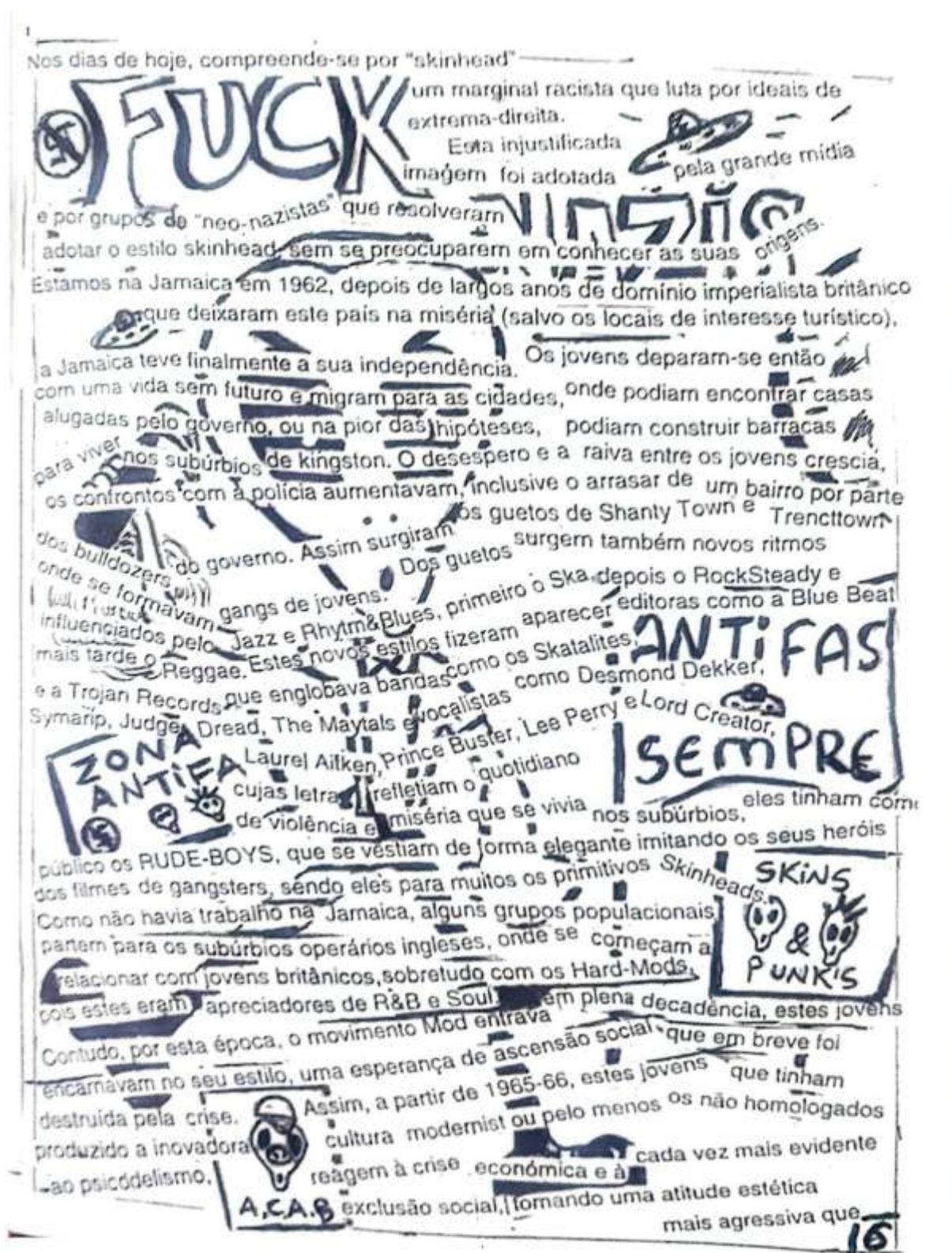


Figura 46 – Nota sobre os conceitos de fascismo e antifascismo. Fanzine Proletariado Antifascista número 02

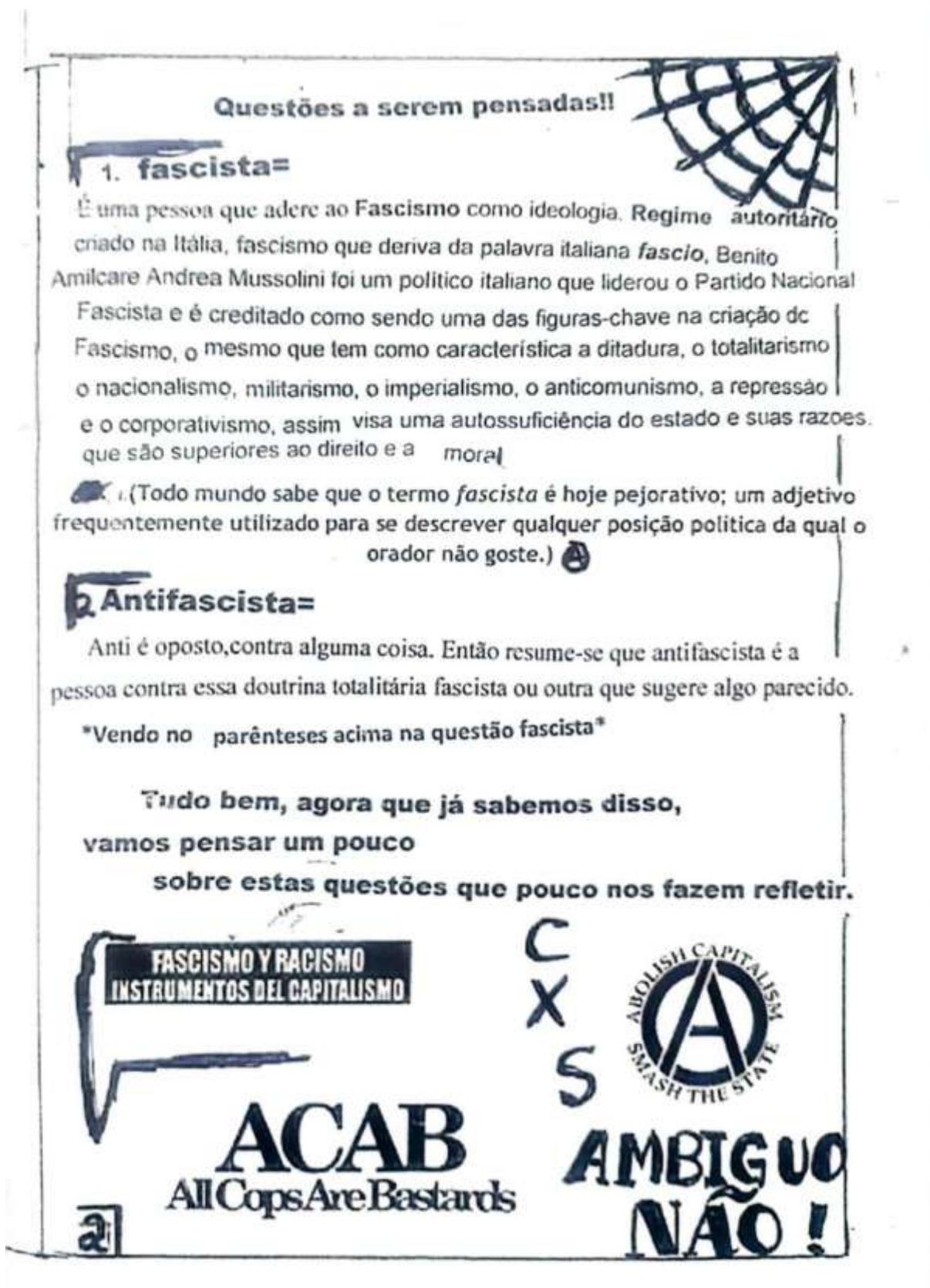


Figura 47 – Notas contra a Copa do Mundo de 2014 e em homenagem a Carlos Marighella.

Fanzine Proletariado Antifascista número 02

indústria de carnes, leite e ovos em que os animais vivem bem, eles querem que você não se importe com isso, estão deixando-os cegos, há ainda muito mais atrocidades acontecendo, e tudo aos nossos olhos.

FODA-SE A COPA DO MUNDO FIFA 2014

TACA CARALHO!

O governo vai encaminhar na próxima semana ao Congresso Nacional o projeto de lei para tipificar o crime de desordem e, assim, tentar limitar cada vez mais as manifestações populares. No texto ele sugere que manifestações sejam previamente comunicadas às autoridades policiais e de trânsito, em um prazo mínimo de 48 horas, para evitar conflito com outras reuniões agendadas no mesmo local do ato, bem como inclui a proposta de proibir máscaras ou outras formas de ocultação da identidade por parte dos participantes de protestos e prevê o endurecimento das penas aplicadas aos condenados por crimes previstos no Código Penal que foram cometidos.

BLACK BLOCK  

Protesto não é crime e a final as ruas e os espaços públicos estão aí para utilização pela população para manifestações individuais e coletivas.

  **POTA NA RÁDIO O FACABUNDO!**



NÃO TIVE TEMPO PARA TER MEDO

No dia 4 de novembro de 1969 a ditadura militar fazia mais uma vítima.

Dessa vez a emboscada foi contra o homem considerado o inimigo número 1 da ditadura.

Carlos Mariguella poeta, político e guerrilheiro.

Um dos principais organizadores da resistência contra o regime militar

fundador do grupo armado Ação Libertadora Nacional (ALN).

Autor do Minimanual do guerrilheiro urbano livro que orienta táticas de guerrilha contra regimes ditatoriais.



Fonte: Acervo pessoal do autor (2024).

Figura 48 – Texto sobre a utilização da mídia como instrumento de criação da realidade.

Fanzine Proletariado Antifascista número 02

-A TV é um instrumento de criação da realidade.

Isto porque produz efeitos da realidade e na realidade.

Efeitos não desejados, mas que os jornalistas por ingenuidade, interesses, pressupostos, categorias de percepção da realidade e expectativas inconscientes produzem da realidade e na realidade.

-A TV é um instrumento de luta política.

Isto porque dada a sua abrangência social é preciso impressionar a mídia para se obter sucesso e eficácia política.

Ela possibilita impor visões de mundo, óculos para as pessoas verem o mundo segundo certas visões. Para utilizá-la é preciso gerar fatos que interessam aos jornalistas, devido suas categorias de percepção da realidade: fatos espetaculares, trágicos, fantásticos, sensacionalistas.

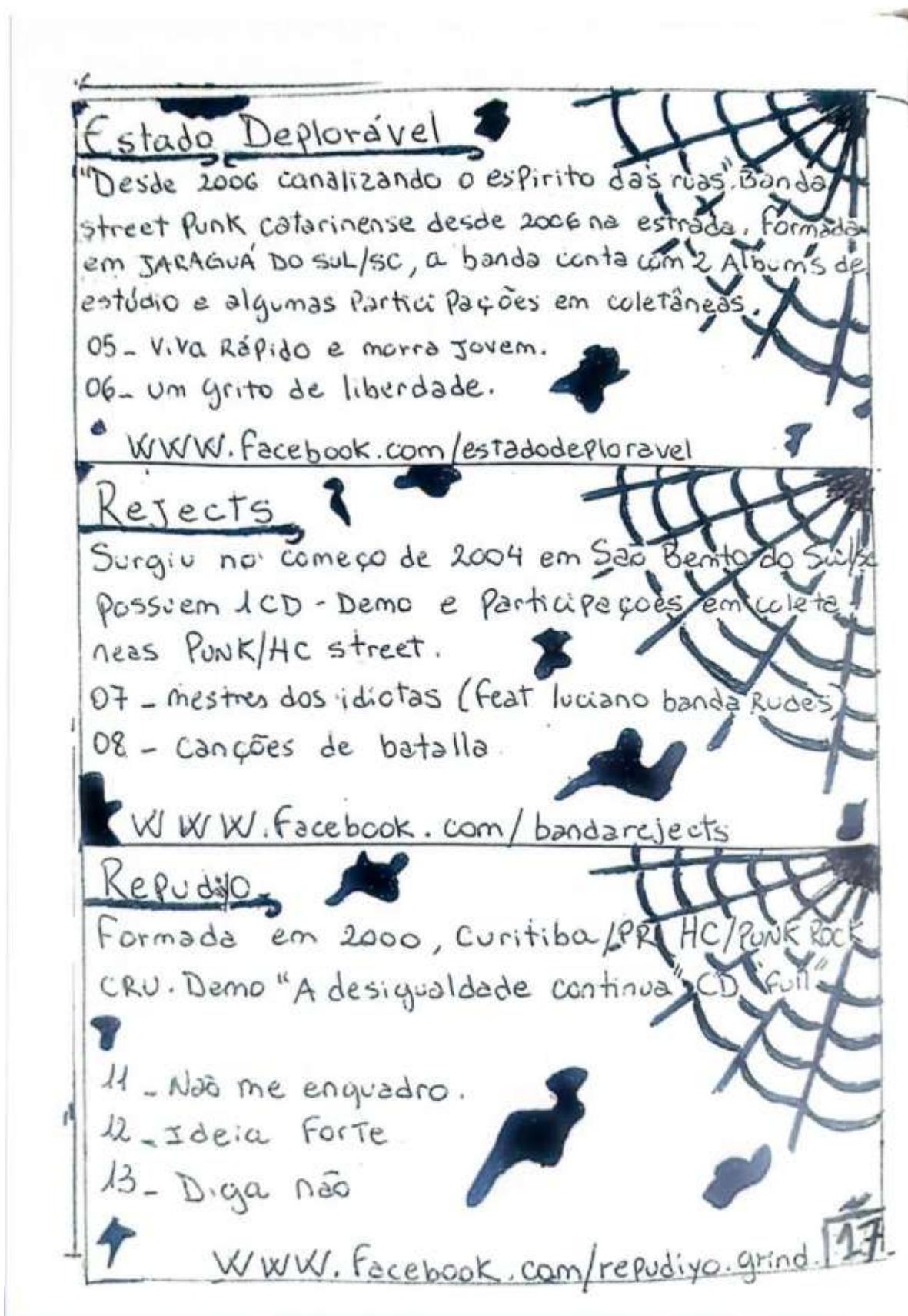
A lógica dos discursos políticos

Deve-se levar em consideração que para muitos a televisão é o único meio de informação e entretenimento. Dessa forma é necessário chegar próximo ao público de alguma forma. No campo político a construção da identidade é um fator muito importante para ganhar crédito, respeito e confiança, por isso a mídia pode ajudar muito na sua ascensão ou até mesmo na sua queda. Com a aceleração no tempo de produção, circulação e consumo do fluxo do capital, o mercado publicitário e de produção de imagens tem sofrido consequências que fizeram aumentar a manipulação dos gostos e dos desejos, através da construção de signos e símbolos que muitas perdem do real significado. Nesse contexto se dá lugar a uma sociedade de aparências que ganha espaço em cima de um receptor que devido ao mesmo contexto social sofre de ansiedade, insegurança e um acúmulo de estresse deixando-o, nesse identidade, mais vulnerável às influências externas.

24

Figura 49 – Fragmento da seção com informações sobre as bandas divulgadas na coletânea.

Fanzine Proletariado Antifascista número 02



Por fim, a edição número 03 foi lançada no ano de 2014 (Figura 54). Nela encontramos logo no início um texto denunciando os casos de desapropriações de imóveis das populações carentes, que eram vizinhas das obras dos estádios da Copa do Mundo, para dar espaço para a execução dos projetos relacionados ao evento (Figura 55). Podemos perceber que os sujeitos pertencentes ao quarto ciclo punk estavam em plena sintonia com as demandas populares que estavam em alta naquele momento, como a defesa dos mais pobres e o questionamento dos enormes gastos com a promoção dos eventos esportivos no Brasil. O fanzine ainda comenta o caso do então vereador caxiense, Flávio Dias, que havia declarado que os imigrantes senegaleses e haitianos não traziam benefícios ao Brasil e sim mais pobreza (Figura 56), de fato de acordo com o site G1-RS (2014) o parlamentar do então PTB (Partido Trabalhista Brasileiro), deu essa declaração durante sessão da Câmara dos Vereadores de Caxias do Sul, que discutia casos de racismo na cidade, realizada no dia 18 de março de 2014. Na sessão do dia seguinte, Flávio explicou que não tinha preconceito nem ódio dos imigrantes e que havia tentado ressaltar que o município não tinha estrutura necessária para receber um número elevado de pessoas, o que poderia agravar os problemas sociais. Após isso, o conteúdo discorre sobre os motivos que forçam essas pessoas a imigrarem. Faz uma relação dos mesmos com os imigrantes italianos que colonizaram a cidade e conscientiza sobre as consequências do racismo e do preconceito.

O periódico ainda propõe a desmilitarização da polícia como alternativa para o fim da violência policial (Figura 57) e publica uma entrevista com José Rodrigues Mao Júnior, o Mao, (Figura 58) que, por questões de desentendimentos internos, havia deixado a banda Garotos Podres naquele momento, conjunto oriundo da região do ABC Paulista e consagrado na cena punk nacional, para formar um novo grupo chamado de Satânico Dr. Mao e os Espiões Secretos. No final do material há a tradicional coletânea musical das bandas punks independentes. Essa edição contou com conjuntos estrangeiros como Antibanda (Uruguai) e Ración Doble (Argentina), além deles também participaram: Desiguais (São Marcos), Anomalia Social (Caxias do Sul), Reverendo Zumbi (Caxias do Sul), Tormento Alcoólatra (Farroupilha-RS), Satânico Dr. Mao e os Espiões Secretos (São Paulo) e Facção do Subúrbio, banda que não foi possível precisar a cidade de origem.

Este foi o último número do fanzine, analisando o conteúdo de suas edições podemos entender que os indivíduos reunidos em torno do Porão do Caos eram muito politizados e militavam em prol de pautas de esquerda, além de priorizarem a desconstrução do estereótipo do skinhead neonazista com o objetivo de fortalecer a união das contraculturas periféricas em torno do ideal antifascista.

Figura 50 – Capa do fanzine Proletariado Antifascista número 03



Fonte: Acervo pessoal do autor (2024).

Figura 51 – Fragmento do texto contra as desapropriações de imóveis nos subúrbios para execução de obras da Copa do Mundo de 2014. Fanzine Proletariado Antifascista número 03

o número alarmante de remoções de casas e comunidades para a realização das obras da Copa. professor de urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), calcula que mais de 200 mil pessoas podem ter sido removidas para a Copa e Olimpíada. Só no Rio de Janeiro esse número pode chegar a 70 mil, segundo denúncias de movimentos sociais, isso é um indicativo importante do que está acontecendo no País. "Há uma falta de transparência brutal, um grande desrespeito ao direito de informação", diz. "As informações sobre custos e impactos ambientais e sociais estão sendo sonegadas".

ARRANCADOS DO CHÃO

Desapropriações acabam com as vidas das pessoas. Estado age de maneira autoritária contra os mais pobres em diversas sedes



Seu Narcísio José da Silva, 79 anos, não imaginaria que seria forçado a se aposentar de maneira abrupta. Bateram à sua porta as desapropriações em nome da construção do corredor de ônibus. "Eles disseram que a gente tinha duas opções: receber o valor ou sair da casa e colocar na justiça", lembra.

De sua quadra, seus dois imóveis (casa e oficina) eram os únicos totalmente regularizados, com escritura, planta etc., por isso mesmo, sua família foi a primeira a ser notificada. Em outubro de 2012 receberam o aviso de desapropriação das mãos do representante da empresa Maia Melo Engenharia e uma proposta de R\$ 110 mil pelos dois imóveis de 300 metros quadrados no total. O prazo foi de dois meses para sair de onde moravam há 55 anos. Com resistência, negociação e custos financeiros com advogados, resistiram até setembro de 2013, quando aceitaram uma indenização, desta vez majorada para R\$ 260 mil. A oficina Tudo Elétrico e a casa do velho mecânico ficavam na avenida mais movimentada de Camaragibe, um dos municípios da região metropolitana do Recife, a poucos quilômetros do Estádio Arena Pernambuco.

"No lugar onde você está pisando, quando eu cheguei, era mato. Hoje aparece um moço desses, com ar de honesto, para me tirar daqui, para me expulsar", desabafa Seu Narcísio, que em menos de um ano teve sua vida, de sua esposa, de sua filha e do seu negócio com necessidades especiais completamente reviradas.

Depois da desapropriação atabalhoada, em janeiro deste ano a Procuradoria Geral do Estado voltou a procurá-los com uma "boa notícia". Não iriam mais precisar da casa, por causa de mudanças no projeto. Mas a família de Seu Narcísio já havia se mudado para uma casa alugada, arrancado portas e janelas e tiveram alguns de seus pertences roubados na mudança. Hoje a oficina está fechada, a família recebeu R\$ 109 mil pela frente do terreno, que agora é de propriedade do estado de Pernambuco, e está reconstruindo sua antiga moradia, depois de um ano de transtornos.

Outro problema que atormenta boa parte das famílias é a situação legal do imóvel. Quando chegam os avisos de desapropriação, o Estado exige documentação regular para efetuar os pagamentos. Mas muitos dos imóveis são heranças, em que um dos filhos que continuou morando com os pais

Figura 53 – Fragmento do texto contra o racismo e a favor da desmilitarização da polícia no Brasil. Fanzine Proletariado Antifascista número 03

Mas haveria o mesmo incomodo se tivéssemos loiros europeus pedindo estada ao Brasil ao invés de negros haitianos e senegaleses?



Esse imigrante não vem simplesmente buscando oportunidades, mas também atendendo ao chamado do Brasil por mão de obra. Mas sobre a perspectiva mal informada por grande parte da população, contudo eles vêm roubar empregos. Algumas das pessoas que pensam dessa forma devem estar postando selfies com bananas, dizendo que somos todos macacos – um lema ridículo que faz uma crítica vazia, funcionando muito mais como modinha do que como instrumento de conscientização sobre as causas e as consequências do preconceito.

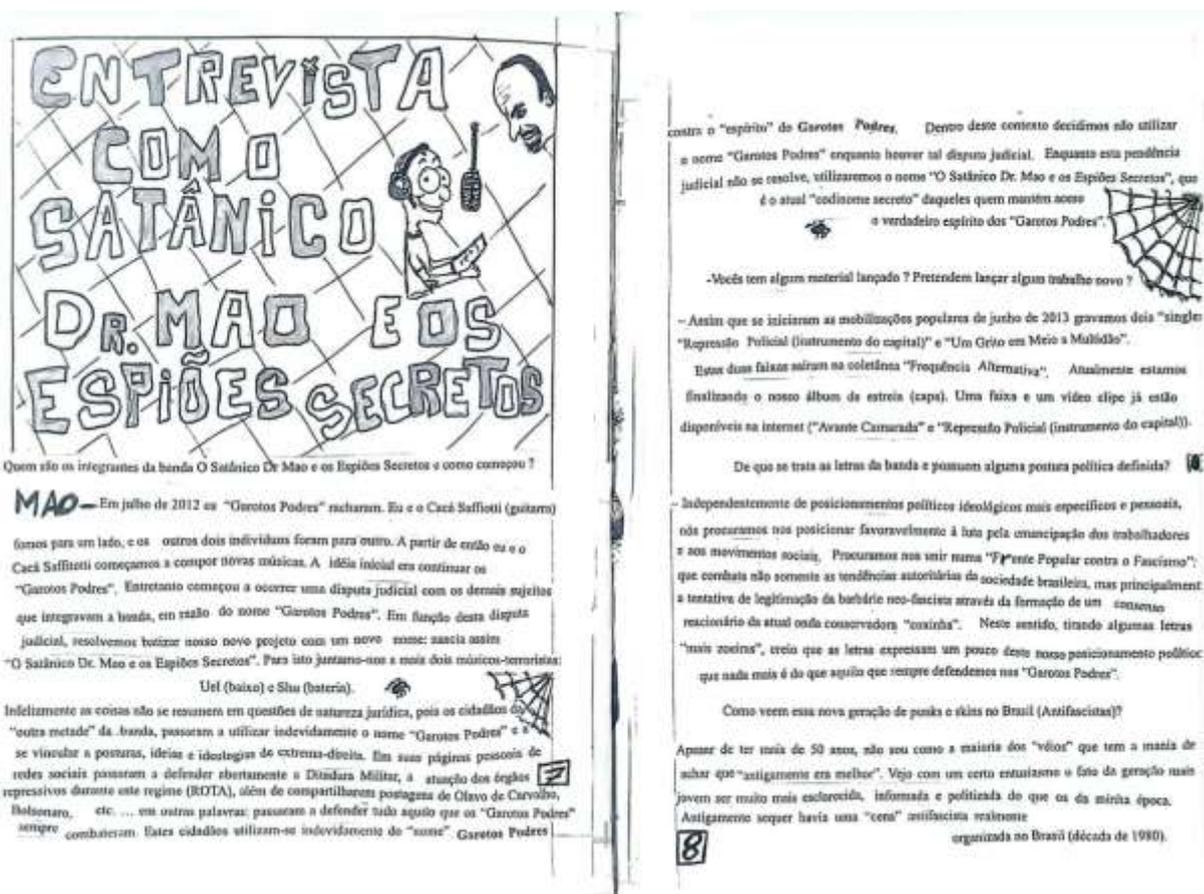
“Nas PMs, tende a prosperar a ideia do inimigo interno, não raro projetada sobre a imagem estigmatizada do jovem pobre e negro”

Há mais de 170 projetos no Congresso Nacional propondo a reforma do artigo 144 da Constituição. Vários incluem a desmilitarização. Nenhuma proposta de emenda constitucional é tão ousada e completa quanto a PEC-51



Figura 54 – Entrevista com o músico Mao, da banda Satânico Dr. Mao e os Espiões Secretos.

Fanzine Proletariado Antifascista número 03



Fonte: Acervo pessoal do autor (2024).

No espaço, já aconteceram também outras atividades contraculturais como apresentações de peças de teatro, gravação de filmes alternativos que foram enviados para a França e uma oficina de serigrafia²⁴⁶, porém os festivais musicais envolvendo bandas de punk rock, metal e, a partir de 2015, grupos de hip hop sempre foram os principais eventos do Porão do Caos. No ano de 2014, ocorriam festivais ao menos uma vez por mês. Os músicos que se apresentavam ali sempre auxiliaram na organização trazendo equipamentos que faltavam, divulgando os eventos e mobilizando amigos para se fazerem presentes. Aos poucos os eventos começaram a crescer e com a ajuda financeira dos frequentadores foram viabilizadas apresentações de grandes bandas do punk rock nacional na cidade. Esse processo funcionava da seguinte forma: bandas conhecidas atraíam um público maior que não seria comportado no pequeno espaço do Porão, assim era necessário alugar um local maior²⁴⁷. Com isso também era

²⁴⁶SILVA, Fabiano Carlos Medeiros da. [Entrevista cedida a] Alisson Oliveira da Costa. Entrevista realizada presencialmente. Caxias do Sul, 21 set. 2024.

²⁴⁷ *Ibid.*

necessária maior quantidade de equipamentos que poderiam ser emprestados pelas bandas ou alugados. Além disso, ainda haviam os valores de traslado e hospedagem da banda. Então o primeiro passo era calcular todo o custo do festival que seria realizado²⁴⁸.

Com os custos determinados chegava a hora de convidar as bandas que gostariam de ajudar na organização do evento. As bandas que auxiliavam na produção tinham o direito de fazer shows de abertura para a banda principal. Sempre haviam grupos dispostos a ajudar. Com os grupos determinados, então o valor total do evento era dividido entre as bandas e cada uma deveria vender um determinado número de ingressos com o objetivo de arrecadar a sua parte do valor total e assim poder quitar os gastos²⁴⁹. Dessa maneira os membros do quarto ciclo punk conseguiram trazer para Caxias do Sul, no ano de 2014, às bandas paulistanas Olho Seco (figuras 59 e 60), em março, e Calibre 12 (Figura 61), em agosto.

O festival com a banda Olho Seco realizado no dia 28 de março de 2014, foi o maior evento punk de Caxias do Sul na década de 2010, de acordo com o depoimento de Da Silva estima-se que compareceram entre 300 e 500 pessoas naquela ocasião, pois a bilheteria contou com 200 pagantes e ainda havia onze bandas que fizeram shows de abertura, assim os integrantes dos conjuntos também foram levados em consideração na contagem do público total²⁵⁰. Como dito anteriormente, devido ao apelo não foi possível realizar os shows no Porão do Caos por conta do espaço limitado, assim foram locadas as instalações do Clube Rodeio, localizado na Avenida São Leopoldo, bairro de mesmo nome.

Por ser o primeiro grande evento realizado pelos indivíduos que frequentavam o Porão, os organizadores resolveram nomeá-lo em homenagem ao Polenta Frita. Festival que como discutimos anteriormente, teve várias edições entre a segunda metade da década de 1990 e início dos anos 2000. Assim, a festividade que recebeu a banda Olho Seco e mais as bandas caxienses Skunkirado, Resistor, We Brought The End, Panorama Social, Anomalia Social e Reverendo Zumbi, os são marquenses da Desiguais, a El Diablo, da cidade gaúcha de Charqueadas, a Tijolo Seis Furos, do município gaúcho de Santa Maria e os curitibanos da S.O.S Chaos foi carinhosamente chamado de Festival Polenta Podre²⁵¹.

²⁴⁸ *Ibid.*

²⁴⁹ *Ibid.*

²⁵⁰ *Ibid.*

²⁵¹ SILVA, Fabiano Carlos Medeiros da. [Entrevista cedida a] Alisson Oliveira da Costa. Entrevista realizada presencialmente. Caxias do Sul, 21 set. 2024.

Figura 55 – Cartaz de anúncio do primeiro festival Polenta Podre, 28 de março de 2014



Fonte: Acervo pessoal do autor (2014).

Figura 56 – Integrantes da banda Olho Seco e parte do público após os shows. Caxias do Sul, 28 de março de 2014



Fonte: Grupo do Facebook Olho Seco 28/10 #Polenta Podre 5 (2016).

O próprio Porão do Caos também chegou a abrigar um show de grande magnitude, no dia 09 de agosto de 2014. Apresentou-se no local a banda paulistana Calibre 12. Fabiano²⁵²

²⁵² SILVA, Fabiano Carlos Medeiros da. [Entrevista cedida a] Alisson Oliveira da Costa. Entrevista realizada presencialmente. Caxias do Sul, 21 set. 2024.

conta que um amigo seu que residia na cidade de Gravataí trouxe o grupo para realizar uma apresentação na capital, Porto Alegre, com isso viu a oportunidade de levá-los também a Caxias do Sul, assim ofereceu a Da Silva a oportunidade de um show no lugar. Comparecerem nesse festival cerca de 200 pessoas, o maior público da história do Porão, junto a Calibre 12, banda principal, também se apresentaram como bandas de abertura: as caxienses Resistor e Panorama Social, a são-marquense Desiguais e os curitibanos da S.O.S Chaos. A organização do evento foi semelhante ao do Polenta Podre²⁵³.

Figura 57 – Cartaz de divulgação do show da banda paulistana Calibre 12, realizado no Porão do Caos no dia 09 de agosto de 2014



Fonte: Acervo pessoal do autor (2014).

Nosso entrevistado destaca que desde o início das atividades no espaço nunca houve problemas com os vizinhos por conta do volume alto dos shows, nem mesmo quando se estendiam até parte da madrugada, ou pela aglomeração de pessoas que vinham para acompanhar os festivais²⁵⁴, Fabiano explica que acredita que esse comportamento se deve ao fato de que na periferia as pessoas são mais humildes, assim existe um forte hábito de um ajudar ao outro em várias situações do cotidiano, ou seja, o senso de coletividade e cooperação é fundamental para a manutenção do bom relacionamento entre a vizinhança e o Porão do Caos. Como resultado desta boa relação, o local nunca sofreu nenhuma intervenção policial para encerrar eventos ou qualquer outra forma de repressão. O depoente também diz que se algum vizinho já acionou a polícia por se sentir incomodado com o barulho, as forças de segurança não deram atenção pelo fato de pouco se importarem com os moradores da periferia²⁵⁵.

²⁵³ *Ibid.*

²⁵⁴ SILVA, Fabiano Carlos Medeiros da. [Entrevista cedida a] Alisson Oliveira da Costa. Entrevista realizada presencialmente. Caxias do Sul, 21 set. 2024.

²⁵⁵ *Ibid.*

Assim podemos concluir que a importância do local se dá pelo fato de ter servido como espaço de agrupamento e mobilização de diferentes contraculturas em torno dos ideais antifascista em Caxias do Sul. Ali, os indivíduos encontraram proteção, se fortaleceram, se expressaram, criaram formas de militância como bandas e fanzines, formaram laços de amizade e cooperação com bandas caxienses e de cidades vizinhas que, porque não, difundiram as ideias que circulavam no Porão em seus municípios de origem, além incentivar os punks da quarta geração a ocuparem outros espaços na cidade, fazendo com que a contracultura punk e suas premissas continuassem sendo notadas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os espaços punks eram importantes para os indivíduos identificados com essa contracultura em Caxias do Sul, durante o recorte temporal estudado, porque proporcionavam segurança, acolhimento e oportunizavam a troca de ideias, além de tornarem-se também um canal de expressão e um meio de mobilização dos membros do movimento. Com isso os locais onde essas pessoas se agrupavam viabilizaram o *ser punk*, ou seja, estimulavam o sujeito a praticar e desfrutar de todos os elementos que compõe o punk rock como a música, estética e os modos de agir e de pensar sem nenhum tipo de preconceito ou repressão. Embora esse processo não fosse livre de choques e desentendimentos, afinal essa é uma contracultura jovem, periférica e informal, ou seja, não existem manuais, atas ou convenções registradas e unificadas o que abre espaço para que sujeitos e até mesmo movimentos de cidades diferentes a interpretem ao seu modo.

Primeiramente observamos que no movimento local tivemos duas gerações seguidas por dois ciclos entre 1986 e 2014, para o leitor esses conceitos podem parecer confusos, porém é necessário lembrar que a maioria dos membros da primeira geração de punks caxienses (1986-1994) não estavam mais presentes no movimento a partir de 1995. Após esse ano, pessoas mais jovens simpatizaram com a contracultura e passaram a montar novas bandas, editar fanzines e organizar festivais. Alguns membros da geração anterior permaneceram, porém as ações passaram a ser praticadas pelos novos membros. Dessa maneira, percebemos uma quebra geracional nesse processo, algo que não ocorreu na virada do século XX para o XXI. Com a chegada do novo milênio temos a adesão de uma nova leva de punks ao movimento caxiense que se mesclam aos componentes de 1995 e começam a constituir a nova cena juntos. Perceba leitor que, neste momento, não há uma quebra de gerações, pois indivíduos com idades e experiências diferentes se unem para manter a cena local e do mesmo modo seguem até o final da década de 2000, quando o antifascismo se torna o elemento principal de coesão do movimento e de fortalecimento da união com outros grupos urbanos, o que caracteriza o surgimento do quarto ciclo punk em Caxias do Sul.

Também afirmamos que a primeira geração era formada por caxienses punks, pois os jovens seguiam os mesmos modos de comportamento, pensamento, estética e indumentária que haviam aprendido com os punks paulistanos e porto-alegrenses através das músicas, fanzines e das matérias publicadas na revista *Bizz*. Cabe destacar que esse não era um aspecto negativo, pois o movimento ainda era novo na cidade e as pessoas que haviam se identificado com a contracultura ainda estavam conhecendo seus elementos, portanto um modo punk 100%

autóctone ainda levaria tempo para surgir. Em compensação a partir de 1995, as características do punk caxiense, ou seja do punk autêntico, começam a surgir como sua relação próxima com outros grupos urbanos como simpatizantes do metal. Integrantes do movimento hip hop e, já no final dos anos 2000, skinheads antifascistas, as boas relações com outras contraculturas urbanas ocorreram porque o punk caxiense gosta da troca de ideias, do diálogo e de se aproximar dos demais, dificilmente entra em conflito e procura afastar-se do ambiente, quando percebe que não é bem-vindo, essa é talvez a maior característica do punk local.

Fazendo relação com o que foi dito anteriormente concluímos que os espaços punks na cidade de Caxias do Sul foram formados de modo espontâneo quando os sujeitos perceberam que necessitavam reunir-se em um local para colocar em prática os aspectos da contracultura, debaterem, formarem suas bandas, definirem suas pautas e mobilizarem-se para defender suas demandas. Ocupando locais públicos, como as ruas da área central e o Parque Getúlio Vargas ou privados como o Bar do Patinhas e o Porão do Caos. A maioria dos eventos eram organizados de modo cooperativo, onde cada banda ajudava com equipamentos, custos e locação do espaço, quando necessário, o mesmo se dava com a produção de fanzines, panfletos, cartazes e outros materiais que eram feitos coletivamente através da divisão de tarefas entre os membros do movimento.

Como dito na introdução, o produto final proposto para esta pesquisa é a construção de um blog que abrigará as fontes utilizadas na produção desta investigação e da monografia como fanzines digitalizados, fotos, notícias, transcrições de entrevistas e reportagens do jornal Pioneiro sobre o movimento punk caxiense, a finalidade desta página na internet é, por óbvio, facilitar o acesso a fontes primárias e incentivar a ampliação dos estudos sobre o tema na cidade de Caxias do Sul. O blog também poderá contar com a participação de possíveis novos pesquisadores sobre o tema no município que demonstrarem interesse em colaborar na alimentação da página com as fontes reunidas pelos mesmos ou, no caso das fontes orais, cocriadas por eles e seus entrevistados, assim este espaço poderá servir como acervo virtual cooperativo.

Por fim, o leitor deve considerar que este trabalho não está encerrado, pois a pesquisa sobre o punk rock caxiense possui múltiplas possibilidades e um longo caminho a percorrer até formar-se uma bibliografia maior sobre o tema no município. Assim, este é um ponto de partida ou uma referência que poderá e deverá ser questionada, ampliada e aprofundada por pesquisadores que se interessarem em registrar e ajudar a valorizar a história da população periférica da segunda maior cidade do Rio Grande do Sul.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: Fgv, 2013. 384 p.
- ANDRADE, Paulo José Khoury de. **Vila Carolina: um reduto de bambas e de punks**. 2021. 124 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2021.
- AUXILIADORA PREDIAL. 7 bairros de Caxias do Sul para conhecer e viver bem. Redação, 21 jul. 2022. Disponível em: <https://www.auxiliadorapredial.com.br/blog/7-bairros-de-caxias-do-sul-para-conhecer-e-viver-bem/>. Acesso em: 12 set. 2024.
- BITTENCOURT, João Batista de M.; VIEIRA, Tiago de Jesus. 40 anos de pesquisas sobre o punk no Brasil: novas possibilidades em cena. **Anos 90, Revista do Programa de Pós-Graduação em História**, Porto Alegre, v. 29, p. 1-16, 2022.
- BIVAR, Antonio. **O que é punk?** 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 2001. 182 p.
- BORTHOLUZZI, Juliana. **A influência do movimento punk na moda: do underground até a alta costura, na circulação midiática dos editoriais de moda**. São Leopoldo/RS: Unisinos, 2015.
- BOURDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia**. Tradução de Fábio Creder. São Paulo: Vozes, 2019. 265 p.
- CAMELO, Juliana. **Migrantes na Escola: estudo acerca da inserção das crianças migrantes no sistema escolar em Caxias do sul, em tempos presentes**. 2022. 89 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/xmlui/bitstream/handle/11338/10918/Disserta%20c3%a7%20c3%a3o%20Juliana%20Camelo.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 18 ago. 2025.
- CANDAU, Joel. O jogo social da memória e da identidade (1): transmitir e receber. *In*: CANDAU, Joel. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2018. p. 105-136.
- CARVALHO, Sílvia. **O estilo e a truculência dos rude boys**. Jamaica Experience, 2014. Disponível em: <https://jamaicaexperience.com.br/lfestyle/o-estilo-truculento-dos-rude-boys>. Acesso em: 29 jan. 2025.
- CAVALCANTI, Erinaldo. História e história local: desafios, limites e possibilidades. **Revista História Hoje**, São Paulo, v. 7, n. 13, p. 272-292, 26 nov. 2018.
- DAYRELL, Juarez. A escola faz as juventudes?: reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 100, p. 1105-1128, out. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/RTJFy53z5LHTJjFSzq5rCPH/?lang=pt>. Acesso em: 18 ago. 2025.
- EAGLETON, Terry. **Ideologia**. São Paulo: Unesp, 1997. 204 p.
- ECONODATA. **Orbeat Som E Imagem Ltda**. c 2025. Disponível em: <https://www.econodata.com.br/consulta-empresa/91082487000154-ORBEAT-SOM-E-IMAG>

EM-LTDA. Acesso em: 30 jan. 2025.

FÓRUM DAS JUVENTUDES DA GRANDE BH. O que é o Okupa: a juventude okupa a cidade. Belo Horizonte, c2025. Disponível em:

<https://www.forumdasjuventudes.org.br/projetos/okupa/o-que-e-o-okupa/#:~:text=A%20grafi%20a%20do%20oKupa%20com,cultural%2C%20eram%20conhecidos%20como%20oKupas>. Acesso em: 18 maio 2025.

GRUPO RBS. **Nossas Marcas**: Pioneiro. GRUPO RBS, 2022. Disponível em: <https://www.gruporbs.com.br/nossas-marcas/5/pioneiro>. Acesso em: 20 jan. 2025.

G1-RS. 'Vieram trazer mais pobreza', diz vereador sobre imigrantes no RS: Declaração de Flávio Dias (PTB) ocorreu em debate sobre racismo. Após sessão, ele negou ser racista e disse que criticou a falta de estrutura. **G1**, 2014. Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2014/03/vieram-trazer-mais-pobreza-diz-vereador-sobre-imigrantes-no-rs.html>. Acesso em: 26 maio 2025.

HEMEROTECA DIGITAL. Biblioteca Nacional Digital. Fundação Biblioteca Nacional. Acervo. Rio de Janeiro, c2025. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 1 dez. 2024.

GARCÍA, Júlio. Banda peruana dos anos 60 volta à ativa como "precursora do punk". 2011. **BBC News Brasil**, dez. 2011. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2011/12/111226_saicos_punk_rp. Acesso em: 29 ago. 2025.

GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. 7. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989. 244 p.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos extremos**: o breve século XX. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. 598 p.

HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence. Introdução: a invenção das tradições. *In*: HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence. **A Invenção das Tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. p. 9-23.

IBGE. **Cidades e Estados**: Caxias do Sul. Caxias do Sul. [2022]. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rs/caxias-do-sul.html>. Acesso em: 17 jan. 2025.

LEFEBVRE, Henri. **Espaço e Política**. Belo Horizonte: Ufmg, 2008. 192 p.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. Itapevi: Nebli, 2016. 160 p. Cristina C. Oliveira.

MCNEIL, Legs; MCCAIN, Gillian. **Mate-me por Favor**: a história sem censura do punk. Tradução de Lúcia Brito. Porto Alegre: L&pm Pocket, 2017. 536 p.

MILANI, Marco Antônio. **Dinâmicas ideológicas no movimento punk**. *In*: SIMPÓSIO DE LUTAS SOCIAIS NA AMÉRICA LATINA, 3. 2008, Londrina. **Anais [...]**. Londrina: III Simpósio de Lutas Sociais na América Latina, 2008. p. 1-12.

MOCELLIN, Maria Clara; HERÉDIA Vania Beatriz Merlotti. Dinâmicas Migratórias, trabalho e diferenciação social: o caso de Caxias do Sul. **Século XXI, Revista de Ciências Sociais**[S.l.], v. 8, n. 1, p. 144-165, jan./ jun. 2018.

MICHEL, Carlos Eduardo Moncken. **MTV Brasil: pioneirismo e legado para a TV brasileira**. 2017. 50 f. TCC (Graduação em Comunicação Social/Jornalismo) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

NEIVERTH, Érika Hasse Becker. Movimentos sociais e ensino de história: uma análise do movimento punk e suas representações no ensino fundamental. *In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE ESTUDOS DO ROCK*, 1. , 2013, Cascavel. **Anais [...]** Cascavel: Unioeste, 2013.p. 1-10.

O'HARA, Craig. **A Filosofia do Punk: mais que barulho**. São Paulo: Radical Livros, 2005. 199 p.

OLIVEIRA, Valdir da Silva. **O anarquismo no movimento punk: (cidade de São Paulo, 1980-1990)**. 2007. 136 f. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

PAIVA, Marcelo Rubens; NASCIMENTO, Clemente Tadeu. **Meninos em fúria: e o som que mudou a música para sempre**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2016. 220 p.

PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. **O que é contracultura**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984. 104 p.

PORTELLI, Alessandro. **O que faz a história oral diferente**. Tradução de Maria Theresinha Janine Ribeiro. São Paulo, 1997.

PORTO, Erick da Silva. **Militante Pioneiro? As relações políticas de um impresso regional-Caxias do Sul-RS (1948-1954)**. 2024. 269 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). São Leopoldo, 2024.

RESIDENT ADVISOR. Julius Rigotto – Biografia. c2025. Disponível em: <https://pt.ra.co/dj/juliusrigotto/biography>. Acesso em: 28 abr. 2024.

RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. 3. ed. São Paulo: Global, 2015. 358 p.

RIBEIRO, Eduardo. Skinheads antifas e antirracistas: quem são e por que lutam. **Elástica**, 2022. Disponível em: <https://elastica.abril.com.br/especiais/skinheads-antifascistas-antirracistas-sharp-rash-quem-sa>. Acesso em: 31 jan. 2025.

SANTHIAGO, Ricardo; MAGALHÃES, Valéria Barbosa de. Rompendo o Isolamento: reflexões sobre história oral e entrevistas à distância. **Anos 90: Revista do Programa de Pós-Graduação em História**, Porto Alegre, v. 27, p. 1-18, 2020. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/anos90/issue/view/3892/showToc>. Acesso em: 23 abr. 2021.

SHARPE, Jim. A história vista de baixo. *In: BURKE, Peter et al. A escrita da história*. São Paulo: Unesp, 2011. p. 39-63.

SILVA, Matheus Silva da. **Rio Grande Kaos: História e memórias do movimento punk em Rio Grande/RS (1980-1999)**. 2022. 190 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2022.

SILVA, Túlio dos Reis da. **História do crescimento urbano de Caxias do Sul: do milagre econômico à redemocratização**. Caxias do Sul: Educs, 2018. 250 p. *E-book*. Disponível em: <https://www.ucs.br/educs/livro/a-historia-do-crescimento-urbano-de-caxias-do-sul-do-milagre-economico-a-redemocratizacao/>. Acesso em: 15 out. 2024.

GUIA DE CAXIAS DO SUL. **MAESA: Complexo cultural e turístico MAESA**. c2025. Disponível em: <https://www.guiadecaxiasdosul.com/empresa/outros-atrativos-urbano/maesa-2700>. Acesso em: 17 maio 2025.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAXIAS DO SUL. **Subprefeituras**. Caxias do Sul, c2025. Disponível em: <https://caxias.rs.gov.br/gestao/subprefeituras>. Acesso em: 12 set. 2025.

THOMPSON, Edward Palmer. **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos**. Campinas: Unicamp, 2001. 286 p.

TURRA NETO, Nécio. **Enterrado, mas ainda vivo!:** identidade punk e território em Londrina. 2001. 227 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2001.

VERONESE, Angélica Ravizzoni. **POPULAR: reurbanização do loteamento Santa Fé em Caxias do Sul**. In: BALDISERRA, Doris. **Álbum de edição comemorativa: 25 anos do curso de arquitetura e urbanismo**. Caxias do Sul: Educs, 2022. p. 190-193.

FONTES DOCUMENTAIS

BOTINADA: a origem do punk no Brasil. Direção: Gastão Moreira. São Paulo: St2, 2006. (110 min.), DVD, son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=trIAXkc003k&t=21s>. Acesso em: 28 abr. 2024.

FINCO, Fabiano; WOLFENBUTTEL, Ricardo. Força do Punk. **Pioneiro**. Prefeitura Municipal de Caxias do Sul, 19 a 20 maio 2001. Almanaque, p. 7-9. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=885959&pasta=ano%20200&pesq=%22punk%22&pagfis=311272>. Acesso em: 24 jul. 2024.

GARGIONI, Paulo. Encontro: pelourinho punk. **Pioneiro**. Caxias do Sul, 14 maio 1983. Sete Dias, p. 6. Disponível em: <https://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/View.aspx?c=38032&p=23&Miniatura=false&Texto=false>. Acesso em: 25 jan. 2025.

HC, Fabiano. **Show da banda Olho Seco, 28/03/2014**. Caxias do Sul, 10 maio 2016. Facebook: @OLHO SECO28/10 #POLENTA PODRE 5. Disponível em: https://www.facebook.com/photo?fbid=1081329138577034&set=gm.1708496599417974&locale=pt_BR. Acesso em: 26 maio 2025.

HENRICHES, Renato. Descrédito. **Pioneiro**, Caxias do Sul, RS, edição 06413, p. 8, 27 jun. 1996. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=885959&pasta=ano%20199&pescq=Descr%C3%A9dito&pagfis=222454>. Acesso em: 28 jul. 2024.

HOFFMANN, Licério. **Foto da Escola Estadual de Ensino Médio Melvin Jones**. 2019. *Google Maps*. Disponível em: https://www.google.com/maps/place/Escola+Estadual+de+Ensino+M%C3%A9dio+Melvin+Jones/@-29.1819752,-51.1644096,3a,75y,90t/data=!3m8!1e2!3m6!1sAF1QipOdMojZsikTOAwYXVboKqTrYbrb9b7skirkDOP9!2e10!3e12!6shttps:%2F%2Flh5.googleusercontent.com%2Fp%2FAF1QipOdMojZsikTOAwYXVboKqTrYbrb9b7skirkDOP9%3Dw152-h86-k-no!7i3264!8i1836!4m7!3m6!1s0x951ebcbbbfd350eb:0xe41f14fd1df7c29c!8m2!3d-29.1821978!4d-51.1645317!10e5!16s%2Fg%2F1tncv1vb?entry=tту&g_ep=EgoyMDI1MDEyNy4wIKXMDSoASAFQAw%3D%3D. Acesso em: 20 jan. 2025.

ISRAELIS, Julius. **Punk Rock: afinal, o que é. Pioneiro**, Caxias do Sul, p. 41. 20 maio 1978. Disponível em: <https://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/View.aspx?c=37186&p=38&Miniatura=true&Texto=true>. Acesso em: 09 mar. 2024.

PORÃO DO CAOS. **Porão do Kaos**. Caxias do Sul, 26 maio 2020. Facebook: [poraodokaos281](https://www.facebook.com/poraodokaos281). Disponível em: <https://www.facebook.com/poraodokaos281>. Acesso em: 16 maio 2024.

NÃO É PERMITIDO: um recorte da censura ao Punk Rock no Brasil. Direção e produção: Fernando Calderan Pinto da Fonseca; Fernando Luiz Bovo; Matheus de Moraes; Renan Costa de Negri. Auxiliar de produção: Henrique Lopes de Oliveira; Carol Verza; Gabriel Barsottini; Jéssica Pedroso. Fotografia: Nana Leme. Filmmaker: Gabriel Albertini; Jean Novaes. Edição: Gabriel Albertini; João Soave. Pesquisa: Fernando Calderan Pinto da Fonseca; Renan Costa de Negri. [S. l.]: Memória Punk, 2025. 1 vídeo (34 min. 22 s), son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EEJHRoy2gAo>. Acesso em: 11 set. 2025.

PEREIRA, Nivaldo. O mundo à parte da adolescência: uma galera punk de pilhas e cabeças. **Pioneiro**, Caxias do Sul, 3 mar. 1993. Documento, p. 2. Disponível em: <https://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/View.aspx?c=34258&p=16&Miniatura=false&Texto=false>. Acesso em: 23 jul. 2024.

PIONEIRO. Movimento: Sociedade nos clubes: no Incitatus noite dark. **Pioneiro**, Caxias do Sul, 22 out. 1986. Movimento, p. 18-18. Disponível em: <https://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/View.aspx?c=38905&p=17&Miniatura=false&Texto=false>. Acesso em: 25 jan. 2025.

PIONEIRO. Movimento: Ópera Rock. **Pioneiro**, Caxias do Sul, 8 jun. 1988. Movimento, p. 11. Disponível em: <https://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/View.aspx?c=39351&p=10&Miniatura=false&Texto=false>. Acesso em: 25 jan. 2025.

PIONEIRO. **Pioneiro**, Caxias do Sul, 03 mar. 1993. Disponível em: <https://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/View.aspx?c=34258&p=0>. Acesso em: 25 jan. 2025.

PIONEIRO. Mix de ideais no Polenta: Festival beneficente reuniu jovens no Parque da Maesa, sábado. **Pioneiro**, Caxias do Sul, 26 nov. 2001a. Sete Dias, p. 3. Disponível em: <https://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/View.aspx?c=52369&p=0>. Acesso em: 28 jul. 2024.

PIONEIRO. Movimento punk invade atividade. **Pioneiro**, Caxias do Sul, 8-9 set. 2001b. Caxias, p. 3. Disponível em: <https://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/View.aspx?c=52302&p=0>. Acesso em: 28 jul. 2024.

PIONEIRO. **Pioneiro**, Caxias do Sul, 18 abr. 2002a. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=885959&pasta=ano%20200&pesq=%22Tequila%20Baby%22&pagfis=327330>. Acesso em: 25 jul. 2024.

PIONEIRO. Dias de punk e rock nos Pavilhões: festival underground solidário, sábado, e canta park , domingo, reúnem 12 bandas, entre elas Rosa Tattooda. **Pioneiro**, Caxias do Sul, 26 jul. 2002b. Sete Dias, p. 1. Disponível em: <https://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/View.aspx?c=53258&p=14&Miniatura=false&Texto=false>. Acesso em: 21 jul. 2024.

PIONEIRO. Homenagem verde-amarela. **Pioneiro**. Caxias do Sul, 8-9 set. 2001b. Caxias, p. 3. Disponível em: <https://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/View.aspx?c=52302&p=0>. Acesso em: 28 jul. 2024.

PIONEIRO. Madrugada Punk: Tequila Baby sacudiu os pavilhões na festa da Atlântida em Caxias. **Pioneiro**, Caxias do Sul, 22 abr. 2002c. Música, p. 3. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=885959&pasta=ano%20200&pesq=%22Vocalista%20do%20alice%20in%20chains%22&pagfis=327467>. Acesso em: 23 jul. 2024.

PIONEIRO. **Rock espanta o frio nos Pavilhões:** Festival Underground solidário, sábado, e a nova edição do Canta Park, ontem, reuniram milhares de pessoas no parque de exposições da Festuva. **Pioneiro**. Caxias do Sul, 29 jul. 2002d. Sete Dias, p. 1. Disponível em: <https://liquid.camaracaxias.rs.gov.br/LiquidWeb/App/View.aspx?c=53260&p=14&Miniatura=false&Texto=false>. Acesso em: 21 jul. 2024.

ROGGIA, Rafael. **Festival Polenta Frita**. Caxias do Sul, 11 maio 2020. Facebook: Polenta Frita a voltados mortos vivos. Disponível em: https://www.facebook.com/photo/?fbid=10213716779553029&set=p.10213716779553029&locale=pt_BR. Acesso em: 29 jul. 2024.

ROGGIA, Rafael. **Festival Polenta Frita 03**. Caxias do Sul, 11 maio 2020. Facebook: Polenta Frita- a volta dos mortos vivos. Disponível em: https://www.facebook.com/photo/?fbid=10213716779553029&set=p.10213716779553029&locale=pt_BR. Acesso em: 29 jul. 2024.

ROGGIA, Rafael. **Festival Polenta Frita 04**. Caxias do Sul, 18 ago. 2014. Facebook: Polenta Frita- a volta dos mortos vivos. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=10201670786730737&set=oa.309177812574985&lo>

cale=pt_BR. Acesso em: 12 ago. 2024.

SILVA, Nivaldo Pereira da. **Nivaldo Pereira da Silva**. Currículo Lattes. [S. l.], 2020. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/8860225205084000>. Acesso em: 29 jan. 2025.

VICENTE, Jefferson. **Conheça a história do movimento Mod, importante dentro da cena britânica dos anos 60**. NEXPBR, 2021. Disponível em: <https://nexpbr.com/semana-do-rock-1-conheca-a-historia-do-movimento-mod-importante-na-cena-britanica-dos-anos-60/>. Acesso em: 28 jan. 2025.

GOOGLE STREET VIEW. Esquina da Rua Dr. Montauray com a Rua Sinimbu. *Google Maps*, 2024. Disponível em: https://www.google.com/maps/@-29.169081,-51.1800144,3a,75y,333.35h,89.91t/data=!3m7!1e1!3m5!1s6R9PBnDskll0PkDOY a9Hnw!2e0!6shhttps:%2F%2Fstreetviewpixels-pa.googleapis.com%2Fv1%2Fthumbnail%3Fcb_client%3Dmaps_sv.tactile%26w%3D900%26h%3D600%26pitch%3D0.08547063395749888%26panoid%3D6R9PBnDskll0PkDOY a9Hnw%26yaw%3D333.34564170375876!7i16384!8i8192?entry=tту&g_ep=EgoyMDI1MDYxMS4wIKXMDSOASAFQAw%3D%3D. Acesso em: 7 abr. 2025.

ZEN, Pepe. **Festival Polenta Frita 3 , no ano de 1996**: banda Aphasia. Caxias do Sul, 01 mar. 2013. Facebook: Polenta Frita- a volta dos mortos vivos. Disponível em: https://www.facebook.com/photo/?fbid=275301535933106&set=g.122271151265653&locale=pt_BR. Acesso em: 12 ago. 2024.